

ELEITO UM DOS MELHORES LIVROS DO ANO POR
The Guardian, The Independent e The Globe and Mail.

NO CORAÇÃO DO MAR

CHARLOTTE ROGAN



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

CHARLOTTE ROGAN

No coração do mar

TRADUÇÃO DE FLÁVIA ROSSLER



Copyright © Charlotte Rogan, 2012

TÍTULO ORIGINAL

The Lifeboat

TRADUÇÃO

Flávia Rossler

PREPARAÇÃO

Sheila Louzada

REVISÃO

Clarissa Peixoto

DESIGN DE CAPA

Emma Graves – LBBG

IMAGEM DE CAPA

©Mark Owen/Arcangel Images

©The Francis Frith Collection/SuperStock

CAPA

©Hachette Book Group, Inc., 2012

ADAPTAÇÃO DE CAPA

ô de casa

REVISÃO DE EPUB

Fernanda Neves

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-355-8

Edição digital: 2013

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Prólogo

Parte I

Dia um

Noite

Dia dois

Dia três

Noite

Dia quatro

O Empress Alexandra

Parte II

Dia cinco

Noite

Dia seis

Dias sete e oito

Henry

Parte III

Dia nove

Noite

Dia dez, manhã

Dia dez, tarde

Noite

Dia onze

Dia doze

Noite

Dia treze

Noite

Dia quatorze

Parte IV

Prisão

Dr. Cole

A lei

Inocência

Testemunhas

Decisões

O resgate

Epílogo

Agradecimentos

Sobre a autora

*Para Kevin
E para Olivia, Stephanie e Nick
Com amor*

PRÓLOGO

Hoje choquei meus advogados, e me surpreendi ao ver o que eu era capaz de provocar neles. Uma tempestade, com trovoadas e tudo, desabou no instante em que saímos do tribunal para almoçar. Enquanto eles corriam para se abrigar sob o toldo de uma loja ali perto, temendo molhar seus ternos, parei no meio da rua e abri a boca para o céu. Transportada no tempo, revi as cortinas cinzentas daquela outra chuva que caiu sobre nós, aquele aguaceiro que é parte do meu passado, mas naquele instante, na rua, tive pela primeira vez a noção de que poderia revivê-lo, submergir naquela lembrança, voltar àquele décimo dia a bordo do barco salva-vidas, quando a chuva começou.

Foi uma chuva fria, mas a recebemos com satisfação. No início não passava de uma garoa incômoda, mas, à medida que o dia avançava, ia crescendo em volume e em intensidade. Erguemos o rosto para o céu, a boca aberta, para molharmos nossas línguas intumescidas. Mary Ann não conseguia ou não queria abrir os lábios, fosse para beber a chuva ou para falar. Tínhamos a mesma idade. Hannah, apenas um pouco mais velha, deu um tapa nela e ameaçou: “Abra a boca, antes que eu puxe seu queixo à força!” Então segurou Mary Ann e apertou suas narinas até ela se ver obrigada a puxar o ar pela boca. As duas permaneceram sentadas assim por um bom tempo, em uma espécie de abraço violento, Hannah mantendo a mandíbula de Mary Ann aberta e assim fazendo-a engolir, gota a gota, a salvadora chuva cinzenta.

— Venha, venha! — gritou o Sr. Reichmann.

Ele é o chefe da pequena equipe de advogados contratados por minha sogra. Não que ela se importe com o que acontece comigo, apenas teme que minha condenação abale a reputação da família. O Sr. Reichmann e seus sócios me chamavam da calçada, mas fingi não escutá-los. Ficaram aborrecidos por eu não ouvi-los, ou melhor, por não lhes dar atenção, o que é diferente e bem mais ofensivo, suponho, para quem está habituado a se manifestar do alto de tribunas, para quem sempre é ouvido por juízes, jurados e pessoas que prometem dizer a verdade nada mais que a verdade e cuja liberdade depende de quais verdades eles decidem contar. Quando, afinal, fiz um esforço e me aproximei deles, tremendo e encharcada até os ossos, porém sorrindo por dentro e satisfeita por ter redescoberto a pequena liberdade da imaginação, os advogados perguntaram:

— Que brincadeira foi essa? O que estava fazendo, Grace? Ficou louca?

O Sr. Glover, o mais simpático dos três, colocou o paletó sobre meus ombros ensopados, mas logo o fino forro de seda ficou encharcado também e, imagino, inutilizável. Embora comovida com a gentileza, eu preferia que tivesse sido o corpulento e bonito William Reichmann o dono do paletó estragado pela chuva.

— Estava com sede — respondi, e na verdade continuava assim.

— Mas o restaurante é logo ali, a menos de um quarteirão. Você vai poder beber o que quiser daqui a um minuto ou dois — retrucou o Sr. Glover, enquanto os outros apontavam para o estabelecimento e faziam ruídos de incentivo.

Minha sede, no entanto, era de chuva e de água salgada, sede de um oceano inteiro.

— Que engraçado... — falei, rindo.

Pois eu tinha a liberdade de escolher o que beber justo quando nenhum tipo de bebida conseguiria me satisfazer. Eu passara as duas semanas anteriores na prisão e estava agora em liberdade apenas enquanto aguardava o resultado de um processo em

andamento. Incapaz de conter o riso que me dominava por dentro e escapava em ondas gigantescas, os advogados não me permitiram acompanhá-los até o salão do restaurante. Fui forçada a receber minha refeição na chapelaria, onde um funcionário desconfiado me vigiava do alto de uma banqueta enquanto eu mordiscava meu sanduíche. Ficamos ali sentados como dois pássaros, e ri sozinha até sentir uma forte dor na lateral do corpo e achar que ia passar mal.

— Bem — disse o Sr. Reichmann após o almoço, quando ele e os outros vieram me buscar —, estávamos discutindo seu caso, e alegar insanidade não nos parece exagero, afinal de contas.

A ideia de eu ter algum problema mental enchia-os de otimismo. Enquanto antes do almoço mostravam-se nervosos e pessimistas, agora acendiam cigarros e se congratulavam por questões das quais eu não tinha o menor conhecimento. Aparentemente haviam feito uma avaliação conjunta de meu estado mental, considerando-o deficiente em alguns aspectos, mas agora que o choque inicial provocado por meu comportamento se dissipara e eles tinham descoberto que essa deficiência talvez pudesse ter uma explicação científica e até ser explorada na condução do processo, começaram, um após o outro, a dar tapinhas no meu braço e dizer:

— Não se preocupe, minha querida. Afinal de contas, já basta o que você sofreu. Deixe tudo por nossa conta. Já fizemos isso mil vezes antes.

Mencionaram um tal Dr. Cole, dizendo:

— Sem dúvida você vai achá-lo muito compreensivo.

E puseram-se a enumerar uma série de referências que para mim não significavam absolutamente nada.

Não me lembro de quem foi a ideia, se de Glover, Reichmann ou mesmo do tímido Ligget, de que eu tentasse recriar os fatos daqueles vinte e um dias, de forma que o "diário" resultante pudesse ser considerado uma prova a meu favor.

— Nesse caso, seria melhor se a apresentássemos como mentalmente sã, ou a história inteira seria desconsiderada —

sugeriu timidamente o Sr. Ligget, como se estivesse se manifestando sem permissão.

— Creio que o colega tenha razão — concordou o Sr. Reichmann, alisando o queixo comprido. — Vamos ver o andamento das coisas antes de decidir.

Eles riam, brandiam seus cigarros no ar e falavam sobre mim como se eu não estivesse presente por todo o caminho de volta ao tribunal, onde, ao lado de duas outras mulheres, Hannah West e Ursula Grant, eu seria julgada. Estava com vinte e dois anos. Tinha dez semanas de casada e mais de seis como viúva.

PARTE I

DIA UM

Passamos nosso primeiro dia no barco salva-vidas em silêncio quase absoluto, assimilando ou recusando-nos a acompanhar o drama que se desenrolava nas águas turbulentas ao redor. O forte marinheiro John Hardie, único membro da tripulação do navio a bordo do salva-vidas 14, logo assumiu o comando. Definiu os assentos em função do peso de cada um e, como o barco estava sobrecarregado, proibiu que nos levantássemos ou caminhássemos sem permissão. Em seguida, pegou um leme do compartimento embaixo dos bancos, fixou-o na parte de trás da embarcação e determinou que quem soubesse remar deveria pegar um dos quatro remos existentes. No instante seguinte estavam todos tomados: três homens e uma mulher robusta, a Sra. Grant. Hardie ordenou-lhes que afastassem o barco salva-vidas o máximo possível do navio que aos poucos ia a pique, gritando: "Agitem esses malditos remos até não poderem mais se não quiserem ser engolidos por esse maldito oceano!"

O Sr. Hardie mantinha os pés bem fincados no chão e os olhos atentos, guiando-nos com habilidade por entre os obstáculos que bloqueavam o caminho enquanto os quatro remavam em silêncio, os músculos retesados e os nós dos dedos brancos. Alguns passageiros seguravam a extremidade dos compridos remos na tentativa de dividir o esforço, mas, como não tinham prática, havia tanta possibilidade de deixarem as pás escaparem ou ricochetearem na água quanto de empurrá-las transversalmente,

como seria o correto. Meus pés faziam pressão contra o piso do barco, em solidariedade, e a cada remada eu contraía os ombros como se com isso pudesse, por magia, ajudá-los. De tempos em tempos o Sr. Hardie quebrava o silêncio estarrecedor com palavras como: "Mais duzentos metros e estaremos a salvo" ou "Dez minutos até o navio afundar de vez, doze no máximo", ou ainda "Noventa por cento das mulheres e crianças se salvaram". Suas palavras me confortaram, embora eu tivesse acabado de ver uma mãe jogar a filha pequena na água, saltar atrás dela e desaparecer. Ignoro se o Sr. Hardie testemunhou esse fato, mas suspeito que sim, pois seus olhos pretos sempre em movimento sob as sobrancelhas espessas pareciam assimilar cada detalhe de nossa situação. Em todo caso, não o corriji nem sequer cogitei culpá-lo por mentir. Em vez disso, eu o via como um comandante que tentava inspirar confiança em seus soldados.

Uma vez que nosso barco fora um dos últimos a serem lançado no mar, a água à frente estava congestionada. Vi duas embarcações colidirem ao tentar evitar uma montanha de destroços flutuantes, e uma parte ainda tranquila de minha mente conseguiu entender que o Sr. Hardie buscava encontrar uma faixa de mar desobstruída, distante dos outros. Ele perdera o quepe e, com seus cabelos rebeldes e olhos brilhantes, parecia estar tão à vontade no meio daquela confusão quanto nós estávamos aterrorizados.

— Força nesses remos, pessoal! — gritou ele. — Mostrem do que são capazes!

Os quatro então redobram os esforços. Na mesma hora ouvimos uma série de explosões atrás de nós, além de gritos e lamentos das pessoas ainda a bordo do *Empress Alexandra* ou na água ao redor; os próprios sons do inferno, se é que o inferno existe. Ao olhar para trás, vi a enorme carcaça do transatlântico estremecer e tombar, e só então notei que labaredas alaranjadas lambiam as janelas das cabines.

Passamos por madeiras lascadas, tonéis semissubmersos e cordas retorcidas que lembravam serpentes. Avistei, flutuando lado

a lado, uma espreguiçadeira, um chapéu de palha e o que parecia ser uma boneca, tristes lembranças da manhã ensolarada com a qual nos deliciáramos naquele mesmo dia e do ar de descontração que reinara no navio. Quando cruzamos com três tonéis pequenos boiando juntos, o Sr. Hardie exclamou “Arrá!”, ordenou aos homens que recolhessem dois e os guardou sob o assento triangular formado pela popa da embarcação. Garantiu-nos que continham água potável e que assim que nos víssemos a salvo do turbilhão provocado pelo naufrágio provavelmente iríamos precisar escapar também da sede e da fome; eu, no entanto, não conseguia pensar assim tão à frente. Em minha cabeça, a amurada de nossa pequena embarcação já estava perigosamente próxima da superfície da água, e eu só podia acreditar que parar naquele momento, por qualquer motivo que fosse, reduziria nossas chances de alcançar uma distância segura do transatlântico.

Havia também cadáveres flutuando na água e pessoas vivas agarradas aos destroços. Avistei outra mãe com o filho, uma criança de rosto pálido que estendia os braços em nossa direção e gritava. Quando nos aproximamos, percebi que a mãe estava morta, o corpo inerte enviesado sobre um pedaço de madeira e o cabelo loiro espalhado ao redor do rosto como um leque aberto sobre a água esverdeada. O menino usava uma gravatinha-borboleta e suspensórios, e achei ridículo que a mãe o vestisse de modo tão inadequado, embora eu mesma tenha sempre admirado as roupas elegantes e mesmo naquele momento me sentisse incomodada sob o peso de um espartilho, saias e botinas de pelica macia, comprados pouco antes em Londres.

Um dos homens gritou:

— Um pouco mais para esse lado e conseguimos alcançar o menino!

Hardie, no entanto, retrucou:

— Ótimo, e quem vai trocar de lugar com ele?

O Sr. Hardie tinha a voz áspera dos marinheiros. Eu nem sempre conseguia entender o que dizia, mas isso servia para aumentar

minha confiança nele. Ele conhecia aquele universo marinho, usava sua linguagem, e quanto menos eu o compreendesse, maior era a possibilidade de que o oceano o fizesse. Ninguém respondeu o questionamento, portanto deixamos para trás o menino aos gritos. Um homem franzino sentado ao meu lado murmurou:

— Podíamos trocar os tonéis por essa pobre criança!

Para isso, no entanto, seria agora necessário dar meia-volta, mas a compaixão que por um breve momento sentíamos pelo menino já fazia parte de um passado em vias de submergir, por isso nos mantivemos em silêncio. Apenas o homem franzino falou, mas sua voz fraca mal podia ser ouvida em meio ao gemido ritmado dos toletes dos remos, do rugido do fogo e da cacofonia de comandos e gritos de angústia.

— É só um menino. Quanto pode pesar uma criança desse tamanho?

Mais tarde eu viria a descobrir que o homem franzino era um diácono anglicano, mas naquele momento eu ainda ignorava os nomes e as profissões de meus companheiros de viagem. Ninguém lhe respondeu. Os remadores limitaram-se a curvar ainda mais o corpo para melhor executar sua tarefa, e nós os acompanhamos, pois parecia não nos restar outra coisa a fazer.

Não muito depois, avistamos três homens que nadavam em nossa direção com braçadas vigorosas. Um após o outro, agarraram-se à corda de salvamento que circundava o barco, forçando-o para baixo de tal forma que um imenso volume de água começou a entrar pela borda. Um deles chamou minha atenção. O rosto bem barbeado estava lívido de frio, mas era evidente o brilho de alívio que emanava de seus olhos de um azul glacial. Sob as ordens de Hardie, no entanto, os remadores sentados mais perto dele esmagaram o primeiro par de mãos antes de golpear as do homem de olhos azuis. Ouvi o ruído da madeira esmagando ossos. Hardie então ergueu sua pesada bota e enfiou-a no rosto do homem, extraíndo dele um grito de angústia e surpresa. Eu não

conseguia desviar o olhar; jamais um ser humano me inspirou sentimentos tão fortes quanto aquele desconhecido.

Se eu fosse descrever o que acontecia a estibordo do barco salva-vidas 14, daria necessariamente a impressão de que mil outros dramas não se desenrolavam ao mesmo tempo nas águas turbulentas a bombordo e na popa. Em algum lugar ali perto devia estar Henry, meu marido, ou dentro de um barco golpeando desafortunados que tentassem subir, como nós agora fazíamos, ou tentando ele mesmo alcançar a nado a segurança de um salva-vidas e sendo também rechaçado. Eu me reconfortava ao pensar no ímpeto com que Henry conseguira para mim um lugar no barco, certa de que ele demonstraria igual firmeza em seu favor; mas será que Henry conseguiria agir como Hardie se sua vida estivesse em jogo? Eu conseguiria? A ideia da crueldade do Sr. Hardie me voltava sempre à lembrança — sua conduta fora sem dúvida terrível, e certamente nenhum de nós teria tido coragem para tomar as tenebrosas e instantâneas decisões exigidas de um chefe em tais circunstâncias; mas com certeza foram elas que nos salvaram. Pergunto a mim mesma se é justo falar em crueldade se qualquer outra ação teria significado nossa morte certa.

Não havia vento algum, mas mesmo no mar liso a água às vezes entrava pela amurada do barco superlotado. Poucos dias atrás, meus advogados realizaram uma experiência para provar que o acréscimo de um único adulto de peso médio em um barco daquele tamanho e tipo teria nos colocado em risco imediato. Não podíamos salvar todos os outros e também a nós mesmos. O Sr. Hardie tinha consciência disso e mostrava coragem para agir como fosse preciso. Foram suas iniciativas naqueles primeiros minutos e horas que definiram a diferença entre a prorrogação de nossa existência e um tumulto coletivo em alto-mar. Foram também suas ações que colocaram contra ele a Sra. Grant, das mulheres a mais robusta e a que menos tinha medo de se manifestar.

— Insensível! — gritou ela. — Volte para salvar a criança, pelo menos!

Mas devia estar claro para ela que não poderíamos voltar e ao mesmo tempo escapar com vida. Essas palavras, no entanto, renderam à Sra. Grant o rótulo de humanitária e a Hardie, o de demônio.

Havia exemplos de grandeza de caráter, também. As mulheres mais fortes tomavam conta das mais fracas, e foi graças aos remadores que conseguimos nos distanciar tão depressa do navio avariado. O Sr. Hardie, por sua vez, tomara a firme decisão de nos salvar e imediatamente fez uma distinção entre as pessoas dispostas a se submeter ao seu comando e as outras. Nós, no entanto, levamos um pouco mais de tempo para fazer essa distinção. Durante vários dias identifiquei-me menos com os passageiros do barco salva-vidas 14 do que com os outros passageiros da primeira classe do *Empress Alexandra*. E podia ser diferente? Apesar das dificuldades dos últimos anos, eu estava habituada ao luxo. Henry pagara mais de quinhentos dólares por nossas passagens de primeira classe, e eu ainda me via chegando com ar triunfante em minha cidade natal, não como a sobrevivente esfarrapada de um naufrágio ou a filha de um empresário falido, mas como a convidada de honra de um jantar de boas-vindas, exibindo roupas e joias que agora, no entanto, repousavam em meio às algas nas profundezas sombrias do oceano. Imaginava Henry finalmente me apresentando a sua mãe, cuja resistência a meus encantos desapareceria agora que nosso casamento era fato consumado. Imaginava também os homens que tinham trapaceado meu pai abrindo caminho no meio da multidão e sendo repudiados em público por todos que conheciam, sem exceção. Hardie, para sua glória ou maldição, adaptou-se de imediato às nossas novas circunstâncias, capacidade que atribuo a sua alma de marinheiro e ao fato de ter, havia muito, perdido todo tipo de sensibilidade, se é que um dia tivera alguma. Ele prendera uma faca na cintura e substituíra seu quepe perdido por um pedaço de pano de origem desconhecida, que fazia um contraste gritante com os botões dourados de seu casaco. Essas mudanças em seu uniforme,

contudo, pareciam confirmar sua disposição e adaptabilidade, servindo apenas para aumentar a confiança que eu depositava nele. Quando finalmente me ocorreu olhar em volta à procura de outros barcos salva-vidas, eram apenas pontos distantes; um bom sinal, pensei, já que o mar aberto era um lugar de relativa segurança após o caos e a turbulência que predominavam nas proximidades do naufrágio.

O Sr. Hardie oferecia às mulheres mais fracas os melhores assentos e dirigia-se a nós como "madame". Preocupava-se com nosso bem-estar como se pudesse fazer alguma coisa a respeito, e no início as mulheres retribuía a gentileza alegando excelentes condições, embora todos percebessem que o punho da Sra. Fleming estava dobrado em um ângulo estranho e que uma governanta espanhola chamada Maria apresentava graves distúrbios emocionais frutos do choque. Foi a Sra. Grant quem improvisou uma tipoia para o braço da Sra. Fleming, e foi também ela quem primeiro se perguntou em voz alta como Hardie fora parar em nosso barco. Mais tarde descobrimos que, como os protocolos de emergência exigiam um marinheiro experiente em cada barco salva-vidas, o comandante Sutter permanecera no navio com a maior parte da tripulação a fim de ajudar a transferir as pessoas para os barcos salva-vidas e também para tentar manter a ordem em meio ao pânico que se instalara. Tínhamos constatado por nós mesmos, enquanto lentamente nos afastávamos, que a pressa desesperada por parte tanto da tripulação quanto dos passageiros na hora de colocar os barcos na água era contraproducente, pois o transatlântico se inclinava de maneira dramática à medida que a água o tomava, e essa situação piorava com a força de tudo que se chocava e se quebrava no interior do navio, a tal ponto que, quando chegou nossa vez de descer, não havia mais uma linha reta no percurso do convés até a água. Não apenas a embarcação menor estava em perigo constante de colidir com a lateral já fortemente inclinada do navio ou de virar e despencar lá de cima, como também custava aos homens que controlavam as roldanas um

esforço extremo para baixar as duas extremidades na mesma velocidade. Um barco que fora lançado à água logo após o nosso emborcara totalmente, despejando no oceano toda a sua carga de mulheres e crianças. Elas gritaram e se debateram na água diante de nossos olhos, mas nada fizemos para ajudá-las, e ficou claro que, sem Hardie para nos orientar, nosso destino teria sido o mesmo. Depois de tudo que aconteceu, posso dar uma resposta afirmativa às minhas próprias indagações: se o Sr. Hardie não tivesse se livrado dos náufragos que se agarraram à borda do nosso barco, eu mesma o teria feito.

NOITE

Estávamos no barco salva-vidas havia talvez umas cinco horas quando o céu tingiu-se de um cor-de-rosa intenso que logo se transformou em azul, depois em roxo, enquanto o sol parecia inflar à medida que se aproximava, a oeste, da linha cada vez mais escura em que o horizonte encontrava o oceano. Ao longe podíamos ver as silhuetas escuras de outros barcos, balançando como o nosso em meio à imensidão rosada e preta, sem outra perspectiva senão esperar. Nossos destinos estavam agora nas mãos de outras tripulações e de outros comandantes, que àquela altura já deviam ter sido informados do naufrágio.

Eu esperava, ansiosa, que a noite caísse, pois tinha a necessidade urgente de aliviar a bexiga. O Sr. Hardie nos indicara os procedimentos que deveríamos seguir. Para as mulheres, era preciso utilizar um dos três baldes de madeira, cuja função principal era retirar o excesso de água acumulada no fundo da embarcação. Constrangido e tropeçando nas palavras, sugerira que um dos baldes fosse confiado à Sra. Grant, a quem deveríamos nos dirigir em caso de necessidade, e que trocássemos de lugar com quem estivesse sentado junto da amurada sempre que a natureza exigisse a manobra.

— Bem, é isso! — concluiu o Sr. Hardie, erguendo os olhos sob as sobrancelhas espessas com uma expressão quase cômica. — É isso! Tenho certeza de que descobrirão como proceder.

Ele, que apenas alguns minutos antes parecera tão seguro de si ao repassar a lista de equipamentos contidos em cada barco salva-vidas e explicar como utilizá-los, ficava agora cada vez mais sem jeito para desempenhar essa parte de sua tarefa.

Quando o contorno laranja do sol desapareceu por completo, foi a minha vez de levar o balde até a amurada do barco. Para minha aflição, porém, percebi que, embora o céu já estivesse escuro e a noite tivesse se instalado plenamente, a escuridão não era total, deixando escapar fontes de luz, sombras e, atrás das sombras, olhos. Eu me sentia angustiada por descobrir que a noite não constituía a cortina opaca que eu esperava, e também por estarmos em um local tão apinhado, onde seria impossível disfarçar o que eu estava fazendo. Mas agradecia às forças desconhecidas que comandam nosso destino por estar rodeada principalmente por mulheres, cujas discrição e perspicácia as levavam a fingir não repararem no que as outras faziam a sua volta com o balde. Afinal de contas, estávamos na mesma situação, por isso começávamos a estabelecer o acordo tácito de não encararmos nos olhos a besta selvagem da necessidade física. A ideia era ignorá-la, desafiá-la a acabar com nosso senso de decoro, preservar a civilidade mesmo diante de um desastre que quase nos matara e que ainda poderia nos matar.

Senti-me aliviada em mais de um sentido quando acabei. Eu tinha ficado tão tensa pensando em como faria aquilo que mal prestara atenção ao Sr. Hardie falando sobre nossa situação e fazendo um inventário dos mantimentos e materiais disponíveis. Agora eu estava em condições de perceber que cada um dos barcos salva-vidas vinha abastecido com cinco cobertores, uma boia amarrada a uma longa corda, os três baldes de madeira, duas latas de biscoitos água e sal que eram uma espécie de ração, um tonel de água doce e dois copos de estanho. Afora o que o Sr. Hardie conseguira salvar do naufrágio: um pedaço de queijo, alguns pães e os dois tonéis adicionais de água, que ele supunha serem de um barco salva-vidas que afundara. Ele nos contou que costumava

haver uma caixa de bússolas guardada no convés do *Empress Alexandra*, mas que todas desapareceram durante uma viagem anterior e, como o armador do navio antecipara a data da nossa partida por conta da guerra que despontava na Áustria, não chegaram a ser substituídas.

— Digam o que quiserem, mas marinheiros não são nem mais nem menos honestos do que qualquer outra pessoa.

Ele também fez questão de contar que somente graças a sua rapidez de raciocínio tínhamos a bordo a cobertura de lona que impedia a chuva de entrar no barco quando se acumulasse no convés.

— Mas por que precisamos disso? — perguntou o Sr. Hoffmann.
— É muito pesada e ocupa um espaço enorme.

O Sr. Hardie limitou-se a responder:

— Existe o risco da inundação no barco. Vocês mesmos talvez vejam isso, dependendo de quanto tempo ficarmos aqui.

A maioria dos passageiros usava colete salva-vidas, mas como ficavam guardados nas cabines, durante a confusão do desastre nem todos tiveram tempo ou se lembraram de pegar o seu. O Sr. Hardie, duas irmãs que permaneciam o tempo todo coladas uma à outra quase sem falar e um cavalheiro mais velho chamado Michael Turner eram alguns dos que não o usavam.

Pouco depois de eu ter voltado para meu lugar, o Sr. Hardie abriu uma das latas e nos ofereceu os biscoitos de ração, na verdade umas bolachinhas de mais ou menos dez centímetros quadrados duras como pedra, impossíveis de serem engolidas sem ajuda de saliva ou de água. Segurei meu biscoito entre os lábios até começar a se dissolver, contemplando, enquanto isso, a miríade de estrelas que salpicavam o céu ainda não inteiramente escuro e a imensidão da noite, única coisa mais vasta que o mar, e rezei para que a força da natureza responsável por todos os fatos até então ocorridos poupasse meu Henry.

Eu mantinha as esperanças, mas ao meu redor várias mulheres tinham começado a se desesperar e chorar. O Sr. Hardie levantou-

se em meio ao balanço do barco e declarou:

— Talvez seus entes queridos tenham morrido, talvez não. Há uma grande possibilidade de que estejam a bordo de um desses outros barcos salva-vidas que sacolejam por aí, portanto, é melhor não desperdiçar em lágrimas a água que vocês têm no corpo.

Apesar de suas palavras, gemidos e lamúrias continuaram a ressoar na escuridão da noite. Percebi que a jovem sentada a meu lado se sacudia de tempos em tempos e em determinado momento deixou escapar um soluço animal, rouco. Toquei seu ombro de leve, mas o gesto pareceu perturbá-la ainda mais, por isso retirei a mão e fiquei prestando atenção ao ritmo tranquilizador da água batendo na lateral do barco. A Sra. Grant transitava por entre os bancos, oferecendo da melhor forma que podia consolo às mais aflitas, até que o Sr. Hardie pediu-lhe que voltasse a sentar e disse que seria sábio procurarmos uma posição confortável e tentar descansar, o que fizemos da forma que podíamos, apoiados uns nos outros, oferecendo ou pedindo conforto de acordo com nossas necessidades e condições. Por incrível que pareça, quase todos conseguiram dormir.

DIA DOIS

Quando acordamos, na manhã do segundo dia, o Sr. Hardie tinha elaborado uma lista de tarefas, que incluía revezamento nos remos para os mais fortes. A Sra. Grant e todos os homens, com exceção do frágil Sr. Turner, sentaram-se junto aos oito toletes dos remos e se revezaram em puxar os quatro remos para trás e para a frente sempre que o Sr. Hardie lhes pedia para remar. Ele levou algum tempo avaliando o vento e a corrente, e eu o ouvi explicar a um de seus vizinhos que o uso dos remos compensaria a distância que percorríamos à deriva, pois nossa maior chance seria permanecer nas proximidades do navio naufragado. Os outros se revezariam com os baldes. Navegávamos rentes à água, e, apesar do pouco vento, com frequência uma onda invadia o barco por cima da amurada — o Sr. Hardie chama de apostura —, ameaçando o tempo inteiro molhar nossas roupas e os cobertores que faziam parte do pequeno estoque de provisões de emergência do barco. Era pior para os passageiros sentados nas extremidades ou nos dois longos bancos que corriam de um lado e do outro no sentido do comprimento. Eles formavam uma barreira de proteção para o restante de nós, que tínhamos a sorte de ocupar os bancos transversais.

Após distribuir uma porção de biscoito e água, o Sr. Hardie pediu que colocássemos a cobertura de lona e os cobertores na quina da frente do barco de tal modo que a lona protegesse os cobertores da água que poderia se acumular no fundo e dos respingos que

passavam por cima da amurada. Então determinou que as mulheres poderiam descansar naquele canto, três de cada vez, por um período não superior a duas horas. Como havia trinta e uma mulheres, se contássemos o pequeno Charles, significava que cada uma teria direito a um turno por dia no que foi imediatamente apelidado de dormitório. O tempo extra poderia ser cedido aos homens que desejassem.

Depois de acertado isso, o Sr. Hardie encarregou os remadores de ficar de olho nos outros barcos salva-vidas, cobrindo a maior distância possível. Designei a mim mesma a tarefa de ajudá-los, por isso passava o dia atenta ao horizonte, a mão cobrindo os olhos para bloquear o reflexo ofuscante do sol no oceano. Assim eu tinha a sensação de contribuir para o bem-estar de meus companheiros. O Sr. Nilsson, que afirmava ter trabalhado para uma companhia de navegação e parecia obcecado por organização, perguntou ao Sr. Hardie quanto tempo ainda duraria nosso estoque de alimentos, mas o Sr. Hardie não lhe deu muita atenção, respondendo apenas que comida não seria problema contanto que fôssemos resgatados, o que ele sinceramente acreditava que aconteceria. Durante a maior parte do tempo as pessoas não conversavam, e a julgar pelos olhares vazios e as pupilas dilatadas de muitas mulheres, eu poderia jurar que estavam em choque. Àquela altura eu só sabia o nome de dois passageiros: o coronel Marsh, um homem forte e de ar distinto, cuja esposa havia morrido alguns anos antes, e que se sentara à mesa do comandante comigo e com Henry; e a Sra. Forester, uma mulher calada e de olhar desconfiado que eu vira muitas vezes passeando pelo *Empress Alexandra* com um livro ou uma peça de tricô nas mãos. O coronel fez um discreto movimento com a cabeça em minha direção, mas, quando dirigi um sorriso à Sra. Forester, ela desviou o olhar.

Passamos o restante da manhã e o início da tarde com os olhos grudados na água ao longe, na esperança de ver algum navio passar, enquanto o Sr. Hardie oscilava entre um silêncio estoico e algumas histórias recheadas de fatos geográficos e folclore do mar.

Achei confuso seu breve monólogo a respeito do efeito do sol sobre as águas equatoriais em oposição a seu efeito sobre a superfície curva dos polos, mas lembro-me claramente de outras considerações suas. O Sr. Hardie também chamava o barco salva-vidas 14 de cúter e dizia que tinha sido concebido para navegar com remo e vela; na verdade, e de fato havia um buraco em um dos bancos da proa, no qual podia ser inserida uma vela, mas não tínhamos isso, tampouco mastro. Ele nos explicou que, como a velocidade da rotação da Terra é muito maior no equador do que nos polos, havia, na superfície do globo, várias correntes. Vínhamos navegando na direção oeste a aproximadamente quarenta e três graus latitude norte quando o navio afundou, uma posição que nos colocava, segundo Hardie, bem dentro de uma corrente predominantemente do oeste. Ele explicou que ventos ocidentais sopravam em geral *do* oeste, não *para* o oeste, e que nos encontrávamos no meio de uma rota marítima muito movimentada, que fora inaugurada na era da navegação a vela para tirar proveito desses ventos. Disse também que, se de modo geral ventos e correntes dificultavam as viagens de leste para oeste, como no nosso caso, o advento dos navios a vapor permitira que se tomasse a rota norte mais curta, ainda que isso significasse ir contra o vento. Suas histórias nos evocavam visões de enormes embarcações a vapor superlotadas, a tal ponto que começamos a imaginar uma infinidade de navios vindo para nos salvar. Apenas o Sr. Nilsson se manifestou com um comentário ácido:

— Quem estaria vindo para a Europa agora? Estamos no meio de uma guerra!

À menção da guerra, o coronel jogou os ombros para trás e concordou:

— É bem verdade.

O Sr. Hardie, no entanto, dirigiu-lhes um olhar sombrio e retrucou:

— Há navios circulando nas duas direções. Mantenham os olhos bem abertos para que um deles não nos atropеле.

Enquanto vigiávamos em conjunto, na esperança de que algum tipo de navio aparecesse, o homem franzino, que agora se identificava como diácono, nos conduziu em uma oração.

O diácono tinha uma bela voz, e, embora fosse o tipo de pessoa que não chamaria atenção na maioria das situações, eu não conseguia desviar o olhar enquanto o escutava. Como percebi mais tarde, esse carisma desaparecia quando ele abordava assuntos que estavam fora de sua alçada, mas quando se tratava de oração ele sentia segurança, sua voz se elevava acima do ruído da água e sua palavra nos unia. Era evidente que ele descobrira sua vocação, e eu me perguntei, não pela primeira vez, se parte da tragédia da vida não aparecia quando as pessoas se colocavam em situações para as quais suas naturezas não estavam aptas. Mais tarde eu viria a repensar minha opinião sobre o diácono, sua voz de tenor me parecendo uma prova de sua fraqueza geral, mas por enquanto eu me contentava em observar como a fé lhe revigorava as feições e em ouvir como sua voz trazia vida às tão antigas palavras das orações.

Apesar de nosso propósito comum, não tardaram a aparecer desimportantes manifestações de ciúmes. Os passageiros sentados nos bancos compridos ao longo da amurada estavam mais sujeitos a receber os respingos dos remos do que os instalados no meio do barco, e quando o Sr. Hardie determinou a ordem em que seria feito o revezamento no dormitório, a Sra. McCain, uma senhora de maneiras rudes, insistiu em que as mulheres mais velhas tivessem o direito de ocupá-lo primeiro. A Sra. McCain acabou conseguindo o que queria, mas bastaram alguns minutos sobre os cobertores para ela reclamar que o lugar era abominável, que fazia muito calor embaixo da lona e que ela preferia o horário noturno. Por causa da superlotação, a locomoção no barco era difícil, de forma que quando a Sra. McCain perdeu o equilíbrio ao voltar para seu lugar, uma onda ultrapassou a amurada, fazendo o Sr. Hardie gritar:

— Tratem de ficar nos seus lugares até que eu dê ordens em contrário!

Foi o Sr. Hoffmann quem primeiro expressou o que todos nós pensávamos: o barco não fora concebido para carregar tanta gente. Poucos minutos depois, o coronel Marsh apontou para uma placa de latão pregada perto do segundo tolete a estibordo na qual estava gravado "CAPACIDADE: 40 PESSOAS". Mesmo com trinta e nove, era evidente para todos que, com o excesso de peso, o barco navegava afundado demais na água e que só o tempo bom impedira que isso representasse um grande perigo até o momento. A placa nos deixou perplexos, em especial o coronel Marsh, homem que prezava a ordem e esperava não apenas certa uniformidade universal como também um acordo de cavalheiros sobre o sentido das palavras entre usuários da língua inglesa.

— A palavra falada é uma coisa — observou —, mas alguém teve o trabalho de mandar gravar este número em uma placa.

Ele esfregava o dedo na inscrição incessantemente, depois recontava as trinta e nove cabeças no barco enquanto sacudia pesadamente a sua, confuso. Em determinado momento ele tentou abordar a questão com o Sr. Hardie, que apenas respondeu:

— E o que propõe que seja feito? Quer escrever aos fabricantes deste maldito barco e dar entrada em uma reclamação formal?

Mais tarde viríamos a descobrir que o barco media sete metros de comprimento, dois metros e vinte de extensão no ponto mais largo e apenas noventa centímetros de profundidade no centro. Ficamos sabendo também que os primeiros proprietários do *Empress Alexandra* tinham, por uma questão de economia, produzido os barcos salva-vidas de acordo com especificações adulteradas, de forma que a capacidade final ficou reduzida a apenas oitenta por cento dos quarenta originais. Ao que parecia, os dizeres das placas nunca haviam sido retificados. Talvez o barco não tenha afundado logo no primeiro dia porque a maioria a bordo era de mulheres, sempre menores em estatura do que a média dos homens.

O Sr. Hoffman e o Sr. Nilsson conversavam com frequência, sentados com as cabeças próximas, por isso tive a impressão de

que se conheciam, mas como estavam sempre na traseira do barco e eu bem mais perto da proa, era pouco provável que conseguisse me dirigir a eles ou ouvir o que diziam. Uma vez ou outra incluíam o Sr. Hardie nas discussões, embora ele em geral se mantivesse à parte. Não tínhamos o hábito de nos deslocar a bordo, e quando o grupo seguinte de mulheres seguiu desatentamente para o dormitório, a água de novo invadiu o barco. O Sr. Nilsson fez uma brincadeira, perguntando se alguém estava disposto a dar um mergulho, talvez até duas pessoas, ao que o coronel Marsh retrucou:

— Boa ideia. Por que não pula primeiro?

— Sou o único aqui, além do Sr. Hardie, que conhece alguma coisa de barco — argumentou o Sr. Nilsson, que então pôs-se a contar que crescera em Estocolmo, onde barcos eram tão comuns quanto automóveis. — Se alguém decidir me jogar na água, será por sua conta e risco — acrescentou, com uma expressão mais desafiadora do que seria de se esperar de alguém que estivesse apenas fazendo uma brincadeira.

— Não se trata de jogar alguém na água — interveio o Sr. Hoffman em tom conciliador. — Estamos falando de voluntários.

Mas fazia menos de quarenta e oito horas que estávamos no barco. O mar estava tranquilo e ainda tínhamos a certeza de que seríamos logo resgatados. No decorrer da tarde, no entanto, o Sr. Hardie, que de início havia rejeitado os argumentos do Sr. Hoffman, deu a impressão de que começava a considerá-los. Naquela manhã, quando alguém perguntara se deveríamos fazer contato com outros barcos salva-vidas, ele tinha declarado:

— Não há necessidade de uma ação drástica. Sem dúvida logo avistaremos um navio ou um barco pesqueiro.

No entanto, vez ou outra os três começaram a ser vistos conversando em voz baixa, e naquela tarde, quando o Sr. Hoffman voltou a falar de um plano de emergência, Hardie concordou com um aceno de cabeça e pousou os olhos no horizonte, como se examinasse algo que eu não conseguia enxergar.

— Se o vento soprar forte, não teremos tempo para argumentos nem discussões — ouvi o Sr. Nilsson dizer ao coronel Marsh. — Elaborar um plano não significa que algum dia iremos colocá-lo em prática.

O Sr. Hardie não era o tipo de pessoa que aceitava ordens de qualquer um, e eu tinha a sensação de que, de algum modo, éramos manipulados. Minha mente, no entanto, estava entorpecida pelo medo, e talvez seja apenas ao me lembrar disso — agora que enfrento um tipo diferente de autoridade — que penso na possibilidade de ter havido redes de influência e mentiras no barco salva-vidas desde o primeiro momento.

Estranhamente, minha lucidez aumentava com o passar do tempo. Nas primeiras horas, o pavor me impedia de observar a situação com um olhar crítico: sentia calor demais ou frio demais, fome demais ou sede demais, tendência excessiva a imaginar coisas e a perguntar à jovem sentada a meu lado: “O que é aquilo lá adiante, Mary Ann? Às duas horas! Não vê alguma coisa brilhando ao sol?” Ou: “O que é aquela forma escura, Mary Ann? Não acha que pode ser um navio?” No anoitecer do segundo dia, enquanto o enorme sol laranja mergulhava no horizonte como uma bola pesada e as pessoas pareciam emergir de seu torpor o suficiente para queixar-se de músculos doloridos ou pés molhados, o Sr. Hoffman foi categórico:

— Se não houver voluntários, precisaremos decidir por sorteio.

A essa altura, Anya Robeson, mulher de poucas palavras mas que Mary Ann descrevera como “passageira da terceira classe”, fuzilou o Sr. Hoffman com um olhar inflexível e abraçou o filho Charles, aninhando-o sob seu casaco. Não queria que ele ouvisse o que diziam. “Atenção ao que fala, há uma criança aqui”, protestava invariavelmente cada vez que algum dos homens mencionava a morte ou usava palavras rudes. Não sei por que ela se inquietava com aquilo — talvez assim não precisasse se preocupar com o oceano sem fim, que mudava do azul para o cinza quando uma nuvem encobria o sol e do cinza para o carmim quando o sol se

inflamava a caminho do horizonte. Greta Witkoppen, uma jovem alemã, debulhou-se em lágrimas, e no início pensei que chorasse porque logo seria noite ou porque havia perdido uma pessoa querida, mas depois percebi que fora a conversa dos homens que a tinha assustado.

A Sra. Grant inclinou-se na direção de Greta e bateu de leve em seu ombro.

— Não se preocupe — confortou-a. — Você sabe como são os homens.

Greta então demonstrou um pouco de vivacidade ao reclamar bem alto:

— Vocês estão assustando as pessoas. Não deviam falar essas coisas.

Mais tarde, comentou diretamente com o Sr. Hardie:

— Eu diria que o senhor deveria se preocupar mais com a opinião do mundo.

— Do mundo! — zombou Hardie. — O mundo nem sabe que eu existo.

— Algum dia saberá — ousou Greta. — E algum dia o julgará.

— Deixe isso para os historiadores — gritou Hoffman.

Hardie riu e também gritou, no momento em que o vento começou a soprar:

— Ainda não fazemos parte da história, por Deus! Ainda não!

Greta foi, imagino, a primeira discípula da Sra. Grant.

— Se eles não se preocupam com o mundo, deviam pelo menos se preocupar com Deus — ouvi Greta dizer-lhe. — Deus é onisciente. Deus tudo vê.

— Os homens são assim. A maioria deles pensa que é Deus — observou a Sra. Grant. Pouco depois eu a vi tocar o braço de Greta e sussurrar: — Deixe o Sr. Hardie comigo.

Três italianas e a governanta Maria eram as únicas que não falavam nenhuma palavra em inglês. As italianas, todas em capotes pretos idênticos e agarradas umas às outras na parte dianteira do barco, alternavam momentos de completo silêncio com turbilhões

de palavras rápidas e incompreensíveis, como se apenas elas pudessem perceber algo prestes a explodir. Maria partira para os Estados Unidos com o objetivo de trabalhar para uma família em Beacon Hill. Estava quase sempre histérica, mas eu não conseguia apiedar-me dela; até as mais piedosas dentre as mulheres podiam ver que sua total falta de autocontrole representava uma ameaça para todos nós. No início tentara acalmá-la com as poucas palavras em espanhol que eu conhecia, mas a cada tentativa de estabelecer comunicação ela agarrava minhas roupas e se levantava, agitando os braços. Por isso, quando nos cansamos de puxá-la inutilmente de volta para seu lugar, decidimos ignorá-la o máximo possível.

Confesso que me ocorreu como teria sido fácil levantar-me e, supostamente ao tentar contê-la, jogar-me contra ela e empurrá-la para fora do barco. Ela estava sentada bem ao lado da amurada, e eu não tinha dúvida de que ficaríamos muito melhor sem ela e sem sua histeria. Apresso-me, no entanto, a esclarecer que não fiz nada disso; menciono a ideia apenas para ilustrar como os limites da reflexão humana se expandem depressa em situações como a nossa. Uma parte de mim compreendia a linha de pensamento que levara o Sr. Hoffman a apresentar sua sugestão para reduzir o peso do barco, e eu tinha consciência de que, se feita, uma proposta desse tipo dificilmente seria esquecida. O que fiz, então, foi trocar de lugar com Maria para, no caso de ela perder o equilíbrio, cair em cima de Mary Ann ou de mim, não no oceano.

Foi assim que passei a fazer parte do grupo que ocupava os bancos ao longo da amurada e recebia os respingos dos remos enquanto os remadores lutavam contra a corrente na tentativa de manter o barco na posição devida. Depois de muito refletir, estendi a mão para tocar a água. Estava gelada, e tive a sensação de que me atraía sedutoramente pela ponta dos dedos, embora esse efeito na verdade não se devesse a nenhuma propriedade da água, sendo um produto do movimento de nosso pequeno barco e talvez também, em parte, obra de minha imaginação.

DIA TRÊS

No terceiro dia, parte do choque diminuía. As pupilas dos olhos de Maria voltaram ao tamanho normal, e uma vez ela chegou a fazer uma careta boba para o pequeno Charles quando ele apareceu por debaixo da saia da mãe. Tínhamos navegado para tão longe que não encontrávamos mais vestígios do naufrágio, ou talvez fosse o contrário, teríamos permanecido no mesmo lugar e os destroços é que se movimentaram. De todo modo, não restava nada do *Empress Alexandra*. O navio podia até nunca ter existido, mas então como explicar nossa terrível situação? Eu pensava no *Empress* como muitas vezes penso em Deus — responsável por tudo, mas fora do alcance de nossa visão e talvez aniquilado, estraçalhado nas rochas da própria criação.

O diácono afirmou que a experiência tinha renovado sua fé em Deus, ou que pelo menos isso logo aconteceria; já a Sra. Grant disse que o naufrágio reforçara sua convicção de que Deus não existia; e a pequena Mary Ann encerrou o assunto com um “Shhhh, isso não importa” e começou a cantar um hino sobre os perigos do mar, no que foi seguida por todos. Sentíamos-nos enaltecidos, ao mesmo tempo mártires e escolhidos. Fiquei comovida ao ver que até a Sra. Grant juntara-se a nós na cantoria, tão grande era nosso senso de união e nossa alegria por continuarmos vivos.

Se Mary Ann parecia infantil em acreditar na verdade literal da Bíblia, eu era uma anglicana pragmática. Aprovava tudo que pudesse contribuir para a moral, mas jamais fazia distinção entre os

princípios em que eu acreditava e os que me eram indiferentes. Reverenciava a Bíblia como o calhamaço sempre fechado que repousava sobre a mesa da sala de leitura de minha mãe, onde nos reuníamos antes de deitar para ouvi-la contar uma história. Eu tinha também uma Bíblia só minha, na qual a professora da escola dominical marcava passagens que eu deveria memorizar, mas era pequena, comum, de forma que aos onze anos, após o crisma, guardei-a em uma gaveta e nunca mais voltei a abri-la.

O Sr. Hardie continuava confiante, assustadoramente alegre, até.

— Estamos com sorte com relação ao tempo. O vento sopra do sudoeste e está fraco. Quanto mais altas as nuvens, mais seco o ar. O tempo bom deve continuar.

Eu nunca me perguntara sobre isso antes, e nunca me perguntei depois, mas naquele dia quis saber por que as nuvens eram brancas, já que supostamente são formadas por água, que é incolor. Indaguei ao Sr. Hardie por imaginar que ele, mais do que os outros, saberia a resposta, mas ele disse apenas:

— O mar é azul, ou preto, ou tem uma infinidade de cores, e a espuma das ondas quando quebram é branca; e tudo isso também é feito de água.

O Sr. Sinclair, que eu já vira passear pelo convés em sua cadeira de rodas mas com quem nunca conversara, disse que não era nenhum cientista, mas que lera que a cor tinha relação com as propriedades refrativas da luz e com as temperaturas baixas das camadas superiores da atmosfera, que transformavam as gotículas suspensas em cristais de gelo.

O Sr. Hardie sentia-se em terreno mais firme ao tratar de outros tipos de questão. Ele nos contou que o *Empress Alexandra* era equipado com vinte barcos salva-vidas e que pelo menos dez ou onze tinham sido lançados ao mar com sucesso, o que significava que no mínimo metade das quase oitocentas pessoas a bordo teria sido salva. Conseguíamos ver dois deles a distância, mas ignorávamos o que acontecera com os demais. No início o Sr. Hardie mandara que os remadores procurassem nos manter

afastados das outras embarcações, mas o coronel Marsh defendeu a ideia de nos aproximarmos o suficiente para falar com os ocupantes e descobrir se algum parente ou conhecido nosso se encontrava a bordo. Meu coração disparou ante a ideia de encontrar meu Henry são e salvo em um dos outros barcos, mas Hardie retrucou:

— De que adiantaria, se eles não podem fazer nada por nós e nem nós por eles?

— Há força nos números — argumentou o Sr. Preston, e tive que rir, apesar de seu ar sério, pois ele era contador e imaginei que estivesse brincando.

— Não devíamos pelo menos saber se estão todos bem? — perguntou o coronel, e o Sr. Nilsson concordou, embora tivesse sido um dos que ajudaram o Sr. Hardie a rechaçar as pessoas que tentaram se agarrar ao nosso barco e não me passasse a impressão de preocupar-se muito com o semelhante.

— E se não estiverem? — rugiu Hardie. — O que poderemos fazer? Agora devemos tentar resolver também os problemas deles, além dos nossos?

Depois resmungou que, da distância em que nos encontrávamos, ele podia ver que o primeiro barco estava tão cheio quanto o nosso e que o segundo não se sustentava bem na água.

— O que está querendo dizer? — perguntou o Sr. Hoffman.

— Que alguma coisa não está bem, só isso.

Embora fosse normal que o Sr. Hardie se aconselhasse com os homens sentados a sua volta, começou a parecer cada vez mais que a opinião deles era a única que contava. O Sr. Sinclair, que perdera o uso das pernas mas não da mente, e o diácono, cuja autoridade moral não podia ser ignorada, estavam sentados perto da proa e não recebiam a atenção de Hardie, mas tomaram a palavra em nome das mulheres. O Sr. Sinclair começou:

— Algumas pessoas aqui gostariam de saber se seus maridos ou amigos estão naqueles barcos.

Sua voz tinha uma sonoridade agradável, o que amplificava seu tom de convicção.

— Ontem mesmo o senhor falou sobre superlotação — acrescentou o diácono. — Se estiver certo quanto à situação do segundo barco, talvez seja possível transferir algumas pessoas daqui para lá.

Sua voz, no entanto, carecia de força, o que fez com que a ideia por ele apresentada parecesse débil e discutível. Antes mesmo de ele concluir, o Sr. Hardie já sacudia a cabeça.

— Se comportasse mais passageiros, não acha que a essa altura algumas pessoas do outro barco, que está superlotado, já teriam se transferido para lá? Eles estão muito mais próximos um do outro do que de nós.

— Devíamos pelo menos falar com eles — insistiu o coronel.

— Que seja — concordou o Sr. Hardie após uma longa pausa. — Chegaremos a uma distância que lhes permita nos ouvir, mas eu decidirei o que faremos depois.

Os remadores então retomaram seus postos, e eu preendi a respiração quando nos aproximamos do primeiro barco. Eu orava para avistar Henry, embora não ousasse esperar tanto. Mary Ann sussurrou-me que jogaria no mar seu anel de noivado como uma oferenda se sua mãe estivesse em um dos outros barcos, e eu sabia que ao meu redor negociações similares estavam sendo feitas. Mantínhamos os olhos apertados por causa do sol, e era difícil distinguir rostos contra a claridade. Quando chegamos mais perto, reconheci Penelope Cumberland, uma das pessoas a quem eu fora apresentada no *Empress Alexandra*, mas contei apenas quatro homens a bordo e nenhum deles era Henry. Ouvi suspiros de decepção enquanto o Sr. Hardie gritava:

— Aqui já está bom. Preparem os remos.

Um homem de barba cerrada gritou do outro barco. Queria saber se estávamos bem. Ele e o Sr. Hardie trocaram algumas palavras.

— Já fez contato com o outro barco? — perguntou Hardie.

— Sim — respondeu o homem barbudo, que parecia estar no comando. — O barco não está nem com metade da lotação, mas um oficial maluco a bordo diz que há um buraco no casco. Ele

tentou transferir para cá alguns dos passageiros e, quando falei que não podíamos recebê-los, jogou dois no mar. É claro que os recolhemos. Veja a situação com seus próprios olhos.

De fato, o barco parecia tão superlotado quanto o nosso.

— Não há nenhum marinheiro com vocês, então? — perguntou Hardie.

— Nenhum.

— Já localizaram as caixas de mantimentos que ficam embaixo dos bancos?

O homem respondeu que sim. O Sr. Hardie então afirmou que pedidos de socorro e outras mensagens haviam sido enviados pelo sistema sem fio antes de o navio afundar e que tudo indicava que a ajuda chegaria na forma de outra embarcação dentro de vinte e quatro horas, quarenta e oito no máximo; que estava surpreso com a demora e que seria interessante não nos perdermos de vista até o momento em que alguém chegasse para nos resgatar.

Não me ocorreu perguntar por que ele não nos falara sobre as mensagens enviadas pelo sistema sem fio, e os homens das duas embarcações logo passaram a questioná-lo sobre o conteúdo dos comunicados e eventuais respostas recebidas.

— O navio estava em chamas, não tivemos tempo para esperar respostas — rugiu Hardie, e em seguida perguntou ao homem de barba se ele sabia o nome do oficial do outro barco.

— Blake — respondeu o outro. — Sr. Blake, é este o nome do oficial.

E apontou na direção do barco salva-vidas que balançava a menos de quinhentos metros a leste.

— Blake? — repetiu Hardie, mais para si mesmo do que para o outro homem.

Pensei ter visto uma sombra cruzar seu olhar, como se a notícia o surpreendesse mais do que ele gostaria de deixar transparecer.

— Não nos perca de vista, se conseguir — aconselhou o Sr. Hardie —, e se o tempo ficar ruim, use os remos para orientar o

nariz do barco na direção do vento. É a melhor maneira de atravessar uma tempestade.

Depois, ordenou que nossos remadores abrissem uma boa distância do outro barco.

— Não vamos verificar quem está no segundo barco? — perguntou o coronel, ao que o Sr. Hardie respondeu que não, que já havia visto o suficiente.

O coronel resmungou, mas não discutiu, e ainda que os outros tenham ficado tentados a tomar partido dele contra o Sr. Hardie, preferiram o silêncio. Agora, tenho a impressão de que nosso maior erro foi termos nos mantido afastados do barco mais vazio. Imaginei que fosse pouco provável que o Sr. Blake atirasse mais gente ao mar, e o fato de o Sr. Hardie conhecê-lo parecia contar a nosso favor. Não paro de me perguntar por que a Sra. Grant não se manifestou. Talvez ela quisesse falar, mas foi impedida quando, no momento seguinte, o coronel assumiu uma linha diferente de indagação.

— Como sabe tanto sobre o que se passava no rádio do *Empress Alexandra*? — perguntou ele ao Sr. Hardie.

— Blake me contou. Quando o fogo se espalhou, quem estava abaixo do convés subiu para ajudar os passageiros a embarcar nos salva-vidas. Foi quando vi Blake. Foi ele quem disse: “Melhor ir com esse grupo, companheiro. Eles vão precisar de um marinheiro a bordo para sobreviver.”

Foi então que tive uma vaga lembrança de ter visto o Sr. Hardie conversando com outro homem no dia do naufrágio. Em circunstâncias normais, eu teria dito que eles estavam discutindo, mas naquele momento todas as pessoas ao redor davam ordens e gritavam na tentativa de ser ouvidas. Os dois vestiam roupas semelhantes, mas enquanto o casaco do Sr. Hardie tinha mangas lisas, as do outro eram adornadas com brocado dourado. Tive a impressão de que o homem com o brocado dourado era o mesmo de quem Henry se aproximara logo que chegamos ao convés, após a explosão. Em seguida apareceu o Sr. Hardie e eu perdi de vista o

oficial, que pareceu satisfeito por nos deixar a cargo do Sr. Hardie e assim se ver livre para cuidar de outros assuntos. Confesso ter ficado desorientada pelo caos reinante, pois depois disso a única coisa de que me lembro é de ter sido erguida por braços fortes. Entrevi pela última vez o rosto angustiado de Henry enquanto o barco salva-vidas descia. Depois disso, nunca mais o vi.

O Sr. Hardie falou outras coisas encorajadoras. Voltou a dizer que, além de estarmos em uma rota marítima muito frequentada, navegávamos na direção dos Grandes Bancos, e esse nome me transmitiu uma sensação de segurança e solidez, como os penhascos de Dover ou o prédio de mármore onde Henry trabalhava.

— Não é como se estivéssemos em águas inexploradas — concluiu ele.

Mas como poderiam ser exploradas?, pensei enquanto olhava ao redor, aflita. Não havia nada que permitisse distinguir um pedaço do oceano do outro, nenhum ponto de referência ou relevo, nada além da imensidão azul que se estendia por todos os lados do pontinho insignificante que era nosso barco.

Desde o início senti admiração por Hardie. Ele tinha o maxilar quadrado, o queixo proeminente, e poderia ter sido um homem bonito se suas feições e seu porte não pagassem o preço de uma vida inteira no mar. Seus olhos penetrantes não pareciam enganadores nem desonestos, como se poderia esperar de um marinheiro. Mesmo nas dimensões reduzidas do barco salva-vidas ele quase nunca ficava parado. Não parecia ter medo do mar; com certeza o respeitava, e era o único de nós a aceitar aquela situação. Todos os demais ofereciam resistência. Mary Ann não cessava de se queixar para quem se dispusesse a ouvi-la: "Por que nós? Por que nós, meu bom Deus? Por que nós?" Maria perguntava a mesma coisa em seu dialeto castelhano. O diácono tentava dar respostas convincentes às perguntas das duas, mas o Sr. Hardie tinha pouca paciência para esse tipo de conversa.

— A gente nasce, sofre, depois morre. Por que acham que mereciam sorte diferente? — perguntava ele a si mesmo, em voz alta, quando as respostas gentis do diácono não conseguiam tranquilizá-las.

Após cada comentário áspero de Hardie, o coronel Marsh murmurava “Ele jamais faria isso no regimento”, como se pudéssemos facilmente estar em algum outro lugar; em terra firme, talvez, ou a cavalo, com o próprio coronel no comando.

As observações de Hardie continham quase sempre detalhes precisos, enquanto as do coronel, do diácono e principalmente as da Sra. Grant eram mais de ordem geral e até mesmo de cunho filosófico. Ele dizia: “Com um pouco de cuidado, podemos ter comida suficiente para cinco dias, talvez seis”, e vejo agora que era dessa disposição para quantificar nossa situação, para determinar com tanta exatidão que estávamos entre os paralelos quarenta e três e quarenta e quatro, aliada a uma absoluta incapacidade de introspecção, que provinha sua autoridade. A Sra. Grant, ao contrário, proferia palavras de consolo vagas e desprovidas de sentido. Ainda assim, eu gostava quando ela se dirigia a alguma das mulheres dizendo: “Seu ombro melhorou?” ou “Feche os olhos por um instante e pense em algo agradável”. O diácono tomara para si a responsabilidade de vasculhar seu repertório em busca de versículos bíblicos inspiradores para partilhá-los conosco. Eu achava isso irritante, mas Isabelle Harris, uma dama muito séria que viajava no navio com a mãe doente, perseguia-o com perguntas do tipo: “Não tem alguma coisa em Deuterônômio?” E o diácono acatava o pedido recitando: “Todo lugar em que pisar a planta de vossos pés vos pertencerá: desde o deserto até o mar do ocidente será vosso território.”

Naquela manhã reinava no barco um clima de camaradagem. Tínhamos visto como era uma embarcação sem o Sr. Hardie e nos considerávamos felizardos por ter cabido a nós um comandante que conhecia a direção dos ventos e os desígnios da meteorologia. Ele andava com uma faca em uma bainha suja pendurada no cinto.

Recuperara para nós os tonéis à deriva, iniciativa que me parecera extravagante na ocasião. Quem mais dentre nós tinha pensado em outra coisa nos primeiros dez minutos daquele desastroso dia do naufrágio que não fosse salvar a própria vida? Apenas o diácono e Anya Robeson teriam condições de competir com ele em termos de altruísmo. O diácono tinha intercedido abertamente em favor da criança, e todos nós sabíamos que Anya, com seu pequeno Charlie escondido sob o casaco, estava disposta a morrer mil vezes pelo filho. Talvez a Sra. Grant fosse altruísta também, pois não hesitava em estender a mão a quem precisasse, nem em voltar o rosto avesso a sorrisos, com seu invariável olhar de profunda compaixão e solicitude, na direção de uma ou outra mulher.

Como falei, o choque inicial diminuía, ou, para ser mais precisa, estava suprimido dentro de nós. Consumíamos nosso precioso fôlego cantando, rindo e falando sobre o que nos vinha à cabeça. O Sr. Hardie começou uma rodada de histórias com a pergunta "Alguém sabe de onde vem o nome *Empress Alexandra*?", para em seguida explicar que o navio tinha sido batizado no dia em que Nicolau e Alexandra foram coroados imperador e imperatriz de toda a Rússia. O Sr. Sinclair acrescentou que a união fora proibida pelo pai de Nicolau, mas que o pai depois morrera e o casal logo tratara de se casar.

— Só que a coroação foi adiada por mais de um ano. Quando finalmente aconteceu, milhares de camponeses foram pisoteados até a morte no tumulto por causa de comida durante as festividades. Nicolau imaginou que o grande baile em sua homenagem seria cancelado em respeito às vítimas da tragédia, mas isso não aconteceu, e ele foi aconselhado a participar do evento para não ofender os anfitriões franceses. O incidente foi amplamente utilizado para provar a natureza desditosa do reinado de Nicolau e a insensibilidade do poder autocrático.

— Bom — emendou o Sr. Hardie —, o navio não é tão grande quanto outros, por isso os proprietários quiseram um nome

grandioso para compensar o tamanho. Mas estava bem equipado e podia ter gerado um belo lucro...

Nesse ponto a voz de Hardie foi murchando e ele perdeu o foco do que dizia. Começou a resmungar sobre trabalhar em troca de nada e sobre armadores que pensavam que títulos pomposos podiam substituir o bom senso, mas então deve ter percebido que exagerava na loquacidade, pois de súbito voltou à história contando que por fim o navio acabou sendo vendido para “um sujeitinho americano que sabia como fazer aquilo lá dar um bom dinheiro”.

Mary Ann, que gostava de qualquer assunto relacionado a casamento, perguntou ao Sr. Sinclair se a cerimônia de Nicolau e Alexandra tinha sido pomposa.

— Sei apenas que aconteceu no Palácio de Inverno, em São Petersburgo — respondeu o Sr. Sinclair —, e o Palácio de Inverno é mais do que pomposo.

Diante dessa resposta, Mary Ann cutucou-me de leve e sussurrou:

— O navio foi feito para você, Grace. Seu sobrenome é Winter, inverno em inglês, e vocês acabam de se casar!

Ainda que na ocasião Henry se encontrasse em Londres a negócios e que só tenha decidido levar-me junto no último minuto — porque, segundo ele, não suportava a ideia de deixar-me e porque queria casar comigo longe das garras da mãe, que me parecia cada vez mais uma gigantesca ave de rapina —, eu me sentia ao mesmo tempo eleita e condenada ao imaginar que o transatlântico *Empress Alexandra* fora concebido especialmente para nós dois. Nos dias que se seguiram, construí para mim mesma um fantástico lugar imaginário chamado Palácio de Inverno, onde Henry e eu viveríamos. Tinha salas arejadas que se comunicavam com varandas ensolaradas e janelas em arco que se abriam para extensos gramados cor de esmeralda. Reproduzia a arquitetura de minha mente, e eu passava horas explorando seus corredores e modificando detalhes de um projeto maleável.

Para a viagem de ida, Henry escolhera um barco pequeno. Não éramos ainda marido e mulher, mas afirmamos o contrário para o comandante, portanto Henry queria evitar ao máximo encontrar com algum conhecido antes de colocar uma aliança em meu dedo. Ele imaginava que seria divertido fazer de conta que não tínhamos recursos, antes de reabastecer nosso guarda-roupa em Londres. Não confessei a ele que eu não tinha guarda-roupa a reabastecer e ri ao pensar que agora estava apenas fingindo ser pobre!

Havia outros sete passageiros no barco, mas apenas uma mulher além de mim. Fazíamos as refeições com o comandante, como uma família, e nós mesmos nos servíamos das travessas que eram passadas de uma extremidade à outra da mesa. Um dia a conversa girou sobre o voto feminino, e alguém pediu a opinião da outra mulher. “Não é um assunto em que eu costume pensar”, respondeu ela, confusa por se tornar o centro das atenções, que em geral excluía-nos duas. Surpreendi-me com a resposta que dei, com ar de grande convicção: “Claro que as mulheres deveriam votar!” Não que eu tivesse uma opinião formada sobre a questão; apenas acreditava que aqueles homens, sem nenhuma sensibilidade, usavam a outra mulher para provar os próprios conceitos. Mais tarde, Henry me disse, orgulhoso: “Acho que você os colocou na linha.” De modo geral, no entanto, Henry e eu falávamos pouco, economizando nossa voz para os momentos de intimidade.

Quando o Sr. Hardie acabou de falar, outras pessoas começaram a relatar suas próprias versões sobre a explosão e a fazer conjeturas sobre o que a teria provocado. As opiniões divergiam: a explosão teria sido a causa do naufrágio ou apenas um efeito secundário?

— Um efeito secundário do quê? — perguntou o coronel, mas ninguém conseguiu responder.

Quase todos tinham uma história a contar sobre o *Titanic*, que afundara de maneira espetacular havia pouco mais de dois anos. A irmã mais nova da Sra. McCain fora uma das sobreviventes, e ficamos ouvindo, encantados, tudo que ela tinha a dizer sobre o

naufrágio, perturbando-a para saber detalhes da experiência. No caso do *Titanic*, o problema fora a falta de barcos salva-vidas, mas quem conseguira entrar em um fora logo resgatado.

— O navio afundou de noite, então muitas pessoas não estavam vestidas de maneira adequada — explicou a Sra. McCain. — Toda vez que minha irmã conta essa história ela ri e diz que sua maior preocupação foi estar calçada com um par de sandálias árabes enfeitadas com pedras, pois seus tornozelos apareciam por baixo do penhoar no momento de entrar e sair do barco.

As outras passageiras e eu olhamos para nossos pés todas ao mesmo tempo, corando, uma doce lembrança de que em algum lugar ainda havia um mundo onde essa poderia ser nossa principal preocupação. O Sr. Nilsson recorreu a seus conhecimentos náuticos para afirmar que o navio gêmeo do *Titanic* seria batizado de *Gigantic*, mas que, após o desastre, a White Star Line decidira chamá-lo de *Britannic*.

— Imagino que não quiseram desafiar o destino de novo com um nome tão arrogante.

— Não foi o nome que afundou o *Titanic* — argumentou a Sra. McCain. — Foi um iceberg. Acha que aconteceu a mesma coisa conosco?

— Não batemos em um iceberg — explicou o Sr. Hardie. — Depois do naufrágio do *Titanic*, as rotas dos transatlânticos foram desviadas um pouco para o sul, exatamente para evitar isso.

O Sr. Sinclair acrescentou que muitos barcos salva-vidas do *Titanic* foram resgatados menos de quatro horas após o acidente. Essa informação, aliada ao que o Sr. Hardie já nos tinha dito, nos levou a acreditar em um resgate iminente, já atrasado até.

O Sr. Hardie nos garantiu que a tragédia do *Titanic* se revertera em uma revisão dos protocolos de segurança, embora fossem evidentes os erros na aplicação desses protocolos. Por causa do incêndio e da inclinação do *Empress Alexandra*, tornara-se cada vez mais difícil operar o mecanismo de descida dos barcos salva-vidas, e uma confusão bem compreensível tomara conta de todo o navio

enquanto as pessoas tentavam entender o que estava acontecendo e decidiam como reagir.

— Fui jogada para fora da cama — contou a Sra. Forester, a tal senhora calada que eu me lembrava de ter visto no navio. — Eu tinha me recolhido após o almoço para um cochilo, enquanto Collin ia não sei aonde jogar cartas. A primeira coisa que pensei foi que ele tinha chegado bêbado de novo e me batido. Eu me preocupo com ele, claro, mas Collin é um sobrevivente e tanto.

Como estávamos todos ali, sobreviver parecia fácil, embora logo abaixo da superfície de nossas histórias espreitassem as histórias das pessoas que tinham sido vistas jogando bebês na água para salvá-los das chamas.

— Por que começaram a descer nosso barco e depois voltaram a erguê-lo? — perguntou Isabelle, em seguida dirigindo-se diretamente a Hardie. — O senhor deve saber por que fizeram isso. Estava ajudando com os barcos, não estava?

O Sr. Hardie, que naquele dia se mostrara especialmente loquaz, de repente murchou, limitando-se a responder:

— Não, não sei.

— Acha que a menininha que bateu a cabeça na lateral de nosso barco quando estava sendo içado de volta conseguiu entrar no seguinte? — insistiu Isabelle.

— Qual menininha? — quis saber a Sra. Fleming, que, em seu desespero resultante de não saber que destino levara sua família, tornara-se insensível às ilusões que animavam o restante de nós.

— Aquela que bateu a cabeça e caiu no momento em que largaram nosso barco no mar.

— Alguém caiu do barco? Foi Emmy? Não é de Emmy que está falando, imagino.

A Sra. Fleming acrescentou que seu marido e sua filha tinham ficado para trás na hora da correria pelos barcos salva-vidas, mas que ela só percebera isso quando já era tarde demais.

— Eles estavam bem atrás de mim! Eu tinha machucado o pulso, não sei como, e Gordon me deixou passar à frente. Pensei que

continuassem atrás de mim!

Hannah lançou um olhar duro para Isabelle e comentou:

— Ela está completamente enganada. Ninguém bateu a cabeça.

E pôs-se a contar uma história inventada, segundo a qual ela tinha visto um barco salva-vidas quase vazio resgatando pessoas da água. A Sra. Grant insistiu que também o presenciara, não permitindo que ninguém afirmasse o contrário; e de repente mudou de assunto, contando que o Sr. e a Sra. Worthington tinham sido vistos pela última vez fumando cigarros nas espreguiçadeiras do convés.

— Ele gritou “Salvem primeiro as mulheres e as crianças!”, e ela retrucou: “Nunca entrei em um barco sem meu querido Worthy, certamente não vou começar a fazer isso agora.”

Mais tarde eu ouviria algo semelhante sobre um casal do *Titanic* e me perguntaria se tudo aquilo tinha de fato acontecido ou se a Sra. Grant apenas se apropriara da história para distrair a Sra. Fleming de suas desgraças.

— Isto é que é amor verdadeiro — comentou Mary Ann, com expressão sonhadora.

Seu comentário fazia a morte e o horror do naufrágio parecerem românticos e justificáveis. Henry, afinal de contas, fizera o mesmo por mim, ainda que sem as palavras nobres e sem o cigarro. Eu tentava esquecer seu olhar de pânico quando me empurrara para os braços do Sr. Hardie e implorara que me colocasse no barco. Queria tê-lo beijado no rosto e o feito prometer que pegaria o barco seguinte, mas ele estava concentrado no que transmitia ao Sr. Hardie, talvez alguma instrução de última hora que eu estava aterrorizada demais para assimilar, e por isso não me despedi dele. Preferia imaginá-lo acenando para mim de uma cadeira do convés e não se debatendo na água escura e gelada à procura de destroços aos quais pudesse se agarrar. Acima de tudo, no entanto, eu adorava pensar nele vestido com o terno que usara em nosso casamento, à minha espera em Nova York. Henry sempre conseguia mesa em um restaurante lotado ou ingressos para uma ópera. É

irônico pensar que ele se valeu do mesmo tipo de mágica ao reservar nossas passagens para o *Empress Alexandra*. Com a proximidade da guerra, muita gente estava ansiosa por voltar para os Estados Unidos, por isso as passagens de primeira classe estavam escassas. Mas quando perguntei a Henry como as conseguira, ele respondeu apenas: “Foi um pequeno milagre. O mesmo tipo de milagre que trouxe você até mim quando eu estava prestes a me casar com Felicity Close.”

O Sr. Hardie voltou a se manifestar:

— O número de barcos salva-vidas era mais do que suficiente para todos. Eram vinte barcos, projetados para quarenta pessoas cada.

Mesmo para nossos olhos inexperientes, ficava claro que os barcos não haviam sido projetados para quarenta passageiros. Ainda assim, era uma ficção útil, capaz de convencer-me de que Henry sobrevivera, apesar do caos que eu testemunhara com meus próprios olhos durante os últimos minutos do *Empress Alexandra*. Só mais tarde ficamos sabendo que a maioria dos barcos salva-vidas a estibordo do navio tinha queimado no incêndio e que outros tinham remado para longe dos destroços em chamas apenas com meia lotação.

Às quatro horas comemos um pedaço de pão duro com queijo. Como o coronel Marsh tinha um relógio de bolso enorme, o Sr. Hardie o encarregara de controlar a hora. De vez em quando ele gritava: “A hora, coronel!”, ao que Marsh puxava o relógio do bolso e anunciava o horário. Assumia um ar importante ao executar essa tarefa, mas ao mesmo tempo dava a impressão de que tentava modestamente minimizar o que via como um papel crucial no funcionamento do barco. Mais cedo, o Sr. Hardie mencionara a possibilidade de usar o relógio para avaliar nossa longitude, e os dois tinham discutido longamente sobre como proceder. Talvez motivado por essa troca de ideias, o coronel sentiu confiança para sugerir:

— Não acha que poderia nos dar um pouco mais do que isto para comer e beber? Nosso estoque me parece enorme, considerando que os navios da rota comercial devem aparecer a qualquer momento.

De fato, as latas de biscoito e os tonéis de água ocupavam um espaço considerável na traseira do barco. O Sr. Hardie, no entanto, não alterou o plano de racionamento de comida e água. No início, rimos dessa decisão. “Hardie é um chefe durão”, comentávamos, quase com afeto. Ainda que mal nos conhecêssemos, começava a se formar dentro do barco um sentimento coletivo, no centro do qual estava Hardie, como um grão de areia áspero no coração de uma pérola.

As nuvens altas assumiam tons rosados e dourados, como um teto perfurado aqui e ali por feixes de luz prateada.

— Vejam! — exclamou a Sra. Hewitt, uma ex-proprietária de hotel.

Todos paramos para observar, pois um dos raios de sol alcançara diretamente o nosso barco, e assim seguimos flutuando, boquiabertos e iluminados, em silêncio, até que a voz de Mary Ann entoou o cântico “Ó Deus, eterno protetor”. Como era previsível, uma jovem francesa de nome Lisette começou a chorar, e foi somente na nota final que o céu se fechou e o barco salva-vidas passou a navegar sob a sombra de uma nuvem.

Muito se especulou sobre qual teria sido o significado desse fenômeno natural ou sobrenatural.

— Em minha opinião, podemos traçar um paralelo entre o raio de luz e o fato de termos sido escolhidos para sermos resgatados neste barco — sugeriu o diácono.

— Ainda não estamos nem perto de ser resgatados — retrucou Hannah.

Comecei a dizer “Ajuda-te e o céu te ajudará”, mas parei após as primeiras palavras, ao perceber o olhar de avaliação, calculista até, que a Sra. Grant me lançava. Dessa vez ela se abstera de cantar e parecia voltada para dentro de si mesma, alheia ao espírito geral

de camaradagem que nos inspirava aquele esplêndido entardecer e à gratidão por termos sido poupados até aquele momento. Mesmo depois que o Sr. Hardie fez um inventário detalhado dos suprimentos e retificou sua estimativa de quanto tempo nossa provisão de comida e água duraria — três ou quatro dias, segundo ele —, não nos desesperamos, pois o estoque era mais do que suficiente.

NOITE

Houve mais cantoria ao cair da noite. Hannah, que parecia ter feito amizade rápida com a Sra. Grant ou que talvez já a conhecesse, olhava para mim de modo muito estranho; em um reflexo, levei a mão ao cabelo e comecei a me preocupar com minha aparência. Hannah tinha olhos acinzentados e cabelo comprido e encaracolado, seus cachos se entrelaçando e formando grossas mechas quando balançavam ao vento. Ela colocara sobre os ombros um xale muito fino, que se agitava ao sabor da brisa do mesmo modo que as asas de um pássaro se agitariam caso o pássaro fosse na verdade uma deusa disfarçada. Quando chegou a vez de Hannah tirar a água do fundo do barco, ela insistiu em trocar de lugar com a pessoa a meu lado, depois passou o braço ao redor de meus ombros e sussurrou em meu ouvido que mesmo naquelas circunstâncias me achava muito bonita. Senti-me mais perto da felicidade do que nunca — de uma felicidade profunda, quero dizer. Contente por estar viva, mas também contente por ser o objeto da atenção integral de outra pessoa. Eu sentia sua respiração cálida em minha face, e, quando ela afastou-se de mim, nossos olhos se encontraram por um prolongado momento. Estendi o braço e puxei uma mecha de cabelo que se colara a seus lábios, pousando-a de volta sobre seus ombros. Minha intenção era sorrir para expressar-lhe um pouco do que eu sentia, mas creio que não consegui. Mais cedo naquele dia, eu me sentira petrificada, ao mesmo tempo pesada e leve, quando o Sr. Hardie olhara para mim com ar não só

de quem parecia me enxergar por dentro, como se eu não tivesse mais substância do que o ar, mas também como se compreendesse minha essência. Fui então tomada pelo tipo de terror que a Virgem Maria deve ter sentido quando o anjo Gabriel desceu do céu. Hannah me intimidava também, embora bem menos que o Sr. Hardie, e fiquei feliz ao pensar que poderíamos vir a ser amigas. Foi então que a Sra. Cook, com seu jeito matronal, quebrou o silêncio:

— Não era Penelope Cumberland no outro barco salva-vidas?

Ninguém se manifestou, por isso, depois de um instante, respondi que eu também a reconhecera.

— Lembra que ela e o marido davam sempre um jeito de conseguir dois lugares à mesa do comandante? Mas que nariz empinado, ah sim! A Sra. Cumberland julgava o restante dos passageiros não merecedor de sua atenção, mas o que pessoas como ela não entendem é que atenção é uma via de mão dupla. Um dia ouvi o casal brigar, e tive a impressão de que a fortuna do Sr. Cumberland não era tão sólida como os dois queriam nos fazer acreditar. Ela disse: "Não podemos sentar com ele, não tenho vestido adequado!" Ao que ele respondeu: "Ninguém vai reparar na sua roupa." Irritada, ela explodiu: "Como se você tivesse alguma noção de quem repara no quê!"

Poucos minutos depois, a Sra. Cook acrescentou no meu ouvido, baixinho:

— Claro, ela bancava a simpática comigo quando nos encontrávamos, mas sei o que pensava. Pensava que eu não tinha lugar à mesa do comandante. Que dama de companhia é uma criada qualquer, e que se não fosse pela Sra. McCain eu jamais estaria na primeira classe. Que a Sra. McCain precisava de companhia apenas porque não era casada e que uma mulher sem marido ocupa um nível social inferior ao de uma dama casada como ela. E o jeito que o comandante olhava para ela! Havia alguma coisa suspeita acontecendo, pode escrever o que eu digo.

A mim parecia injusto que toda a hostilidade da Sra. Cook para com os Cumberland caísse sobre os ombros brancos como leite de

Penelope Cumberland e que, sabe-se lá por quê, o Sr. Cumberland saísse impune. Em minha opinião, Penelope era encantadora e seu marido, um chato, mas eu também sabia que as esposas eram alvos mais fáceis. Tentei ressaltar que as pessoas sentam-se à mesa do comandante apenas se forem convidadas e que, a meu entender, esses convites se baseavam na posição social, o que contradizia tanto a ideia de que os Cumberland atravessavam um período difícil quanto a de que havia algo furtivo em seus atos.

— É exatamente aí que quero chegar! — exclamou a Sra. Cook, ou por ser impermeável a qualquer tipo de raciocínio, ou por ser incapaz de renunciar a sua animosidade. — Eles não tinham posição social, tampouco dinheiro! Um dia escutei uma conversa dele com o comandante Sutter. Não posso afirmar que ouvi exatamente tudo que foi dito, mas o ponto principal estava claro, e depois disso o casal não perdeu uma refeição sequer, sempre chegando à sala de jantar antes dos outros e exigindo que fosse acomodado primeiro. Você se sentava à mesa do comandante, não é mesmo, Grace? Alguma vez os Cumberland explicaram por que passaram a se sentar lá?

— A mim não, e eu jamais teria perguntado. Minha experiência diz que podemos imaginar cinco razões para que um fato ocorra, e a verdade será sempre a sexta.

Por acaso eu de fato sabia alguma coisa sobre os Cumberland, mas havia jurado manter segredo, e não via motivo para dar explicações a uma intrometida como a Sra. Cook.

É evidente que tentar acabar com essas especulações seria como tentar deter o avanço de uma onda gigantesca, portanto deixei que ela insistisse livremente nas categorizações e generalizações. Considerava-se uma grande contadora de histórias, e as pessoas sentadas perto dela ouviam-na totalmente absortas. Quando faziam perguntas, ela inventava detalhes e formulava teorias para agradá-las.

— As pessoas acostumadas a ter dinheiro ficam apavoradas com a ideia de que sua condição possa mudar algum dia — prosseguiu

ela. — Você e o Sr. Winter desfrutavam de uma posição muito confortável, não é mesmo, Grace? Não seria terrível considerar a possibilidade de não se encontrar nessa situação?

Eu tinha aprendido que dinheiro não é um bom assunto para conversas, por isso respondi com convicção que Henry se ocupava das questões financeiras de nossa família e que eu raramente pensava nisso, se é que alguma vez pensei.

As histórias da Sra. Cook eram de natureza íntima e com frequência contadas com murmúrios conspiratórios. Os ouvintes precisavam estar sentados perto dela para conseguir acompanhá-la, e mesmo assim muitas vezes tínhamos que nos inclinar em sua direção. O Sr. Sinclair, por outro lado, tinha um ar erudito e nos contava histórias sobre coisas que ele lera. Com sua voz ressonante, às vezes reivindicava o barco inteiro como plateia, em especial à noite, quando os sons parecem alcançar distância maior do que à luz do dia. Não sei como surgiu o assunto da memória, mas o Sr. Sinclair nos explicou que já no século V a.C. Aristóteles escrevia a respeito sob um ângulo científico.

— Aristóteles determinou que a memória tem relação apenas com o passado, não com o presente ou o futuro — começou ele, mas logo o Sr. Hoffman interrompeu-o em tom sarcástico:

— Isso eu mesmo poderia ter dito!

Pedi ao Sr. Hoffman que se calasse, e o Sr. Sinclair prosseguiu:

— Aristóteles faz distinção entre “memória” e “reminiscência”. Até pessoas de raciocínio lento podem ter boa memória, segundo ele, mas, no que diz respeito às reminiscências, as pessoas inteligentes se destacam.

Não me lembro das palavras exatas do que ele falou depois, mas a ideia geral, pelo que entendi, era que não poderia haver memória do presente, pois este envolve apenas a percepção de nossas sensações, e que a memória é a impressão recuperável de um fato passado. A reminiscência, no entanto, é a recuperação em si, a busca ou processo mnemônico pelo qual se restaura uma lembrança que não está instantaneamente acessível. Penso nisso hoje, já que

escrever este relato exige que eu me recorde de muitas coisas. Lembro-me às vezes de um fato e só mais tarde me vem à mente outro detalhe, que por sua vez leva a mais outro, e assim sucessivamente, em uma longa cadeia.

Em outra ocasião o Sr. Sinclair nos falou sobre Sigmund Freud, que estava revolucionando a ciência da mente e que escrevera não tanto sobre lembrança quanto sobre esquecimento. Para ele, o esquecimento tem sempre relação com as pulsões da vida, sendo as principais a da reprodução e a da conservação da vida. Eu sem dúvida preferia ouvir o Sr. Sinclair, embora a maioria das mulheres preferisse as histórias da Sra. Cook.

A noite estava sem lua e o ar se tornava cada vez mais úmido e opressivo. Dentro de mim, as boas sensações da noite pouco a pouco se dissipavam, embora nada de especialmente ruim tivesse acontecido além do fato de o Sr. Hardie ter comentado com o Sr. Hoffman que choveria antes do amanhecer. Risos sarcásticos, alguns nervosos, se propagaram pelo barco salva-vidas diante da perspectiva dos novos inconvenientes que a chuva com certeza traria.

Depois disso as conversas cessaram, e fomos deixados sozinhos com nossos pensamentos e a sonoridade musical da água batendo contra o fundo do barco. Parece estranho, mas todos dormiram naquelas primeiras noites, ou valendo-se dos turnos no dormitório ou apoiados uns contra os outros, ou com a cabeça sobre os joelhos de um vizinho prestativo. Justificávamos nosso sono com a alegação de que estávamos exaustos e chocados, sem suspeitar aonde ainda chegariam nosso choque e nossa exaustão. Continuávamos otimistas e ensaiávamos mentalmente as palavras com as quais apresentaríamos nossas experiências quando chegássemos em casa.

Por volta da meia-noite, fui acordada por gritos. Um dos homens afirmava ter avistado luzes a distância. Ninguém, no entanto, conseguia confirmar a informação, e por mais que eu me esforçasse para perscrutar a escuridão, nada vi. Adormeci de novo. Quando

abri os olhos, pouco antes do amanhecer, levantei-me como se para ir ao banheiro que Henry e eu utilizávamos a bordo do navio. Então lembrei-me de onde estava e deslizei um dos baldes para baixo da saia para urinar, ajeitando a roupa com um cuidado obstinado, pois queria manter a maior discrição possível. Eu tinha um leve ressentimento em relação aos homens, que podiam desabotoar a calça sem preocupação alguma e lançar aqueles jatos fortes por cima da amurada do barco. Com o tempo, no entanto, isso deixou de ser um grande problema, pois ingeríamos tão pouca água que a necessidade de nos aliviar passou a ser cada vez menos frequente. Mesmo assim, nossos ressentimentos não desapareceram. Apenas encontraram novas diferenças das quais se alimentar.

DIA QUATRO

O episódio daquela noite — o avistar de luzes, que, se não foi um engano, no mínimo não pôde ser confirmado — teve um efeito adverso sobre nós. Surgiram novas interpretações das histórias sobre os últimos momentos do navio, mas o romantismo que nos despertaram a indescritível beleza dos raios de sol e os cânticos da tarde anterior não bastou para afastar a decepção da noite, e fomos tomados por um desânimo avassalador, que o tempo encoberto ajudou a intensificar. Por toda a nossa volta o chumbo do céu se fundia com o cinza do mar no horizonte indefinido.

— As nuvens não estão brancas agora, não é mesmo, Sra. Winter? — perguntou o Sr. Hardie. Maria ameaçou levantar-se de novo, retorcendo a roupa. — Sente-se — resmungou ele —, ou precisarei amarrá-la.

— Quem viu as luzes? — perguntou a todos a Sra. Grant.

— Preston, aquele lá — respondeu o Sr. Sinclair. — Foi Preston.

— Eu vi — confirmou Preston, um homem sério e de rosto redondo que parecia sempre ofegante. — Não estou inventando nada.

— Em qual direção estavam? — insistiu a Sra. Grant, como se perguntasse o caminho para chegar a um hotel. — Veja se consegue lembrar.

Com expressão de imenso alívio, o Sr. Preston respondeu:

— Cinco graus contra o vento.

O Sr. Hardie nos havia ensinado como aplicar os graus de um círculo ou os ponteiros de um relógio para verificar a localização de objetos em relação ao vento ou ao nariz do barco, de modo que, quando o Sr. Preston mencionou essa posição, todos nós espichamos o pescoço para a dianteira do barco, como se buscássemos ver alguma coisa bem ali naquele momento. A Sra. Grant demonstrava uma seriedade implacável, uma solenidade que ela conferia a todos com quem falava, e percebi de imediato que esse tipo de respeito por seu ponto de vista era tudo que o Sr. Preston queria.

— O vento mudou quarenta e cinco graus nesta última hora — explicou o Sr. Hardie, apontando em outra direção.

— Ah — fez Preston, visivelmente desanimado e receoso de perder credibilidade. — Sou contador, na verdade, não marinheiro, mas contadores são conhecidos por sua precisão. Tenho olho bom para detalhes e uma memória de elefante. Pergunte a qualquer um. Se digo que vi luzes, é porque vi luzes.

— Sua atenção, por favor! Escutem todos! — gritou a Sra. Grant, para que todos a ouvissem.

Fiquei surpresa ao descobri-la capaz de alçar tal volume sua voz, pois até aquele momento ela tinha demonstrado eficiência de maneira discreta.

— O Sr. Preston viu luzes naquele lado. — Ela apontou com a cabeça na direção que o Sr. Hardie indicara. — Precisamos ficar de olhos abertos. Sugiro que alguém fique de guarda, Sr. Hardie. Penso que devemos nos dividir em equipes de quatro, sendo cada um responsável por um arco de noventa graus, em turnos de uma hora.

O passo seguinte foi nos dividir em nove grupos, excluindo o Sr. Hardie, claro, mas também Hannah e a própria Sra. Grant, com a alegação de que assumiriam tarefas mais gerais e nos ajudariam quando necessário. Ocorreu-me que Hardie não aceitava receber ordens de uma mulher, pois, enquanto a ouvia, o rosto dele endureceu-se, como se talhado em madeira.

Várias vezes durante a manhã perguntaram ao Sr. Hardie o que ele achava sobre essa história das luzes, mas ele guardou a opinião para si. Talvez estivesse ofendido porque a Sra. Grant não o consultara antes de fazer a nova distribuição de tarefas. “Falta pouco agora” era só o que respondia, deixando por conta de nossa imaginação do que é que ele estava falando. No início achei que se referisse à chegada do navio que nos levaria para um lugar seguro, mas depois de ser atingida por um jato de água do mar pensei que talvez fosse a chuva, que ameaçava mas não caía. Só agora, nas últimas semanas, percebi que ele se referia a algo inteiramente diferente, a alguma rivalidade incipiente entre a Sra. Grant e ele, a uma crise de liderança ou a um momento inadiável em que as pessoas abririam os olhos e reconheceriam seu comando. Na época, porém, tais conjeturas não me ocorreram por me faltar qualquer base concreta.

O Sr. Hardie fez com que circulassem os biscoitos do café da manhã e a caneca com água, com a recomendação de que não tomássemos mais do que o terço de xícara que cabia a cada um. Limitei-me à minha parte, mas poucos fizeram o mesmo. Com olhar implacável, Hardie percebeu que, enquanto várias pessoas disputavam a caneca, parte do precioso líquido se perdia no chão.

— Vejam o que estão fazendo, parecem crianças — advertiu ele, e a partir daquele dia passou a medir a porção exata antes de passar a caneca a cada um.

Quando mais uma vez a Sra. Fleming perguntou-se em voz alta o que teria acontecido à filha, Isabelle explodiu:

— Ela tem o direito de saber! Eu não iria querer que me escondessem a verdade.

Apesar do veemente protesto da Sra. Grant e de sua insistência em dizer que Isabelle não sabia do que estava falando, o Sr. Preston interveio:

— Eu também vi.

Isso fez com que a Sra. Fleming se erguesse de um salto e abrisse caminho por entre os passageiros para agachar-se no fundo

do barco perto de onde estavam sentados Isabelle e o Sr. Preston. Ela agarrou-os pelas mangas e encheu-os de perguntas:

— Viu o quê? O que vocês viram? Em que barco ela entrou? Não no que saiu logo depois, aquele que jogou todas as pessoas na água, espero.

O Sr. Preston olhou nervosamente da Sra. Fleming para a Sra. Grant e permaneceu calado.

— Falem, malditos! Não podem ficar assim! — gritou a Sra. Fleming, cuja mão machucada balançava de modo pouco natural na extremidade do braço. — O barco seguinte foi o que emborcou. Vi com meus próprios olhos. Emmy e Gordon estavam nesse barco ou não?

— Não foi... — começou o Sr. Preston.

— Ande, conte a ela — insistiu o Sr. Hoffman. — Sei que o senhor é famoso por sua precisão.

— Sim, conte o que sabe! — gritou ela de novo, erguendo-se do fundo molhado do barco, onde a água continuava a se acumular apesar da rapidez com que a baldeávamos.

Estendi a mão para prestar-lhe assistência, mas Hannah foi mais rápida e ajudou-a a sentar-se espremida entre Mary Ann e mim, e foi a Sra. Grant quem recolocou sua tipoia e envolveu seus ombros com um cobertor, pois ela tremia sob o vestido molhado.

— O mal já está feito — desabafou o Sr. Hoffman. — É melhor contar tudo logo.

— O senhor também a viu? — perguntou a Sra. Fleming, com os olhos vidrados grudados nele.

— Sim, para falar a verdade, vi.

Todos se calaram. Até o diácono pareceu encolher-se dentro do casaco folgado para fugir daquela cena de desespero.

O Sr. Hoffman falou sem um traço de emoção na voz:

— Ela foi atingida pelo barco quando o ergueram de volta. Foi atirada para fora do convés. Vi quando caiu na água. É provável que tenha se afogado.

— Não sabemos ao certo — objetou Hannah. — Não temos certeza de nada.

— Talvez tenha sido resgatada — sugeriu o diácono, com voz tranquila.

Eu sabia que estávamos todos pensando no menino de gravatinha-borboleta e nos homens que Hardie e Nilsson tinham empurrado da borda do barco com golpes de seus remos.

A Sra. Fleming tremia descontroladamente e não parava de repetir:

— Obrigada. É melhor saber.

Eu, no entanto, me perguntava como, no meio de tanta confusão, poderíamos confiar nas palavras do Sr. Hoffman.

Sem qualquer razão, pouco antes de anoitecer, duas das italianas que até então tinham se mantido caladas a maior parte do tempo começaram a gritar e a fazer o sinal da cruz repetidas vezes, ou ao menos tentavam fazê-lo como podiam considerando que permaneciam agarradas uma à outra. Foi o Sr. Sinclair, o inválido, quem traduziu o que diziam e nos contou que, após terem rezado, elas haviam recebido uma revelação de que metade de nós não sobreviveria.

— Isso significa que a outra metade escapará — interveio a Sra. Grant, deixando claro com o olhar que assim se encerrava o assunto.

A Sra. Fleming parecia ter de algum modo se recuperado, e eu me orgulhava de ter contribuído para isso com minhas tentativas de acalmá-la, segurando sua mão e garantindo-lhe que aquela era apenas uma versão da história, talvez não a verdadeira. Falei para ela sobre meu breve porém feliz casamento com Henry e que planejávamos uma cerimônia ao voltarmos para casa. Por isso, fiquei muito surpresa quando ela anunciou:

— Já que estamos sendo sinceros, é importante dizer que Grace não deveria de modo algum estar neste barco salva-vidas.

— Ora, isso é absurdo — retrucou Mary Ann, com a voz tranquilizadora que usava desde o início para dirigir-se à Sra.

Fleming.

— Talvez você não tenha percebido, Mary Ann, mas eu sim. É por causa de Grace que este barco está superlotado. Não ouviram o que o Sr. Hoffman disse? Que tinham começado a baixar o barco salvavidas e depois o ergueram de novo, só um pouco, antes de baixá-lo de vez? O Sr. Hardie estava ajudando as pessoas a entrar no barco e já tinha começado a baixá-lo para a água quando Grace e seu marido apareceram e disseram alguma coisa para ele. Qual foi o teor da conversa, Grace? Todos nós gostaríamos de saber. Percebi o que aconteceu porque esperava ver minha Emmy entrar no barco. Ela estava bem atrás de mim. Disseram que eu entrasse primeiro por causa de minha mão, mas eu nunca teria feito isso se não tivesse certeza de que minha filha viria logo depois. O que seu marido prometeu ao Sr. Hardie? Eles ergueram o barco, e foi então que o Sr. Hardie e Grace entraram. E foi nessa hora que, segundo o Sr. Hoffman, Emmy foi atingida. Se Grace não nos contar, talvez o Sr. Hardie o faça!

— Se ergueram o barco, foi para deixá-lo nivelado — rosnou Hardie. — O navio estava inclinado quase vinte graus, os conveses estavam escorregadios devido ao óleo e as pessoas agarravam qualquer homem uniformizado que vissem pela frente. Eu queria ver se vocês conseguiriam operar as roldanas naquelas condições!

— Ergueram o barco para que o senhor e Grace embarcassem, esta foi a única razão. Vi com meus próprios olhos!

— Calma, calma — sussurrei, pois não tinha a menor lembrança do momento em que entrara no barco, a não ser que vira fumaça subindo da ponte de comando e que, no meio do terror e da confusão, eu agarrara a mão de Henry e o seguira cegamente, colocando um pé na frente do outro e fazendo o que me mandavam até ser erguida do chão e depositada no barco.

Eu não conseguia pensar em mais nada a fazer a não ser murmurar frases sem sentido e apertar a Sra. Fleming contra o peito, mas ela insistia:

— É ou não é por sua culpa que este barco está superlotado? É ou não é por sua culpa que minha pequena Emmy está morta?

Sua voz saía entrecortada e baixa, e os outros passageiros tinham mudado de assunto, por isso talvez não nos ouvissem. Só Mary Ann, que me ajudava a confortar a Sra. Fleming, a escutava; de novo ela tentou tranquilizá-la:

— Ora vamos, minha querida. Uma pessoa a mais ou a menos não faz diferença.

— Não foi uma — sussurrou acidamente a Sra. Fleming, como se revelasse um segredo terrível. — Foi ela e Hardie. São duas pessoas, não são? Pelas minhas contas, sim.

— Pois então devemos dar graças a Deus por isso — retrucou Mary Ann. — Sem o Sr. Hardie estaríamos perdidos.

— Mesmo com ele estaremos perdidos! — grasniu a Sra. Fleming. — Anote minhas palavras.

Mary Ann e eu trocamos um olhar, mas a Sra. Fleming mergulhou em um silêncio extenuado. Mantive os braços ao redor de seus ombros durante toda a tarde, sussurrando palavras de incentivo, como se faz com uma criança. Ela adormeceu por um instante, mas, assim que acordou, recomeçou:

— Era para ter sido você. Emmy podia estar aqui a meu lado, mas seu marido comprou a passagem, não foi? Só pode ser essa a explicação. Se não fosse por seu dinheiro, o barco não estaria superlotado. Se não fosse por seu dinheiro, minha pequena Emmy não estaria morta.

Mantive a calma, pois ela certamente estava transtornada e falava bobagens. Expliquei que ninguém podia entrar no *Empress Alexandra* sem passagem.

— Pode fingir que não me entende, se quiser — retrucou ela friamente, mas logo sua calma passageira desapareceu e ela se pôs a gritar: — Era para ter sido ela! Era para ter sido ela!

Foram necessários três homens para dominá-la. Por fim a Sra. Fleming acalmou-se e desabou entre Hannah e mim, de novo adormecida, ou em transe. Para não acordá-la, quando chegou

minha vez, Mary Ann me substituiu na tarefa de tirar a água do barco.

Por causa das nuvens, o sol sumiu em vez de se pôr, mas mesmo sob a luz cada vez mais reduzida eu podia ver que a Sra. Fleming conseguira uma espécie de paz. Quando perguntou pelo balde, julguei que o queria por razões íntimas. Eu não podia imaginar que pensasse em beber água do mar. Não a vi bebê-la, mas durante a noite percebi que tremia. Ajeitei o cobertor que caíra de seus ombros, e Hannah e eu nos revezamos para mantê-la contra nossos corpos. Em determinado momento, ela murmurou palavras incoerentes, e de manhã estava morta. Muito depois disso, quando o Sr. Hoffman já se aliara ao Sr. Hardie, a Sra. Grant usou esse incidente como exemplo da traição de Hoffman, afirmando que ele matara a Sra. Fleming com a verdade.

O EMPRESS ALEXANDRA

Os outros ocupantes do barco salva-vidas diziam ter reparado no Sr. Hardie a bordo do *Empress Alexandra*, executando suas tarefas com olhares sombrios e já transparecendo a maldade que havia em seu coração, mas eu o vi pela primeira vez apenas no dia do desastre. Para mim, a tripulação e o pessoal de bordo não passavam de mobiliário ou equipamentos uniformizados colocados em lugares estratégicos para conveniência dos passageiros, e por passageiros me refiro a Henry e eu. Eu estava deslumbrada não apenas com o esplendor do navio, mas também com Henry, que provava ter uma personalidade à altura de sua origem e seus recursos. Em Londres, ele me proporcionara condições para renovar o guarda-roupa, o que me permitia circular de um lado para outro nos conveses como uma princesa de conto de fadas, observando com olhos atentos porém seletivos o que me cercava. Por isso reparava nos lustres, nas taças de champanhe e nos crepúsculos que manchavam o céu com baldes de tintas de cores variadas, mas não no mecanismo intricado que garantia a pontualidade das refeições ou permitia que o navio mantivesse seu curso. Já mencionei que vi o coronel e a Sra. Forester a bordo; depois, acabei me lembrando também da Sra. McCain, que era encontrada com frequência nas mesas de bridge ou solidamente instalada na sala de leitura do primeiro convés com um livro de ficção nas mãos, mas não posso dizer que me lembro de sua acompanhante, a Sra. Cook, nem de sua criada, Lisette.

Mais tarde, tive muito tempo para pensar no navio — em tudo de que eu me lembrava ou não —, e tentei aplicar o que o Sr. Sinclair nos falara sobre lembrança e esquecimento. O Dr. Cole me disse que a mente pode forçosamente suprimir experiências traumáticas, e suponho que seja verdade, embora às vezes eu tenha a impressão de que a impossibilidade de nos lembrarmos de algo não é tanto resultado de uma tendência patológica quanto uma consequência natural inevitável, pois a todo instante há centenas de coisas capazes de chamar nossa atenção, mas nossos sentidos são capazes de identificar e assimilar apenas uma ou duas.

Lembro-me, sim, de um incidente relacionado à tripulação do *Empress Alexandra*. O navio se preparava para partir de Liverpool e eu estava debruçada na amurada observando, espantada, a multidão que fora nos desejar boa viagem, e então vi o comandante Sutter atravessar o convés com passadas largas, como se fizesse grande esforço para não correr. As botas produziam forte ruído, e ele era seguido por vários marinheiros curvados sob o peso de dois enormes baús de madeira fechados com sólidos cadeados. A todo instante o comandante olhava para trás, murmurava “Bando de imbecis!”, depois voltava a olhar para a frente e gritava “Com licença, com licença!”, a fim de abrir caminho por entre os passageiros que tentavam localizar os familiares no cais abaixo.

— Por que não os levaram diretamente para a sala do cofre? — perguntou o comandante a seus homens, em um sussurro irritado, no instante em que passou por mim. — Por que não colocaram logo um cartaz? Assim qualquer ladrão saberia exatamente o que procurar! — completou ele.

Segui-os a certa distância, fingindo observar os rostos na multidão toda vez que o comandante se virava para repreender seus homens, mas ele estava preocupado demais para reparar em mim. Quando desceu um lance de escada, mantive-me bem longe, com o coração acelerado como se estivesse transgredindo alguma lei tácita, mas não tive problema em entender o que era dito no

vão da escada. O grupo logo parou diante de uma porta ao lado da sala do comissário de bordo e o comandante gritou:

— Sr. Blake, trouxe a chave?

Continuei escondida, mas logo dei meia-volta e subi as escadas correndo para não ser descoberta quando terminassem o serviço, o que com certeza não tardaria a acontecer. Acredito que aquela porta desse para a sala do cofre onde haviam guardado a caixa com o colar que Henry comprara para mim em Londres, além de meus anéis e seu relógio de família. Foi assim que fiquei sabendo que era verdade o que Penelope Cumberland me contou mais tarde sobre duas arcas cheias de ouro.

Henry tinha mais interesse do que eu nos outros passageiros, mas era muito atencioso comigo, satisfazendo plenamente minha necessidade de companhia — que na verdade sempre foi pouca. Ele não mais ficaria acordado até tarde para jogar cartas e falar sobre política na sala de fumar se eu pedisse, o que nunca fiz. Eu adorava ter tempo para mim, para escovar o cabelo e arrumar sozinha nossa cabine antes de Henry chegar para deitar. Gostava de olhar pela escotilha e observar a lua refletida na água e gostava de saborear minha sorte de ter conhecido Henry no momento em que imaginara que precisaria trabalhar como governanta. Da segurança isolada de meu camarote, entre lençóis belgas e com pia de porcelana à minha disposição, eu podia passar em revista os acontecimentos do ano anterior e tentar descobrir seu sentido; mas a única conclusão a que consegui chegar sobre meus pais foi que eram fracos.

Os sócios de meu pai, que o haviam enganado nos negócios, na verdade também contribuíram para acabar com sua vida, pois, quando ficou claro que ele não detinha nenhuma das patentes das quais dependia sua atividade e pelas quais hipotecara não apenas os escritórios como também a casa onde vivíamos, ele enfiou uma bala na cabeça. Como papai imaginava que uma viúva com duas filhas sobreviveria sem ele? O que minha mãe fez foi erguer as mãos para os céus e deixar o cabelo desgrenhado cair pelo rosto, a tal ponto que, nas suas idas e vindas das lojas, até as crianças que

mendigavam por perto corriam assustadas para a sarjeta, com o dedo apontado para ela. Minha irmã, Miranda, logo arregaçou as mangas e conseguiu um emprego como governanta, mas, quando me incentivou a fazer o mesmo, resisti. Talvez tenha sido uma manifestação da passividade de minha mãe que me levou, como ela, a erguer as mãos para os céus e esperar ser resgatada, mas havia em mim também um pouco da determinação de Miranda, talvez a mesma determinação que fizera meu pai preferir se matar a enfrentar a humilhação da pobreza, o que demonstra que características positivas são muitas vezes exatamente iguais às negativas, apenas expressadas de maneira diferente. De todo modo, qualquer que fosse essa característica, não se desenvolvera em mim da mesma forma que em minha irmã, e devo admitir que minha mãe muitas vezes me chamou de teimosa quando eu era criança. Mal papai havia sido enterrado e Miranda já decidira aprimorar seus conhecimentos de gramática francesa e aritmética. Partiu então para Chicago, de onde enviava cartas assustadoras recheadas de detalhes aflitivos sobre o dia a dia das crianças e o desenvolvimento acadêmico. Ou talvez me faltasse determinação. Talvez eu fosse uma romântica inveterada como minha mãe, com a diferença de ter tido a sorte de escapar da loucura ao encontrar o amor e a segurança que meu coração desejava.

No momento em que Henry e eu embarcávamos para Londres, o arquiduque e herdeiro do trono austro-húngaro foi assassinado por nacionalistas sérvios enquanto visitava a capital bósnia, e quando o império austro-húngaro ameaçou declarar guerra à Sérvia como retaliação, fomos aconselhados a encurtar nossa visita e voltar para Nova York assim que possível. A maioria dos passageiros do *Empress Alexandra* tinha adquirido suas passagens no último minuto, para fugir logo da Europa, o que só aumentava a sensação de estarmos nas mãos de alguma força global e de sermos impotentes para resistir. Mesmo antes do naufrágio, as grandes manobras estratégicas em curso no continente conferiam a nosso retorno para casa uma urgência e uma gravidade que acentuavam

o contraste gritante entre o luxo e o propósito do transatlântico e a precariedade de minha situação poucas semanas antes. Penelope Cumberland e eu escutávamos as conversas sérias dos homens com um dos ouvidos, usando o outro apenas para o que dizíamos uma à outra ao arriscarmos opiniões sobre assuntos que desconhecíamos por completo. O comandante recebia despachos regulares pelo sistema de comunicação sem fio, os quais, relatados durante o jantar, ensejavam muitas discussões e tomadas de posição entre os homens, que gostavam de pontificar sobre os fatos do mês anterior para esclarecer as senhoras. Quando Penelope e eu ficamos sabendo que Sophie, esposa grávida do arquiduque, também tinha sido atingida e que uma bala atravessara sua barriga, sentimo-nos no direito de proclamar nosso horror a todos na mesa, pois éramos mulheres e era muito raro haver menção a uma mulher em assuntos políticos. A conversa, no entanto, logo evoluiu para as invasões e as declarações de guerra que aconteciam a grande velocidade.

— Imagine, todo esse rebuliço por causa de um duque morto — sussurrei para Penelope.

— Arquiduque — corrigiu ela, e nós duas rimos.

A maior parte do tempo, no entanto, falávamos sobre casamento, já que ela também era recém-casada, e, embora tivéssemos consciência de que nossa conversa era muito menos importante do que aquelas em ebulição ao redor, acreditávamos que o mundo seria um lugar melhor se as pessoas precisassem se preocupar apenas com casamentos e se mantivessem afastadas da guerra.

Um dia, quando já tínhamos nos tornado amigas, Penelope inclinou-se para perto de mim mais do que o habitual e me disse ao pé do ouvido:

— Imagino que esteja se perguntando por que no início o Sr. Cumberland e eu não éramos convidados para a mesa do comandante e agora somos. — É óbvio que eu já me fizera essa pergunta, porém não o admiti. — Meu marido é funcionário de um

banco britânico — explicou ela — e foi indicado para acompanhar um grande carregamento de ouro até Nova York.

Penelope contou ainda que ele carregava uma chave especial na cintura o tempo inteiro e que, como precisava manter contato permanente com o comandante e os outros banqueiros a bordo, parecera-lhes prudente usar esse pretexto para evitar que as pessoas fizessem perguntas demais.

— É evidente que isso tem relação com a guerra — concluiu ela.

Mais tarde, Henry pediu-me que mantivesse a amizade de Penelope, alegando que seu banco esperava manter relações comerciais com o banco onde trabalhava o Sr. Cumberland. Ele uma vez me contara que seus colegas observavam com grande interesse a situação europeia, pois sempre havia a possibilidade de muitos lucros em tempos de guerra.

Acho que passei a gostar mais de Penelope depois disso; porém, enquanto eu sentia ter por fim encontrado meu verdadeiro lugar no mundo, ela se mostrava retraída. Fiz o que pude para convencê-la de que tinha direito a um lugar à mesa do comandante tanto quanto qualquer outra pessoa. Ensinei-lhe a se comportar à mesa; emprestei-lhe dois de meus vestidos novos, orientando-a a fazer farfalhar as saias e a caminhar com os ombros para trás e os olhos fixos em um ponto distante. Disse-lhe para sorrir e rir, embora sem exagero, quando não soubesse como reagir; e o comandante fez sua parte para estimulá-la, consentindo que entrasse no restaurante antes dos demais passageiros como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— Mesmo que não seja algo de sua natureza, sempre se pode fingir — falei.

A única vez que Henry e eu discutimos foi a bordo do *Empress Alexandra*. Ele me levara a acreditar que seus pais sabiam o real motivo do rompimento de seu noivado com Felicity Close, e toda vez que eu pedia detalhes ele argumentava “Eles sabem tudo” ou “Não posso casar com Felicity porque não a amo. Não seria justo

com ela, e já falei isso para eles”, mas no final ficou claro que ele jamais fizera alusão à minha parte na história.

— E o que vai acontecer quando chegarmos a Nova York? — eu quis saber. — Como explicará minha presença? Sem dúvida seria melhor avisar seus pais com antecedência!

— Preciso de alguns dias para colocar as coisas em ordem, mas quero falar com eles pessoalmente — justificou-se ele. — É claro que precisaremos de um lugar para morar, mas não se preocupe. Você poderá escolher as cortinas e os móveis.

Ele tentava distrair minha atenção com conversas sobre mobília e decoração do mesmo modo como um pescador joga uma isca cintilante na água para atrair um peixe distraído, mas não a morde.

— E o que faço nesse meio-tempo? Onde vou morar?

— Não pode ficar com sua mãe? Imaginei que ela pudesse hospedá-la.

— Ela foi viver com a irmã na Filadélfia. Além do mais, quero estar com você!

Henry colocou a mão no meu ombro e sussurrou “Querida” três ou quatro vezes seguidas, mas eu o repeli.

— Você quer me esconder! — exclamei quando percebi o verdadeiro sentido de suas palavras.

Ele relutou quando sentiu que eu não cederia, mas concordou em ir aquela mesma tarde à sala de rádio do navio mandar uma mensagem para a mãe informando que voltaria para casa com uma esposa. Foi só depois que compreendi a real importância do que Henry fizera, pois, se ele não tivesse enviado aquela mensagem — e cheguei a me perguntar se ele de fato a mandara —, seria como se nunca houvéssemos casado, pois qualquer prova de nossa união teria desaparecido no mar com Henry. Claro que o magistrado de Londres que nos casou devia ter o registro, mas ele estava muito longe e seu país estava em guerra.

Penelope e eu acreditávamos que o mundo parecia cada vez mais vasto e mais perigoso, já que países dos quais jamais ouvíramos falar agora arrastavam todos os outros para seus

conflitos. Enquanto escrevo este relato, no entanto, vejo que um mundo que implode até se transformar em um pedaço de madeira é perigoso também, e no barco salva-vidas passei muitas horas me perguntando se haveria um tamanho ideal para o mundo, um conjunto de dimensões equilibradas onde as coisas não entrariam em ebulição e onde eu estaria a salvo. Quando criança, eu pensava que a situação de minha família fosse segura, mas depois meu pai perdeu todo o dinheiro que tinha e enfiou uma bala na cabeça. Minha mãe olhou o sangue que coagulava no assoalho encerado, deixou cair o pacote de lençóis que acabara de mandar bordar e quase no mesmo instante enlouqueceu. Eu também acreditava que o *Empress Alexandra* fosse seguro. Durante um momento ingênuo eu tivera tudo de que precisava — mais, até —; mas também isso não passara de uma doce ilusão. Seria possível que ilusão e sorte fossem o máximo que se poderia esperar?, eu me perguntava, pois fui forçada a concluir que o mundo era fundamental e incrivelmente perigoso. É uma lição que jamais esquecerei.

PARTE II

DIA CINCO

Foi só depois que o diácono fez uma oração pela falecida e o Sr. Hardie e o coronel desceram o corpo da Sra. Fleming para a água que alguém reparou que apenas um dos barcos salva-vidas continuava por perto. Havíamos perdido o outro de vista durante a noite. Senti que todos ficaram desanimados com mais essa má notícia logo após a morte da Sra. Fleming, com exceção do Sr. Hardie, que, estranhamente jovial, anunciou que pegaria um peixe para comermos. Desembainhou a longa faca que carregava na cintura e inclinou-se por sobre a amurada do barco para observar a água, a lâmina a postos acima da cabeça. As nuvens tinham se dissipado e o sol imprimia ao oceano um brilho translúcido como o de um diamante, e, como ele prometera, menos de uma hora se passara quando Hardie mergulhou a faca na água e puxou para dentro do barco um peixe enorme. Tinha cerca de um metro de comprimento, formato achatado e uma coloração marrom malhada. O peixe agitou-se no fundo do barco até que Hardie abriu-o de cima a baixo com um corte profundo, depois do que o animal ainda deu dois saltos no ar e tombou, inerte.

— Nosso jantar — exclamou Hardie, erguendo o peixe, que reluziu ao sol.

— Vamos comê-lo cru? — perguntou Isabelle.

— Não, podemos refogá-lo em molho de alho e manteiga.

Perguntei a mim mesma como isso seria feito e por um momento acreditei que, se Hardie dizia que era possível, então realmente

era. Mesmo quando, com as mãos ainda sujas de um muco avermelhado, ele distribuiu os pedaços de peixe cru pingando água, continuei iludida, e consegui engolir a carne crua sem nojo. Já Greta mal teve tempo de se desviar da Sra. Grant para debruçar-se sobre a amurada do barco e vomitar, e Mary Ann se recusou terminantemente a comer até eu sugerir que imaginasse que estávamos em seu banquete de casamento e nos deliciávamos com um prato de frutos do mar.

Comi minha porção de peixe devagar, saboreando cada pedaço, ciente de que era um alimento precioso tanto pela água que continha quanto pelas proteínas de que nossos corpos desgastados tanto careciam. O gosto era levemente salgado, talvez porque o Sr. Hardie o lavara na água do oceano depois de eviscerá-lo, mas foi a textura que mais me surpreendeu. A carne não se desmanchava como em geral se desmancham os peixes cozidos; era firme e fibrosa — quase viva. Eu já tinha visitado fazendas, claro, sabia de onde provinham vacas e porcos, e mesmo na cidade era possível comprar uma galinha viva ou vê-la ser abatida, por isso eu não era ingênua sobre a realidade de transformar animais em comida. Com o peixe, no entanto, senti que tínhamos chegado muito perto da fina membrana que separa os seres vivos dos mortos e que, não obstante os nomes sugestivos que damos aos pratos, como *coq au vin*, bife a cavalo ou lagosta ao Thermidor, a verdade pura e simples era que a vida dependia da habilidade de subjugar outras criaturas para nosso uso.

O peixe criou uma espécie de atmosfera festiva no barco. Quando Anya Robeson sugeriu que Charlie imaginasse estar comendo um bolo de sementes de papoula, tivemos a ideia de pedir que cada um dissesse qual era seu prato favorito e imaginasse estar se deliciando com ele. O coronel fez um comentário jocoso sobre rações militares, enquanto a Sra. McCain decidiu descrever todos os pratos de jantar dominical típico de sua casa, tendo sido necessário obrigá-la a se calar. Mary Ann, claro,

limitou-se a repetir o que eu sugerira sobre o banquete de casamento, e quando chegou minha vez, afirmei:

— Neste instante não consigo pensar em nada muito melhor que peixe cru. Estou até gostando bastante!

— Ótimo, porque o cardápio será o mesmo amanhã — disse o Sr. Hardie.

Enquanto falava, ele virou-se para mim, e nossos olhos se encontraram por um longo momento. Ele então afundou o queixo e assentiu de leve com a cabeça, como se de algum modo eu o tivesse agradado. Retribuí o movimento com a cabeça e durante o restante do dia saboreei aquela breve cumplicidade. Era algo que eu já desejava que acontecesse, mas do qual havia muito desistira. Mais tarde tentei de novo captar sua atenção, mas ele não reparou em mim ou fingiu não reparar, portanto desejei que eu tivesse me dado por satisfeita com aquela primeira pequena migalha de reconhecimento e não tivesse pedido mais.

Apanhar aquele peixe foi um primeiro passo na longa jornada para restaurar a confiança que perdêramos no episódio das luzes. Parecia fácil demais... num minuto Hardie estava desembainhando a faca e olhando a superfície do mar e no minuto seguinte já tirava nosso sustento da água; e quando mais tarde ele repetiu a façanha, Maria e Lisette começaram a lançar-lhe olhares de veneração a intervalos regulares.

O diácono proferira uma espécie de magia verbal sobre o peixe, e embora cada um tenha comido apenas poucos pedaços, sentimos certo reconforto físico, porque fomos lembrados de um Deus misericordioso e porque agora sabíamos que Hardie precisava apenas mergulhar a faca na espinha do mar para que a água cuspsse os elementos necessários a nossa sobrevivência. Depois dos dois peixes, no entanto, não pegamos mais nenhum. Dia após dia esperávamos que o oceano voltasse a nos brindar com sua generosidade, e quando Hardie não conseguiu realizar nosso desejo, consideramos o fato um revés deliberado de sua parte, mais do que falta de sorte ou uma consequência do vento, que

pouco depois começou a agitar demais a superfície cobalto do oceano, impedindo Hardie de distinguir o que quer que fosse. A imagem do mar plano do qual desfrutáramos durante cinco dias inteiros acomodara-se em seu lugar no passado e no futuro, fora do alcance de nossas imaginações míopes.

Os peixes se tornaram um símbolo do que Hardie era capaz de fazer se quisesse, do que talvez fizesse se nos comportássemos e parássemos de questionar seus planos. Mas sua posterior incapacidade de nos conseguir alimento não foi o único motivo para a raiva que crescia sub-repticiamente entre os passageiros. Ele continuava a prever uma mudança no tempo. "Quando isso acontecer", dizia, "vocês mesmos verão que tem gente demais neste barco". No entanto, não queríamos dar-lhe ouvidos. Ficávamos irritados porque não sabíamos o que fazer a respeito, ainda que suas palavras exprimissem a verdade. Deveríamos simplesmente nos deixar morrer, como a Sra. Fleming? Mas foi só aos poucos que esses sentimentos de raiva e dúvida se acumularam em nós. No final do quinto dia ainda nos sentíamos gratos a Hardie pelo milagre dos peixes.

O diácono, que gostava de contar histórias bíblicas, aproveitou essa ocasião para nos falar da multiplicação dos peixes e pães. Bastava ele começar uma parábola ou um salmo para Mary Ann e Isabelle pararem o que estivessem fazendo, e Anya Robeson deixava o pequeno Charlie sentar em seu colo com os ouvidos descobertos sempre que o diácono abria a boca. Devo admitir que eu também às vezes me deixava embalar pela familiaridade das histórias, embora algumas fossem bem sombrias. As pessoas gostam de repetições. Gostam de saber o fim de uma história, mesmo quando no fim todos morrem no dilúvio — todos, menos Noé. O diácono contava uma história conhecida de todos nós, depois estabelecia paralelos com a situação no barco, e certamente a arca de Noé era bem apropriada. Mas ele era criativo, sabia adaptar à nossa condição também as provações de Moisés no deserto e a divisão do mar Vermelho. Ensinou-nos o Cântico do Mar

— que celebrava a salvação dos escolhidos por Deus e o afogamento do inimigo, engolido como uma pedra — para que pudéssemos recitá-lo quando afinal fôssemos resgatados.

O Sr. Sinclair contou-nos que a história da arca de Noé era uma adaptação de lendas pagãs antigas para a tradição cristã.

— Textos babilônicos sobre inundações incluem não apenas o dilúvio, mas outros elementos familiares, como o corvo e a pomba, por exemplo. Isso não pode ser coincidência — afirmou ele.

O diácono, no entanto, apressou-se a rejeitar a ideia como heresia. Mary Ann parecia preocupada, não tanto pela possível heresia quanto por não saber de que lado ficar no debate. Eu apoiava o Sr. Sinclair, falei para ela. Por sorte o Sr. Sinclair era não apenas erudito mas também conciliador: conseguiu abrandar os sentimentos de todos com citações de Boccaccio, que supostamente tratou da tendência humana a acreditar no mal e não no bem, e da impossibilidade de haver poesia sem mitos.

Com o passar dos dias, comecei a me perguntar se Hardie de fato apanhara algum peixe ou se aquilo fora uma alucinação coletiva. O presente parecia fixo e imóvel, mas o passado, comprimido e distante, tão sujeito a interpretações quanto uma passagem de um denso texto teológico. A ideia de termos nascido no barco salva-vidas parecia tão viável quanto termos cada um a própria história, os próprios ancestrais e uma ligação de sangue com o passado. Quanto ao futuro, parecia impenetrável, mesmo pelo pensamento. Onde estava a prova de que ele sequer existia? Ou de que poderia vir a existir? Tal qual os peixes, era preciso basear-se na fé.

NOITE

Era nítido o bem que um pouco de comida no estômago fazia para nosso estado de espírito. Enquanto nos apertávamos uns contra os outros para combater a friagem noturna, a Sra. Cook se lançava em mais uma de suas histórias recheadas de fofocas e suposições, citando detalhes pessoais sobre a família real que simplesmente não poderiam ter chegado a seu conhecimento. Ainda assim, ela nos distraía, e eu me pegava atenta a cada uma de suas palavras, como todas as outras mulheres perto de mim. Quando seu estoque de comentários maliciosos sobre o assunto se esgotava, era a vez de Mary Ann nos falar das pessoas de seu círculo social, mas as histórias careciam de coesão e eram tão cheias de suspiros e exclamações quanto de palavras.

Havia outro tipo de história que proliferava no barco, em especial à noite, quando buscávamos passar o tempo como fosse possível. Eram histórias secretas, histórias contadas com sussurros, fiapos de histórias talvez baseadas em uma simples impressão, em um fragmento de diálogo ou em um brilho diferente no olho de alguém. Isabelle sabia como ninguém diagnosticar expressões: “Viu o olhar que o Sr. Hardie me dirigiu agora mesmo?”, ela perguntava, por exemplo, com um estremecimento, para depois acrescentar: “Só uma pessoa sem o mínimo de civilidade olharia assim para alguém.” Um único olhar ensejava biografias especulativas completas, e foi esse tipo de especulação que tanto interessou aos promotores e que eles tomaram como fato. Isabelle creditava a Hannah e à Sra.

Grant a invenção de um código de comunicação que não incluía palavras, apenas movimentos de cabeça e olhares, os quais Isabelle costumava decifrar para quem estivesse por perto. Um dia ela me contou que quando Hannah fitara o Sr. Hoffman com uma expressão mais sombria que o normal tratava-se, na verdade, de bruxaria, de uma maldição silenciosa; e quando mais tarde Hoffman quase caiu do barco ao tropeçar, ela me dirigiu um olhar cheio de significado e articulou com os lábios sem emitir som: "Está vendo?"

Às vezes alguém se apropriava de uma história que lhe fora contada em segredo, retransmitindo-a como se fosse sua. O resultado, claro, era que as histórias acabavam modificadas. O que eu contara a Mary Ann sobre como planejava conquistar a mãe de Henry voltou depois para mim na versão de que minha sogra se recusara a me receber. Não há nada que se possa fazer para combater rumores falsos sem que acabemos piorando a situação, por isso não tentei esclarecer o caso, mas desde então decidi guardar para mim todo e qualquer assunto pessoal.

Ouvi por acaso a Sra. Cook contar à Sra. McCain que testemunhara uma discussão entre o Sr. Hardie e o comandante Sutter no dia em que partimos. Ela falou que na ocasião não sabia quem era o Sr. Hardie, e que só mais tarde fez a conexão, mas que o Sr. Hardie estava para ser demitido. O incidente acabou com o Sr. Hardie aparentemente aceitando alguma condição imposta pelo comandante, que gritou, enquanto se afastava: "E se não mantiver a palavra, eu mesmo o atiro do barco!" As duas mulheres passaram a tarde toda especulando sobre o incidente, como se aquilo carregasse um grande significado, como se conseguisse explicar alguma coisa sobre Hardie que não podia ser inteiramente fundamentada pelos fatos que havíamos presenciado no barco. Dias depois, enquanto eu descansava sobre os cobertores ao lado da Sra. Cook, ela me relatou a mesma cena, à qual já havia acrescentado alguns detalhes. Isso foi depois de o Sr. Hardie ter nos contado mais coisas sobre o oficial chamado Blake, e ela então concluiu que a pessoa sobre quem Hardie e o comandante

discutiam era o Sr. Blake. Ela aproveitou para acrescentar, com seu habitual critério retrospectivo:

— Eu não tinha dúvida de que nossos caminhos voltariam a se cruzar.

O coronel Marsh comentou com várias pessoas, aos sussurros, que certa vez vira o Sr. Hardie abrir mão de uma garrafa de uísque para um dos oficiais sem ao menos rosnar. Teria sido Blake? Blake teria algum poder sobre Hardie? Os dois estariam mancomunados em algum negócio escuso? Ou seriam aqui-inimigos? As histórias circulavam incansavelmente pelo barco, incitando cada um a contribuir com as próprias reminiscências, sendo que todas, em conjunto, pareciam confirmar que o Sr. Hardie tinha um passado sombrio e misterioso. As histórias sobre ele eram as mais apreciadas e debatidas, mas era preciso a máxima cautela ao abordá-las para que ele não soubesse que era o assunto. Cada informação ou invenção cochichada somava-se a fragmentos de outras histórias e era discutida e interpretada obsessivamente, como se a narrativa resultante pudesse afinal explicar por que nos encontrávamos à deriva naquele vasto e solitário oceano.

Logo no primeiro dia o Sr. Preston, sempre muito preciso quando se tratava de números, contou ao Sr. Sinclair que fizera amizade com o comissário de bordo e que assim descobrira que o proprietário do navio estava afogado em dívidas. Partindo disso, o Sr. Preston levantou a hipótese de o navio encontrar-se em mau estado de conservação por causa da situação financeira do proprietário e de a manutenção de algum item primordial ter sido negligenciada devido à partida precipitada. Também essa história acabou modificada: passaram a dizer que o proprietário do *Empress Alexandra* havia encomendado a destruição do navio para receber o dinheiro do seguro. Depois que o Sr. Hardie contou que o navio fora vendido para alguém capaz de conseguir lucro maior, o Sr. Preston voltou a mencionar as observações do comissário de bordo. De todas as pessoas no barco, ele era o menos sutil. Nunca lhe ocorreu que pudesse haver nuances e níveis de discurso, e jamais o vi

inclinou a cabeça para falar com discrição nem baixar a voz para fazer algum comentário. Se tivesse algo a dizer, falava sem rodeios, e naquela noite disse ao coronel alto e bom som:

— Pensei que o *Empress Alexandra* tivesse sido vendido a um proprietário capaz de conseguir algum lucro! O senhor acredita que o Sr. Hardie possa ter inventado essa história de um novo proprietário?

O Sr. Hardie, que, é claro, o escutara, jogou contra o Sr. Preston o balde que carregava e explodiu:

— Eu não continuaria a trabalhar para aquele bisbilhoteiro pão-duro que foi dono do navio. Estava farto de dar meu sangue para aquele canalha!

Se isso não bastou para convencer o Sr. Preston, ele não ousou revelar.

Não posso ser exageradamente crítica ao relatar como os outros usavam histórias para passar o tempo, verdadeiras ou não, pois às vezes Mary Ann e eu fazíamos o mesmo. Eu lhe contava sobre a primeira vez que vi Henry, caprichando nos detalhes por horas e horas: como ele estava vestido, como chegara ao estabelecimento onde trabalhava em um automóvel elegante, do qual descera lentamente, revelando-se como um retrato que toma forma em uma tela. Eu poderia fazer essa parte da história durar dez minutos, ou até mais se Mary Ann estivesse disposta a pedir detalhes que eu deixara de fora, e ela em geral estava. Eu tinha perdido o salto do sapato, por isso claudicava ao longo da calçada; Henry galantemente inspecionara a sarjeta de cima a baixo, nos dois lados da rua. Como não encontrou o salto perdido, levou-me para casa em seu carro.

— Como a Cinderela! — exclamou Mary Ann.

Foi uma das poucas vezes que ri no barco salva-vidas, pois a comparação era mais apropriada do que ela imaginava. Não contei a ela que aquele dia na calçada, ao pé da escadaria de mármore do banco onde Henry trabalhava, não foi a primeira vez que reparei nele, assim como o baile não foi a primeira vez que a Cinderela e

suas meias-irmãs ouviram falar do charmoso príncipe, mas eu gostava de sonhar que tudo se passara assim. Por um lado, porque tinha sido a primeira vez que Henry pousara seus olhos azuis em mim; por outro, porque tornava a história mais interessante. Eu não gostava de me lembrar da semana que passara observando-o e imaginando seu itinerário diário, nem do dia em que esperara por ele até anoitecer, desequilibrada em meu sapato quebrado, sem que ele aparecesse.

Mary Ann, por sua vez, me contava das compras que fizera em Paris para o enxoval e do noivo Robert, que lhe havia tirado a virgindade, com sua permissão, em uma encantadora clareira repleta do canto de pássaros e do perfume de madressilvas. Tinha sido uma semana antes de ela partir com a mãe para a Europa, quando Robert fora até a casa de campo da família despedir-se da noiva.

— Ele não tirou sua virgindade! — quase gritei, e apenas no último segundo lembrei-me de manter a voz baixa para proteger a privacidade de Mary Ann. — Foi um presente que você deu a ele.

Após um instante de reflexão, acrescentei que, em meu entendimento, quando uma pessoa dá um presente deve receber em troca outro de valor igual ou superior, mas Mary Ann estava apavorada com a ideia de uma possível gravidez e de também não conseguir regularizar a situação de pecado diante dos olhos de Deus caso morresse no mar, embora achasse que talvez até merecesse morrer. Quando ela pediu minha opinião, fiquei surpresa ao perceber seu desejo ardente de conhecer os limites exatos entre o que era pecado e o que não era, como se houvesse uma membrana impermeável que se pudesse cruzar mas que através da qual a pecaminosidade não conseguisse passar. Ela confessou que sua preocupação era mais de natureza prática do que espiritual, o que, em sua cabeça, aumentava em muitas vezes o pecado original e a deixava em uma espiral de remorso.

— Eu não deveria estar preocupada apenas por ter atentado contra as leis de Deus? — perguntou-me ela. — No entanto, acho

que minha maior preocupação é comigo mesma, pois não sei o que acontecerá se eu estiver grávida na cerimônia de casamento e o vestido não couber em mim, nem o que farei se Robert me abandonar e eu tiver um filho ilegítimo.

Quanto mais a escutava, mais convencida eu ficava de que Mary Ann não sabia muito bem como se engravidar, muito menos como poderia verificar se estava de fato grávida ou não, mas tentei tranquilizá-la:

— O vestido de casamento está perdido, não é mesmo? Então esta já é uma questão encerrada. Quando casar com Robert, você precisará comprar um novo. Como alternativa, vocês podem fazer o que Henry e eu fizemos... Uma simples formalidade legal, sem exagero, sem afetação. Não que eu não fosse gostar de um vestido bonito e de uma grande cerimônia, mas às vezes a conveniência deve prevalecer sobre o romantismo. Quanto à sua segunda preocupação, há pessoas que podem ajudá-la, se for preciso. O problema deve ser enfrentado quando surgir, não antes. Não há nada mais a ser feito.

Mary Ann, no entanto, não largaria sua cruz com tanta facilidade. Ela chegou a sugerir que aquela terrível experiência no barco salva-vidas era o modo que Deus encontrara para puni-la.

— Isso não faz o menor sentido! Por que Deus puniria todos nós por algo que você fez?

Pelo modo como me olhou, ela devia acreditar que eu seria capaz de responder a essa pergunta melhor do que ela. Tentei explicar-lhe que minha opinião era de que ela não cometera pecado algum, que eu mesma tivera relações com Henry antes de nossa ida ao magistrado e que a ideia de transgressão apimentara a aventura. Minhas palavras, no entanto, não eram páreo para quase dois milênios de doutrina cristã. A lua banhava o barco com uma luz prateada quando Mary Ann aproximou-se discretamente do pequeno diácono e confessou-lhe ao pé do ouvido toda a sua história. Vi quando o diácono tomou entre as mãos o rosto estreito de Mary Ann e com o polegar fez o sinal da cruz em sua testa,

primeiro mergulhando a mão por cima da amurada, como se o oceano fosse apenas uma bacia de água benta convenientemente colocada a seu lado para um caso de necessidade como aquele. A partir daí, Mary Ann pareceu mais tranquila, e um dia ou dois depois disso teve a prova física de que afinal não estava grávida.

Com tantas mulheres a bordo, algumas talvez tenham precisado lidar com o problema do sangramento, mas se isso de fato aconteceu, elas foram discretas e não disseram uma palavra sobre o assunto. Eu me perguntava se o drama que enfrentávamos e a desidratação que afetava nossas glândulas salivares não estariam inibindo também o fluxo menstrual. De todo modo, quando Mary Ann cutucou meu cotovelo e segredou em meu ouvido que suas regras tinham chegado, fiquei indecisa sobre o que dizer. Aproveitei a ocasião para atrair a atenção de Hannah, e ela me deu vários pedaços de pano, rasgados de uma anágua velha, que Mary Ann conseguiu adaptar às suas necessidades. Depois de resolvido o problema, fiz um sinal de agradecimento para Hannah. Pela segunda vez trocamos um olhar mais longo do que seria necessário. Seu meio-sorriso, que no início parecia uma reação amigável a meu agradecimento, logo murchou e ela assumiu uma expressão bem diferente, quase como se estivesse assustada com algo que via em minhas feições ou por cima de meu ombro. Embora minha primeira reação tenha sido a de me virar subitamente para me proteger do que quer que estivesse às minhas costas, não quis romper o contato tão tocante quanto perturbador, e, por fim, foi Hannah quem primeiro desviou o olhar, quando a Sra. Grant chamou-a para pedir-lhe a sacola onde guardava os pedaços de pano.

Naquela noite, a quinta que passávamos no barco, a pergunta que os homens não paravam de fazer era se o proprietário do *Empress Alexandra* mantinha ou não o navio em bom estado de conservação. O Sr. Preston insistia em afirmar que essa era uma questão determinante; não conseguia entender como uma minoria nada desprezível podia pensar que isso não tinha a menor relevância. Não mais. Não quando nada podia ser feito. Em uma

tentativa de provar essa tese, o Sr. Sinclair convidou-nos a participar do que chamou de experimento mental.

— Imaginem que nesta discussão trocamos a palavra “navio” pela palavra “mundo”. O que aconteceria se o mundo estivesse em mau estado de conservação mas não nos fosse possível saber? Além disso, essa ideia nem sequer nos ocorreria. Isso faria alguma diferença?

Após uma pequena pausa para reflexão, ele prosseguiu:

— E agora imaginem que de algum modo descobrimos que, sim, o mundo foi vergonhosamente negligenciado pela pessoa responsável por sua conservação. Isso muda alguma coisa? Muda nossa maneira de levarmos a vida na terra? Minha posição é de que, no caso do mundo e também no caso do *Empress Alexandra*, nos deparamos com o aqui e agora de nossa situação e de que os fatos irreversíveis e insondáveis que nos conduziram até este ponto, este instante, não apenas deixaram de ser importantes como perderam todo e qualquer sentido.

Isabelle perguntou quem era responsável pelo mundo: se o Sr. Sinclair se referia a Deus, deveria dizê-lo na frente de todos. No entanto, se as pessoas fossem responsáveis, claro que elas sempre teriam a possibilidade de reconhecer seus erros e modificar seu modo de agir. Instintivamente olhei na direção do diácono, certa de que ele teria algo a acrescentar, mas ele apenas contemplava o oceano com ar melancólico, guardando os pensamentos para si. Foi Hardie quem se pronunciou:

— Tudo depende de termos ou não a possibilidade de encontrar o patife no futuro. De minha parte, se eu algum dia tiver a chance de estar face a face com meu criador, podem ter certeza de que farei alguns comentários sobre o modo como as coisas são conduzidas aqui nessa maldita terra.

DIA SEIS

Durante aqueles primeiros dias víamos Hardie como uma espécie de oráculo. Seu tipo de encorajamento não era consistente nem abundante, por isso, quando seus prognósticos iniciais deixaram de se concretizar (não fomos resgatados imediatamente e o bom tempo se manteve), não ficamos muito alarmados. O que aconteceu, no entanto, foi que certas pessoas, em busca de detalhes, começaram a bombardeá-lo com perguntas: “O vento vem do oeste ou do sudoeste?”, “Isso é bom sinal ou não?”, “O que devemos esperar quando o céu está vermelho ao amanhecer?” ou “O que significa um halo amarelo-rosado ao redor da lua?”.

— Mudança no tempo — respondeu Hardie.

De fato, no sexto dia o céu azul deu lugar a uma camada de nuvens meio esgarçadas, que apenas aqui e ali abriam-se para mostrar um sol zangado. O vento diminuía durante a noite, mas naquele instante agitava a superfície do oceano, que mudava de cor a todo instante, conforme o sol conseguia ou não atravessar as nuvens. Não era mais verde e transparente ou cobalto e opaco, mas de uma cor escura indefinida, nem cinza nem azul. Pequenas ondas encrespavam-se e quebravam por cima da amurada do barco, o que fez o Sr. Hardie decidir pegar as canecas de lata que mantinha sob seu assento, aquelas que usávamos para beber, e escolher entre nós mais duas pessoas para retirar a água acumulada, apesar da advertência do Sr. Nilsson de que isso contaminaria nossa água potável com sal. Ele nos fez memorizar uma detalhada lista de

tarefas: além dos cinco que esvaziavam o barco e dos quatro sentados ao longo da amurada, cuja função era observar uma possível aproximação de navios, outros dois foram designados para ficar de olho no barco salva-vidas que ainda balançava a distância, e quatro pessoas de cada vez manejavam os remos, encarregadas de manter a proa do barco contra as ondas para impedir que quebrassem sobre a borda. Seis mulheres receberam a incumbência de examinar o mar em busca de algum sinal de peixe, mas a superfície corrugada minava nossos esforços. Em determinado momento, uma mulher magra chamada Joan assustou a todos ao exclamar "Ali um!", mas tratava-se apenas do peixe pego pelo Sr. Hardie, que ele prendera na lateral do barco para conservar a carne na água fria do oceano. A cada hora o coronel gritava "Hora da troca!", ao que trocávamos de tarefa ou descansávamos em nossos lugares ou íamos aos pares ou trios dormir sobre as pilhas de cobertores que não conseguíamos manter secos mesmo protegidos pela cobertura de lona do barco. O Sr. Hardie fazia da hora das refeições um grande acontecimento, ainda que nossa porção de água tivesse sido severamente reduzida e recebêssemos apenas um pedaço de peixe ou uma pequena bolacha dura. Duas vezes por dia o diácono era chamado para dar a bênção, e naquela noite Hardie segurou o segundo peixe bem no alto para uma bênção do céu.

Hannah estava de mau humor aquele dia. Primeiro, chutou o pé de Mary Ann por julgar que seu território fora invadido. Magoada, Mary Ann chorou baixinho, abafando os soluços na manga do casaco. Depois, enquanto tomávamos o café da manhã, Hannah perguntou:

— Se vamos ser resgatados logo, por que o senhor está nos matando de fome?

Talvez fosse inevitável considerar Hardie culpado por nossa fome e talvez também pela situação que enfrentávamos, mas eu tinha a sensação de que Hannah não o culpava de fato. Na verdade, ela parecia indiretamente estimular o descontentamento nos outros,

pois dava um sorriso triste e acenava com a cabeça na direção da Sra. Grant quando alguém começava a resmungar e fazer eco às suas reclamações. Eu também ficava de olho no peixe e nos tonéis de água, me perguntando por que motivo Hardie os economizava.

Apesar da orientação de que ninguém trocasse de lugar sem permissão, Hannah disse, bem alto e em tom provocador:

— Chega, Mary Ann, pare de fungar. Vou trocar de lugar com você.

E espremeu-se ao lado da Sra. Grant, deslocando sem nenhuma cerimônia Mary Ann, que fulminou Hardie com um olhar rápido de indignação. Hannah, no entanto, olhou-o bem dentro dos olhos no que me pareceu um claro desafio, e ele não disse nada. Tenho a impressão de que talvez Hardie tenha perdido parte da autoridade naquele dia. Ele deveria ter exigido que Hannah voltasse para seu lugar, mas não o fez, e depois já era tarde demais.

Sem ajuda, Mary Ann não teve como opor-se à determinação de Hannah e por fim foi ocupar um lugar livre junto à amurada, ficando assim no lado oposto ao banco em que estávamos eu e o Sr. Preston. Hannah então inclinou a cabeça na direção da Sra. Grant, e à hora do jantar quase todos resmungavam também, embora o motivo não estivesse inteiramente claro.

A força do vento aumentara regularmente ao longo do dia, e no instante em que Hannah e duas outras mulheres deixaram seus lugares para abordarem Hardie com a exigência de que as porções do jantar fossem aumentadas, uma grande onda quebrou contra o flanco do barco, encharcando quem se encontrava a bombordo e atirando ao mar, por cima da borda, uma das mulheres que haviam se levantado. Hannah só escapou porque se agarrou à Sra. Hewitt, uma passageira gorda e calada, que gritou e caiu no fundo do barco. Ouvi alguém chamar o nome de Rebecca Frost, que fizera parte da equipe de funcionários do *Empress Alexandra* e que se mantivera até aquele momento sentada quieta em seu lugar nos fundos do barco. Embora nunca tivesse falado com Rebecca, eu a vira lançar olhares de admiração para Hannah, os quais eram

retribuídos com um sorriso. Agora, no entanto, Rebecca se debatia na água, atrás do barco, até ser engolida por uma onda. Uma segunda onda quebrou acima de sua cabeça, mas de novo ela emergiu da água azul-escura quase preta, e lembro-me de seus olhos suplicantes que pareciam fixar-se diretamente nos meus.

— Façam alguma coisa! — gritei.

Em seu depoimento, Hannah sustentou que ela e a Sra. McCain foram as únicas que insistiram para que Hardie fizesse alguma coisa e que eu me limitara a observar passivamente, o que prova que ela não estava tão atenta quanto afirma.

O Sr. Hardie estava de pé na popa do barco, contra um fundo de nuvens empalidecidas pelo sol semiencoberto. A água escura cobria Rebecca até o nariz. Mechas de seus cabelos moviam-se como enguias pretas diante de seus olhos, e suas mãos muito alvas agarravam o ar, implorando por ajuda.

— Sentem-se! — ordenou Hardie.

Hannah, depois de quase ter caído no mar, resolveu obedecer, e ao menos uma vez na vida se manteve calada, enquanto eu perguntava, aos gritos:

— Ninguém vai ajudá-la?

Dois homens levantaram-se e fizeram menção de lançar a boia salva-vidas para Rebecca. O barco balançava para todos os lados com a redistribuição do peso, a cada movimento deixando entrar mais água pela borda.

— Os baldes! — gritou Hardie. — Onde estão os baldes? Vamos, mexam-se, façam alguma coisa! — E arrancou a boia das mãos de seja lá quem a estava segurando.

A Sra. Grant exclamou:

— Lá está ela!

E apontou para Rebecca, que agitava freneticamente as mãos na direção do céu e tentava inutilmente dizer alguma coisa, só conseguindo emitir sons abafados e engolir mais água. Seu vestido ondulava a sua volta, sua touca estava bem firme sobre as orelhas, e, embora o colete inflável servisse para manter sua cabeça acima

da água, não impedia que as ondas a fizessem submergir ou que a corrente a afastasse de nós. Sua expressão era mais de surpresa do que de pavor, e pensei tê-la ouvido pedir, quase com delicadeza:

— Aqui, Sr. Hardie, aqui.

Ela tinha certeza de que seria salva, como todos nós tínhamos até então. O mar estava agitado como nunca, e o nível da água no fundo do barco não parava de subir. Hardie desperdiçava minutos preciosos fazendo com que os encarregados de escoar a água retomassem o trabalho, pois estavam todos com os olhos fixos em Rebecca ou segurando-se para não serem levados ao chão pelo balanço do barco. Naquele instante, ocorreu-me que o resgate de Rebecca definitivamente não era algo garantido.

Foi só depois do que me pareceu uma eternidade que Hardie ordenou aos remadores que seguissem na direção dela, e quando afinal ele a tirou da água, não tive a sensação de que aquele fosse um gesto heroico. Hardie transmitia mais do que nunca a impressão de que se julgava onipotente e capaz de moldar a natureza e os fatos de acordo com sua vontade, mas naquele momento essa capacidade parecia apresentar um leve toque de maldade. No decorrer dos dias seguintes, tentei acreditar que sua hesitação em resgatar Rebecca provinha de uma sincera indecisão sobre como efetuar o resgate com segurança, levando em conta a superfície encapelada do mar, a superlotação do barco e o equilíbrio precário dos que tinham se levantado em vez de permanecer sentados, como recomendado. Ao mesmo tempo, perguntei-me — e o Sr. Hardie deve ter feito o mesmo — se Rebecca não teria sido vítima de uma espécie de seleção natural, e também se, já que ela caíra no mar, talvez fosse o melhor para todos. Esses pensamentos foram acompanhados da ideia de que a dedicação de Hardie era voltada acima de tudo para aqueles que se encontravam no barco, não fora dele, fosse qual fosse o motivo para estarem fora. Depois, por baixo de tudo infiltrou-se na caixa-forte de minha mente, como água através de uma fenda mal calafetada, a ideia de que Hardie

tentava nos dar uma lição. Ah, eu sabia que meu destino estava em suas mãos: essa não era uma lição que eu precisasse aprender.

Não acredito que eu tenha sido a única a chegar a essa conclusão, dado o silêncio que se instalou entre nós, tenso e fino como uma corda, e o número de vezes que flagrei um ou outro passageiro com o olhar fixo em Hardie depois que ele afinal içou Rebecca e que as italianas tiraram-lhe as roupas encharcadas e apertaram-na contra seus corpos sob os cobertores. Havia medo nos olhos delas, tanto quanto respeito e admiração, embora não fosse o caso de Hannah e da Sra. Grant. Claro, esse estranho clima podia ser por causa do vento, que parecia se ocupar em nos esmagar mais do que em soprar, ou a fome, ou ainda o fato de muitos estarem agora molhados até os ossos; além do fato de que, claro, Rebecca quase tinha morrido diante de nossos olhos. Ficamos sentados em nossos lugares, tremendo como cães escorraçados, enquanto a Sra. Grant se aproximava de Rebecca com passos prudentes para confortá-la. O barco balançava, o Sr. Hardie gritava com o pessoal que escoava a água e as italianas emitiam um coro de lamentos operístico com os rostos trágicos voltados para o céu. A Sra. Cook, que, quando não estava contando histórias, mostrava-se estranhamente submissa, não cansava de passar um pano úmido no cabelo de Rebecca, sabe-se lá para quê. Hardie ergueu a lata de biscoitos na direção do céu sombrio de final da tarde enquanto o diácono, imprimindo um falso entusiasmo à voz, fazia as repetidas menções a Jesus Cristo, e por fim, desanimados e tristes, comemos nossa porção de biscoitos duros.

Não sei no que Rebecca estava pensando, se é que pensava em algo. Durante muito tempo permaneceu agachada no dormitório, calada. Em determinado momento, falou:

— Se pelo menos o pequeno Hans estivesse aqui...

Via-se que ela tremia sob os cobertores úmidos.

— Bem, não temos lugar para ele — retrucou Hardie, ríspido.

Ele não era o único que demonstrava mau humor. O Sr. Hoffman e seu amigo Nilsson conversavam em voz baixa e de vez em

quando seus olhares iam de Rebecca para a amurada do barco, muito baixa em relação ao mar mas sem dúvida não mais baixa do que antes, e pude perceber que, para eles, Hardie tinha tomado a decisão errada ao tirar Rebecca da água.

Durante a noite o vento acalmou, mas baixou uma forte cerração, que só foi se dissipar ao final de um dia e meio. A essa altura o outro barco salva-vidas não estava mais visível. Não tenho como expressar a falta que me fazia. Saber que outras pessoas estavam, como nós, em algum lugar, não era a mesma coisa que vê-las flutuando mais ou menos perto de nós e às vezes até ao alcance da voz, mesmo que jamais nos aproximássemos o suficiente para reconhecer seus rostos ou decifrar o que diziam.

DIAS SETE E OITO

Em algum momento daqueles dois dias de cerração, todos ouvimos uma sirene de nevoeiro. Não podia ser outra coisa. A Sra. Grant perguntou ao Sr. Hardie se seria possível o outro barco salva-vidas carregar esse instrumento, ao que ele respondeu:

— É possível, mas para mim esse som é de buzina de navio.

Ficamos todos entusiasmados, embora frustrados pela falta de visibilidade. Gritamos até não poder mais. Batemos nas laterais do barco com remos, baldes e qualquer outro objeto que fizesse barulho, mas ao meio-dia o som tinha cessado; e quando a cerração finalmente levantou e vimos que o segundo barco sumira, foi como se uma bruma protetora tivesse se erguido de nossas almas também, deixando-nos perceber com clareza a terrível realidade de nossa situação. Todos nós ouvimos a sirene de nevoeiro... Não havia dúvida quanto a isso, ao contrário das luzes do Sr. Preston. Após muita discussão, durante a qual Hardie avaliou em silêncio o ângulo do sol, o Sr. Preston entendeu que os ocupantes do outro barco salva-vidas tinham sido encontrados e que nossa chance de semelhante resgate deixara de existir. Isso levou o Sr. Nilsson a afirmar:

— Se conseguíamos avistar o outro barco, então eles também nos viam. E jamais permitiriam que um navio de resgate deixasse a área sem montar uma busca.

— O senhor não conhece Blake — murmurou Hardie. — Não temos como saber o que ele teria feito.

— Blake — disse o Sr. Preston — é o oficial que vimos sair da sala de rádio do navio. O que ajudou a baixar nosso barco.

— Ele era o segundo oficial do *Empress Alexandra* — acrescentou Greta.

— É, é — confirmou o Sr. Hardie. — O canalha mais desprezível que já conheci.

O Sr. Preston virou-se para mim e perguntou:

— A senhora conhecia Blake, certo? — Respondi que achava que não. — Então seu marido conhecia. Tenho certeza de que vi vocês três juntos no convés.

Encarei-o com ar de indagação; ele olhou rapidamente para Mary Ann antes de dizer:

— Devo estar enganado.

Tive a impressão, no entanto, de que ele escondia algo. Tentei imaginar o que estaria pensando ou se apenas Mary Ann lhe teria contado uma daquelas histórias que circulavam pelo barco e que pareciam sofrer alterações toda vez que eram passadas adiante.

— Como pode saber que foi o barco de Blake que se aproximou do nosso e não o outro que vimos? — perguntou o coronel. — Desde os primeiros dias, não nos aproximamos deles o suficiente uma única vez para poder vê-los com clareza.

— Era Blake — insistiu Hardie. — O outro barco estava cheio, ao contrário deste. Além disso, repararam que eles nunca chegaram perto de nós?

— Mas foi sua a ordem de não nos aproximarmos deles! — exclamou Hannah.

— Blake é um cão raivoso. Não ouviram aquele camarada barbudo nos contar que ele empurrou duas pessoas para fora do barco dele? Com o comandante fora do caminho, ele me mataria em um piscar de olhos. Ficar longe era o melhor a fazer.

— Ou o mais seguro — retrucou Hannah.

— Mais seguro significa melhor. Vocês não passaram a vida no mar, como eu. Os homens que vão para o mar geralmente são aqueles que querem fugir de alguma coisa!

— É o seu caso? — perguntou Hannah.

Mas eu queria acreditar que Hardie ficara longe do barco de Blake para nos proteger. Foi Hannah quem espalhou que Hardie tinha feito isso visando o próprio interesse.

— Na verdade, não sabemos por que Blake empurrou aquelas pessoas do barco... Talvez tenham causado algum problema. E se no final o outro barco tivesse lugar sobrando? — perguntou a Sra. Grant, finalmente exprimindo algo que estava na minha cabeça havia dias e que talvez estivesse passando pela cabeça dos outros também. — Ainda que o barco estivesse avariado, acredito que poderíamos ter ajudado a consertá-lo e depois transferido algumas pessoas do nosso para lá. Devíamos ter pelo menos tentado. Talvez agora estivéssemos correndo menos risco.

Como muitas coisas que a Sra. Grant falava, a sugestão de consertar o outro barco era vaga e não especificava como o reparo teria sido feito sem materiais ou ferramentas, mas a ideia de que Hardie poderia estar agindo por puro interesse começava a ganhar corpo. Ele tinha sido tão preciso com relação a outros detalhes... Então por que omitira essa história com Blake desde o início? Talvez estivesse mentindo para encobrir seus erros. Talvez fosse ele quem tivesse um passado a esconder.

O coronel se esforçava para levar a conversa de volta a uma direção mais produtiva:

— Aposto que no meio do nevoeiro o outro barco foi atingido por algum navio que passava e afundou sem ser visto. Se os ocupantes tivessem sido resgatados, um deles teria falado sobre nós, qualquer que fosse a opinião de Blake sobre o assunto.

— O navio não teria percebido a colisão? Com certeza teriam sentido o choque e tentariam descobrir do que se tratava — argumentou a Sra. McCain, enquanto a Sra. Cook, tão participativa no início, tinha agora o olhar vazio de uma pessoa em transe.

Hardie se recusava a comentar nossa interpretação dos fatos. Limitava-se a dizer “Talvez sim” ou “Talvez não” quando pediam diretamente sua opinião. Por fim a Sra. Grant falou:

— Tanta conversa sobre resgate... Como se tudo dependesse dos outros. Por mim, deveríamos estabelecer um plano e dar um jeito de nos salvarmos sozinhos.

Isso soprou em mim uma breve lufada de esperança. Era uma ideia tão simples e óbvia que me perguntei por que ninguém ainda a mencionara. A triste verdade era que não tínhamos sido resgatados, portanto não havia razão para permanecermos nas proximidades do navio naufragado.

— Claro! Ajuda-te e o céu te ajudará! — exclamei, e fui logo imitada pelos outros.

Era esse o princípio que norteava minha vida, e, ainda que às vezes pudesse fazer as pessoas que o adotavam parecer egoístas e pouco caridosas, as que o recusavam surgiam aos meus olhos como fracas e parasitas. Quando o sol afinal conseguiu atravessar a neblina, tentei encará-lo, ainda que com relutância, habituada que estava ao refúgio da noite e à visibilidade limitada. Aqueles dias cristalinos em que era possível enxergar até o infinito, ou pelo menos até a curva do horizonte, onde o mundo mergulhava no nada, me assombravam, porque não havia o que ver. Mas, agora que tínhamos um plano, eu estava feliz de rever o horizonte, pois nosso destino estava lá... no oeste!

“Ajuda-te e o céu te ajudará”, eu repetia sem parar para mim mesma, exatamente como disse para Felicity Close no dia em que ela foi me visitar. Ela seguira Henry uma vez, e assim descobrira onde eu morava. Estava bem vestida, mas lhe faltava encanto, e pensei que poderíamos ter sido amigas se não fôssemos rivais. Falei que éramos ambas pessoas sensatas e que o bom senso deveria prevalecer. A maior parte do tempo, no entanto, eu apenas a ouvi. Uma das coisas que ela me falou foi que Henry estava impregnado de tradições que eu não poderia sequer começar a compreender e cuja falta, ela receava, ele lamentaria quando caísse em si. Disse também que aquela situação estava em completo desacordo com o caráter de Henry e que ele nada tinha de impulsivo ou romântico. Será que estávamos falando do mesmo

homem?, eu me perguntei. Tendo dito o que tinha a dizer, ela foi embora. Apesar de sentir pena dela, eu percebia que libertara Henry, tanto da tradição quanto do cerceamento emocional, algo de que a correta Felicity jamais seria capaz. Foi essa constatação que acabou com qualquer sentimento de culpa que eu pudesse ter.

A Sra. Grant mantinha-se em vigília constante. Estava sempre de preto e com o cabelo tão puxado para trás que mesmo uma semana de vento e ondas não havia sido suficiente para desarrumá-lo. Seus olhos não hesitavam diante do vazio do oceano. O sol queimara seu rosto, por isso sua pele estava descascando e com um tom moreno; ainda assim, ela mantinha o olhar fixo no mar. Eu gostava de pensar que, se um navio aparecesse no horizonte depois de todo aquele tempo, seria porque ela o atraía puramente com sua determinação e o ardor de sua vontade. Eu percebia o efeito que ela tinha sobre alguns passageiros, que não hesitavam em inventar pretextos para se aproximar dela ou tocar seus ombros enquanto ela cumpria suas obrigações. Eu via tudo aquilo e acredito que compreendia, mas ainda assim olhava para Hardie como o alicerce de minha força.

Hardie continuava acreditando que era prudente permanecer perto do local em que o navio afundara, de onde tinham sido emitidos os sinais de perigo e no qual também ouvíramos as sirenes de nevoeiro, mas o argumento da Sra. Grant prevaleceu. Assim, quando, por volta do meio-dia, o vento voltou a ganhar força, Hardie apressou-se a transformar a cobertura de lona do barco em uma vela, prendendo-a a dois remos com tiras cortadas de um dos cobertores com sua faca. Cortou em seguida parte da corda de salvamento que circundava o barco e usou-a para puxar a vela e liberá-la de novo, dependendo da intensidade e da direção do vento. Depois de enfiar o remo no buraco do mastro, estabeleceu um rumo que, imagino, fazia sentido para ele. Para mim e os outros, o horizonte à frente não podia ser distinguido do horizonte às nossas costas ou de qualquer um dos lados. Ainda assim, senti confiança ao constatar que o Sr. Hardie tinha um plano. Suas mãos

estavam sempre em movimento, e se a Sra. Grant personificava a força tranquila, Hardie encarnava a ágil impetuosidade.

Os remadores manejavam os remos com presteza, e em pouco tempo navegávamos tão depressa que quase tivemos esperança de a qualquer instante ver a costa americana erguer-se diante de nossos olhos. Manobrando a longa barra de madeira do timão que estava presa ao leme e controlava seu movimento, Hardie apontava o barco tanto quanto possível para o vento, que chegava até nós por bombordo e fazia com que o mar agitado parecesse muito mais encapelado do que antes. Como a tendência da vela era empurrar o barco para dentro da água, precisávamos contrabalançar a inclinação com nosso peso. Isso exigia atenção constante de nossa parte, e manter a amurada fora da água ou evitar que o barco emborcasse tornou-se uma espécie de jogo perigoso.

Rebecca, que estava febril e gripada desde que caíra no mar, agora fitava ao redor com olhos vidrados. Em determinado momento pousou o olhar no Sr. Hardie e gritou:

— Pai, pai! O cachorrinho correu para a estrada!

A Sra. Grant fez o possível para acalmá-la, e Hannah murmurou:

— Não há cachorro algum aqui, Rebecca. Você está se lembrando de alguma coisa de muito tempo atrás.

Ouvir isso deixou Rebecca furiosa e transtornada. Lágrimas desciam de seus olhos.

— O senhor nunca gostou dele mesmo, não é? — prosseguiu ela. — Foi só para agradar a minha mãe que o senhor o comprou para o pequeno Hans.

Embora esses comentários parecessem dirigidos a ele, Hardie não respondeu, preferindo concentrar-se nas muitas tarefas que se impusera e que nenhum de nós compreendia. Por fim, a Sra. Grant tirou um pedaço de pano de uma sacola que mantinha sob seus pés, enrolou-o bem e colocou-o nas mãos de Rebecca.

— Ele está a salvo, querida. Seu cãozinho está a salvo.

Balançando-se para a frente e para trás no fundo do barco, sem se incomodar com a água acumulada, Rebecca afagou seu animalzinho imaginário pelo resto da tarde.

Com o vento mantendo-se forte, não levou muito tempo para o barco cortar o oceano a toda velocidade. Os responsáveis pelos baldes estavam concentrados em sua tarefa, porém o nível da água no fundo aumentava muito depressa, e imaginei que talvez houvesse um vazamento. Quando chegou a minha vez de baldear a água, comecei a examinar a madeira próxima a meus pés na tentativa de descobrir algo que parecesse um buraco. De repente me vi contemplando a água que se agitava ao redor de meus tornozelos. Foi como se eu tivesse acordado de um sono profundo. Não sei quanto tempo eu passara olhando o vazio, mas quando “acordei” estava tomada por uma fraqueza profunda, minha vista perdera o foco e eu ouvia apenas trechos desconexos das conversas em voz baixa que se desenrolavam a meu redor. Por exemplo, ouvi claramente quando Hannah afirmou:

— Havia alguma coisa entre Hardie e aquele tal oficial Blake. Poderíamos estar a salvo agora.

Mas só entendi a última parte da resposta da Sra. Grant:

— ... nada referente à navegação... esperar nossa hora.

Quando Hardie largou a vela, anunciando “Está ventando demais” e “Com essa água toda, o barco está muito pesado para navegar”, e apossou-se de um balde, nem a Sra. Grant protestou, pois na mesma hora o barco se aprumou e o mar, que a todo instante ultrapassava a borda, passou a lançar apenas borrifos intermitentes. Foi o momento certo de parar, pois a água agora batia no alto de minhas canelas. Redobrei meus esforços com o balde, mas a fraqueza que anuviava minha mente atingia também minhas pernas. Foi então que Hardie disse, imagino que em voz baixa, embora eu tenha a sensação de que todos o ouviram, e nesse caso ele deve ter gritado para sua voz se sobressair ao vento e às batidas da vela improvisada que se agitava na proa do barco, onde havia sido colocada para secar:

— Se não aliviarmos o peso, afundaremos como uma maldita pedra.

Não havia razão para duvidar dele. Observei a pilha de cobertores molhados, os tonéis de água e as latas de biscoito que Hardie só faltava esconder embaixo de seu banco, o amontoado de objetos pessoais guardado sob os assentos ou flutuando na água salgada: a bolsa empapada da Sra. Grant, sobre a qual ela repousava os pequenos pés, a caixa-forte do coronel, o urso de pelúcia do pequeno Charlie. Então pensei comigo mesma que aquilo não nos fazia falta, sem refletir que na verdade precisávamos da comida, da água e dos cobertores para sobreviver e que as outras coisas pesavam dez quilos no máximo, ou seja, dificilmente fariam a diferença entre a salvação e a morte.

Os outros devem ter compreendido antes de mim aonde Hardie queria chegar, pois a onda de consternação foi tão gelada quanto a água que vez ou outra respingava em nós. Houve um leve murmúrio. Minha perna tocava a do diácono, que tinha se virado para ver de frente o que ele passara a chamar de seu rebanho: era como se uma descarga elétrica fosse transmitida de seu corpo para o meu, e então compreendi que o Sr. Hardie esperava por voluntários.

— Por que o senhor mesmo não se oferece? — perguntou Hannah, zangada, como se a água cada vez mais alta fosse problema apenas de Hardie e não dela ou de qualquer outra pessoa.

— O barco está pesado demais para navegar com vela. Não estamos conseguindo baldear a água com a rapidez necessária. Do jeito que está agora, o vento não passa de uma brisa. E mesmo se desistirmos da ideia de avançar, caso chegue uma tempestade, será tarde demais.

Todos olharam para o mar. Eu tinha baldeado água durante mais de uma hora sem desgrudar os olhos do fundo do barco, por isso tinha uma percepção distorcida do tipo de água de que falávamos. Ali a meus pés havia apenas uma poça de uns trinta centímetros de

profundidade, esverdeada mas essencialmente transparente, e cheia de sapatos de couro de vários tipos, todos molhados. Agora eu percebia meu erro. A água da qual Hardie falava era azul quase preta e passava por nós como um interminável cardume de baleias. Nosso barco alternadamente subia nos amplos dorsos das baleias e deslizava nas profundas depressões formadas entre elas.

Acima de nós, as nuvens corriam ao vento em disparada. De olhos fechados e com as mãos juntas sob o queixo, o diácono murmurou:

— Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum.

Eu tremia, e pela primeira vez desde o dia do naufrágio senti um medo aterrador. Estávamos condenados. Disso eu tinha certeza, ou quase, mas ainda assim olhei para Hardie, que, com a silhueta recortada contra o céu na traseira do barco, nos observava, esperando pacientemente que percebêssemos a gravidade da situação e demonstrássemos alguma reação ao que ele dissera.

O diácono foi o primeiro a se manifestar, mas era apenas uma estratégia para ganhar tempo:

— O que quer dizer com isso? O senhor precisa explicar tudo com muita clareza. Quando soubermos quais são nossas opções, tenho certeza de que poderemos tomar uma decisão racional.

— Acredito que o senhor saiba — respondeu Hardie. — Amanhã, se o tempo continuar a piorar, a água irá invadir o barco mais depressa do que conseguimos esvaziá-lo. Eu diria que levaremos menos de um minuto para afundar depois que a água chegar a este ponto.

Ao dizer isso, ele bateu na madeira apenas alguns centímetros acima da altura que a água já atingira. É evidente que não passava de especulação, mas eu tomava como certo tudo que Hardie dizia.

Enquanto faço essas anotações, percebo que dou a impressão de que estávamos tendo uma conversa nos moldes das que se desenrolam em salas de estar, acompanhadas de chá e biscoito, quando, na verdade, meus companheiros precisavam falar muito

alto para que suas vozes encobrissem o ruído do vento e do quebrar das ondas. Várias pessoas gritavam ao mesmo tempo. As palavras ficavam embaralhadas pelo vento e era impossível dar-lhes sentido integral.

— Se não formos resgatados, claro — confirmou o diácono, em desespero. — O senhor mesmo disse que nos encontraríamos.

— Sei muito bem o que eu disse, mas não nos encontraram ainda, não é mesmo? — Hardie então nos ofereceu sua interpretação das sirenes de nevoeiro que ouvimos: — Estou convencido de que era a sirene de nevoeiro de um navio grande. Se esse navio colidiu com o outro barco salva-vidas, e não estou dizendo que foi o que aconteceu, as pessoas a bordo do navio jamais teriam percebido, do mesmo modo como não perceberíamos se pisássemos em um graveto ou em um palito de fósforo. E se, por milagre ou acaso, o outro barco foi resgatado e tentou nos encontrar, a triste realidade é que não conseguiu.

Houve silêncio no barco, seguido de murmúrios irritados. A decepção levou meu coração ao chão. Eu me sentia acima de tudo enganada, embora parte de mim reconhecesse que Hardie só concordara em erguer a vela porque sua esperança de resgate tinha definhado e talvez até sumido. Naquele momento eu odiava Hardie, mas também o amava. Precisava dele, ao menos, e queria que ele soubesse disso. Para agradá-lo, ou pelo menos para atrair sua atenção, exclamei:

— Não devemos culpar o Sr. Hardie por nos dizer a verdade!

Para minha tranquilidade, o murmúrio no barco diminuiu. Tenho certeza de que Hardie lançou-me um olhar de aprovação, e por um instante meu ânimo foi às alturas, para logo se estabilizar em um nível bem superior ao de apenas alguns segundos antes. Meu olhar cruzou com o do pobre diácono e uma sensação de triunfo invadiu meu peito.

— A tua vara e o teu cajado me consolam — acrescentei, e fui recompensada com um sorriso pálido não apenas do diácono, mas

também da Sra. Cook, que por um breve momento deixou a apatia de lado e bateu de leve em minha mão.

— Ainda que o vento parasse imediatamente e conseguíssemos tirar toda a água do barco, não adiantaria, pois só nos restam um pedacinho de peixe e poucas gotas de água. Sem água, não aguentamos seis dias.

— Seis dias! Muita coisa pode acontecer em seis dias! — cortou o diácono, recuperando parte do antigo ardor. — O mundo foi criado em seis dias!

— Só peço que pensem nisso — gritou Hardie, e em seguida anunciou uma troca de turnos.

Ele ordenou que o Sr. Nilsson usasse o leme para manter o nariz do barco na direção do vento, enquanto ele mesmo empenhava-se freneticamente em retirar a água verde e calma do fundo do barco e devolvê-la por cima da borda a seu irmão escuro e agitado. Mais sete trocas de turno se seguiram. Sete horas se passaram, sete horas em que me mantive atenta a cada segundo, a cada leve golpe do vento em meu rosto, a cada interminável instante de pavor, a cada mínimo detalhe daquele cenário desolador. Lembrando-me disso agora, no entanto, é como se aquele tempo todo houvesse transcorrido em um piscar de olhos. Uma após outra, as ondas quebravam por cima da proa do barco, inutilizando horas de trabalho árduo em um só instante, e ainda assim Hardie insistia em retirar água, recusando-se a colocar seu balde em mãos menos capazes.

Deixei-me ser tomada por uma grande prostração, uma resignação tão intensa que senti que conseguiria aceitar com serenidade o futuro, qualquer que fosse. Não sei se foi porque confiei minha vida ao Sr. Hardie ou porque sabia que, se morresse, seria com ele. O que quer que tenha que recair sobre mim, que seja; ao meu redor, no entanto, os demais passageiros não estavam tão dispostos assim a se resignar. A Sra. Grant abriu caminho até o centro do barco e fez uma preleção sobre a força de vontade humana, o que inspirou o diácono a evocar a vontade

divina, e até Mary Ann fez uma breve pausa em suas lamúrias para atacar o Sr. Hoffman, acusando-o de não ter fé quando era justamente aquilo de que mais precisávamos.

Em algum momento daquela noite consegui dormir, embora tivesse imaginado que isso seria impossível. Apenas poucos minutos depois, segundo minha tortuosa percepção, Mary Ann me sacudia.

— É Rebecca — disse ela, tremendo descontroladamente.

Vi uma das italianas estender o braço para afastar uma mecha de cabelo dos olhos de Rebecca, e então constatei que sua boca estava aberta e os olhos, revirados.

O diácono fez uma prece por ela e o coronel entregou seu colete salva-vidas a uma das duas irmãs. Em seguida, Hardie e o coronel ergueram o corpo de Rebecca e o lançaram ao mar. Seu vestido, que ela tornara a usar depois de seco, inflou-se e flutuou a seu redor, como asas, mantendo-a à tona por um minuto ou dois. Depois o corpo afundou, levando consigo também meus últimos resquícios de esperança.

HENRY

A primeira vez que vi Henry foi quando sua foto apareceu na coluna social do *New York Times*: “filho de... trabalhando com... ficou noivo de...”, et cetera, et cetera, no meio de uma infinidade de detalhes sobre sua suntuosa festa de noivado e a fantástica origem da família de sua futura esposa. Eram informações que me intrigavam, ainda mais por chegarem no momento em que um emprego de governanta, como o de minha irmã, parecia ser o objetivo final a que minhas expectativas cada vez mais limitadas almejavam. Eu fora criada para acreditar em um leque cada vez mais amplo de perspectivas, já que meu caminho, desde o nascimento, estava destinado a unir-se a riachos e correntes cada vez maiores de possibilidades, até o dia em que fosse depositada em um delta fértil, onde o último dos largos rios finalmente encontraria um oceano de oportunidades. Agora essa metáfora parece agourenta, mas na época se mostrava adequada, e aquele destino ensolarado e cintilante no qual eu estava condicionada a pensar não era outro senão a felicidade perpétua da vida de casada. Na ocasião da derrocada de meus pais, Miranda namorava um jovem médico, mas o relacionamento não sobreviveu ao ano tumultuado da morte de nosso pai. Em vez de ficar arrasada pelo afastamento do médico, porém, Miranda pareceu apenas momentaneamente desanimada. Passou em revista as opções que se ofereciam, pediu cartas de recomendação e aconselhou-me a nunca depositar minha sorte nas mãos de um homem.

— Mas você vai precisar trabalhar! — argumentei, não acreditando nem por um momento que sua opção a deixasse feliz.

— Serei dona de minha vida — respondeu ela.

— Estará apenas um pouco acima de empregada doméstica — retruquei.

No entanto, se Miranda seguia um princípio ou se o princípio veio depois, para ajudá-la a aceitar a única solução em que conseguia pensar, ela nunca confessou, e partiu então para Chicago, deixando-me com a incumbência de encontrar acomodação a preço acessível para nossa mãe e para mim no andar superior da casa de um conhecido de nosso advogado. Tínhamos vendido a maior parte de nossos móveis e encaixotado o restante dos pertences. Imaginando que essa solução seria temporária, eu desembalava apenas o que precisávamos para o dia a dia, deixando o restante das caixas empilhadas em um canto de um cômodo vazio.

O fato de Henry já estar noivo me parecia o menor dos obstáculos. A meus olhos era até um ponto positivo, pois como eu teria sabido da existência dele se não pela notícia de sua festa de noivado no *Times*? Na mesma edição, que caiu em minhas mãos quando abria uma caixa de taças de cristal que por algum motivo escapara da venda, descobri um artigo intitulado BOLSA DE LONDRES EM FESTA, que falava de ouro e obrigações de curto prazo e mencionava exatamente a empresa sobre a qual eu lera no parágrafo referente ao trabalho de Henry. A tarefa de desembalar as taças foi esquecida, pois comecei a apressadamente examinar o jornal à procura de uma data. Descobri que o exemplar era de mais de três meses antes.

Já em nosso terceiro encontro Henry me apresentou sua teoria de que todas as pessoas são destinadas a um grande amor e que se ele tivesse a sorte de encontrar um durante sua vida, o ignoraria por sua conta e risco. Respondi que, em minha opinião, pouquíssimas pessoas tinham a felicidade de nascer no mesmo local e na mesma época de seu grande amor; as outras, talvez em maior número, tinham nascido antes ou depois do momento ideal.

Pensei em minha mãe, que, pela distância de vários séculos e pelo menos um continente, perdera a oportunidade de ser arrebatada por um cavaleiro arrojado. Não muito tempo depois dessa declaração, no entanto, Henry deixou de ir ao local de nosso encontro. Enquanto eu tentava maquinar explicações alternativas, suspeitava que ele estivesse com a noiva.

— Fiquei preocupada com você! — exclamei, atirando-me em seus braços quando ele apareceu no dia seguinte. — Sabia que devia ser alguma coisa importante, caso contrário, você teria vindo.

— Era importante — limitou-se a responder, com ar sombrio.

Pelo restante da noite, porém, Henry mostrou-se mal-humorado e quieto, parecendo não entender o que eu dizia, até afinal me comunicar que passaria algum tempo fora da cidade e que viria me buscar quando voltasse. Três dias depois ele apareceu à minha porta, pálido e com aspecto debilitado. Fiquei eufórica ao vê-lo, pois o emprego de governanta começava a se associar a nomes e datas, e eu via a corrente de possibilidades correr para trás, na direção do charco fétido de um emprego servil.

— Não fui verdadeiro com você! — confessou Henry quando peguei meu xale e saímos para a rua sozinhos, ou tão sozinhos quanto conseguíamos no bairro miserável onde minha mãe e eu morávamos agora.

Crianças maltrapilhas brincavam no quintal e desafiavam umas às outras a pedir dinheiro a Henry, que, embora em geral fosse alegre e generoso, nem chegou a reparar nelas.

— Você deve ter tido suas razões — respondi.

Mas o fato de eu ter me doado completamente a ele e não me importar com sua deslealdade serviu apenas para deixá-lo com uma expressão ainda mais desolada e atormentada. Ele ajoelhou-se no chão imundo e declarou que não se moveria dali até eu aceitar me casar com ele.

Puxei-o pelo casaco e respondi depressa:

— Claro que me caso com você!

Mas também não parecia ser isso que ele queria ouvir, pois permaneceu ajoelhado à minha frente, até que gritei:

— Henry! O que está acontecendo?

Tentei ser o mais convincente possível, pois começava a temer que houvesse algo errado com ele, que estivesse doente ou até morrendo e que se preocupasse por ter arrancado de mim a promessa de casar com ele sob falsos pretextos aos quais estava comprometido, ainda que sua decisão estivesse tomada.

Por fim, como não consegui pensar em outra coisa a fazer, caí de joelhos a seu lado e ali permanecemos, na companhia de crianças curiosas que, agora estimuladas por nossa estatura reduzida, nos rodeavam arrastando os pés na terra e querendo desesperadamente conseguir de Henry algumas das moedas que ele sempre guardava no bolso, porém se sentiam inibidas pela emoção que se desprendia de nós, forte como o campo magnético que emanava do centro da Terra, e também pelo espanto, pois tenho certeza de que até então nunca tinham visto adultos se comportando daquela forma.

Os olhos de Henry haviam adquirido um ar sombrio; agora eu os compararia com a cor do mar quando nuvens pesadas se acumulam no alto, mas é óbvio que a comparação não me ocorreu naquele momento. Eu não pensava em nada, estava aterrorizada, incapaz de descobrir o que levara o homem charmoso e tranquilo que eu amava a ajoelhar-se naquele pedaço de terra que não era um terreno rico e de cheiro agradável, produto de várias gerações de evolução natural, mas uma combinação de estrume de cavalo e água de lavagem, sujeira de botas e restos de comida estragada demais até para ser consumida por crianças miseráveis. Depois percebi, com um choque que parecia saltar como fogo primordial dos olhos febris de Henry para os meus, que o motivo que levara Henry a ajoelhar-se naquele terreno imundo era eu.

Estendi as duas mãos, não mais amedrontada porém ainda incerta sobre o que fazer com meu poder, e declarei:

— Eu encontrei meu único e verdadeiro amor.

Tomei suas mãos quentes entre as minhas, frias, e afirmei-lhe que não me importava que tivesse mentido para mim, contanto que fosse por uma boa razão, e eu confiava que assim fosse.

— Acho que não suportaria uma mentira de fins levianos — brinquei, na tentativa de arrancar-lhe um sorriso, mas Henry era a personificação da tristeza. Parecia magro e cativante, muito diferente do banqueiro mundano que eu até então imaginara que fosse.

— Menti para você duas vezes — admitiu Henry. — Não saí da cidade, mas isso é o que menos importa. A maior mentira é que sou comprometido e ainda não desfiz o noivado. Pensei em desfazer, mas quando fui...

Claro que eu sabia que ele era noivo, mas a confissão, vinda de seus lábios lívidos, atingiu-me como se só então eu tomasse conhecimento do fato.

— Mas então como pode me pedir... — comecei. — Como posso...

Fiquei paralisada pelo dilema: quem deveria ser o sujeito da frase e quem o objeto? Ele fizera alguma coisa terrível para mim ou eu para ele? E agora que ele havia confessado, eu deveria fazer o mesmo? Era o que eu queria. Queria me jogar na sujeira e implorar seu perdão, pois percebia com surpresa que, ainda que amasse a posição social de Henry, eu o amava ainda mais como homem. Não cheguei a considerar se, sem sua posição social, Henry seria a mesma pessoa, embora pergunta tenha me ocorrido muito ligeiramente — não por motivação egoísta, mas porque o mesmo se aplicava a mim: eu seria a mesma Grace se alguns aspectos de minha personalidade, com os quais Henry contava, fossem destruídos e descartados?

O que eu de fato pensava era que Henry precisava de algo de minha parte: ele precisava que eu fosse forte. Pensei no que acontecera com minha família quando meus pais ruíram, quando nenhum dos dois decidira lutar por si mesmos, por sua casa ou por suas filhas. Todos nós sofremos com isso. Fora egoísmo da parte

deles ter sucumbido, e eu não faria o mesmo com Henry nem comigo.

Afirmei para Henry que sempre o amaria e que voltaríamos a falar em casamento quando ele melhorasse, porque eu não queria me aproveitar de sua doença ou do que quer que explicasse seu estado de fraqueza, e mandei-o para casa com um beijo e a promessa de apoiá-lo do mesmo modo que, eu tinha certeza, ele me apoiaria.

— Qualquer que seja a decisão que se faz necessária, você precisa tomá-la sozinho. Pretendo ajudá-lo, mas não o influenciarei.

Eu tremia, tamanho o esforço que fazia para me controlar, e, embora soubesse que não poderia dar-me ao luxo de prescindir da praticidade, mesmo no calor do momento, também sabia que não tinha uma ideia real do que se passava na mente atormentada de Henry.

Depois que ele foi embora, subi para meu pequeno quarto no sótão e rascunhei uma resposta para meu possível empregador dizendo que poderia estar em Baltimore na semana seguinte. Eu ainda não havia consultado os horários dos trens nem buscado outras informações, mas tudo se arranja, eu repetia para mim mesma, sem deixar de pensar em minha irmã em uma labuta infundável em Chicago e alternando a certeza de que também seria capaz com a convicção de que não seria. Depois, escrevi o endereço no envelope e enfiei-o entre as últimas páginas da grossa Bíblia que nem minha mãe abria mais. Imagino que a carta continue lá até hoje.

Henry apareceu na tarde seguinte, já um tanto recomposto. Hesitei quando o vi, pois não queria encher-me de ilusões, mas também não queria deixar totalmente em suspenso as promessas que nos fizéramos. Ao mesmo tempo, senti um calafrio de medo de ter interpretado mal a situação e que a opinião de Henry a meu respeito fosse produto da agitação ou do nervosismo que alguns homens sentem quando se aproximam de uma situação crítica em suas vidas. Também considerei a possibilidade de ele ter estado

doente ou sofrido algum distúrbio mental, por isso, em vez de dar voz às indagações que povoavam minha mente, permaneci em silêncio, pois sabia que o único modo de determinar a verdade seria deixando-o falar.

Eu escolhera um vestido claro e delinearara os olhos para destacá-los em meu rosto pálido. Não era exatamente uma fantasia nem um disfarce, apenas uma forma de comunicação. Eu queria que Henry percebesse que eu não seria forte a ponto de perdê-lo. Queria que visse que, por mais que eu fosse um complemento valioso para suas vidas pessoal e profissional, não seria voluntariosa nem difícil.

— Devo-lhe uma desculpa... várias, na verdade — começou Henry, em tom formal e com apenas um leve resquício de exaltação nos olhos. — Eu me portei mal, e isso não se repetirá.

Ele fez uma pausa, e fui tomada pelo pavor de que aquilo significasse o fim de tudo, de que ele dissesse que iria embora e que se casaria na data mencionada em meu exemplar amassado do *Times*. A cerimônia estava marcada para dali a menos de quatro semanas. Ele voltaria para a noiva após ter feito todas as loucuras possíveis da juventude e eu tomaria o trem para Baltimore apenas com as lembranças do que poderia ter sido... Mas então Henry olhou bem no fundo de meus olhos, e o que vi derreteu o gelo que empedernia meu coração, e eu ousei sonhar. Ousei ter esperança. Minha vontade era correr em sua direção e sacudi-lo até extrair dele as palavras relutantes, pois de um modo ou de outro ele precisava revelar meu destino. Mas não: fiquei imóvel como uma estátua, e mesmo a quase um metro dele podia sentir o calor que irradiava de seu corpo.

— Ainda que eu seja condenado por toda a eternidade pelo que estou causando a Felicity, farei de você minha esposa.

Henry explicou-me que precisaria planejar com cuidado sua saída de cena, já que as duas famílias eram amigas de longa data. Eu não me importava que ele precisasse manter-me em segredo por mais algum tempo, pois isso tornaria nossos momentos juntos

ainda mais doces. Não o questionei sobre a jovem da qual estava noivo, mas devo ser perdoada — ou não — por sugerir que talvez ela também fosse prisioneira de expectativas e acabasse gostando da liberdade tanto quanto ele, mesmo que não tivesse consciência disso no início. Ele pareceu infantil e esperançoso diante de minha insinuação, como se eu fosse uma tia querida escondendo um presente atrás das costas. Nem por um instante um de nós acreditou nessa hipótese, mas era uma ficção útil que permitia a Henry questionar os sentimentos de Felicity o suficiente para fortalecê-lo para a tarefa que ele teria pela frente.

PARTE III

DIA NOVE

Na manhã seguinte Lisette apontou para alguma coisa que flutuava na água a estibordo do barco. Ao perceber que se tratava da touca de Rebecca, fechei os olhos, por medo de logo depois virmos boiando à nossa volta a própria Rebecca Frost.

Mary Ann começou a chorar e a gemer. Era um som lamentável e teria sido doloroso se eu já não tivesse ultrapassado o estágio da piedade e se não contássemos agora com o fato obviamente favorável de haver no barco duas pessoas a menos do que no início de nossa jornada. Além disso, em termos práticos não existia muita coisa a fazer a respeito. Na verdade, eu sentia uma profunda irritação e um louco desejo de estrangular Mary Ann. A Sra. Grant, sentada duas fileiras à nossa frente, voltou, espremeu-se entre nós e colocou o braço ao redor dos ombros dela. Levou bem mais de uma hora — quase dois turnos de revezamento com os baldes — para ela se acalmar e adormecer contra o ombro inflexível da Sra. Grant, mas meu ressentimento persistia. Por que a fraqueza deveria ser recompensada daquela maneira?

Eu teria gostado de me apoiar na Sra. Grant também, mas ao mesmo tempo ela me intimidava um pouco, e eu jamais lhe pediria tal coisa. Ela tinha um comportamento diferente com cada pessoa, e ainda não fizera nenhum esforço para me reconfortar.

Estou tentando ser honesta. Quando penso em Mary Ann sinto um aperto no coração. Ela era linda e frágil. O anel de noivado de diamante deslizava inutilmente por seu dedo fino. As veias

violáceas de seu pulso pareciam uma caligrafia caprichada sobre o pergaminho branco que era sua pele. Em outras circunstâncias poderíamos ter nos tornado amigas de verdade, mas no barco ela não me inspirava compaixão alguma. Tratava-se de uma pessoa fraca, e era pouco provável que sobrevivesse ou que contribuísse para prolongar a vida de outros.

Acredito que Hannah e a Sra. Grant tivessem opinião similar, pois mais tarde as vi sentadas perto da amurada, as cabeças inclinadas uma na direção da outra, com uma expressão séria no rosto e olhando de tempos em tempos para Mary Ann. Sobre o que falavam, eu não fazia ideia. Estaria faltando com a verdade se afirmasse o contrário, mas devo confessar que consegui entender “os mais fracos” e “estratégia”. Não me peçam para atribuir significado a essas palavras. Mesmo agora, com a vantagem do tempo, não tenho a menor ideia do que queriam dizer.

Foi nosso primeiro dia sem ter o que comer. Não havia uma migalha sequer de biscoito, nem um pedacinho de peixe, e quando Hardie distribuiu nossa porção de água, cada um teve direito a apenas um pequeno gole. A Sra. McCain perguntou-se em voz alta se a água teria acabado, e Hardie respondeu que não. Ele também nos garantiu que não, o barco não estava furado, e que toda a água que parecia brotar embaixo dos bancos entrava pela borda. Eu queria acreditar nele, mas não conseguia. Mais uma vez suspeitei que fizesse essas afirmações para evitar o pânico, mas, ainda que sua intenção fosse louvável, eu não queria ouvir mentiras. A única vez que Henry e eu discordamos foi quando ele me induziu a acreditar que sua família sabia de minha existência.

— Tenho certeza de que você saberá lidar com a sua família do melhor modo possível — eu lhe disse logo que decidimos nos casar, mas, depois de estar com o anel de noivado no dedo, quis conhecer a situação exata em que me encontrava, e acabamos brigando.

No barco salva-vidas, eu tinha a mesma vontade de compreender em que pé estávamos e o que seria necessário fazermos a respeito, embora seja evidente que tanto o Sr. Hardie quanto eu não

tínhamos as respostas para tais questionamentos. Ele seguia o que lhe parecia o melhor caminho a tomar, apenas isso, e seu julgamento acerca de que caminho escolher ao mar com certeza era melhor que o meu. Mesmo assim, eu e outros passageiros o culpávamos, como se ele soubesse a verdade e a escondesse de nós, fosse por capricho ou como uma forma de punição por nossos pecados.

Por incrível que pareça, eu gostava de baldear água. Sentia-me útil, ou talvez fosse um desejo feminino de colocar ordem a meu redor. Era uma ocupação, algo melhor a se fazer do que apenas contemplar o aterrorizante vazio do oceano escuro. Enquanto retirava a água, eu inspecionava o fundo do barco à procura do buraco ou rachadura que eu sabia existir, embora nunca o tenha encontrado. Às vezes imaginava estar limpando a casa que eu e Henry teríamos um dia, e que se misturava na minha mente com meu Palácio de Inverno imaginário. Eu fantasiava uma sala de estar ensolarada, embelezada pelo canapé ao estilo Luis XV que pertencera a minha avó e que teria sido meu presente de casamento se não tivéssemos sido obrigadas a vendê-lo quando nos mudamos. Como Henry gostava de azul, escolhi para as paredes do cômodo um tom forte que lhe agradasse mas que ao mesmo tempo não fosse nada muito masculino nem frio demais. Henry me informara que talvez não ganhássemos nada de sua mãe, pois ela não aprovava nossa união. No entanto eu estava confiante que com o passar do tempo venceria sua resistência.

Anya Robeson se recusava a baldear água. Era a única dispensada de todas as tarefas. Recusava-se a ficar longe do pequeno Charlie por um instante sequer; os dois permaneciam grudados um no outro bem no meio do banco central, imóveis como o rotor no coração de um giroscópio. Ela tinha pânico de molhar a saia, pois toda vez que alguma peça de roupa se impregnava de água salgada, levava dias para secar. Fazia muito frio, de fato, mas como avaliar os efeitos do medo e do vento, do tecido molhado

grudado na pele salgada, da apavorante certeza de que, de algum modo indecifrável, éramos responsáveis por nosso destino?

A Sra. Grant propôs que tentássemos velejar de novo, mas a experiência nos ensinara que, inflada pelo vento, a vela provocaria a inclinação do barco e a água voltaria a entrar pela borda. Nessas circunstâncias, suas palavras foram desconsideradas, mas eu percebia que ela tentava apresentar algum tipo de solução que não fosse apenas sentar e esperar. Sua sugestão foi seguida por um silêncio longo e desanimador, afinal rompido pelo Sr. Nilsson:

— Nesse caso, precisamos remar.

O Sr. Hardie emitiu um grasnido debochado que talvez fosse uma risada e disse que teríamos dificuldade até para acompanhar a corrente, ao que o Sr. Nilsson retrucou:

— Não falo em remar na direção da América, ainda que seja o continente mais próximo. Acho que devemos remar de volta para a Inglaterra.

Ele nos contou então a história de dois noruegueses que alguns anos antes tinham atravessado o oceano Atlântico em um barco a remo aberto tipo esquife de dezoito pés.

— Mas eles eram remadores experientes! — exclamou o coronel.

E era verdade que, das oito pessoas designadas pelo Sr. Hardie, apenas o Sr. Nilsson e o coronel mostravam alguma aptidão no manejo dos remos.

— E no auge da boa forma — acrescentou o diácono.

— A alternativa seria ficar à deriva esperando a morte — cortou o Sr. Nilsson.

Após um instante de reflexão, Hardie concordou.

— Talvez até cruzemos com um navio no caminho. — Meu coração encheu-se de esperança, até ele acrescentar: — Ou talvez não. Existe a possibilidade de o *Empress Alexandra* ter se desviado da rota, ou de a guerra ter afetado o número de navios em circulação entre os dois continentes, o que explicaria o fato de ainda não termos sido resgatados.

O coronel e o Sr. Nilsson ficaram encarregados de nos ensinar a remar, mas muitas mulheres e também Michael Turner, o mais velho dos homens, eram fracos demais ou não tinham aptidão para a tarefa. Quando começamos, foi animador ver o barco fender a água com o vento soprando de trás em vez de propelido por uma ventania feroz que ameaçava nos derrubar o tempo todo e nos obrigava a lutar contra forças com as quais não tínhamos condições de competir. Porém, mesmo aqueles que haviam sido considerados fortes o bastante para remar logo se cansaram. Ao fim de apenas dez minutos o remo do coronel escapou da forqueta, e consumimos uma energia preciosa recuperando-o da água. Ele, o Sr. Nilsson e a Sra. Grant conseguiram cumprir todo o período de uma hora que fora designado para cada turno, mas a maioria perdia o ritmo depois das primeiras remadas. Surgiram bolhas em nossas mãos, apesar das proteções que o Sr. Hardie improvisara com tiras de cobertores. Quando o Sr. Preston veio me render ao fim do turno, mergulhei a mão no oceano, na esperança de que a água aliviasse a dor — eu só não contara com o sal, que me fez rapidamente recolher o braço, e pela primeira vez desde que o *Empress Alexandra* desaparecera sob as ondas estive realmente prestes a chorar. Até o cair na noite ficara evidente que não tínhamos forças para prosseguir. O Sr. Nilsson e a Sra. Grant foram os últimos a recolher os remos, tomando o cuidado de deixá-los bem acomodados sob a amurada para que não se perdessem. As feições da Sra. Grant não deixavam transparecer qualquer emoção, porém o Sr. Nilsson curvou a cabeça, vencido, e não respondeu quando o Sr. Hoffman bateu de leve em seu ombro e o confortou:

— Foi uma boa ideia, mesmo assim. Tentaremos de novo amanhã.

A Sra. Grant disse que se não conseguíssemos remar até a Europa, precisaríamos velejar até lá, ao que o Sr. Hoffman limitou-se a dar de ombros — ele não precisou nos lembrar que o barco estava cheio demais para navegarmos com vela. Assim, o que

deveria ter sido uma observação otimista fez o dia acabar com uma ponta de amargor.

NOITE

As noites eram frias, e quanto mais emagrecíamos, mais nossos corpos penavam para se manter aquecidos. Quando eu olhava para meus companheiros, ficava chocada ao ver seus olhos fundos e as faces encovadas. As mudanças haviam sido graduais, mas à luz fraca do fim do dia eu reparava que seus lábios estavam secos e rachados, os olhos, vitrificados como os de um cego e as roupas folgadas dançavam sobre a saliência anormal de seus ossos. No alto da testa do Sr. Hoffman havia um fio de sangue seco bem no ponto em que começa o cabelo, resultado do corte que ele sofrera ao ser atingido no rosto pela extremidade de um remo, mas ele parecia ignorar isso. Sem dúvida estragos semelhantes tinham se processado também em minhas feições, mas eu continuava a me ver como a mesma Grace que eu vira naquela última manhã no navio, quando me penteava diante do espelho sob o olhar de Henry. Ninguém mais contava histórias. A única coisa que se ouvia era um suspiro ocasional ou a tosse seca da Sra. Cook, que começara no dia anterior e piorava pouco a pouco; e eu sabia que tínhamos mergulhado em nossas lembranças para escapar da dura realidade que agora enfrentávamos.

Eu começara a reparar que quanto mais o *Empress Alexandra* se aproximava de Nova York, mais agitado Henry parecia. Ele e o Sr. Cumberland procuravam com frequência a companhia um do outro, o que eu atribuía aos assuntos bancários dos quais Henry me falara, pois muitas vezes os ouvi mencionar "nossas responsabilidades

especiais". Na véspera ele passara a noite bebendo e conversando com um homem que por acaso encontrara no navio e que ele dissera pertencer ao círculo de conhecimentos de sua família, de modo que quando observei seu reflexo no espelho, presumi que o visível ar de contrariedade fosse fruto do cansaço. Só mais tarde, quando ele me levou pela mão para um canto abrigado do convés, onde poderíamos aproveitar a luz do sol sem nos expor ao vento, compreendi a causa de sua preocupação.

— Tenho tentado redigir uma mensagem para meus pais — disse ele, o que aumentou minha curiosidade e, depois, a suspeita de que nenhum telegrama fora ainda enviado informando-lhes de nosso casamento.

No primeiro instante fiquei irritada, porque tínhamos falado sobre o assunto inúmeras vezes e ele me garantira que tudo estava resolvido. Ao mesmo tempo, eu não podia deixar de pensar que não devíamos nos preocupar com detalhes práticos durante a lua de mel. Devíamos rir de futilidades — da Sra. Forester, por exemplo, que parecia sempre à beira das lágrimas, ou do Sr. Cumberland, com seu ar constantemente sério e pouco à vontade em seu novo papel de banqueiro rico — ou saborear nossos longos e deliciosos silêncios, quando nos olhávamos ou descobríamos verdades profundas sobre nós dois, verdades sobre as quais refletiríamos e usaríamos como base para nossa crescente confiança mútua. Comecei a dizer que pensava que o assunto estivesse resolvido, mas Henry levou um dedo aos lábios e esperou passar um casal animado que saía para o convés em busca de um pouco de ar.

— Recebi um telegrama de minha mãe hoje de manhã — falou ele quando voltamos a ficar sozinhos no convés. — Diz que estará à minha espera no cais, acompanhada de Felicity.

— Ela não pode fazer isso! — gritei, e meu coração gelou quando compreendi o que Henry de fato me dizia. — Ela acredita que Felicity possa reconquistá-lo!

Minha voz falhava, em um misto de raiva e tristeza, pois a única explicação para a atitude de sua mãe seria ela imaginar que o filho

continuava solteiro.

Permanecemos em silêncio por um momento, dolorosamente conscientes do oceano que se estendia para um lado e para o outro. Em uma direção estava a Europa, onde eu fora tão feliz, e na outra, Nova York, onde eu não sabia o que me esperava.

— Você adiou demais a verdade — falei. — Isto não é justo com Felicity nem com sua mãe. Tampouco é justo comigo.

Henry parecia um menino repreendido na escola, e só lhe restou concordar. Prometeu consertar a situação logo após o almoço, mas respondi que o almoço poderia esperar e que ele deveria enviar um telegrama naquele mesmo instante. Juntos, encontramos as palavras adequadas, depois Henry me levou de volta para nossa suíte e saiu apressado, com ar de quem estava decidido ou aliviado, não sei qual dos dois. Quando voltou, precisamos correr para não nos atrasar, de modo que só abordamos o assunto no final da refeição.

— Acertei tudo — foi só o que me disse, pois no instante em que pensei em pedir detalhes, alguém bateu em seu ombro.

Era o Sr. Cumberland, que parecia ter um assunto urgente a discutir. Henry, aparentemente satisfeito em vê-lo, perguntou-me se eu conseguiria encontrar o caminho para nossa cabine sozinha. Achei a pergunta estranha, pois já estávamos no navio havia mais de cinco dias.

— Claro que sim — respondi, sem parar para refletir sobre suas palavras, como faço neste momento.

Agora vejo o que se passou como uma prova de que Henry continuava angustiado com algo, mas talvez fosse um assunto complicado de negócios que tomava sua atenção e o preocupava. “Acertei tudo”, dissera ele, mas agora, enquanto eu contemplava o reflexo da lua que dançava acima do oceano e apertava o colete salva-vidas contra o corpo para proteger-me do vento cortante, comecei a duvidar disso.

Tentei me lembrar do que o Sr. Cumberland dissera para Henry enquanto os dois se afastavam. Ele mencionara algo sobre uma

pane no Marconi, o sistema de telegrafia sem fios, que o havia impedido de concluir alguns negócios; era sobre isso que queria falar com Henry. “Mas eu acabo de usar o sistema, que funcionou perfeitamente”, retrucara Henry. Depois ele me olhara por cima do ombro e fizera um sinal com a cabeça antes de prosseguir com o Sr. Cumberland para discutirem seus assuntos a sós.

Enquanto eu me dirigia para as escadas que me levariam à nossa cabine, meu coração saltitava ligeiramente, porque aquelas palavras, se eu as tivesse entendido corretamente, pareciam confirmar que Henry enviara o telegrama para a mãe — e bem em cima da hora, pois foi pouco depois, naquela mesma tarde, que o *Empress Alexandra* afundou. Mas agora, no barco salva-vidas, eu começava a imaginar se as palavras de Henry não estavam dirigidas a mim, mais do que ao Sr. Cumberland. Então fiz um esforço mental para lembrar-me do que o Sr. Cumberland dissera exatamente, pois, se eu não estivesse enganada quanto ao que ouvira, haveria outro significado que ultrapassava em muito o simples envio ou não de um telegrama à família de Henry com a notícia de nosso casamento. Isto é, que o sistema de telegrafia sem fio podia não estar funcionando na hora do naufrágio, e se de fato não estava, nenhum telegrama ou sinal de qualquer tipo fora enviado. E sem nenhum pedido de socorro enviado, nossa posição tinha sido o tempo todo muito mais crítica do que o Sr. Hardie nos levara a crer.

Paralisada pelo medo e pelo frio, mantive os olhos fechados por um longo tempo para não ver a escuridão. De vez em quando mergulhava as mãos machucadas na água acumulada a meus pés, com o único propósito de sentir as feridas arderem em contato com o sal. Era a necessidade de sentir algo além do medo. Mary Ann se deitara sobre minhas pernas, e troquei de posição não apenas para me sentir um pouco mais confortável mas também para acordá-la, caso não estivesse mergulhada em sono muito pesado. Ela deu um suspiro profundo, mas não se mexeu.

— Mary Ann — sussurrei, inclinando-me sobre seu ouvido. — Está dormindo?

— O que foi? — perguntou ela, ainda sonolenta, antes de despertar de vez. — Aconteceu alguma coisa?

Mas a vontade de dividir com ela minhas inquietudes desaparecera, por isso limitei-me a dizer:

— Não foi nada. Volte a dormir.

Esforcei-me para pensar coisas boas com relação a Henry e aos nossos momentos felizes em Londres, mas não consegui; o dia já estava amanhecendo quando por fim adormeci.

DIA DEZ, MANHÃ

O décimo dia amanheceu instável e frio. O mar se revolvia sob nosso barco, armando-se em gigantescas elevações. Apesar do tamanho, as ondas não quebravam, portanto conseguimos, não sei como, limitar a alguns centímetros o nível da água no fundo da embarcação. A Sra. Grant continuava a transmitir sua discreta segurança, mas ocasionalmente também expressava seu desgosto por Hardie, ao temer inundar o barco e não permitir o içamento da vela, pois ela tinha certeza de que nossa salvação dependia do avanço que fizéssemos na direção de alguma costa distante.

O Sr. Hardie recusava-se a olhar-me nos olhos, mas de tempos em tempos eu sorria em sua direção, na tentativa de demonstrar-lhe meu apoio. Eu não sabia se ele precisava ou não de apoio. Passara a vê-lo como um ser sobre-humano, ou talvez até supra-humano, tão poucas eram suas semelhanças com qualquer um de nós. Na maioria das vezes, no entanto, eu voltava-me para dentro, na expectativa de que um instante se transformasse no seguinte, fosse lá o que esse instante seguinte me reservasse, bem ou mal. Alheia a tudo aquela manhã, só conseguia me ater ao imenso desconforto de estar sentada com as roupas molhadas no meio de um vazio que englobava tudo, ou pelo menos tudo que importava. Media os intervalos de tempo entre os espasmos que estremeciam meu corpo ou entre as batidas de meu coração apertado. Concentrei-me no frio que sentia no peito, e comparei-o ao que sentia nos pés. Tentei decidir se valeria a pena enfiar as mãos entre

as pernas ou se seria melhor mantê-las dentro do colete salva-vidas e abraçar a mim mesma com força.

Eu ainda me lembrava de minhas preocupações da noite anterior com relação às mensagens de socorro, e por duas vezes abri a boca para tocar no assunto. A primeira foi com Mary Ann, e a segunda com o diácono, cujo olhar cruzou com o meu quando o Sr. Hardie se recusou a passar de mão em mão a caneca de água. Mas as palavras não saíram, e me perguntei de que serviria lançar a semente da desconfiança contra o único homem que poderia nos salvar. Além disso, eu não tinha uma prova concreta de que o sistema Marconi não estava em boas condições. Foi enquanto eu tentava colocar ordem em minha mente tumultuada que me ocorreu uma nova linha de pensamento.

O Sr. Hardie tinha nos falado que o Sr. Blake estava na sala de rádio até o instante em que o fogo forçara todos os passageiros a subir para o convés, e que Blake confirmara o envio das mensagens de socorro. De fato, eu me lembrava de ter visto o Sr. Hardie com um oficial do navio, que poderia ser Blake, quando Henry e eu subimos para o convés naquela tarde, de modo que seria razoável supor que Blake tivesse, naquela ocasião, contado para Hardie sobre os pedidos de socorro. No entanto, se o sistema estava em pane, ou o Sr. Blake tinha mentido para o Sr. Hardie ou o Sr. Hardie mentia para nós agora; e se Hardie estivesse mentindo, eu só poderia supor que fosse para nos tranquilizar. Ainda assim, eu estava convencida de que o Sr. Hardie acreditava que as mensagens haviam sido enviadas, pois por qual outra razão ele teria insistido tanto que não nos afastássemos muito do local do naufrágio se soubesse que dificilmente algum navio faria buscas naquela área? Depois, comecei a me indagar se o Sr. Blake, e talvez também o Sr. Hardie, não estariam em outro lugar após a explosão, e nesse caso o Sr. Hardie apenas presumiria que sinais haviam sido enviados por quem quer que estivesse na sala de rádio, uma vez que esse seria o curso lógico de ação na eventualidade de um desastre. Se fosse esse o caso, então ele estava mentindo não

sobre os pedidos de socorro, mas sobre o que ele, e talvez também Blake, de fato faziam no momento do acidente. Entretanto, por mais que eu me concentrasse na questão, não conseguia solucioná-la.

Preferi ensaiar mentalmente os discursos que eu proferiria para a família de Henry, discursos sobre amor e inevitabilidade e sobre meu tão antigo desejo de ter tios e primos e meu ardente anseio de que a família Winter realizasse esses sonhos para mim. Pensei em dizer que já os amava pelo que Henry me relatava deles, mas como não conseguiria parecer sincera, decidi excluir essa parte. Durante nossa discussão, Henry me confessara que seus pais adoravam Felicity Close, que a conheciam desde menina, já que a mãe de Felicity era a melhor amiga de sua mãe.

— Henry — sussurrei para o oceano que se estendia em todas as direções —, não ouse me abandonar agora.

Em todas as minhas fantasias, Henry estava de pé a meu lado, firme e forte; eu não tinha ideia de como conseguiria enfrentar sua mãe sozinha. Receava que ela me culpasse pela morte de seu filho, que por algum motivo afirmasse que eu levava Henry para a Europa, e não o contrário, e que era eu a responsável por nosso retorno a bordo do *Empress Alexandra*, não uma guerra entre nações, sobre a qual eu não tinha qualquer controle.

Naquela manhã, finalmente, começou a chover. No início eram gotas pequenas e leves, mais uma garoa, e a quantidade que qualquer um de nós conseguiu coletar e beber mal teria enchido um dedal, mas os pingos se tornaram cada vez maiores e logo estávamos encharcados até os ossos. Foi dessa chuva que me lembrei em Boston, quando o Sr. Reichmann me chamou de doida. A meu redor, os outros erguiam o rosto para capturar a água. Mary Ann continuava a criar dificuldade, recusando-se a abrir a boca, até que Hannah precisou sacudi-la e apertar seu nariz. O Sr. Hardie indicou com o dedo, ao longe, algo que ninguém mais conseguia ver, e disse que o tempo pioraria ainda mais, assim como nossa situação, se não enfrentássemos a realidade de frente. Estávamos

tão molhados e gelados que mal conseguíamos captar o sentido de suas palavras.

A Sra. Cook voltou do dormitório, onde estava descansando, bateu de leve em meu ombro e disse:

— Não deixe de recolher a cobertura de lona, para que os cobertores não fiquem encharcados.

Achei estranho que já tivesse chegado de novo a minha vez, mas como ninguém se manifestou, dirigi-me para a dianteira do barco e enfiei-me sob os cobertores com cheiro de mofo. Acho que não cheguei a dormir, apenas deixei meus pensamentos à deriva, mergulhando ainda mais dentro de mim. Ali havia bolsões de calor — não exatamente lembranças, mas espaços onde os parâmetros da vida eram menos rigorosos, menos inflexíveis. Talvez essa tendência a pensar só em mim demonstrasse egocentrismo, mas eu tinha a impressão de não possuir ego nem centro. Não passava de corpo. Desempenhava mecanicamente as tarefas que me eram atribuídas, como se tivesse entrado no mesmo estado de transe que eu observara na Sra. Cook. A menor de minhas sensações me monopolizava, me fascinava; mas eu me interessava muito pouco pelo que acontecia com os outros. Quando Mary Ann me sacudiu para me tirar do estado de torpor e tomar meu lugar no meio das cobertas, voltei a meu assento e fiquei sabendo que, enquanto eu dormia, a Sra. Cook sacrificara-se, jogando-se no mar. Não senti nada, apenas uma leve curiosidade quanto ao que a motivara.

— Ordens de Hardie — murmurou Hannah.

— Vocês sabem que a Sra. Cook sempre fazia o que os outros mandavam — completou Greta.

Senti medo ao pensar que poderiam dizer o mesmo de mim.

Não tenho como confirmar nem negar o envolvimento de Hardie na morte da Sra. Cook. Meus advogados insistiram bastante nesse ponto, mas só pude dizer que estava dormindo quando aconteceu. Parece que Hannah, durante o depoimento, afirmou que meu horário de repouso fora mais cedo aquele dia, que ninguém tinha permissão para repetir o turno a não ser por motivo de doença e

que de modo algum eu estava no dormitório durante o incidente. Apenas a Sra. Cook, que foi quem tocou meu ombro para me dizer que era minha vez, e Mary Ann, que ocupou o lugar no dormitório depois de mim, poderiam testemunhar, mas as duas estão mortas, e parece que ninguém mais se lembra da pouca influência que tive no incidente. Além do mais, mesmo se eu de fato tivesse estado acordada, não sei o que ficaria provado, mas, bem, eu não estava. Segundo o Sr. Reichmann, os advogados de Hannah e da Sra. Grant tentavam mostrar que tínhamos motivo para temer o Sr. Hardie e que o incidente com a Sra. Cook nos dera um motivo válido para o que aconteceu depois. Porém, por mais que o Sr. Reichmann me bombardeasse com perguntas, respondi que quando chegasse minha vez de depor eu afirmaria com muita convicção que não havia motivo para isso em meu coração e que, por não estar presente, não tinha ideia do que o Sr. Hardie poderia ter dito à Sra. Cook.

Bom, quando deixei o abrigo formado pela lona úmida, a Sra. Hewitt, proprietária de hotéis, esfregava as mãos e tremia entre profundos soluços secos. Explicou que tinha sido a última pessoa a falar com a Sra. Cook, e eu não via motivo para duvidar, ainda que outros passageiros tenham me confessado que o Sr. Hardie falara com ela um pouco mais tarde. Como ele não cultivava o hábito de falar a sós com as mulheres, pensei que talvez a história tivesse mudado ou que Hannah e Greta estivessem exagerando ou até mentindo. Mas uma vez que eu não testemunhara nada, preferi não opinar. Embora a Sra. McCain tivesse trabalhado como dama de companhia da Sra. Cook, ela se recusava a demonstrar qualquer emoção.

— O que eu poderia fazer a esta altura? — perguntou.

A chuva diminuiu e a manhã se foi. Tenho poucas lembranças do que aconteceu nesse período, a não ser que pouco antes do meio-dia o Sr. Hardie apontou para uma linha distante onde a textura e a cor da água mudavam abruptamente.

— Tempestade — anunciou ele, e calou-se por um instante. — Até que ela nos alcance, precisamos decidir o que queremos fazer.

Olhei ao redor, para os trinta e seis companheiros restantes, depois para a água que chegava a meus tornozelos, e por fim virei-me para observar com certo distanciamento a longínqua faixa de água batida pelo vento, como se eu estivesse me lembrando da cena e não a vivendo naquele exato momento. Quando o Sr. Hardie nos informou que a tempestade chegaria em quinze minutos, seus olhos insondáveis finalmente encontraram os meus. “Estamos em suas mãos”, tentei comunicar-lhe com o olhar. “Basta nos dizer o que fazer.” Seus olhos demoraram-se em mim. Eu me sentia eletrizada por seu olhar, ancorada. Pela primeira vez em dias me senti aquecida. Eu sabia que o Sr. Hardie nos salvaria, se isso estivesse a seu alcance.

Tantas ondas quebravam por cima da amurada que agora as ignorávamos, mas o céu assumira um tom amarelo-esverdeado que até então nunca víamos.

— Façam suas orações, companheiros — disse Hardie, e então as esperanças que haviam crescido em mim apenas no momento anterior reduziram-se a nada.

À minha volta, as pessoas encarregadas de baldear a água haviam adquirido uma energia tão furiosa quanto inútil.

— Ah, por favor, desistam! — exclamei, pois o nível da água estava claramente subindo dentro do barco apesar de todos os esforços para contê-la. — Vamos nos afogar!

Eu não via alternativa. Abracei com força meu peito desprovido de ar.

— Não temos saída! — gritei para os outros, ou talvez apenas para Mary Ann. — Não veem que vamos morrer?

— Temos saída, sim — objetou o Sr. Hoffman. — Já falamos sobre isso. Basta que alguns pulem do barco para aliviar o peso. — Ele fez uma pausa para que suas palavras fossem assimiladas. — É nossa única chance.

Olhei para Hardie a fim de avaliar sua reação, mas ele observava atentamente a linha da tempestade.

— É verdade, Sr. Hardie? — gritou o coronel Marsh.

O olhar de Hardie varreu nossos rostos erguidos como a luz de um farol.

— Sim, é verdade. A não ser que prefiram se afogar.

Suas palavras tiveram o mesmo efeito de uma porta que se abrisse para uma fera enjaulada, e no momento em que a fera foi solta entre nós, consegui respirar de novo.

— É verdade — concordei, tomada por uma calma glacial.

Meu temor desaparecera por completo. Eu era como um homem de negócios avaliando as opções de investimento com base em um livro-razão cheio de números e probabilidades.

Mary Ann parecia horrorizada.

— Pular do barco? — perguntou ela. — De propósito?

— Claro que de propósito!

Eu não tinha intenção de gritar com ela, mas de repente não me pareceu que esse gesto de sacrifício envolvesse morte, mas vida. Não me ocorreu que eu poderia precisar me sacrificar. Até a desgraça de meu pai, as portas se abriam para mim e refeições me eram servidas por jovens lindas como Mary Ann. Ela deve ter percebido alguma coisa, pois seu rosto se contraiu em uma expressão de medo e desprezo.

Em minha opinião, uma pessoa fraca como Mary Ann ou Maria seria a escolha óbvia, mas quando um dos homens — seria o Sr. Nilsson? — ressaltou que naquelas circunstâncias os homens eram mais úteis do que as mulheres e que, se alguém deveria se sacrificar, que fosse uma mulher, fiquei horrorizada. De certa forma, no entanto, eu concordava com ele. Talvez contestássemos tanto essa ideia porque era justa. Quando Mary Ann caiu sobre mim em um semidesmaio, afastei seu cabelo e sussurrei em seu ouvido:

— Por que não, Mary Ann? Você se pouparia muito sofrimento jogando-se no mar. Você não sobreviverá mesmo, e dizem que morrer por afogamento é muito melhor do que de fome ou sede.

Devo ser criticada por isso? Não pedimos que certas ideias invadam nossas mentes nem que outras se mantenham afastadas. Acredito que as pessoas sejam responsáveis por seus atos, mas não pelo conteúdo de sua mente, então talvez eu seja culpada por deixar, vez ou outra, que essas ideias se transformem em palavras. O que posso dizer é que não pedi para Mary Ann sentar-se a meu lado. Fui a primeira a quem ela dirigiu-se com lamúrias e reclamações. E naquele momento, quando despertou de seu quase desmaio, ela disse que tivera um sonho muito vívido, em que salvava a todos atirando-se no oceano.

— Dez minutos! — anunciou o Sr. Hardie.

Contei sessenta segundos e falei “Nove”, mais para mim mesma do que para Mary Ann.

O Sr. Preston ficou extremamente agitado.

— Homens! — exclamou ele. — Todos os homens devem se reunir aqui atrás.

— Para quê? — perguntou o Sr. Nilsson.

— Tenho certeza de que há outra solução — argumentou a Sra. Grant.

Mas logo ela se calou, ocupando-se com um balde que tomara de outra pessoa.

— Hardie tem razão! Nós, homens, devemos fazer um sorteio entre nós para determinar quem se jogará no oceano — sugeriu o Sr. Preston, com uma voz estridente e trêmula.

No mesmo instante, Hardie contou:

— Oito.

Um terror súbito me invadiu, mas que só me pertencia remotamente. Eu conseguia analisá-lo com o mesmo distanciamento com que analisava meus dentes batendo, a saraivada de gotas de chuva que atingia meu rosto, o filete constante de água que abria caminho por dentro da minha gola e escorria pelo pescoço, o batimento arritmico de meu coração.

— Por que os homens? — protestou Nilsson. — Por que só os homens?

— E as mulheres? — perguntou Mary Ann. — Eles ainda pensam em mandar uma de nós?

— Claro que não — respondi. — O que acha? Mas também duvido que impeçam se uma delas se oferecer.

Naquele momento, não percebi que nós duas acreditávamos no conceito “eles”, um grupo onisciente de tomadores de decisão que ocupava um lugar acima de nós na estrutura do poder, um “eles” que decidia e tirava proveito das vantagens ou sofria as consequências de seus erros. Reparei, no entanto, como Mary Ann ficou aliviada ao saber que ninguém apelaria a seu heroísmo e, confiante, colocou sua mãozinha inútil dentro da minha.

Como em um passe de mágica, Hardie ergueu um punhado de minúsculas lascas de madeira que pareciam estar ali de propósito.

— Somente os homens — reforçou ele. — Duas lascas são curtas, as demais são longas. As lascas curtas perdem.

Não sei o que nos levava a pensar que a diferença entre a vida e a morte se resumia a duas pessoas a menos, mas ninguém questionou tal raciocínio. Se Hardie dizia que dois era o número mágico, então era. Partíamos do princípio de que ele sabia o que estava falando.

Cerca de um minuto se passou. A faixa escura de água turbulenta estava agora a uma distância de apenas vinte e cinco ou trinta vezes o comprimento do barco. Ao longe, relâmpagos bifurcados rasgavam o céu de chumbo.

— Não estou forçando ninguém — declarou Hardie, antes de ele mesmo começar o sorteio, escolhendo uma das lascas de madeira.

Examinou-a com ar indiferente, mas, pela reação das pessoas sentadas perto dele, compreendi que sorteara uma longa. O Sr. Nilsson foi o seguinte, e pelo seu olhar vazio tive a sensação de que ele não tinha plena compreensão do que estava fazendo.

O coronel Marsh mostrou-se estoico e distante quando chegou sua vez, mas Michael Turner fez uma brincadeira:

— Seria a primeira vez na vida que ganho na loteria.

Ele era um dos que em momento algum tiveram colete salva-vidas, o que o fazia parecer ainda mais magro e menos forte que os outros. Assim que tirou sua lasca de madeira ele levantou-se, deu uma risada insana e pulou do barco. Restavam quatro agora, e uma delas era curta. Vi o Sr. Preston tirar a sua e dar um suspiro de alívio, mas o diácono parecia em pânico ao rastejar até o fundo do barco para tirar a sorte. Dos homens, restavam apenas ele, Sinclair e Hoffman. Este último limitou-se a dar de ombros e escolher uma lasca, sempre com os olhos apertados fixos nos de Hardie; mais uma vez tive a sensação de que existia algum segredo entre eles.

— Que Deus nos ampare — balbuciou o diácono.

Ele ajoelhou-se no fundo do barco, de frente para Hardie, as costas voltadas para nós, as mãos cerradas erguidas para o céu violento.

— Ah, Senhor — gemeu —, estou pronto para sacrificar-me por vossos amados filhos, mas por que é tão difícil?

Contemplando as ondas com ar deplorável, como se fossem a encarnação aquosa do medo, ele talvez tenha percebido que “amados filhos” não era a expressão mais adequada para definir seus companheiros de naufrágio. Tapei os ouvidos para não escutá-lo e aproximei-me ainda mais de Mary Ann. Nossa verdadeira natureza estava à mostra. Não valíamos literalmente nada. Estávamos despojados de toda decência. Nada nos restava de bom ou de nobre após sermos privados de comida e de abrigo.

O diácono olhou com infinita tristeza na direção do Sr. Sinclair e pegou as duas lascas de madeira restantes.

— Será que isso conta como suicídio? — ouvi-o dizer. — Será que o paraíso me será negado?

Batendo de leve nas costas do Sr. Sinclair, ele depositou as duas lascas em sua mão aberta, de onde foram no mesmo instante sopradas pelo vento e levadas para o oceano. O diácono ergueu-se devagar e disse:

— Que Deus os abençoe e os guarde.

Em seguida, tirou o colete salva-vidas, jogou-o para o Sr. Hardie e mergulhou no mar, desaparecendo no mesmo instante. O Sr. Sinclair gritou:

— Volte! Era para ser minha!

Ninguém, no entanto, lhe deu atenção, e quando ele parou diante da borda do barco com a força de seus musculosos braços e lançou-se para fora, ninguém tentou detê-lo. O mais triste dos sacrifícios era que estavam sendo feitos pelo bem de pessoas como nós. Eu assim refletia, mas de forma vaga e imprecisa. De todo modo, imediatamente me distraí, pois foi nesse instante que a tempestade nos atingiu.

DIA DEZ, TARDE

Agora eu entendia por que o Sr. Hardie dissera que o vento até então não passava de uma brisa, mas acredito que nem ele estivesse preparado para aquela intensidade. O pequeno barco era sacudido como uma casca de noz por ondas do tamanho de um transatlântico. Pensei no diácono e no Sr. Sinclair, e em como Hardie poderia ter evitado se tornar um assassino. Sim, foi esta a palavra que usei, pois eu tinha a impressão de que o número exato de pessoas no barco importava pouco, ou nada. Morreríamos todos em segundos, com ou sem superlotação, e o que eu mais lamentava era não morrer com minha fé na natureza humana intacta. Eu tinha acreditado na bondade inata do homem durante os vinte e dois anos de minha vida, e esperava carregar essa crença comigo até a sepultura. Queria acreditar que cada um podia ter o que desejasse, que não havia conflito intrínseco entre interesses rivais e que, se tragédias acontecessem, não seriam coisas que meros seres humanos conseguiriam controlar.

Tudo isso me passou pela cabeça aquela tarde, mas sem muita coerência. O barco sacudia e balançava, alternando o topo espumante das ondas com descidas infernais, rodeado nos quatro lados por paredes de água escura. Era terrível de se ver. Hardie e o Sr. Nilsson pegaram um remo cada, enquanto o coronel e o Sr. Hoffman lutavam com um terceiro. Juntos, faziam um esforço corajoso para manter o nariz da embarcação para o vento, pois a única coisa que nos interessava era conseguir atravessar a

tormenta, e nos agarrávamos uns aos outros do mesmo modo como eu me agarrava aos últimos fiapos de minhas convicções. A Sra. Grant e o Sr. Preston faziam o que era possível com o último dos remos, mas não tinham condições de enfrentar a fúria da tempestade. Contudo, eu era grata a seus esforços e admirava a tenacidade com que lutavam com as longas lâminas. Apesar da falta de eficácia, ninguém desistiu. Com uma das mãos eu me segurava no banco, para não ser derrubada como o cavaleiro de um cavalo selvagem, e com a outra firmava Mary Ann, que estava sentada a meu lado e se agarrava em mim com as duas mãos como se eu fosse sua tábua de salvação.

Para aumentar nosso desespero, uma chuva torrencial nos castigava e relâmpagos assustadores riscavam o céu. Mal conseguíamos ver a extremidade do barco, de modo que se eu dissesse que as ondas se erguiam a cinco metros ou a dez, seria pura especulação. Mais tarde, Hardie viria a nos contar que haviam atingido pelo menos doze metros, mas não sei dizer em que ele se baseou para fazer tal afirmação. Às vezes o barco se mantinha por um instante na crista de uma onda para logo mergulhar daquela altura como um trenó que descesse uma escarpa coberta de neve. Nossos estômagos se reviravam e tínhamos ânsias de vômito quando isso acontecia, mas em outras ocasiões não tínhamos igual sorte: a onda acertava com violência nossos ombros e enchia o barco com ainda mais água, que chegava então quase a nossos joelhos. Ainda assim, não afundávamos.

Nos minutos que antecederam a chegada da tempestade, o Sr. Hardie ordenara a troca de remadores e entregara as latas vazias de biscoito a Hannah e Isabelle, que imediatamente passaram a usá-las para baldear com furiosa energia. Depois arrancara a tampa dos dois pequenos tonéis que ele ciosamente guardava como se ainda contivessem água, e agora o coronel Marsh e o Sr. Hoffman, mesmo com muita dificuldade em manter-se de pé na madeira escorregadia, os enchiam e em seguida os esvaziavam no oceano. Durante todo o tempo, Hardie concentrava seus valentes esforços

em manter a proa do barco apontada para as ondas, enquanto os outros remadores faziam o possível para ajudá-lo. O barco era jogado para o alto com tanta fúria que apenas uma em cada cinco tentativas de esvaziar os baldes e tonéis era bem-sucedida, mas eles insistiam insanamente, heroicamente, levando-me a imaginar o que seria de nós sem aqueles cinco homens fortes. E se o coronel Marsh tivesse sorteado a lasca curta, ou o Sr. Nilsson, ou o próprio Hardie? Michael Turner era de longe o mais velho dos homens, e o diácono era magro e fraco, e embora o Sr. Sinclair tivesse braços incrivelmente musculosos, era incapaz de se movimentar no barco ou de utilizar as pernas. Com um estremecimento de terror, compreendi que o resultado podia não ser obra da sorte, ainda que eu não tivesse percebido qualquer truque que indicasse manipulação. Hardie não deixara nada por conta do acaso, ele escolhera quem viveria e quem morreria. Eu não conseguia tirar da cabeça a ideia de que o barco estava sob a influência de uma força maligna, de que era o próprio diabo que me mantinha viva.

Não muito depois o Sr. Hoffman deixou escapar seu tonel, que no mesmo instante desapareceu no turbilhão. Hardie não disse uma palavra, mas confiou seu remo a Hoffman e rasgou a tampa do terceiro e último recipiente. Dessa vez não o entregou a ninguém, ele mesmo enfiou-o na água e ergueu-o até a amurada, mas não antes de eu perceber que não continha água da chuva, apenas uma pequena caixa que ele rapidamente escondeu sob o casaco. Não suspeitei de nada na ocasião. Pensei apenas que Hardie fizera um bom trabalho ao conseguir que o estoque de água durasse tanto tempo.

Somente outro fato se destaca contra o cenário de horror daquela tempestade terrível. O dia sombrio cedera lugar a uma noite mais escura ainda. A chuva não dava trégua. Era como se oceano e céu tivessem se fundido. Nosso barco continuava a ser arremessado para o alto e ou caía a prumo ou colidia com as cristas das ondas no momento em que quebravam. Contudo, apesar da nauseante sensação de cair em um poço sem fundo, eu agradecia a

Deus e ao Sr. Hardie cada vez que éramos poupados de um novo dilúvio sobre nossas cabeças.

Eu estava agradecendo por sair sã e salva de uma dessas descidas abruptas quando ouvimos um ruído surdo contra o casco do barco. Os que estavam sentados a estibordo junto da amurada irromperam em gritos ininteligíveis. Hardie parou de tirar água do barco por um momento para averiguar que confusão era aquela. “Batemos em alguma coisa!”, alguém explicou, ou “Alguma coisa bateu em nós!” — não que as palavras exatas tenham alguma importância. Se era o tonel perdido ou destroços do *Empress Alexandra* ou mesmo algo colocado ali por Deus para providenciar nossa destruição, não tínhamos como saber.

Afinal a intensidade do vento diminuiu e as ondas gigantescas se tornaram apenas enormes, embora a chuva tenha continuado até depois de escurecer. O Sr. Hardie escorou os dois tonéis remanescentes entre o flanco do barco e a pilha de cobertores encharcados e deu instruções aos que estavam mais perto para que desviassem para os tonéis a água da chuva que se acumulava na cobertura de lona do barco. Eu não teria pensado nisso, ou, se tivesse, certamente não tomaria iniciativa. Que grande otimista Hardie devia ser, foi a conclusão a que cheguei, ou talvez esses fossem apenas atos reflexivos de uma criatura determinada a sobreviver.

NOITE

Durante a noite a Sra. Forester, que até então se mantivera calada e atenta, enlouqueceu. Começou a ter delírios envolvendo o marido, que tinha bebido no dia do naufrágio e provavelmente estava morto àquela altura.

— Se ousar tocar em mim desta vez — ameaçava ela —, eu o mato de madrugada com a sua própria faca.

Mas foi somente quando ela começou a chamar o coronel Marsh, sentado bem a sua frente, de Collin e a ameaçar dar-lhe socos que alguém tentou contê-la. Joan, que trabalhava como sua criada fazia vinte anos, abraçou-a e pediu que se controlasse.

— Não é o Collin, madame — disse ela, com voz tranquila. — Collin não está aqui.

— Pobre mulher — comoveu-se Hannah, tomada de profunda compaixão.

Quaisquer tentativas de tocar na Sra. Forester ou de dirigir-lhe palavras de conforto eram fortemente rechaçadas. Por fim ela ficou em estado de inconsciência e Joan, com a ajuda do Sr. Preston e da Sra. Grant, conseguiu arrastar a patroa até o dormitório e acomodá-la da melhor maneira possível sobre os cobertores molhados, o que impediu que qualquer outra pessoa pudesse usar aquele canto para descansar ou dormir. O Sr. Hoffman a teria de bom grado lançado ao mar, porém Hannah e a Sra. Grant a protegeram, dizendo que os homens é que a tinham deixado naquele estado e que agora deveriam arcar com as consequências.

Meu sono foi intermitente. Quando os acontecimentos daquele dia devastador não estavam ocupando meus pensamentos, infiltravam-se em meus sonhos. Eu acordava sobressaltada quando imaginava estar caindo no mar, e às vezes de fato estava caindo, mas apenas sobre Mary Ann ou sobre o Sr. Preston, sentados a meu lado junto da amurada.

O que me preocupava naquela noite era a ideia de que as escolhas de uma pessoa apenas raramente se classificam como certas e erradas ou como boas ou más. Eu percebia de maneira muito clara que na maioria das vezes as pessoas se deparavam com opções muito mais tenebrosas e que não havia indicações claras sobre qual o melhor caminho a tomar. O Sr. Hardie fizera bem ao organizar um sorteio? Tudo que eu podia determinar era que o certo e o errado não se encaixavam na questão. Quanto mais eu pensava nisso, mais um incidente ocorrido no primeiro dia arranhava as portas de minha consciência, até que permiti que entrasse: a lembrança daquela criança que deixamos morrer.

Não sei se teria sido mesmo tão difícil chegar até o menino. No primeiro minuto eu estava convencida de que o resgate poderia ter acontecido sem muito trabalho; no seguinte, lembrava-me do oceano repleto de obstáculos perigosos entre nosso barco e ele. Ainda me pergunto se minha imaginação aumenta ou diminui os riscos que teríamos corrido se mudássemos o rumo para salvá-lo, mas agora acho que se eu e meus companheiros do barco salvá-vidas devemos ser julgados por alguma coisa, deveria ser por esse ato.

Talvez fosse o desconforto pelas roupas encharcadas ou talvez o estranho sentimento de remorso com relação à criança o que me mantinha acordada. Enquanto remoía o episódio acontecido com o menino, dei-me conta de que a Sra. Grant, sentada do outro lado de Mary Ann, contemplava por cima da borda do barco as estrelas brilhando no céu. Como Mary Ann estava deitada atravessada sobre meus joelhos e por isso não era uma presença sólida entre nós, a Sra. Grant percebeu que eu estava acordada e, pela primeira e

última vez, segurou minha mão. Expliquei-lhe que pensava na criança, e ela respondeu:

— Não adianta. O que está feito está feito.

Então não pude mais me segurar e contei toda a história do sistema Marconi de telegrafia sem fio e falei de minha suspeita de que o Sr. Hardie tivesse mentido sobre as mensagens de socorro. Ela me agradeceu por ter lhe contado e completou com um comentário um tanto enigmático:

— Se soubéssemos disso antes...

Mas não prosseguiu, omitindo o corolário que tinha em mente. Se soubéssemos antes, que diferença faria? Teríamos agido de maneira diferente naqueles primeiros dias? Além de começar mais cedo a jogar as pessoas para fora do barco e içar a vela ou remar para a Europa enquanto ainda tínhamos força, não sei o que poderíamos ter feito.

Pouco depois do amanhecer, descobrimos que as duas irmãs que até então se mantinham sentadas discretamente na traseira do barco haviam desaparecido sem deixar vestígio. Ninguém as vira cair do barco. Embora nunca tivesse conversado com elas, Mary Ann ficou muito abalada com a perda. Talvez porque tinham mais ou menos a nossa idade, ela tomou esse sumiço como um sinal do que poderia acontecer conosco. Virou-se para mim com um olhar desesperado e perguntou:

— Acha que vamos morrer?

Àquela altura eu estava plenamente convencida de que sim, e pensei em ser franca com ela. Estava tão arrasada quanto Mary Ann pelos acontecimentos da véspera, e me ressentia de sua expectativa de que eu tivesse respostas ou força. Eu queria gritar para ela: "Claro que vamos morrer! Sorte das irmãs, para quem tudo já acabou!" No entanto, permaneci calada. Apoiei a mão em seu ombro, como gostaria que alguém fizesse comigo, e murmurei uma espécie de invocação. Acho que eu disse "Protegei-nos, Senhor", mas pode muito bem ter sido "O Sr. Hardie faz o que pode. Eu ainda não deixaria de acreditar nele".

Mais tarde nossa situação sofreu uma leve alteração ao constatarmos que o objeto que havia colidido com o barco abrira um rombo do tamanho de um punho fechado na lateral do casco, logo abaixo da amurada a estibordo. Pelo buraco entrava um jato contínuo de água, que o Sr. Hardie passara a noite tentando estancar; ou seja, aparentemente as condições não eram muito promissoras.

DIA ONZE

Incluindo as duas irmãs, mas não a Sra. Forester, que, debilitada, continuou deitada sobre os cobertores durante mais dois dias, tínhamos perdido oito dos trinta e nove passageiros iniciais.

— Então não precisávamos ter matado o Sr. Turner nem o diácono ou o Sr. Sinclair, não é mesmo? — gritou Mary Ann. — Podíamos ter esperado mais um dia!

— Cale a boca, idiota! — xingou o Sr. Hardie, também aos gritos. — Quase afundamos ontem de noite, ou não percebeu? Não consegue ver que continua entrando água no ponto em que fomos atingidos? Isso significa que ainda estamos superlotados, e agora, em vez de pouca comida, não temos comida nenhuma!

Reparei que Hardie dava a impressão de ter diminuído de tamanho. Estava extremamente pálido e parecia curvado sobre si mesmo. Pela primeira vez demonstrava cansaço e às vezes passava algum tempo sem fazer nada. Mantinha a mão esquerda colada ao corpo como se tivesse se ferido durante o furor da véspera. Eu não gostava de vê-lo assim, mas parecia que Hannah ficara mais confiante em circular pelo navio ditando ordens. Hardie a observava como um cão estropiado que fica de olho em um gato selvagem faminto.

Eu sabia que estávamos morrendo. A única surpresa era continuarmos vivos. Ao longo do dia senti-me profundamente conectada com os incontáveis homens e mulheres através dos tempos que, em um momento ou outro, chegaram à percepção de

que a vida é um declive implacável, que mais cedo ou mais tarde todos estarão com água até o pescoço e que é a capacidade de ter essas percepções que distingue os seres humanos dos animais.

Em outras palavras, foi no décimo primeiro dia que comecei a me sentir intensamente viva. Consegui finalmente esquecer o estômago vazio e os pés molhados. Parei de acreditar que um navio nos salvaria ou que Henry estaria à minha espera quando chegássemos à costa. Olhei para minhas mãos esfoladas e em carne viva, e pensei em como reformular a frase "Ajuda-te e Deus te ajudará". Será que Deus faria necessariamente parte dessa equação?, eu me perguntava. As pessoas não poderiam ser fortes ou boas sem precisar creditar essa força ou essa bondade a Deus? Com a chuva que caíra durante a noite havíamos conseguido reabastecer a água dos tonéis, e, graças à precaução de Hardie, pudemos beber à vontade.

O dia amanheceu claro e com ondas de tamanho moderado que, apesar da considerável brisa, apenas avançavam sem chegar a quebrar. Em razão de nosso número reduzido, conseguíamos com mais facilidade repartir o peso no barco para contrabalançar a inclinação, por isso Hardie, que tinha conseguido remendar o buraco no casco, fixou mais uma vez a lona nos remos e voltamos a avançar pelo mar. Enquanto o Sr. Nilsson operava o leme, nós nos revezávamos com os cobertores estendidos sobre os joelhos para que secassem ao sol — que agora finalmente era capaz de nos aquecer, embora também ressecasse nossa pele a ponto de fazê-la sangrar.

Quanto às minhas bolhas, começavam a cicatrizar, o que me deixou maravilhada com a capacidade do corpo de se recuperar, com sua vitalidade mesmo diante da morte certa. Dessa vez tínhamos água suficiente para beber, mas não tínhamos comida, e era difícil afastar a sensação de que pouco a pouco morríamos de fome. Perguntei ao Sr. Preston quanto tempo uma pessoa conseguia viver sem se alimentar, e ele respondeu que entre quatro e seis semanas.

— Contanto que tenha água suficiente — completou.

— Estamos garantidos por um pouco mais de tempo, então — comentei. Ele então disse que esperava que sim, mas sua expressão era tão desanimada que acrescentei, apesar das provas em contrário: — Tenho certeza de que vamos nos sair bem.

Foi então que o Sr. Preston contou-me o que lhe dissera certa vez um médico conhecido seu:

— A inanição não depende apenas do corpo. Depende também da mente. As pessoas que persistem têm mais probabilidade de sobreviver do que as que perdem a vontade de viver.

— Nesse caso, precisamos persistir — falei, mas mesmo enquanto o dizia senti o coração palpitar.

— Eu penso em Doris — disse ele. — Ela é minha fonte de energia. — Imaginei que Doris fosse sua esposa, ainda que ele não tenha dito isso claramente. — Não me preocupo muito comigo, mas preciso sobreviver por ela.

— Mas o senhor não teria vontade de viver se não fosse por ela? — perguntei, surpresa com sua veemência. — Não quer viver por si mesmo?

Seus lábios dolorosamente rachados e inchados tinham dobrado de tamanho, e percebi que as palmas de suas mãos haviam se transformado em uma pasta sanguinolenta devido à luta desesperada com os remos durante a tempestade. Ele as mantinha cerradas, e eu as via apenas quando o barco se inclinava e ele precisava se segurar para manter o equilíbrio. Ele engoliu um gemido, mas foi com uma voz firme, ainda que baixa, que me contou que ia todos os dias a um depósito sem aquecimento, onde, sob uma luz fraca, registrava enormes colunas de números em um livro contábil. Se ele era capaz de manter essa rotina dia após dia, ano após ano, para que ele e Doris tivessem condições de colocar comida na mesa e ter um lugar decente para morar, então não havia nada que ele não pudesse fazer. Pensei em minha irmã Miranda, que eu jamais imaginara ser tão forte. Ela me parecia uma

mistura do Sr. Preston com Mary Ann, e muitas vezes me perguntei como teria se saído se estivesse no barco salva-vidas em meu lugar.

Depois que vendemos nossa casa, Miranda convenceu-me a ir com ela até nosso antigo endereço para dar uma rápida olhada. Paramos primeiro em uma rua lateral para observar o quintal, seus arbustos e cercas, mas logo Miranda criou coragem e passamos pela frente da casa fingindo indiferença. De repente ela parou na rua, diante da porta, e gritou: "Como puderam tomar nossa casa?" Respondi que não a tinham tomado, nós é que havíamos desistido dela. A dor de Miranda tocou-me no fundo do coração, mas o sentimento predominante foi o de irritação com minha irmã e não de raiva das pessoas que eram mais bem-sucedidas na vida do que tinha sido minha família.

Enquanto estávamos ali plantadas na rua como duas mendigas, uma jovem abriu a porta da casa e saiu, seguida por um homem que poderia ser seu pai. Estávamos mais afastadas agora e um pouco encobertas pelos arbustos, por isso imagino que a moça não nos tenha visto, mas sua presença parecia ter aberto os olhos de Miranda. Consegui convencê-la a prosseguir, mas não sem antes lançar um olhar maldoso para os novos proprietários da casa. O que se passava comigo era diferente. Grande parte de mim os admirava, e ao ver aquela jovem em um longo vestido branco enfeitado com fitas azuis senti uma estranha esperança.

Alguma coisa na conversa que tive com o Sr. Preston fortaleceu-me. Não sei se foi a ideia de que eu trazia dentro de mim a razão para viver ou se ele despertara meu instinto de competição, a determinação de não ser vencida pelas circunstâncias. Olhei para os outros a meu redor, depois arranquei o balde das mãos do passageiro que baldeava a água mais próximo dali e me lancei eu mesma à tarefa, como se minha vida dependesse daquilo — o que talvez fosse verdade.

Decidimos seguir rumo à Europa, ainda que estivéssemos mais perto da América. De tempos em tempos o Sr. Hardie gritava "Desviando!" ou "Arribando!", para nos indicar uma variação na

direção do barco em relação ao vento. Depois vinha o pedido para que mudássemos de banco a fim de compensar o peso do vento contra a vela. Foi durante uma dessas manobras que percebi estar sentada em frente a Mary Ann, que se espremera entre Hannah e a Sra. Grant. Ela olhava ora para um lado ora para o outro, dividindo sua atenção entre as duas mulheres mais velhas. Ouvi-a dizer:

— Ele não se eximiu. Também entrou no sorteio das lascas de madeira.

— E você acredita que ele não já sabia qual lasca escolher? — retrucou Hannah, com cinismo. — Ele controlou tudo. O que teríamos feito ontem sem o Sr. Nilsson, o Sr. Hoffman e o coronel Marsh? Até o Sr. Preston é mais forte do que a maioria das mulheres. Perdemos apenas o mais fraco. Acha que é mera coincidência?

Eu tinha pensado exatamente a mesma coisa no dia anterior, mas em seguida esquecera por completo.

— Se ele armou alguma coisa — arrisquei me manifestar —, foi com a intenção de salvar os demais passageiros.

— Nesse caso — cortou Hannah, com voz glacial —, você concorda com assassinato se for para salvar sua pele?

Eu não sabia o que responder. Não sabia por que de repente Hannah parecia não gostar de mim, mas a Sra. Grant olhou-me da cabeça aos pés como se me avaliasse e disse:

— Não se aborreça com Grace, Hannah. Ela ainda nos será útil.

Depois, Mary Ann foi sentar-se ao lado de Greta, a jovem alemã que venerava a Sra. Grant, e as vi discutir com ar sério e as cabeças unidas. Era assim que se espalhavam e se nutriam as sementes da desconfiança. Mais tarde naquele mesmo dia a Sra. Grant questionou Hardie a propósito de seu senso de direção.

— Estamos navegando em círculos — reclamou ela. — Primeiro vamos num sentido, depois noutro.

— E o que a senhora sabe sobre isso? — retrucou Hardie, com escárnio.

Tive a confirmação de que ele se machucara durante a tempestade, porque, quando tirou o colete salva-vidas que o diácono lhe dera, seu braço esquerdo estava amarrado contra o peito. Mas fiquei contente de vê-lo com a faca na mão, inspecionando a superfície da água à procura de peixes. Esse era o velho Hardie. Talvez não estivesse tão fora de forma, afinal.

— Pensei que tivéssemos decidido pegar a direção leste para aproveitar o vento e a corrente, mas agora, por alguma razão, estamos navegando rumo ao sul — comentou Hannah.

De fato, o sol começara a mergulhar no horizonte, o que deixava os pontos cardeais cada vez mais evidentes. Mary Ann começou a se lamentar. Estávamos todos irritados com aquela conversa, tivesse ela algum sentido ou não.

— E eu queria ver a senhora navegar para dentro do vento — rebateu Hardie. — Se entendesse alguma coisa do ofício, saberia que é impossível.

— Mas eu pensei que o vento estivesse soprando da América — retrucou Hannah.

A partir daquele momento Hardie recusou-se teimosamente a falar, concentrando-se nas muitas pequenas tarefas que o mantinham sempre ocupado; percebi, no entanto, que ele retificou o rumo e que estávamos de novo voltados para o que parecia ser a direção leste. A Sra. Grant nos chamou de “meus queridos”, com o ar sério que lhe era peculiar, e nos garantiu que nem tudo estava perdido, que, se continuássemos a navegar na direção leste, mais cedo ou mais tarde chegaríamos à Inglaterra ou à França. A animosidade entre a Sra. Grant e Hardie estava latente fazia algum tempo já, mas agora eu via que ela soubera tirar proveito de várias situações desde o primeiro dia, quando se pronunciara a favor de resgatar a criança. Tinha sido a primeira a sugerir o uso da vela, o que nos parecera uma boa ideia, ainda que o barco estivesse lotado demais para que essa fosse uma opção viável. Depois, criticara em voz alta a ideia do sorteio, sem, no entanto, a veemência necessária para impedir que se realizasse. Embora a morte dos

homens tenha beneficiado a todos, foi a Sra. Grant quem emergiu do incidente no patamar mais alto de superioridade moral.

Enquanto Hardie procurava algum peixe, seus ombros ficavam todos curvados, o que acentuava seu aspecto animal. Seus olhos estavam fundos, e de vez em quando ele nos encarava como se tivesse uma leve e velada suspeita. Por instinto, eu sabia que ele não tinha mais certeza da própria autoridade. Assim como todos os outros, estava fisicamente enfraquecido e comunicava suas decisões, antes tão inspiradoras de coragem, com muito menos convicção. Cada vez mais as mulheres passaram a pedir a opinião da Sra. Grant, como antes faziam com o Sr. Hardie, e uma vez, quando ele caiu em um sono profundo após uma noite inteira sem descanso, a Sra. Grant, sem qualquer cerimônia, foi até os tonéis de água e espiou dentro.

— Há menos do que eu esperava — declarou ela em resposta às nossas perguntas, e em seguida sussurrou alguma coisa no ouvido de Hannah, cujos olhos se estreitaram como os de um gato.

— Ele acha que somos incapazes de entender as coisas — reclamou Hannah, e quando Hardie acordou, ela perguntou-lhe de pronto quanto de água havia nos tonéis.

— O suficiente para pelo menos quatro dias — respondeu ele, e presumimos que fosse mentira, pois a Sra. Grant acabara de inspecionar ela mesma os recipientes.

— Não minta para nós — retrucou Greta. — Não somos crianças! Hardie ficou surpreso, mas sustentou a estimativa.

— Abra os tonéis e mostre a água, então — insistiu Hannah.

— Isto não é uma democracia — retrucou ele, e voltou a medir o ângulo do sol.

O vento era agora apenas uma brisa regular, e navegávamos a uma velocidade boa, mas o incidente da água e o erro de direção durante a manhã tinham afetado seriamente a autoridade do Sr. Hardie. E, com três homens a menos, ele perdera importantes aliados naturais. Se tivesse nos explicado tudo em termos claros, talvez conseguisse recuperar sua posição, mas o modo grosseiro

como discorria sobre vento aparente versus vento verdadeiro, ausência de bússolas e cronômetros e pessoas que possuíam muito dinheiro e pouco bom senso indicava certa desordem mental. A nosso entender, a pessoa sabia ou não sabia navegar. Não queríamos ouvir preleções sobre distúrbios atmosféricos, correntes dominantes, mudanças do vento ou casos de força maior.

Naquela noite, a Sra. Grant e Hannah — seguidas de Mary Ann, como uma sombra — foram até os fundos do barco e de novo pediram que os tonéis de água fossem abertos para que pudéssemos avaliar nós mesmos a gravidade da situação. Mais uma vez o Sr. Hardie disse não. Eu só conseguia ver seu rosto de relance, porque as três mulheres bloqueavam minha visão. Talvez por causa da má alimentação ou pela exposição às forças da natureza, meus sentidos falhavam às vezes, de modo que foi muito difícil entender com exatidão o que estava acontecendo, embora alguns detalhes se encaixem quando penso nos fatos ocorridos durante aqueles dias. Por um lado, eu queria acreditar em Hardie quando ele dizia que havia água suficiente para o futuro imediato, um período que encolhera para não mais que um ou dois dias, pois eu tinha certeza de que estaríamos todos mortos depois disso. Por outro, a verdade me interessava sob um ponto de vista intelectual. Eu tinha consciência, contudo, de me sentir aborrecida com a Sra. Grant e com Hannah por introduzirem uma nova tensão no barco, e também com o Sr. Hardie, por todas as mentiras que talvez nos tivesse contado ou pelos erros que talvez tivesse cometido. Acima de tudo, porém, eu não queria perceber o medo que em breves momentos se notava nos olhos do Sr. Hardie. Não queria ver exposto qualquer sinal de fraqueza, já que depositara nele minhas esperanças de sobrevivência. E eu sentia em muitos outros a mesma relutância a qualquer tipo de confronto. A Sra. Grant talvez até estivesse certa em suas exigências, mas nós nos agarrávamos às nossas ilusões, ou pelo menos ao que restava delas.

DIA DOZE

Em nosso décimo segundo dia no barco, um bando de pássaros caiu do céu de maneira inexplicável.

— É sinal de que vamos sobreviver! — exultou a Sra. Hewitt.

— É sinal de que vamos morrer! — gritou Mary Ann, que nos últimos dias era tomada pelo pânico por qualquer motivo.

— Claro que vamos morrer — disse Hardie, rindo, em resposta aos questionamentos surgidos de todos os lados do barco. — Só não sabemos quando.

— É um presente de Deus — afirmou Isabelle, séria e com seu eterno ar de devota; e, ao ouvir isso, Maria fez o sinal da cruz.

No mesmo instante, o Sr. Hoffman e o Sr. Nilsson pegaram seus remos e começaram a puxar os pássaros para perto do barco, de forma que pudéssemos pegá-los.

O promotor disse ao Sr. Reichmann que pretendia usar esse incidente no julgamento como prova de que não precisávamos matar uns aos outros, pois quem poderia saber se Deus não nos mandaria uma nova chuva de pássaros? “Como seria possível contar com mais pássaros?”, perguntei a mim mesma, incrédula, já que nenhum de nós havia escutado uma história dessas antes.

Passamos o dia inteiro tentando descobrir de qual espécie eram aquelas aves. Para Hannah, que assumira as funções do diácono de abençoar a comida e falar sobre Deus e a Providência, os pássaros, ainda que apenas sob um ponto de vista simbólico, eram pombas, no sentido em que pássaros e mensageiros são sempre pombas ou

falcões. E como estávamos todos loucos para acreditar que nos aproximávamos de terra firme, concordamos tacitamente em dizer que eram pombas, ao mesmo tempo em que ríamos, arrancávamos suas penas amareladas, devorávamos a carne crua e roíamos os ossos frágeis.

Foi Hardie quem acabou com nossa alegria:

— Não é por estarmos perto da costa que esses pássaros caíram em nosso colo, é por estarmos *longe* da costa que eles caíram mortos. Total exaustão, esse foi o motivo para despencarem sobre nós.

Nós o ouvimos; nós o compreendemos, até, mas já sabíamos que estávamos no meio do oceano, longe da costa e de tudo que nos era familiar. Não queríamos ser lembrados disso, não no momento de tão grande bênção. Depois de nos fartarmos, a Sra. Grant sugeriu que deixássemos secar ao sol uma parte da carne para termos o que comer no dia seguinte.

— É pouco provável que um milagre desses aconteça duas vezes — argumentou ela.

Não perdemos um minuto sequer: logo estávamos cobertos de penas e vísceras, como funcionários de um abatedouro. A Sra. McCain, que desde o início mostrara um ar severo e parecia não ter senso de humor, surpreendeu a todos ao dizer:

— Ah, se minha irmã pudesse me ver agora!

Rimos muito ao ouvir uma pessoa tão sisuda fazer um comentário que só podia ser interpretado como uma brincadeira.

A carne dos pássaros tinha gosto de óleo e também um pouquinho de peixe. Eu fazia de mim mesma uma pálida imagem de predadora, até que olhei ao redor e percebi que éramos todos predadores e que sempre tínhamos sido. No entanto, o que não me saía da cabeça era o que o Sr. Preston me dissera sobre o tempo de sobrevivência do corpo humano sem alimento. Recebêramos a oportunidade de adiar a morte por inanição em mais um ou dois dias, o que me parecia a maior das bênçãos que poderíamos pedir. E quando penso naquele dia, percebo que havíamos renunciado à

esperança de sermos resgatados e começámos a pensar que nossa única chance de salvação seria resgatar a nós mesmos. Eu não era a única a sentir uma estranha afinidade com tudo que me rodeava: o céu, o oceano, o barco repleto de companheiros que tinham agora sangue escorrendo pelo queixo e os lábios com fissuras dolorosas que rachavam e sangravam toda vez que arriscavam sorrir.

NOITE

Talvez tenha sido um erro comer tanto, pois alguns passageiros tiveram indigestão. Durante toda a noite ouvimos os sons abafados das necessidades físicas sendo atendidas. Não tive esse problema, e, à medida que o dia declinava, a estranha sensação de solidariedade que eu sentira durante a tarde por meus semelhantes e de conforto no meio deles aumentou. Não sei como definir o sentimento que se expandia em meu peito a não ser como otimismo, e quando Mary Ann colocou as delicadas mãos sobre meus ombros e me abraçou, retribuí seu gesto.

Como o Sr. Hardie nos colocara sentadas lado a lado no primeiro dia, Mary Ann tinha adotado o hábito de me pedir conselhos. Acredito que essa aproximação estivesse também ligada à inacessibilidade e à frieza de Hardie, pois era quase preciso marcar uma audiência para falar com ele, e, quanto a Hannah e à Sra. Grant, as duas eram muito requisitadas como conselheiras, o que não acontecia comigo. No início daquela noite, enquanto o sol se escondia no horizonte, tudo no navio ficara banhado de um brilho fulgurante, o que fazia com que nossos rostos ensanguentados parecessem pertencer a uma legião de demônios. Hannah tinha mergulhado um pedaço de pano na água do mar e circulado pelo barco limpando o sangue dos rostos de um em um. Então de repente Mary Ann pareceu dar-se conta da própria aparência assustadora, já que todos estavam cobertos de penas e sangue e não havia motivo para ela não estar também assim.

— Grace — sussurrou ela, escondendo o rosto entre as mãos. — Você tem um pedaço de pano?

— Para quê? — perguntei.

— Quero lavar o rosto! Devo estar horrível, não?

Respondi que eu não tinha pano algum, mas que Hannah tinha e a ajudaria, como estava ajudando os outros.

— Quero me limpar sozinha! — gritou Mary Ann. — Pode me ajudar a chegar até a amurada, então? Posso me debruçar e limpar o rosto com a água do mar.

Ela apontou para um lugar vazio ao lado do Sr. Preston, e então deixei-a apoiar-se em mim para chegar lá. Mas ela insistiu:

— Não, venha também — insisti. — Não se incomoda de trocar de lugar com Grace, não é, Sr. Preston?

Com sua impaciência, Mary Ann quase me derrubara em cima dele, que não teve alternativa senão mudar de lugar.

Quando nos sentamos, Mary Ann propôs:

— Agora uma limpa a outra. Serei seu espelho e você o meu.

Àquela altura, metade do sol já desaparecera no horizonte; logo seria noite.

— Daqui a pouco já não vamos conseguir enxergar nada. Um espelho tem muito pouca utilidade no escuro.

— É por isso que precisamos nos apressar — retrucou Mary Ann.

Imaginei que talvez ela estivesse com medo de já estar tão escuro quando chegasse nossa vez que Hannah acabasse não conseguindo limpá-la direito. Também me ocorreu que Mary Ann estivesse com dores no estômago e só quisesse uma desculpa para sentar-se junto à amurada, já se preparando para quando precisasse vomitar. Só meia hora depois, quando Hannah aproximou-se e perguntou se queríamos ajuda para limpar o rosto, descobri o verdadeiro motivo para a insistência de Mary Ann. A razão que surgiu em minha cabeça quando ergui os olhos para Hannah e a ouvi dizer “Muito bem. Vejo que se viraram sozinhas” foi ciúme. Mary Ann percebera os olhares que Hannah e eu trocáramos, mesmo tendo sido tão poucos, e tentava impedir que

tivéssemos mais contato. Por um momento fui tomada pelo ressentimento por ter sido manipulada dessa forma.

É óbvio que eu podia estar enganada. Ao procurar uma explicação racional para esse gesto isolado de Mary Ann, eu ignorava as incontáveis vezes em que seus atos desafiaram explicações de qualquer tipo e só podiam ser interpretados como o comportamento de alguém sofrendo de profundo e constante abalo emocional. Eu mesma tinha dificuldade de racionalizar cada um dos meus atos a bordo do barco salva-vidas, por isso seria injusto de minha parte exigir ainda mais que isso de uma pessoa cujo equilíbrio psicológico era claramente precário. De todo modo, foi isso que pensei no momento, e deixo aqui o registro por uma questão de honestidade. Também relato o fato para mostrar que, durante as intermináveis horas que passamos quase sem ocupação, nossas mentes buscavam encontrar um sentido para tudo, do mesmo modo como buscamos dar um sentido a cada situação em que nos vemos.

Mais tarde a lua ergueu-se e inundou o barco com sua luz fria. Ao lembrar que os povos antigos veneravam a lua porque não conseguiam explicá-la, fiz, sem nem refletir, uma pequena prece para que ela nos salvasse. Por um momento me perguntei se as orações só eram ouvidas em noites de lua cheia e não na minguante, como que eu via então no céu. Depois fiz uma prece por Henry, envergonhada por mantê-lo tão distante de meus pensamentos nos últimos tempos.

Àquela altura da noite, tenho quase certeza de que Mary Ann continuava sentada a meu lado junto à amurada, mas, como isso não era algo com que eu me preocupasse, não posso garantir. De todo modo, quando o sol trouxe a manhã seguinte, ela voltara para seu lugar no banco transversal, portanto estava ao lado do Sr. Preston, que ainda ocupava meu antigo assento. Ambos estavam acordados e pareciam cochichar alguma coisa, mas se afastaram quando Mary Ann percebeu que eu os observava. Lembrei-me da noite anterior, quando ela fizera questão de sentar-se junto à

amurada do barco e insistira para que eu a acompanhasse, e minha interpretação daqueles fatos começou a mudar. Passei a considerar a possibilidade de que a intenção de Mary Ann fosse na verdade falar em particular com o Sr. Preston, não tendo nada a ver comigo ou com Hannah, embora eu temesse que minha imaginação estivesse correndo solta. Mas os ocupantes do barco começavam a se agitar, e os acontecimentos dos dias seguintes afastariam de minha mente toda aquela questão banal de descobrir as motivações de Mary Ann.

DIA TREZE

No dia seguinte à chuva de pássaros, um dos outros barcos salva-vidas reapareceu a distância. Não foi possível saber se era um dos dois que já havíamos visto ou outro, embora Hardie parecesse ter certeza da primeira opção. O Sr. Hoffman estava encarregado de vigiar o quadrante nordeste do oceano e foi o primeiro a avistar o barco, que logo desapareceu de seu campo de visão, por isso durante algum tempo contamos apenas com sua palavra. Naquele momento, a notícia foi recebida como fruto de uma alucinação e não provocou emoção imediata. Houve, claro, uma espécie de sonho coletivo, mas nada que indicasse que as pessoas de fato acreditavam naquilo.

O buraco no barco nos deixara em uma situação perigosa, e ainda havia o medo não declarado de, caso o mau tempo voltasse, precisarmos aliviar ainda mais o peso.

— Não dá para fazer um remendo, Sr. Hardie? — perguntou a Sra. Grant assim que o sol apareceu no horizonte. — Tenho certeza de que o senhor consegue encontrar uma solução!

Entretanto, por mais que ele tentasse vedar o buraco com cobertores, o fluxo de água não podia ser interrompido.

— Não se trata de um simples furo. Veja com os próprios olhos como a madeira rebentou.

De tempos em tempos, porém, a Sra. Grant voltava à carga:

— É claro que o senhor consegue pensar em uma solução. Um homem com sua experiência!

Por fim o Sr. Hardie perdeu a paciência e gritou:

— Faça a senhora mesma o remendo, então! Dê um jeito nessa droga toda!

Fiquei chocada ao vê-lo perder o controle diante de uma simples provocação, sobretudo porque tínhamos nos alimentado no dia anterior e ainda havia pedaços de carne secando sobre a cobertura de lona do barco para o café da manhã. Tentei dirigir para Hannah um olhar inquiridor, mas ela sem dúvida estava mergulhada nos próprios pensamentos e parecia insensível ao que acontecia ao redor, até a Sra. Grant pedir-lhe que distribuísse dois pedaços da carne de pássaro para cada um. Na maior parte do tempo, era o Sr. Hardie o encarregado do tonel de água, mas dessa vez ele murmurou algumas palavras para o Sr. Hoffman, que assumiu a função de fazer a caneca circular. Com tão pouco líquido para umedecer nossas bocas, ficava difícil engolir a carne, e me perguntei se teria valido a pena secá-la. Vi quando Isabelle mergulhou seu pedaço no oceano, mas era evidente que, embora a carne molhada fosse mais fácil de mastigar e engolir, o sal adicional só serviria para ajudar a retirar o precioso estoque de água de seu corpo e aumentar a sede.

As enormes ondas chegavam até nós em um ritmo hipnótico. Um movimento de sobe e desce regular como o mecanismo de um relógio. À exceção dos que recolhiam a água do fundo do barco e a despejavam de volta no oceano, quase todos permaneciam em silêncio e inertes. Estávamos atordoados, ansiosos e quase anestesiados pela fadiga de nossos corpos e mentes e pelo balanço ritmado, até que, como que por milagre, o outro barco e o nosso subiram ao mesmo tempo no alto de ondas distintas, e antes de deslizarmos do dorso verde e transparente do oceano para o meio de outra depressão, distinguimos a segunda embarcação, a silhueta recortada contra o céu, a uma distância de talvez quatrocentos metros de nós.

Dessa vez, várias pessoas o viram.

— Peguem os remos! — gritou o coronel, quebrando aquele silêncio de atordoamento. — Vamos até lá!

Houve então grande alvoroço enquanto assimilávamos a informação e confrontávamos a lista reduzida de nossas certezas com a lista muito mais extensa de nossas esperanças. Com grande agitação, os remos foram retirados de sob a amurada, onde eram guardados e onde haviam permanecido quase sem uso desde a tempestade, e foi então que Hardie levantou-se, abriu os braços como se fosse Cristo na cruz e avisou:

— É o barco de Blake! Aposto o que quiserem como é ele! Pousar remos!

— Que seja o diabo em pessoa! — exclamou o coronel. — Preparem-se para remar!

Foi nesse momento que Hannah encaminhou-se para a popa, dobrada sobre si mesma e agarrando-se ao que houvesse por perto para conseguir manter o equilíbrio. O Sr. Hardie estava distraído e tive a impressão de que só reparou nela quando a viu colocar as mãos em um dos dois tonéis de água que nos restavam depois do que perdêramos na tempestade.

— Volte para o seu lugar, droga! — gritou Hardie.

Mas era tarde demais para impedi-la de arrancar a tampa de um deles. Hardie investiu em sua direção.

— Não permitirei que a senhora nos coloque em risco! — vociferou ele.

A mão de Hannah, no entanto, desapareceu dentro do tonel e reapareceu com uma pequena caixa de madeira solidamente amarrada com uma corda.

— O senhor, que não teme ninguém, age como se tivesse medo de Blake — gritou ela. — Será esta a razão?

Ela parecia saber da existência da caixa. Imaginei que a Sra. Grant a tivesse descoberto quando examinara os tonéis para verificar a água, e que passara a informação adiante.

— Devolva isso! — gritou Hardie. — A senhora não sabe o que está fazendo.

As mãos de Hannah, no entanto, já manuseavam a corda e tentavam desfazer o nó. Por um momento, o outro barco ficou esquecido, fora de nossa visão e atrás das enormes ondas que cadenciadamente nos embalavam, como se para nos demonstrar que o padrão geral do mundo não seria perturbado pelos incontáveis pequenos dramas da vida humana; e era fácil acreditar que ele nunca tivesse estado ali.

— Tome a faca dele — sugeriu a Sra. Grant. — Sr. Hardie, a faca, por favor.

Hardie apenas nos encarou. Seus olhos pareciam saltar do rosto macilento. Ele apalpou a cintura e tirou a faca da bainha, mas, em vez de entregá-la a Hannah ou usá-la para cortar a corda, empunhou-a de maneira ameaçadora e disse:

— Está certo, então: se minha palavra não vale nada, me entregue a caixa.

Sem que a Sra. Grant tivesse tempo de fazer qualquer objeção, nosso barco voltou a subir em uma onda gigante. Enquanto deslizávamos de volta, avistamos o outro barco, prestes a despencar sobre nós.

— Aos remos! — gritou Hardie enquanto as duas embarcações ficavam a poucos centímetros uma da outra, fazendo com que ele e Hannah se chocassem, e a faca, por acidente ou de propósito, provocasse um corte profundo na face de Hannah.

Ela gritou, deixou a caixa escapar e caiu nos braços de Hardie. Ele conseguiu segurá-la, mas — novamente, se por acidente ou de propósito, não se sabe — a faca saltou pela amurada, e a caixa deve ter tido o mesmo destino, pois depois disso não foi mais vista no barco, e apenas a intervenção divina impediu que Hannah e Hardie não fossem também lançados ao mar. Hardie nos jurou, e talvez fosse verdade, que teria sido impossível salvar ao mesmo tempo a caixa e Hannah, mas sua capacidade de controle era tanta que todos acreditaram que ele manipulara os fatos de modo que qualquer segredo ou prova que a caixa contivesse se perdesse para sempre.

Hannah caiu no fundo do barco quando Hardie a largou para arrancar um remo das mãos do Sr. Hoffman e, apesar do braço machucado, remar com força na tentativa de se distanciar do outro barco.

— Ainda acham que devemos nos unir a eles? — gritou Hardie. Uma pergunta retórica, claro. — Ainda acham que formaríamos uma bela dupla, navegando lado a lado?

Tenho apenas uma vaga lembrança dos ocupantes do outro barco. Muitos estavam apáticos e inertes, não sabíamos se mortos ou apenas machucados ou doentes. Não mais do que quatro ou cinco deram algum sinal de vida, na forma de um ricto de horror, quando nossos barcos quase se chocaram. Uma mulher estendeu os braços em nossa direção e um homem gritou algo, mas foi impossível entender o quê. Uma coisa, no entanto, estava clara como cristal: havia bastante espaço livre no outro barco.

Quando Hardie pegou o remo de Hoffman, o Sr. Preston deslocou-se para meu lado a fim de equilibrar o peso da embarcação. Ele então se inclinou para mais perto de mim a fim de comentar:

— O que quer que aquela caixa contenha, deve ser de enorme valor.

— Todo mundo tem grande apego aos pertences pessoais. E creio que em nenhuma outra situação isso é mais verdadeiro do que na nossa, em que a maioria de nós perdeu tudo.

— Mas não fazemos tanto segredo assim, faz? Por que será que o Sr. Hardie não nos diz claramente o que há dentro da caixa? Talvez quando as coisas se acalmarem alguém pergunte diretamente a ele em vez de tentar arrancar seu segredo à força.

— Este não é mesmo o momento certo! — falei. — Além disso, ele está acostumado a se ver em meio a todo tipo de gente. É natural que não saiba em quem confiar.

— É verdade, é verdade — aquiesceu o Sr. Preston, e pela segunda vez senti que ele escondia algo, que sabia mais sobre a caixa do que deixava transparecer.

Depois que conseguimos abrir uma boa distância do outro barco, o Sr. Hardie ordenou que parássemos de remar.

— É ela ou eu — disse, apontando com o braço bom na direção da Sra. Grant. — Vocês precisam decidir se querem ela no comando, ou eu.

Ele nos contou que a caixa era sua, que o conteúdo não interessava a ninguém e que não diria mais uma palavra sobre o assunto. Lembrei-me da caixa que eu o vira colocar discretamente para dentro do casaco durante a tempestade e imaginei que só podia ser a mesma. Se fosse, ele estava fazendo um grande esforço para escondê-la, mas guardei essa observação para mim.

A Sra. Grant percorreu o barco com os olhos e nos deu a oportunidade de falar o que nos viesse à cabeça. Ela foi a primeira, e estabeleceu o tom. Disse que, em sua opinião, o Sr. Hardie abusara do poder e nos mantivera afastados do outro barco devido a sua animosidade com o tal de Blake. Isso podia ou não ter custado vidas, uma vez que não havíamos explorado a possibilidade de transferir alguns de nossos passageiros quando tivéramos a oportunidade. Depois acusou-o de, com o sorteio, ter provocado a morte de três pessoas, se não mais, embora fosse a nossa opinião que lhe interessasse, não a sua própria. O coronel levantou-se e disse que o Sr. Hardie de fato colocara a vida de todos em perigo ao não se aproximar do terceiro barco nos primeiros dias e que, por seus próprios atos e sua falta de discernimento, perdera a confiança daqueles colocados por Deus ou pelo destino sob sua responsabilidade.

— Sem dúvida seria loucura nos aproximarmos do outro barco com o mar mexido como o que vimos hoje, mas devíamos ter feito isso quando pudemos.

O coronel terminou seu discurso com um tom quase heroico ao citar “os pobres coitados que acabamos de ver, que sem dúvida teriam sido beneficiados caso tivéssemos nos envolvido e ajudado antes”.

Apenas o Sr. Hoffman manifestou-se em defesa do Sr. Hardie, ressaltando que nós mesmos perdêramos apenas oito dos nossos. Éramos ainda trinta e um e, com exceção da Sra. Forester, que viria a morrer naquele mesmo dia sem que ninguém nem prestasse muita atenção, estávamos todos relativamente bem de saúde. Além do mais, embora houvesse divergência se o barco recém-avistado era o de Blake ou o do homem de barba, seus ocupantes estavam visivelmente mais doentes e esgotados do que nós. Sabíamos que um dos barcos partira com lotação acima da capacidade, e, se fosse o que acabáramos de ver, parecia que as chances de morte a bordo daquele eram muito maiores do que no nosso. E o Sr. Hoffman tinha plena convicção de que devíamos isso à extrema capacidade do Sr. Hardie de preservar a vida de quem se encontrava sob sua responsabilidade. O Sr. Nilsson manteve-se em silêncio e não tomou posição, nem a favor nem contra.

O Sr. Hardie resmungou que, fosse qual fosse o barco que acabáramos de avistar, havia agora muito lugar a bordo.

— Se algum de vocês quiser arriscar, tenho certeza de que é possível dar um jeito — sugeriu ele.

A Sra. Grant, no entanto, disse que, se fosse para algum de nós ser transferido para o outro barco, que fosse o próprio Sr. Hardie. Diante de tal sugestão, o Sr. Hardie a olhou atravessado e eu encolhi-me contra o Sr. Preston, aterrorizada pela ideia de que um indivíduo pudesse abrigar dentro de si personalidades tão opostas. De todo modo, o barco não estava mais à vista, e, nesse caso, mesmo que houvesse um modo prático de transferir o Sr. Hardie, a hipótese agora estava descartada.

Lisette tomou a palavra para falar de um boato que circulava desde o terceiro dia, quando ficáramos sabendo que o Sr. Blake tinha jogado no mar duas pessoas de seu barco. Eu ouvira essa história em diversas ocasiões, cada vez com novos detalhes, que eram ou contribuições factuais de testemunhas confiáveis ou puras fantasias resultantes de nossa imaginação sempre mais fértil. Lisette sugeriu que, se o barco do Sr. Blake navegava de modo

estranho, era porque estava carregando algo pesado, algo talvez roubado do cofre do *Empress Alexandra*.

Greta, que se afeiçoara demais a Hannah e à Sra. Grant e desenvolvera uma antipatia irracional pelo Sr. Hardie, sugeriu que ele e Blake estavam de conluio e que, de algum modo, Hardie ajudava Blake ao manter nosso barco afastado do dele.

— Mas que prova você tem disso? — gritei, antes mesmo de dar-me conta de que desejava falar.

O coronel interrompeu-me:

— Se a acusação for falsa, o Sr. Hardie nos dirá.

— Greta tem tanto direito de se manifestar quanto qualquer um de nós — observou a Sra. Grant, em retribuição à afeição de Greta. Em seguida, virando-se para o Sr. Hardie, perguntou: — Tem algo a dizer em sua defesa?

— Se Blake e eu de fato roubamos alguma coisa, algo que de todo modo teria sumido no fundo do oceano, onde permaneceria enterrado na areia por toda a eternidade, eu perguntaria: o que sabem vocês sobre passar apertos na vida, vocês que sempre tiveram tudo? A pobreza é um naufrágio! É muito fácil levar uma vida decente quando todas as nossas necessidades básicas são satisfeitas. E se não tivermos roubado nada, eu diria apenas: que pena que não roubamos.

— O senhor está sendo acusado não só de roubo, seja da caixa que escondeu de nós, seja do que está sendo transportado no outro barco — continuou a Sra. Grant. — Pode nos dizer por que nos mantém a distância, reduzindo nossa possibilidade de resgate?

— Como isso reduz alguma coisa? Não espero que escutem o que diz o Sr. Hoffman, mas a prova do argumento dele está bem aqui, conosco.

Quando chegou a vez de Mary Ann se manifestar, ela sacudiu a cabeça para indicar que nada tinha a comentar. Depois inclinou-se em minha direção e murmurou:

— Não consigo parar de pensar no que a Sra. Fleming disse. Que o seu marido pagou ao Sr. Hardie para que você embarcasse. Talvez

seja esse o conteúdo da caixa. Talvez ele a tenha recebido de seu marido, não a roubado. A caixa lhe parece familiar? Já a olhou com atenção? Se a reconheceu, você precisa dizer alguma coisa!

Retruquei que a Sra. Fleming tivera delírios e que meu marido não era do tipo que pagaria por alguma coisa quando podia obtê-la de graça; e que, além do mais, no momento de um naufrágio apenas um canalha se preocuparia com algo tão fútil quanto diamantes e ouro.

— Mas eles já tinham começado a baixar este barco quando você embarcou — retrucou Mary Ann. — Eles o ergueram de volta para você entrar. Tenho certeza. E foi quando Hardie embarcou, também. É possível que o seu marido tenha pagado a ele sem você reparar.

— Fico impressionada por você se lembrar de tudo com tanta clareza, Mary Ann. Por que eu, pelo contrário, estava tomada pelo pânico. Quando percebi, estava em um barco salva-vidas, e fico feliz por isso, mas não tenho a menor lembrança de como aconteceu.

NOITE

Naquela noite não dormi, ou, se dormi, foi mais como transitar de lá para cá entre os estados de consciência e inconsciência, sendo a fronteira entre um e outro um vasto território com atividade mental e agitação física mais intensas do que nos períodos em que permaneci acordada. Acho que temíamos ser jogados do barco durante o repouso, o que nos fazia ter sobressaltos e gritar sempre que cruzávamos a fronteira do sono. O Sr. Preston, que recuperara seu lugar junto à amurada, continuou tão perto que chegou a me acertar um soco quando acordou assustado, gritando: “Eu posso explicar tudo!” Em outra ocasião, ele murmurou: “A caixa não pode ser minha! Não passo de simples contador, afinal... O que faria com joias?”

Sacudi-o de leve para acordá-lo, com medo de que viesse a se machucar durante o sono.

— Sr. Preston! — falei. — Acalme-se!

Eu mesma, no entanto, sentia que não estava com as ideias muito claras. Em um momento eu me via diante de nossa antiga casa ao lado de Miranda, prometendo comprá-la de volta para ela, e no outro agarrava-me a Henry enquanto ele afundava nas ondas. Em outro momento ainda, depois de horas tentando manter-me firme, senti que escorregava, não do banco para as madeiras molhadas do fundo do barco, mas do convés do *Empress Alexandra* para dentro do mar apinhado de corpos e destroços. Uma criança erguia o rosto para mim, os braços estendidos, mas quando tentei

segurá-la, pequenas chamas vermelhas inflamaram seus olhos e ela deu uma risada demoníaca, ainda que infantil.

Nossa angústia naquela noite com certeza devia-se ao fato de que as tensões até então subjacentes agora se tornavam explícitas. A Sra. Grant expressara o que muita gente no barco já pensava: que o Sr. Hardie não tinha mais condições de nos comandar; que tomara diversas decisões com base em algum propósito pessoal não declarado; e que pessoas inocentes haviam morrido quando, tivéssemos optado por outro curso de ação, poderiam ter sido salvas. Estivesse ou não com razão a Sra. Grant em suas suspeitas — de que o Sr. Hardie agira por motivos egoístas —, uma vez declaradas, tornava-se impossível ignorá-las. Qualquer que fosse a verdade, a situação nos parecia agora mais perigosa do que nunca, pois nos sentíamos ameaçados não apenas pelas forças da natureza, mas também pelos seres humanos com quem dividíamos o barco.

A noite custava a passar. Nuvens encobriam a lua, criando uma espessa camada de escuridão que nos impedia de distinguir quem se agitava ou quem gemia. Suspeito de que a Sra. Grant tenha incumbido as pessoas sentadas mais perto do Sr. Hardie de revezar-se para vigiá-lo, e pouco antes do amanhecer, quando uma das mulheres perto dele soltou um grito de fazer gelar o sangue, tive a certeza de que alguém a estava matando. Em seguida percebi uma pequena agitação, uma alteração no equilíbrio do barco, depois a voz reconfortante da Sra. Grant informando a seja lá quem fosse que se acalmasse, pois tinha sido apenas um pesadelo. Por fim, o sol lançou sobre nós sua pálida luz matinal, iluminando nosso mundo flutuante em um avanço quase imperceptível de tão gradual; mas quaisquer esperanças que tivéssemos nutrido durante a noite de que um novo dia apagaria o drama da véspera estavam prestes a ser retalhadas.

DIA QUATORZE

Todos estavam estranhamente calmos quando, com o dia já alto, a Sra. Grant pediu uma votação para determinar se o Sr. Hardie deveria se jogar do barco. Só posso explicar tal equanimidade pela relação de confiança que a Sra. Grant estabelecera com os outros passageiros, como descrevi antes, ou talvez pelo fato de o dia estar tranquilo, cinzento e sem vento. Apenas Anya Robeson pareceu um pouco chocada, como se só naquele momento tomasse consciência do que estava acontecendo a seu redor.

— E o outro barco salva-vidas? — perguntou ela, tendo o cuidado de cobrir os ouvidos do filho com as mãos. — Se não o quer neste barco, ele não pode ser transferido para o outro?

Quando relembro os fatos, os esforços de Anya para tentar conseguir um meio-termo me parecem louváveis, mas na hora a sugestão pareceu totalmente fora da realidade, quase oriunda de uma mente perturbada. Em primeiro lugar, o outro barco não estava visível, de modo que não havia uma possibilidade real de pedir ajuda. Em segundo, acredito que estávamos tão acostumados a nos ver como seres isolados de todo tipo de sociedade humana, que a ideia de receber socorro de fora de nosso pequeno barco havia muito deixara de passar por nossa cabeça. A Sra. Grant respondeu a Anya amavelmente. Lembro-me de seu tom, mas não das palavras exatas.

— Quem for favorável a sua morte diga “sim” — acrescentou Hannah, para que não houvesse dúvida quanto ao objetivo da

votação.

Mary Ann, no entanto, olhou-me com olhos arregalados e perguntou:

— O quê? O que ela quer dizer com isso?

Cada vez mais eu me mostrava impiedosa com Mary Ann, que parecia sempre supor que seria natural que todos cuidassem dela, apesar de suas acusações e de sua instabilidade emocional. Embora desde o início sua tímida indecisão tivesse me encorajado, não me lembro de ela ter me oferecido alguma coisa, apenas de ter tomado. Se a situação fosse ruim, eu não a protegeria da realidade. Não era de minha natureza procurar metáforas que ela pudesse entender ou aceitar, como Hannah teria feito. Eu considerava suas perguntas tolas e desnecessárias, mas como ela estava desesperada para acreditar que algum de nós tinha respostas, agarrava-se a cada palavra que eu dizia. Muitas vezes, logo após conseguir atrair minha atenção, ela já não tinha o que dizer, ou esperava por uma resposta sem nem ter formulado a pergunta. Eu também tinha fome de certezas, e algumas vezes era apenas o desespero implacável de Mary Ann que refreava minha compulsão a agir do mesmo modo infantil que ela. Se o Sr. Hardie dissesse “O vento virou para o oeste”, ela me perguntava “Oeste? Ele falou oeste?”.

Eu respondia “Sim” ou “Não”, conforme o caso, e na maioria das vezes falava a verdade. “Isso quer dizer o quê?”, perguntava ela então, ou “De que lado é o oeste?”.

Eu me valia do pouco que sabia sobre nossa posição para expor-lhe os fatos de maneira nua e crua. “Quer dizer que o vento está nos empurrando de volta na direção da Inglaterra”, eu explicava nos primeiros dias, quando estávamos desesperados para manter nossa posição. “Veja pelo lado positivo”, acrescentava. “Se formos empurrados de volta o suficiente, você poderá comprar um vestido novinho em folha para o casamento.” Hannah, no entanto, dizia algo mais no seguinte estilo: “É como um pêndulo, Mary Ann. Primeiro vai para um lado, depois para o outro.”

Agora nos pediam para fazer uma escolha difícil com relação à culpa de Hardie e a resultante sentença, mas respondi como se o problema fosse a falta de comprometimento de Mary Ann.

— Ah, por favor. Você não pode fazer de conta que está brincando em uma banheira, Mary Ann. Sinto muito que não goste de fazer escolhas, mas a triste verdade é que o Sr. Hardie representa agora um perigo para todos nós. Ele perdeu a autoridade e a capacidade de tomar decisões sensatas. Ou ele vai para o fundo do oceano, ou nós. É muito simples.

Mal acabei de pronunciar essas palavras, perguntei a mim mesma se o que eu dizia era verdade. Para ser sincera, eu não sabia na ocasião, e até hoje não tenho certeza. Quando olhei para o Sr. Hardie naquela manhã, não consegui reconhecer nele o super-homem dos primeiros dias no barco salva-vidas. Ainda que mantivesse algo de divino, ele não passava de um deus em sua forma humana, e sabíamos o que acontece com deuses desse tipo. Talvez ele tivesse mudado, talvez nós, ou talvez fosse apenas a situação atual que pedia algo novo. Se o Sr. Hardie não era mais o mesmo, a Sra. Grant mostrava ter fortalecido suas características iniciais: firmeza, perseverança, capacidade inesgotável. Mais do que as duas personalidades antagônicas, porém, era acima de tudo a atmosfera reinante no barco que precisava ser avaliada; assim, enquanto eu repelia Mary Ann com quaisquer palavras que me viessem à cabeça, uma parte mais profunda de minha consciência analisava o rosto dos outros passageiros tentando decifrar seus pensamentos.

Se eu já sabia qual seria a ordem da votação? Acontece que Mary Ann foi chamada antes de mim. Para uma pessoa que avaliasse os fatos sentada em seu escritório, isso seria perfeitamente previsível: fosse nas tarefas que o Sr. Hardie nos atribuía ou na distribuição da água, sempre começávamos no sentido horário, a partir de onde sentava o Sr. Hardie, no fundo do barco, prosseguindo depois de banco em banco. Era lógico, portanto, supor que a Sra. Grant seguisse o mesmo padrão, e que

Mary Ann, agora sentada à minha direita, desse seu voto antes de eu ser chamada para dar o meu. Claro, o Sr. Hardie tinha sido o encarregado das operações, e agora a Sra. Grant assumira o comando de tudo, e não havia um motivo real para deduzir que ela seguiria o mesmo procedimento, mas isso se tornara um hábito entre nós. No entanto, se eu tivesse refletido duas vezes — o que não sei se eu seria capaz de fazer devido ao estado de fraqueza em que me encontrava —, chegaria à conclusão de que a Sra. Grant gostaria de manter as coisas o mais próximo possível da normalidade, a fim de nos convencer que aquela era apenas mais uma das muitas tarefas rotineiras que qualquer um que se encontrasse à deriva em um barco salva-vidas teria sido solicitado a executar.

Seja como for, Mary Ann votou antes de mim. Depois do que eu lhe dissera — acrescentei também algo como “Não pense tanto em você. Pense no seu Robert. Pense em *nós*; ou até mesmo em você, se quiser: debatendo-se na água escura, batalhando para prolongar sua vida por mais um ou dois inúteis minutos, não porque isso a salvará, mas porque lutar contra a morte é parte do nosso instinto como animais” —, Mary Ann escondeu o rosto e murmurou pateticamente um “Não sou um animal”, depois ergueu a mão e fez um sinal positivo com a cabeça.

Depois foi a minha vez. Os olhos de Mary Ann continuavam escondidos atrás dos punhos cerrados. Seu cabelo caía sobre o rosto em um emaranhado. Já havia votos suficientes para aprovar a resolução, por isso quando a Sra. Grant e Hannah olharam para mim, falei em voz baixa:

— Eu me abstenho. Meu voto não é necessário. Façam o que quiserem.

Não sei se, de onde estava, Hardie conseguia ouvir minhas palavras, mas fiz um aceno negativo com a cabeça na esperança de que ele imaginasse que eu votara não. Eu ainda me sentia em dívida com aquele homem que fora nosso líder — com os homens em geral — e, claro, com Deus, que eu sempre vira como homem,

embora agora o visse na forma líquida, erguendo-se caprichosamente e ameaçando nos afogar mas mantendo-nos vivos apenas para nos submeter a mais caprichos e ameaças.

Hannah resmungou alguma coisa bem baixinho. Seu rosto macilento estreitou-se em uma careta. Seu ferimento era um longo risco vermelho que atravessava uma das faces. Eu não conseguia ouvir o que ela dizia, mas até hoje posso ver seus lábios rachados e ensanguentados que pareciam outro ferimento logo acima do queixo. "Covarde", ela pareceu dizer, mas a Sra. Grant acalmou-a com um gesto suave e dirigiu seu olhar impenetrável para mim por um instante. Confortei-me de certa forma, pois eu também me sentia em parte enfeitiçada por ela. Era um dom que a Sra. Grant tinha, de dar às pessoas a impressão de que eram compreendidas. E esse efeito era ainda mais forte nas outras mulheres do que em mim. Elas trocavam olhares serenos entre si e algumas sentiam-se até encorajadas a enfrentar Hardie sem medo.

Se contássemos as italianas, que haviam erguido as mãos entre gemidos, embora ninguém pudesse garantir se compreendiam ou não o que se passava, todas as mulheres, exceto Anya e eu, votaram sem hesitação a favor da morte do Sr. Hardie, enquanto a totalidade dos homens foi contra. Ainda não sei como eu teria votado se tivessem me forçado a fazer uma escolha. Olhei de relance para o Sr. Hardie. Ele me dirigiu um olhar fixo e cruel, e naquele momento minha vontade foi mandar todos para o inferno, cada homem e cada mulher, cada maldito e insignificante ser humano.

Repito que estávamos enfraquecidos. Mal consigo me lembrar direito do que se passou, e olhem que eu estava lá. Os magistrados do tribunal parecem totalmente incapazes de compreender nossas circunstâncias. Como poderiam? Culpo-os apenas de não entender que não conseguem entender. Minha visão parecia ressoar, ecoar. Imagens primárias confundiam-se com pós-imagens, com reflexos luminosos vermelhos e amarelos, com uma mistura distorcida de rostos, feições e a claridade tênue do sol sobre o mar.

— Resolução aprovada — anunciou a Sra. Grant.

As italianas pareciam ansiosas por algo e meio que paralisadas, como se agora o caminho estivesse desimpedido para nosso resgate. Mary Ann choramingava ao meu lado, emitindo pequenos soluços entrecortados. Odiei-a naquele instante.

— Pare com isso! — gritei. — De que adianta gemer assim? Já não basta termos que ouvir o interminável gemido do vento?

Logo, porém, o desespero de nossa situação desabou sobre mim como uma daquelas implacáveis ondas verdes. Então abracei-a com força, e assim permanecemos: com os rostos colados, seu cabelo louro e emaranhado caindo sobre minhas faces assim como o meu caía sobre as faces dela.

Então o Sr. Hardie deveria morrer. O problema agora era como jogá-lo do barco. Ele estava encolhido no último banco como o vira-lata que era, mostrando os dentes amarelos e meio que mordendo o ar.

— Ainda não me pegaram, ainda não me pegaram — rosnou ele, e se a votação ocorresse naquele momento, dessa vez eu teria erguido a voz e gritado “Deixem o vira-lata sarnento morrer!”.

O Sr. Hardie pegara a tampa de um dos tonéis de água e agora a mantinha diante do peito como um escudo. Hannah, que se aproximara com dificuldade, tentou agarrá-la para abrir caminho, mas não teve força. Na tentativa de impedi-la de se aproximar, o Sr. Hardie empurrou o escudo improvisado, com a intenção de atingi-la, mas seu braço machucado não servia para nada e ele estava tão enfraquecido que caiu para trás, chocando-se contra a lateral do barco.

— Grace! Mary Ann! — gritou a Sra. Grant. — Ajudem Hannah!

Até hoje não sei por que fui escolhida, mas ela me olhou no seu modo habitual de avaliação e pronunciou meu nome com voz macia, como se estivesse certa de minha lealdade. Eu tinha sido a única a não votar, e ocorreu-me que talvez fosse essa a sua maneira de me envolver, de me fazer votar com atos, ainda que não o fizesse com palavras. Seu rosto redondo e seus olhos cor de

ametista miravam em nós como raios de luz violeta enquanto eu seguia Hannah através da água agitada acumulada no fundo do barco, ainda repleto de pedaços de ossos de pássaros — que havíamos guardado para aproveitar o tutano —, de penas esparsas e restos de carne estragada. Fechei os olhos e fiz força para colocar meus pensamentos em ordem. Eu estava gelada até a medula agora que Mary Ann não estava mais abraçada a mim.

— Vocês não vão me pegar, ha! — recomeçou o Sr. Hardie. — Porque eu pego vocês primeiro!

— Ele está louco! — exclamou Hannah. — Vai nos matar! Precisamos nos salvar! Segurem esse maluco!

Abri os olhos, tanto para recuperar o equilíbrio que me falhara sem a ajuda da visão quanto para me precaver de qualquer perigo. Acredito que se o Sr. Hardie tivesse olhado diretamente para mim, se tivesse pronunciado meu nome ou demonstrado me reconhecer, eu teria logo sentado ao lado de Greta, sem dar mais nenhum passo na sua direção. No entanto, era Hannah quem me observava, e era a Sra. Grant quem chamava meu nome e me dirigia palavras de incentivo. Enquanto me aproximava, agachada, apoiando-me nos ombros dos outros passageiros para me equilibrar e não ser derrubada pelo balanço do barco, meus ouvidos pulsavam com os lamentos e gritos das italianas atrás de nós. Segurei-me no coronel, que estava encolhido no banco como se assim não pudesse ser visto. Algo grande e escuro se agitava em minha visão periférica. Pensei que fosse o anjo da morte, mas não estava claro naquele momento quem o anjo pretendia levar consigo. Foi somente quando Hardie investiu contra Hannah que o anjo projetou-se à frente e assumiu a forma de uma das italianas, que, armada com uma asa de pássaro, investia contra os olhos de Hardie. Acho que gritei o nome do Sr. Hardie, dando-lhe uma última chance de se defender. Seus olhos se voltaram para mim, mas eram duas bolas de gude cegas, e ele parecia já ter ultrapassado as fronteiras do racional, estando inalcançável a qualquer apelo sensato que se fizesse.

De repente a Sra. Grant surgiu a meu lado, e sua presença sólida me fortaleceu. O momento se dilatou e o tempo parou, permitindo que eu percorresse com o olhar a superfície metálica da água, coberta pelo reflexo opaco do sol. Eu tinha a impressão de que qualquer pessoa forçada a entrar naquela tundra gelada simplesmente se levantaria e seguiria adiante, aliviada por se ver livre do barco e da humanidade pútrida ali instalada. Não sei o que os outros faziam... era como se apenas eu comandasse as rédeas do destino. Sei hoje que foi um excesso de prepotência pensar que eu detinha algum poder, mas naquele momento eu estava certa de que me posicionava do lado dos justos. Em determinado ponto cheguei a ouvir uma voz, talvez da Sra. Grant, me dizendo um doce “Boa menina”, mas não posso jurar que de fato ela tenha falado algo. Sei apenas que por vários segundos que pareciam ter sido excluídos do dia fiquei ali de pé no barco, sem a ajuda de ninguém, face a face com o Sr. Hardie, e não vi nele o menor resquício de humanidade.

Depois, as engrenagens do tempo voltaram a funcionar. Não sei dizer o que eu estava pensando, nem se estava de fato pensando. Sei apenas que quaisquer perigos que tivéssemos enfrentado se transformaram em algo maior e mais ameaçador, e parecia caber a mim decidir — não o destino do Sr. Hardie, mas se o resto de nós sobreviveria. O rosto de Hannah era horrível de se ver, exangue à exceção do risco vermelho do corte, os olhos sem cor, seu cabelo como serpentes negras. Ela e a Sra. Grant agarraram o Sr. Hardie cada uma por um braço. Hannah gritou:

— Grace, segure o pescoço deste maldito canalha!

Segurei. Envolvi o pescoço magro de Hardie com as mãos. Estava gelado como um peixe, rijo e fibroso, como ossos descarnados. No instante em que agarrei minha presa, senti sua respiração em meu rosto. O cheiro parecia uma prova do que havia em seu interior: apenas morte e deterioração. Apertei-o com toda a força que consegui reunir; senti a traqueia se mexer sob meus dedos e o pomo de adão palpitar como um coração encanecido.

— Mais força, minha querida — insistiu a Sra. Grant, com sua voz estranhamente reconfortante.

Ela não tinha a raiva fria nem a histeria delirante da italiana que de novo cutucava o rosto de Hardie com o osso da asa de um pássaro. O Sr. Hardie tinha um olhar enlouquecido, e eu sentia medo de soltá-lo porque, se o fizesse, ele com certeza me mataria.

Hannah estava a meu lado, alta e imponente, e Hardie parecia encolher-se diante dela. Senti que meus braços voltavam a ganhar força. Até hoje lembro-me daquela sensação incrível, mesmo que não consiga reproduzir a força em si. Não sei como mantínhamos o equilíbrio, mesmo com o barco balançando violentamente. Não sei se era o vaivém das ondas ou nosso embate ali dentro que criava tamanha instabilidade, mas eu tinha a impressão de que as duas coisas eram manifestações da mesma força vital que precisa existir enquanto os seres humanos respirarem. O rosto spectral do Sr. Hardie aproximou-se do meu quando Hannah e eu o forçamos a ficar de pé. Eu sentia sua barba espetando meu rosto e seu hálito sobrepondo-se ao cheiro fétido dos pássaros em decomposição e a meu próprio fedor pútrido. As italianas ainda cantavam e gritavam às nossas costas, e havia alguém curvado sobre a figura prostrada — desmaiada — de Mary Ann, acariciando seu cabelo e beijando suas faces. Vi tudo isso, portanto devo ter me distraído de meu alvo por um instante, e foi só quando ouvi a Sra. Grant gritar meu nome que me virei, a tempo de evitar um golpe que com certeza teria me mandado como uma flecha para dentro do mar.

— Chute as pernas dele! — gritou Hannah.

Como se fôssemos uma só pessoa, chutamos ao mesmo tempo. Hardie desabou em cima de nós, seu peso forçando nossos ombros. Ele me pareceu surpreendentemente leve, ou talvez eu fosse mais forte do que imaginava, embora a origem de minha força fosse inconstante: vinha em breves explosões, depois vacilava e sumia. Naquele momento, portanto, tive a chance e as condições de enfiar a mão dentro do casaco dele para tentar recuperar a caixa que eu julgava ainda estar em sua posse, mas, como mais tarde jurei

diante de meus advogados, não a encontrei. E então, com um enorme esforço conjunto, jogamos no mar revolto a única pessoa entre nós que possuía algum conhecimento sobre barcos e correntes.

Durante vários minutos o observamos. Ele debateu-se em desespero. Mais de uma vez submergiu e voltou à superfície, cuspidando água e insultos cada vez que reaparecia. Praguejou contra nós. Acho que as palavras que usou foram “Morram como cachorros!”, antes de gorgolejar e ser engolido pelo oceano. Mantivemos os olhos fixos no buraco formado na água até que uma onda enorme o desfez. A mesma onda ergueu nosso pequeno barco para a luz acinzentada do crepúsculo prematuro, mas nossos olhos continuaram fixos no oceano, possuídos por uma ânsia comum de compreender o que tínhamos feito, ou talvez de justificar nosso gesto ou até esquecê-lo; e poderíamos ter conseguido. Poderíamos ter nos virado para verificar como estava Mary Ann, para nos reunir às italianas, que agora cantavam uma espécie de ária ou hino, ou poderíamos ter comentado que o céu parecia um pouco mais brilhante a... leste? — seria ainda manhã? —, onde as nuvens agora abandonavam o cinza e assumiam formas douradas pelo sol, se o Sr. Hardie não tivesse reaparecido, agitando cabeça e braços na superfície, tão perto do barco que era possível ver a água sair de sua boca por entre as amareladas pedras sepulcrais de seus dentes. Havia muito ele deixara de ter uma aparência humana, mas agora assemelhava-se àquelas criaturas demoníacas descritas nos textos religiosos antigos com o propósito de assustar as crianças e assim fazê-las se comportar.

Depois, graças a Deus, ele sumiu de vez; e então finalmente voltamos a olhar uns para os outros. E nesse momento, livres de um propósito comum, foi como se recuperássemos nossas personalidades individuais. A Sra. Grant reencontrou sua tradicional racionalidade prática; Hannah voltou a demonstrar afetada preocupação com os demais ocupantes do barco — afinal, acabáramos de matar uma pessoa por eles, isso não era uma prova

de quanto eram importantes para nós? Mas eu não queria falar com ninguém nem pensar no que havíamos feito. Comecei então a recolher os restos dos pássaros mortos e a jogá-los para fora.

Há outro momento que permanece gravado em minha mente. Foi logo depois de Hardie cair no mar, mas antes que reaparecesse para afundar de vez logo depois. Eu estava de pé junto à amurada, dividida entre a enérgica satisfação e o horror pelo nosso ato, os olhos fixos no espaço vazio que Hardie antes ocupara e onde ele ressurgiria um instante depois. Hannah continuava por perto, à minha esquerda, e aos poucos percebi a presença maciça da Sra. Grant à minha direita. Assim, eu me sentia apoiada por esses dois sólidos pilares, na mesma posição que vira outras mulheres ocuparem ao longo das semanas precedentes, uma posição cobijada mas que eu mesma nunca ocupara. Arrisquei olhar para Hannah, uma parte minha temendo que sua presença fosse fruto de minha imaginação e que ela desaparecesse assim que eu olhasse, e a outra temendo me apavorar com o que eu visse. O ferimento, no entanto, estava no lado oposto de seu rosto. Ela prendera o cabelo em uma trança longa e muito elaborada, e a chama que antes cintilava em seus olhos deu lugar a um brilho sereno, quase angelical. Dirigi-me o que julguei ser um leve sorriso, embora na verdade fosse mais um aperto de lábios. Imaginei que seu sorriso significasse aprovação ou aceitação, e naquele momento senti o que deve sentir o homem que derrota um inimigo para o bem de sua cidade. Todos os meus sentidos estavam intensificados, quase o oposto da insensibilidade que havia me dominado quando eu me aproximara do Sr. Hardie poucos minutos antes. Mesmo com minha atenção concentrada em Hannah, de algum modo eu percebia também a Sra. Grant fazendo o mesmo sinal de validação, embora eu não saiba explicar como consegui enxergar à direita e à esquerda ao mesmo tempo. Senti as mãos reconfortantes das duas tocarem meus ombros e se unirem às minhas costas, e tive a certeza de que elas me aqueceriam e me aceitariam como haviam feito com tantas passageiras em um momento ou outro; e

compreendi então o que os outros queriam delas, o que Hannah e a Sra. Grant tinham a dar, pois agora finalmente eu mesma sentia isso. Fui tomada por um alívio imenso ao mesmo tempo que a leve pressão de suas mãos aumentava, quase a ponto de me fazer perder o equilíbrio e até assustando-me um pouco, mas então a cabeça de Hardie surgiu na superfície uma última vez e rompeu nosso breve momento de comunhão.

Voltamos às nossas tarefas com uma espécie de frenesi de limpeza. Limpamos tudo, baldeamos água, reforçamos as correntes dos toletes dos remos, enrolamos pontas gastas da corda que usáramos para içar a vela e organizamos as boias salva-vidas do melhor modo que conseguimos. Não sei se teríamos tido estômago para repetir com o Sr. Hoffman o embate que acabáramos de travar, mas quando pensei nele e olhei em volta a sua procura, não o vi. Quando perguntei por ele com a ajuda de gestos, apontando para os homens e fazendo parecer que eu os contava, as italianas começaram a se lamentar e a lançar olhares temerosos para a água. O Sr. Preston e o coronel, entorpecidos, permaneceram calados em seus lugares, e não abriram mais a boca. E o Sr. Nilsson, que era amigo do Sr. Hoffman, parecia um caçador apanhado por uma armadilha que ele mesmo instalara e depois esquecera.

Enquanto colocávamos ordem no barco, a Sra. Grant começou a inventariar nossas provisões. Quando anunciou que estávamos quase sem água, Hannah deu um grito de alegria e nos apresentou um pacote envolto em tecido oleado, que ela encontrara embaixo do último banco, onde o Sr. Hardie costumava sentar. No mesmo instante Hannah entregou o pacote à Sra. Grant, que descobriu em seu interior vários pedaços de peixe seco. Ela sentou-se no lugar do Sr. Hardie e distribuiu uma porção a cada um, começando do fundo do barco e indo de banco em banco no sentido horário.

— Então era comida o que ele escondia! — exclamou Greta.

Foi essa a opinião geral, mas eu não tinha certeza se ele realmente a escondia para uso próprio; talvez a estivesse poupando

para um momento de extrema necessidade do grupo. Algumas mulheres demonstraram alegria repentina, como se tivéssemos nos libertado de um tirano ou dado mais um passo rumo à nossa salvação. O que senti foi um otimismo bem mais discreto, mas nossa explosão de energia sobre-humana não durou nem até o anoitecer daquele dia.

Hannah nos conduziu em uma breve prece, mas, sem o diácono para dar legitimidade às palavras, o ritual parecia decididamente pagão, um pedido de apaziguamento ao oceano, ao qual acabáramos de oferecer um sacrifício de sangue. No entanto, o sono dos inocentes é o mesmo dos condenados. Quando o dia amanheceu, a superfície do mar estava calma e o horizonte claro, e, depois de vedar com o oleado o furo do casco, conseguimos enfim retirar do barco quase toda a água acumulada.

PARTE IV

PRISÃO

Neste momento estou sentada em meu catre na prisão, rodeada por três paredes cinzas. A quarta são grades, através das quais consigo ver a cela em frente — ocupada por uma mulher chamada Florence, que sufocou os filhos para evitar que fossem morar com o pai violento.

— Por que simplesmente não os levou para morar com você? — perguntei um dia, para puxar conversa.

— Eles moravam comigo, mas como eu conseguiria alimentá-los? — respondeu Florence, irritada. — O juiz ficou feliz de me conceder a custódia, mas não teve a menor disposição para mandar meu marido me dar dinheiro. “É o que está escrito na lei”, declarou ele, em toda a sua grandeza. “E quem o senhor acha que escreve a lei?”, perguntei, mas ele apenas bateu o martelo e perguntou se eu queria ficar com as crianças ou não.

Ela estava tomada pela raiva, mas sem qualquer arrependimento. Quando perguntei se seus filhos eram meninos ou meninas, ela deu uma risada de gelar o sangue, se sacudindo toda, e respondeu:

— Meninas, claro! Com a sorte que tenho, claro que fui ter só meninas!

Desde então, cada vez que lhe dirigia a palavra ela perguntava “E quem você acha que escreve a lei?”, por isso passei a evitá-la. Mesmo quando se aproxima das grades e fixa os olhos em mim, finjo não perceber. Meu equilíbrio mental já é frágil o bastante; não

preciso correr o risco de debilitá-lo ainda mais ao falar com esse tipo de gente.

As conversas com Florence me perturbaram também de outra maneira. Suas ideias sobre dinheiro me fizeram tomar consciência de alguns aspectos de minha própria situação que precisarão ser resolvidos se eu conseguir provar minha inocência diante do magistrado. Uma semana atrás, meu advogado trouxe uma carta de minha sogra que me deu motivo para ter esperança, mas que, por outro lado, não indicava como eu seria recebida caso fosse inocentada. Ela também não explicou a longa demora em me procurar, e posso apenas supor que desejasse obter uma prova irrefutável de meu casamento. Pensei de novo no telegrama que Henry dizia ter enviado a ela. A investigação preliminar mostrou que o equipamento Marconi de telegrafia sem fio do *Empress Alexandra* estava de fato quebrado no momento do naufrágio, mas não havia como saber se a pane acontecera antes ou depois de Henry tentar a comunicação. Também descobri que o operador do sistema de telegrafia não era empregado do navio, trabalhava diretamente para a empresa Marconi, o que me levou a crer que o Sr. Blake não estava mandando pedidos de socorro no momento da explosão. Não perdi tempo com conjeturas. A única coisa em que pensei foi que, se Henry não tivesse mesmo conseguido mandar o telegrama, a Sra. Winter só teria sabido do casamento do filho ao ler no jornal a lista de sobreviventes. Apesar das possíveis implicações para mim, não pude deixar de sorrir ao pensar no choque que deve ter desfigurado o que eu imaginava ser seu rosto frio e insolente.

Na carta, minha sogra pouco revelava do julgamento que fazia da situação, limitando-se a sugerir que meus advogados promovessem um encontro entre nós. Pedi que o Sr. Reichmann lhe comunicasse que eu não me sentia no direito de incomodá-la, uma vez que essa ação penal era uma mancha em minha reputação, e eu não queria que essa mancha a maculasse ou a qualquer outro membro de sua família. Devo admitir, no entanto, que de certa

forma pensei também em mim, pois não quero aparecer diante da família de Henry de cabeça baixa, assim como não quero que eles esperem ver em meu semblante algum indício de culpa ou vergonha — mesmo porque não sinto nada disso. Quero que em nosso primeiro encontro não haja qualquer dúvida acerca de minha inocência. Se é a Sra. Winter quem está pagando minha defesa, e só posso imaginar que seja, fico extremamente agradecida, mas me recuso a aceitar que gratidão seja o único fundamento para qualquer relação que venhamos a estabelecer. Em minha família, apenas Miranda parece ciente de minha situação. Ela escreveu para dizer que, devido à fragilidade da saúde de nossa mãe, estava fora de cogitação contar-lhe sobre meu problema. Em algum momento também escreverei para ela, mas por enquanto é um alívio estar livre de obrigações familiares.

Entreguei hoje ao Sr. Reichmann os cadernos com meu relato dos dias passados no barco salva-vidas. Ele agradeceu e, em troca, deixou um caderno novo, em branco, e um estoque de tinta. Fiquei surpresa e agradecida, pois devo admitir que estou ansiosa para sentar e recomeçar a escrever minhas reminiscências, como Aristóteles teria chamado meus escritos. Não recordo de tudo na hora, mas uma ideia leva a outra, e assim consigo lembrar-me de muito mais do que julguei possível quando, atendendo ao pedido do Sr. Reichmann, comecei a escrever. Quando ele deslizou o caderno novo para o outro lado da mesa em que éramos obrigados a nos sentar, nossas mãos se tocaram, o que pareceu assustá-lo de tal modo que ele recuou de repente e procurou desviar a atenção do incidente, explicando-me o que eu poderia esperar do processo quando tivessem início os trâmites legais.

— A justiça pode ser lenta — concluiu.

— Se é que ela existe — retruquei.

Fiz questão de usar um tom de voz inflexível e categórico, o que pareceu assustá-lo de novo. Dei então uma risada para dissipar a impressão que minha seriedade causara. Fui recompensada por uma sombra fugaz que cruzou seu rosto, o que indicava que aquele

homem tão confiante não estava inteiramente seguro de si em todos os pontos. Minha risada valeu-me um olhar de reprovação da carcereira, que havia se colocado em um canto distante da sala. O Sr. Reichmann e eu rimos muito desse olhar, e assim ele recuperou suas feições habituais. Sem dúvida, todos franzem o cenho quando alguém demonstra qualquer tipo de bom humor na prisão, mas não pude deixar de pensar que era ridículo tratar adultos como crianças, puni-los e encarcerá-los, e tentar construir uma narrativa que faça seus atos se encaixarem com precisão na coluna das virtudes ou na dos crimes.

É evidente que não há um dia em que eu não pense no barco salva-vidas e não me pergunte se seria melhor estar lá ou aqui, mas não que isso seja uma obsessão recorrente ou mórbida, como o Dr. Cole gosta de pensar. Transponho a abóbada azulada da câmara da memória como se entrasse em uma igreja: com reverência e temor na alma. A igreja também é banhada de luz — não a luz pálida filtrada através de imagens sombrias de Cristo na cruz, mas uma claridade marinha, perturbadora e verde, e fria como o coração de Satanás.

É possível escrever sobre a luz sem conhecê-la? Henry teria dito que não, e o Sr. Sinclair teria me feito uma preleção a respeito do tempo, por isso pedi ao Sr. Glover, assistente do Sr. Reichmann, que me trouxesse livros sobre o assunto. Seria útil saber que a luz é apenas parte de um espectro eletromagnético contínuo, como dizem os cientistas, ou que ela apresenta tanto características de projéteis quanto de ondas? De ondas, eu entendo. Elas nos dominavam com sua altura. Ora montávamos em sua crista e de lá podíamos ver, por um breve instante, a vasta solidão do oceano, ora mergulhávamos em suas depressões, onde imediatamente imensas muralhas de água bloqueavam o limite de nossa visão.

Quando mencionei luz em uma carta que escrevi para Greta Witkopp, a jovem alemã que logo se afeiçoara à Sra. Grant e que prolongara sua estada nos Estados Unidos para assistir a nosso julgamento, ela respondeu:

“Não me escreva sobre esse tipo de coisa! Na verdade, os advogados dizem que não devo trocar nenhum tipo de correspondência com vocês, pois poderia parecer que estamos conspirando. Mesmo assim, diga à Sra. Grant que não se preocupe. Sabemos exatamente o que fazer! Quanto à luz, esforço-me para esquecê-la, mas duvido que algum dia consiga. Fantasmagórica, é o que era. Todos imaginavam que fosse um sinal de Deus, mas não posso deixar de pensar que se tratava de alguma coisa tramada por Hannah. Alguma vez lhe ocorreu que ela podia ser uma bruxa?”

Ela se referia, claro, às estranhas faixas de luz que apareceram mais ou menos no décimo sexto dia e que se moviam na superfície da água na calada da noite. Também jamais as esquecerei, do mesmo modo como jamais esquecerei o instante em que a cabeça de Hardie ressurgiu da água, quando pensávamos que ele afundara para sempre. Ficamos boquiabertos, quase sem acreditar no que nossos olhos viam; mas não havia qualquer dúvida. Todos nós víamos as faixas de luz, mas tínhamos discussões implacáveis sobre seu significado.

— É o tipo de luz que se vê antes de morrer — afirmou Mary Ann.

— Como pode saber? — retrucou Isabelle.

Isabelle, que contara à Sra. Fleming sobre a menina que fora atingida na cabeça enquanto nosso barco salva-vidas estava sendo baixado para a água. Ela tinha ido sentar ao lado de Anya Robeson, que por sua vez protestou:

— Não fale nessas coisas! Não faz bem ao menino.

Mas não lhe demos ouvidos, e Mary Ann prosseguiu:

— Uma vez minha mãe quase se afogou. Ela depois nos contou que não tinha a impressão de estar na água; disse que foi como se afogar em luz. Se minha mãe não foi resgatada do naufrágio, espero que tenha acontecido dessa forma.

— Bem, não estamos nos afogando — retrucou a Sra. McCain. — Estamos, Lisette?

E Lisette, que tinha consciência de suas obrigações, no mesmo instante concordou com a patroa.

As ondas de luz eram como poças na água: independentes uma da outra, mas se moviam todas em sucessão na imensidão escura. Deslizavam em grande velocidade sobre a água, na direção leste (segundo Hannah); depois, sem razão aparente, mudavam o rumo de leste para oeste, a tal velocidade que cada uma iluminava o barco por uma fração de segundo apenas. Já assistíamos a outros fenômenos luminosos extasiantes, mas aquele parecia inteiramente inexplicável. O espetáculo inteiro durou cerca de meia hora para então cessar de repente.

A Sra. Grant não disse uma palavra durante todo o episódio, mas Hannah se referiu à luz como uma metáfora para a compreensão, o que me fez pensar no diácono, que condenava inteiramente o conceito de compreensão. Segundo ele, não nos cabia compreender, e ele comparava todas as coisas terrenas a icebergs, no sentido de que jamais conseguimos conhecê-las por inteiro. Um dia ele comentou comigo que a fé deveria ser oferecida sem a pretensão de receber explicações em troca, pois explicações supõem entendimento, e o entendimento está reservado a Deus.

Mas o diácono se fora, e tínhamos apenas Hannah, que parecia uma sacerdotisa quando se levantou no barco e ergueu as mãos para as faixas de luz e pediu às forças superiores em que acreditava que fizessem chover bênçãos sobre nós. Eu não queria dizer isso aos outros, mas meu primeiro pensamento ao ver as faixas de luz foi que estávamos em meio a uma legião de anjos, que haviam descido para nos acompanhar até o céu, e que Mary Ann tinha razão em acreditar que estávamos morrendo; então, quando ela começou a gritar "Aqui! Aqui!", tive certeza de que também acreditava que fossem anjos, até que alguém mencionou algo sobre o movimento ondulante dos refletores de uma equipe de resgate.

— Estamos salvos! Estamos salvos! — repetia Mary Ann, gritando freneticamente, e quase pulou na água em sua pressa de subir a bordo do navio que, segundo ela, atravessava a noite na nossa direção.

Eu já estava cansada da gritaria histórica de Mary Ann. Ninguém conseguia enfiar um pouco de bom senso naquela cabecinha, de forma que, quando ela rasgou o vestido e ameaçou jogar-se de cabeça no oceano para nadar até o navio de resgate imaginário, ninguém, nem mesmo a Sra. Grant, tentou impedi-la. Ela então deve ter repensado a ideia, mas durante toda aquela noite rolou no fundo molhado do barco soltando gemidos assustadores. Seu cabelo se colava ao rosto como algas marinhas, seus lábios estavam roxos de frio e suas faces, vermelhas de febre. Tão insuportáveis eram seus gritos que em determinada altura Hannah teve o bom senso de desacordá-la com um golpe. Ninguém se mexeu. Se já não tínhamos força nem para o essencial, por que nos preocuparíamos com o que não nos ajudaria em nada?

Uma luz amarelada chega do corredor até minha cela e na parede há uma janela minúscula, estreita como uma fenda. É alta demais para que eu possa olhar para fora, mas sei que está voltada para o leste, pois de manhã acordo com um raio oblíquo de luz prateada, quando há sol lá fora, ou com um raio mais opaco, se o tempo não estiver tão bom. É tudo previsível e tranquilizador; nesta fase da vida, fico feliz de ser tranquilizada. A claridade começa a diminuir agora, e logo não conseguirei distinguir as letras nesta página.

DR. COLE

O Dr. Cole é o psiquiatra que meus advogados contrataram para avaliar minha saúde mental. Continuo a vê-lo todas as semanas, ainda que não saiba exatamente para quê. Estou longe de levá-lo mais a sério do que ele mesmo se leva, mas, como minhas consultas representam uma oportunidade de sair desta cela, aguardo-as com impaciência. Desconfio que o que eu digo não seja mantido em sigilo absoluto, como o Dr. Cole quis me fazer acreditar, e para mim tornou-se um jogo tentar descobrir o objetivo por trás de suas perguntas e assim responder de acordo. Alguns de seus inúmeros comentários parecem conter a resposta que ele busca. Por exemplo, ele adora exclamar “Isso deve ter sido terrível!”. Nesse caso, claro, sempre concordo, dizendo que foi horrível mesmo. Passamos várias semanas antes que eu começasse a suspeitar de que ele tornava o jogo fácil demais, que até um homem com rosto tão redondo e óculos de lentes grossas devia ter alguma experiência com mulheres. Então pensei que ele se fazia de bobo para me enganar, mas depois voltei a acreditar que ele não era lá muito inteligente e perspicaz. Por fim um dia tive a resposta. Percebi que ele tentava me deixar à vontade, na esperança de que eu acabasse contando algum detalhe importante que lhe permitiria abrir a porta para o restante de minha psique. Conte-lhe essa minha suposição e acrescentei:

— Minha alma não é uma fortaleza intransponível, Dr. Cole. Não há tesouros escondidos nem obscuros segredos enterrados. Se o

senhor adotasse um método de entrevista mais tradicional, eu me esforçaria para responder a suas perguntas com sinceridade, e tenho certeza de que assim o senhor descobriria tudo de que precisa saber.

— Então a senhora é um livro aberto, pois não?! — exclamou ele.

Aparentemente encantado com a ideia, ele sugeriu que voltássemos ao capítulo em que trato de meus pais. Contei-lhe sobre tudo de ruim que acontecera com minha família, sem esconder nada. Levei algum tempo para fornecer os detalhes sobre a falência inesperada de meu pai e o mergulho de minha mãe no delírio. Eu mal começara a falar sobre minha irmã quando ele consultou o relógio e desculpou-se:

— Lamento dizer que nosso horário acabou.

Seu tom, no entanto, não revelava a menor tristeza. Tive a impressão de que o compromisso comigo não passava de mais uma das muitas etapas agradáveis que compunham seu dia. Tentei imaginar aonde ele iria então e quem veria na consulta seguinte, mas não quis perguntar, com medo de que a tentativa de despertar curiosidade fizesse parte da armadilha; era melhor manter-me fiel ao plano de apresentar passo a passo os fatos de minha vida.

O Dr. Cole começou a consulta seguinte com uma afirmação audaciosa:

— Então a seu ver a Sra. Grant representava a mãe ideal.

— Sou uma mulher casada, Dr. Cole. Não tenho mais necessidade de mãe.

— Mas sua mãe a decepcionou.

— Suponho que sim, mas a vida é repleta de decepções, não acha? E naquela época eu era perfeitamente capaz de me virar sozinha.

— E como foi isso?

Expliquei que, com a ajuda de nosso advogado, eu encontrara uma casa para alugar, que tinha supervisionado a venda de nossos bens e que por fim Henry se casara comigo.

— Ah — limitou-se ele a dizer.

Esperei que prosseguisse, mas ele parou por aí mesmo. Seria para ele uma brilhante revelação perceber que as mulheres julgavam estar em melhor situação quando casadas? Jamais saberei, porque, quando voltou a falar, disse:

— Retornemos ao capítulo sobre sua irmã. — E mentalmente nós dois viramos a página. — Alguém no barco a lembrava à senhora?

Eu me divertia com sua tentativa de identificar os ocupantes do barco salva-vidas com membros de minha família, e deduzi que, dado o papel insignificante de Miranda, ele só fazia alusão a ela para chegar finalmente ao Sr. Hardie e sugerir que ele talvez me lembrasse meu pai. Eu ria por dentro do absurdo da ideia, mas não via razão para não entrar no jogo. Na verdade, muito antes da insinuação do Dr. Cole eu já percebera por mim mesma que Miranda e Mary Ann eram parecidas em vários aspectos. Mary Ann era muito mais emotiva do que minha irmã, mas a meus olhos ela tinha uma alma de governanta.

— Suponho que se eu tivesse que escolher alguém equivalente à personalidade de minha irmã, escolheria Mary Ann. Eu a amava, mas ela também me irritava, exatamente como Miranda. Eu queria coisas maiores para minha irmã, mais do que ela mesma queria. Quanto a Mary Ann, ela não estava se casando com Robert para obter algo maior para si, mas para estabelecer-se firmemente em sua pequenez. Exatamente como Miranda, que preferia fazer uma aposta inferior porém segura a arriscar tudo por um prêmio maior.

— E a senhora, é uma jogadora? — perguntou o Dr. Cole, o que me fez dar uma boa risada.

Conversamos um pouco sobre Mary Ann e sobre quão facilmente eu podia prever sua reação a quase tudo, justamente por ela me lembrar Miranda. Já sabia o que ela responderia caso eu lhe perguntasse se gostava de crianças, se gostava que elas sentassem em seu colo, se gostava de ler para elas. Acertei praticamente em cheio: seus olhos brilharam com uma expressão distante e feliz e ela respondeu: "Robert e eu planejamos ter filhos..." Mas sua voz sumiu quando ela se deu conta de que isso talvez nunca

acontecesse. É óbvio que ela temia morrer ali no mar, mas preferi fingir que não entendera bem e interpretei a observação como medo de que Robert não a estivesse esperando ou que, por algum motivo, não a quisesse mais após nossa trágica experiência.

— Nesse caso, você poderia trabalhar como governanta — consolei-a. — Assim teria muitos filhos, de certa maneira.

Ela olhou-me com uma expressão estranha, enquanto uma pequena lágrima escorria por sua face salgada. Mais tarde, ela me perguntou se Henry e eu não queríamos filhos, e respondi que sim, claro. Mas eu queria um filho pelo mesmo motivo que uma rainha: para ter um herdeiro, não para me distrair.

Falei para o Dr. Cole que eu tinha consciência de estar sendo indelicada, mas que Mary Ann me provocava e também que estávamos com os nervos à flor da pele, o que às vezes nos fazia dar voz a irritações que em circunstâncias normais teríamos reprimido.

— Que tipo de irritação a senhora costuma reprimir? — quis saber o Dr. Cole, e, por alguma razão, achei a pergunta extremamente irritante.

— Creio que eu esteja irritada agora mesmo — respondi. — E se o senhor não tivesse perguntado isso, eu teria reprimido a vontade de dizer que o senhor me lembra meu pai, que bem ou mal conseguiu se manter enquanto seus sócios o apoiaram, mas que no final das contas não foi páreo para os esquemas calculistas deles.

Não sei por que tudo isso, pois metade do que eu dizia era influenciada pelo fato de eu ver nossos encontros como um jogo, não como uma forma de me aprofundar nos mistérios de meu ego. No entanto, minhas consultas com o psiquiatra faziam meus dias passarem mais depressa, e eu sempre voltava renovada para a cela, satisfeita com a possibilidade de falar com alguém que não fosse Florence — ela agora começara a pensar que todo o sistema judicial criminal havia sido elaborado com o único propósito de destruí-la; às vezes murmurava coisas como “Lamento que você tenha se envolvido em tudo isso, mas você entende, não é? Eles

não recuarão por nada. Você viu bem como estão atrás de mim desde o início”.

Um dia ela perguntou se eu tinha matado alguém, e respondi que achava que sim. A maior parte do tempo eu a ignorava, mas havia dias em que ela grudava o rosto nas barras da cela e fica horas ali murmurando coisas sobre os filhos, o marido ou o juiz encarregado de seu caso; e vez ou outra alguma coisa que ela dizia despertava meu interesse. Eu acabara de voltar do banheiro, e quando a carcereira fechou a porta da cela às minhas costas, pensei ter ouvido Florence mencionar o nome do Dr. Cole. Na mesma hora comecei a prestar atenção. Por um momento me perguntei se devia responder ou não, e, em caso positivo, o que dizer. Por fim, falei: “Perdão? Disse algo?”, mas ela já mudara de assunto, agora falava sobre defesa por insanidade e transferência para um manicômio, por isso não ousei fazer outras perguntas, por medo de contar mais sobre mim do que queria que ela soubesse. Um calafrio percorreu meu corpo, e comecei a suspeitar de que Florence tivesse sido colocada na cela diante da minha para conseguir informações e depois repassá-las ao Dr. Cole. Eu presumira que o Dr. Cole havia sido chamado especificamente para meu caso, mas agora percebia que ele tratava de outros detentos, e caso tratasse de Florence, ela poderia contar o que ouvia de mim.

Era uma ideia arrepiante, tanto que passei mais de uma hora tentando lembrar qualquer coisa comprometedor que eu poderia ter dito a Florence. E fiquei mais apavorada ainda quando descartei a hipótese de Florence ser uma informante e imaginei que o Dr. Cole poderia tê-la plantado ali, tendo-a encarregado de colocar em minha cabeça ideias que me desestabilizassem e assim me fizessem revelar em minhas consultas mais do que eu queria. Foi essa possibilidade que me manteve acordada a noite inteira e deixou minha camisola encharcada de suor. Mas ao mesmo tempo que eu ruminava esses pensamentos, também percebia que era loucura alimentá-los. E se eram ideias malucas, será que eu estaria perdendo a razão? Minha mente andava em círculos, uma ideia

levando a outra e mais outra, até eu voltar ao ponto de partida e recomeçar a mesma espiral de pensamento.

Ali, deitada acordada ouvindo os ecos abafados da prisão, eu me esforçava para pensar com a razão e foi esse esforço que me levou a perceber que aquele lugar fazia a mente funcionar do mesmo modo que no barco salva-vidas. Até então eu não me sentia infeliz por esperar o momento de minha libertação, pois jamais tinha realmente imaginado que as acusações contra mim pudessem provocar uma mudança drástica em meu destino, que eu poderia ser executada ou continuar na prisão até o dia da minha morte. Lembrei-me de ter dito a Miranda uma vez que a vida era um jogo, e lembrei-me de como eu achava divertido discutir sobre uma coisa ou outra com o Dr. Cole, mas agora eu estava severamente abalada. De todo modo, nunca é bom formar opiniões rápidas e decisivas durante a noite, lição que aprendi durante os maus momentos passados por minha família e, depois, no barco salva-vidas; de fato, na manhã seguinte grande parte de minha serenidade estava de volta. Depois disso, no entanto, bastava eu olhar para Florence para pensar no que seria de mim se não ganhasse a causa. Pela primeira vez pensei seriamente em minha mãe e me perguntei se em algum lugar escondido da minha psique eu abrigava algum gene com a fraqueza dela.

Também passei a ter muito mais cautela com relação ao que dizia ao Dr. Cole. E, decidindo que poderia extrair dele mais informações sobre Florence, contei-lhe um pouco sobre ela para logo depois perguntar se pessoas assim geralmente apresentam desequilíbrio desde muito tempo ou se podem ser vítimas das circunstâncias.

— E quais são as circunstâncias, no caso dessa tal Florence? — perguntou ele, sem deixar transparecer se a conhecia ou não.

— Ela está presa porque é acusada de ter matado os filhos! — gritei, talvez com exagerada veemência, pois já lhe contara essa história e não queria repeti-la.

— Então são circunstâncias muito parecidas com as suas —
considerou ele, pensativo.

De olhos quase fechados, ele dava a impressão de estar mergulhado em pensamentos e falando consigo mesmo. Por mais que eu tentasse dissimular minha emoção na frente dele, ergui os braços, exasperada. Mas é sempre assim com o Dr. Cole. Não há um só assunto que não acabe voltando para mim.

A LEI

Hoje tive uma audiência perante o juiz Potter, durante a qual as três equipes de advogados tentaram anular as acusações contra nós. A Sra. Grant, Hannah e eu somos acusadas de assassinato em primeiro grau, o que significava não apenas que matamos alguém, mas que a morte resultou de uma deliberada intenção de matar. Todas as partes já submeteram um volumoso dossiê com argumentos a favor e contra a condenação, e era a esses dossiês que o juiz se referia ao fazer perguntas aos advogados. Fiquei sentada com Hannah e a Sra. Grant em um banco de madeira, de onde podíamos observar os debates mas não nos manifestar.

Houve depois uma longa discussão para determinar se era criminoso ou não o homem que, agarrado a um pedaço de madeira para manter a cabeça fora da água, empurrava outro que havia chegado depois e que a teria tomado dele. Era criminoso o segundo homem a chegar ao pedaço de madeira, por ter conseguido derrubar o primeiro? É inevitável uma acusação de assassinato em tal cenário, considerando que, por natureza, os homens farão qualquer coisa para salvar a própria vida e que o pedaço de madeira suporta apenas uma pessoa? O sobrevivente está condenado a passar o resto de seus dias na prisão se for apanhado e houver testemunhas de seu gesto?

— Certamente que não — afirmou o Sr. Reichmann. — Nesse caso, não há dano físico direto, e o perdedor tem a possibilidade de encontrar outro pedaço de madeira.

— Considero o critério de anterioridade um ponto relevante — opinou o advogado de Hannah, um homem magro e de rosto macilento que parecia jamais ter visto o sol.

— E se houver dano à integridade física? — perguntou o advogado da Sra. Grant.

Ele fazia um contraste gritante com o advogado de Hannah. Era tão corpulento que os botões de seu paletó quase não fechavam. Tinha um rosto jovial e corado, mas sorria demais naquele momento, considerada a gravidade das acusações que nos eram imputadas.

— O caso é que não estamos falando de um simples pedaço de madeira, ou estamos? — interveio o promotor, jovem demais para ter experiência de vida suficiente e arrogante demais para perceber isso. — Comparado a um pedaço de madeira, um barco salva-vidas é um verdadeiro luxo. Existe uma diferença bem grande entre um e outro. No caso da madeira, os homens estão na água, o que torna a luta pela sobrevivência muito mais imediata do que para quem está em um barco. O senhor diz que o perdedor tem a possibilidade de encontrar outro pedaço de madeira, mas quem é jogado de um barco salva-vidas tem a chance de encontrar outro barco? Acredito que não.

— Na verdade, havia outro barco salva-vidas por perto — retrucou o Sr. Reichmann. — O barco salva-vidas 14 quase colidira com aquele em que se encontrava minha cliente apenas poucas horas antes de o Sr. Hardie ser jogado ao mar.

Eu jamais pensara nisso. Devo creditar ao Sr. Reichmann e seus sócios a habilidade em apreender objetivamente o caso sob todos os ângulos e nos mínimos detalhes. Tentei captar seu olhar para deixar claro o tamanho de minha gratidão, mas consegui apenas que meus olhos cruzassem com os do advogado de Hannah, que a todo instante virava o rosto oval lívido em minha direção, esticando o pescoço comprido em um ângulo tão estranho que a cabeça parecia presa por uma dobradiça. Seu interesse era tão grande que

cheguei a me perguntar o que Hannah teria contado a ele sobre mim.

— Além disso — prosseguiu o Sr. Reichmann —, sabemos que pelo menos dez barcos salva-vidas chegaram a ser lançados ao mar com sucesso. O Sr. Hardie teria, portanto, uma chance, ainda que pequena, de ser salvo por um deles. No primeiro caso, a probabilidade de encontrar outro pedaço de madeira era maior? E como avaliar as chances de cada uma das hipóteses de dentro de uma sala de audiências? O que queremos saber se resume ao seguinte: o único modo de uma pessoa que se encontra em um barco salva-vidas superlotado evitar um veredito de culpada é decidir se todos devem afundar ou sobreviver juntos? Ela não tem permissão para tomar uma iniciativa que salve alguém, muito menos a si mesma? E essa passividade não vai de encontro à natureza humana e ao instinto de sobrevivência?

— Imagino que existam pessoas de caráter suficientemente nobre para abandonar o barco salva-vidas por decisão própria — retrucou o promotor, empinando o queixo pontudo com ar agressivo.

— E apelar para voluntários seria aceitável? — perguntou o advogado da Sra. Grant.

— Seria aceitável apelar, acredito eu, mas não obrigar — explicou o procurador. — Não pode haver qualquer tipo de pressão ou coerção.

O juiz então perguntou se o simples pedido de que alguém se voluntariasse não significaria uma coerção e se havia uma obrigação especial assumida entre um marinheiro e um passageiro, e todos concordaram que havia.

— Entretanto, não existe tal obrigação de um passageiro para com outro — reforçou o advogado da Sra. Grant.

— Nem de parte dos passageiros para com a tripulação — acrescentou o Sr. Reichmann, em tom grave. — Mas insisto em sustentar que a pergunta deve ser colocada como “Alguns devem viver?”, não como “Alguns devem morrer?”. Se assumirmos que

alguns ou todos morrerão se nenhuma medida for tomada, alguma medida deve ser tomada para salvar alguns? Esta sim me parece ser a pergunta apropriada, e não vejo como é possível reprovar minha cliente por responder que sim, mesmo sendo totalmente aceitável também que outra pessoa responda que não.

O promotor reagiu:

— O senhor parte do princípio de que havia meios de averiguar se a vida de alguns seria de fato poupada por alguma medida que os demais ocupantes do barco pudessem tomar. Era muito mais provável que as vidas fossem apenas prolongadas, não poupadas. Quem poderia prever quando ocorreria o resgate? O socorro tanto poderia ter chegado uma hora após alguma decisão fatal quanto dentro de um dia ou uma semana.

— O senhor esquece a tempestade — rebateu o advogado da Sra. Grant, que falava despreocupadamente, mas parecia menos preparado que os colegas. — O mau tempo antecipou para aquele momento específico a necessidade de agir. Em primeiro lugar, era muito improvável que o resgate chegasse durante a tempestade, pois, mesmo que um navio estivesse nas proximidades, não haveria como enxergar o barco ou aproximar-se em condições tão adversas. E em segundo lugar, em meio a uma tempestade a destruição do barco superlotado parecia provável, se não certa. Em tais circunstâncias, a situação a bordo é análoga à dos homens agarrados ao pedaço de madeira, pois torna a luta pela vida tão imediata quanto se os ocupantes já estivessem se debatendo na água.

— Este pode ou não ser o caso, mas no momento não estamos discutindo os atos do Sr. Hardie — retrucou o promotor, apontando para uma falha na argumentação que era evidente até para mim.

Até então eu tivera pena de Hannah pela escolha do advogado com o pescoço de dobradiça, mas agora sentia pena da Sra. Grant, pois seu defensor esquecera que a tempestade já havia passado quando matamos o Sr. Hardie. Como bem lembrou o promotor:

— Ainda era o Sr. Hardie quem estava no comando na hora da tempestade. Se a ideia dele de organizar um sorteio foi ou não justificável é uma questão aberta ao debate, mas não foi para julgar esse caso que o júri foi convocado.

— Pois bem — concordou o advogado de Hannah. Com seus dedos enormes, ele examinou atabalhoadamente um amontoado de documentos e extraiu um de debaixo da pilha. Segurou-o contra a luz, e uma expressão intrigante surgiu em seu rosto pálido e comprido. — Mas se os atos do Sr. Hardie são desculpáveis, devem existir também elementos que justifiquem os atos das mulheres, que apenas deram continuidade a um precedente aberto por outra pessoa. Não se deve esquecer que o barco salva-vidas sofreu avarias durante a tempestade e que se enchia de água com uma rapidez incrível.

— Duvido muito que a rapidez com que o barco enchia possa ser determinada — retrucou o promotor.

— O que quero dizer é que se, no caso da tempestade e do hipotético pedaço de madeira, reconhecemos uma situação de emergência que legitima o emprego de medidas extremas, as condições eram similares após a tempestade, em razão das avarias sofridas pelo barco e da deterioração do relacionamento entre o Sr. Hardie e o restante do grupo. Ao revelar a intenção de sacrificar ocupantes do barco, o Sr. Hardie se transformara em ameaça imediata.

A essa altura eu já repensava totalmente minha opinião sobre o advogado de Hannah, pois ele soubera pegar o erro de argumento do defensor da Sra. Grant e utilizá-lo em nosso benefício. Era impossível não admirar sua capacidade de antecipar várias etapas, enquanto eu mal conseguia acompanhar os debates passo a passo, na esperança de não me perder em detalhes da lógica ou do direito. Contudo, o homem movia-se devagar e parecia feito de resina, o que me causava alívio por eu ser representada pelo Sr. Reichmann, com sua postura firme, suas feições enérgicas e seu séquito de assistentes. De qualquer forma, o homem pálido crescia

em vigor à medida que falava, e apesar de descorado e com aparência abatida, doentia até, seu pronunciamento tornava-se cada vez mais apaixonado. Suas faces lívidas se iluminaram, e o preto das pupilas e o branco-rosado de seus olhos evocavam o carvão e as brasas do fogo que o consumia. Ele concluiu:

— O assassinato do Sr. Hardie não pode ser visto como a derrocada de um soberano malévolo, de um déspota, se preferirem, o déspota daquele pequeno principado, um autocrata tirano que colocava em perigo a vida daqueles sob seu comando?

— Mas o Sr. Hardie não expressou relutância, não se opôs categoricamente ao sacrifício das mulheres? — questionou o promotor. — Nesse caso, em qual aspecto o sorteio por ele concebido constituía uma ameaça implícita?

Foi o meu Dr. Reichmann quem respondeu:

— E a Sra. Cook? Com seus comentários e sugestões, o Sr. Hardie não a levou a tirar a própria vida? E ele não demorou a resgatar Rebecca Frost? Com essas atitudes, não incluiu mulheres na lista de pessoas que sua simples presença a bordo expunha ao iminente perigo de morte?

O promotor era um homem ágil que se expressava com rapidez, como se as rodas da justiça girassem tão depressa que ele precisava correr para conseguir acompanhá-las. Estava quase sem fôlego quando falou:

— Os depoimentos relativos aos fatos que envolvem a morte da Sra. Cook são contraditórios. E no que se refere a Rebecca Frost, é imprudente presumir que o Sr. Hardie tenha deliberadamente retardado sua retirada do mar. Nessa história, como em qualquer outra, é possível enfatizar um aspecto específico em detrimento de outro, a fim de que ele assuma proporções maiores do que as cabíveis no contexto.

O diálogo assim se prolongou por mais uma hora, ao fim da qual o juiz Potter tomou a palavra:

— Ao longo desta discussão nos desviamos, talvez por necessidade, do geral para o particular, e devo deduzir que não há

um princípio abrangente que possa ser destacado para nos ajudar a decidir se é ou não geralmente aceitável jogar ao mar alguns passageiros com o objetivo de salvar outros. Precisamos, então, nos contentar em determinar se consideramos isso permissível neste caso específico, pois é pouco provável que os estranhos e anormais fatos desta situação voltem a acontecer algum dia. Cada caso deve ser decidido em função apenas de fatos e méritos, não pela aplicação de alguma regra universal.

E então o juiz pronunciou o veredito. A superioridade da lei foi reafirmada, e fomos lançadas em suas águas.

INOCÊNCIA

Talvez tenha sido a discussão teórica sobre o pedaço de madeira e o outro barco salva-vidas que deu origem ao boato de que o Sr. Hardie continuava vivo. O caso chegou a sair em uma nota no jornal, que li na prisão graças à ousadia do Sr. Glover de desrespeitar a regra que exige permissão prévia para qualquer objeto chegar às mãos de um detento.

— Se for verdade — disse ele —, ninguém pode acusá-la de assassinato.

— Por que não? — perguntei, apavorada com a ideia de o Sr. Hardie ter, sabe-se lá como, conseguido subir à tona e depois alcançado a costa.

— Porque você não teria matado ninguém! — exclamou ele, um tanto surpreso.

Só quando refleti melhor entendi que ele tinha razão, que estávamos sendo julgadas apenas pela morte do Sr. Hardie, não por qualquer outra morte ocorrida no barco. Devo confessar que às vezes eu tinha a impressão de que nos consideravam responsáveis por todo o incidente, inclusive o naufrágio e tudo o mais. Quando enfim percebi o que ele queria dizer, fui tomada por uma esperança irracional, até lembrar que Hardie voltara à tona inúmeras vezes antes de desaparecer. Eu ainda via a água escura pingando de seu rosto esquelético. Podia sentir o vento aspirando minha alma, e não me julgava capaz de enfrentar qualquer tipo de ressurreição, muito menos em se tratando do Sr. Hardie.

— É uma possibilidade real — insistiu o Sr. Glover. — Algumas joias que podem ter relação com o *Empress Alexandra* reapareceram em Nova York. Nada está confirmado ainda, mas o Sr. Reichmann incumbiu-me de investigar a informação.

— Se ele estiver vivo — falei —, duvido que tenha boa vontade para com qualquer uma de nós. Não acredito que apareça no tribunal e declare “Não estou morto, afinal, portanto não houve delito. Podem libertar estas mulheres”.

— Não, não creio que ele fizesse isso — concordou o Sr. Glover —, mas nem seria necessário. O simples fato de estar vivo seria suficiente.

— Nesse caso, imagino que seríamos condenadas apenas por tentativa de homicídio — acrescentei. — Qual é a pena para isso? E o Sr. Hardie não estaria também sujeito a um processo? O juiz deixou bem claro que, como membro da tripulação, ele não podia pedir que voluntários saltassem do barco, como fez.

Não quis acrescentar que Hardie era um selvagem, muito útil em uma situação de vida ou de morte, porém inadequado para a civilização. Também não falei que ele protegia os que se submetiam a sua vontade, mas que não teria escrúpulos em matar todos os outros, e que tínhamos havia muito rompido o vínculo que fazia de nós seus protegidos. Sugerí, no entanto, que Hardie poderia ter outras versões a contar, talvez até mentiras, sobre o que acontecera a alguns passageiros.

— Eu não faria muito esforço para encontrá-lo — falei, com um arrepio involuntário. — Afinal de contas, nós o jogamos no mar, quanto a isso não há dúvida.

— Nisso a senhora tem razão — admitiu o Sr. Glover, com um olhar inquieto.

Percebi que eu tremia descontroladamente e que o Sr. Glover não sabia como me acalmar, portanto acrescentei:

— Mesmo que eu nunca mais queira botar os olhos no Sr. Hardie, acho que espero que ele esteja vivo.

Imaginei que fosse o que o Sr. Glover gostaria que eu dissesse. Porque, se Hardie estivesse vivo, significaria que eu não matara ninguém, e minha intuição me dizia que o Sr. Glover não queria me ver como alguém com sangue nas mãos. Mais cedo naquela manhã eu pensara em pedir que ele entregasse a Felicity Close uma carta que eu lhe escrevera, mas depois refleti melhor. Eu tinha vontade de explicar para ela meu amor por Henry, dizer que embora a fortuna dele tenha sido a primeira coisa a me atrair, eu o amara de todo o coração. Queria que ela soubesse disso em consideração a Henry, não a mim. Mas por instinto eu sempre soube quando falar e quando me calar, por isso não disse nada ao Sr. Glover sobre Felicity e mais tarde rasguei a carta e joguei-a no lixo. Para compensar, repeti “Espero mesmo que o Sr. Hardie esteja vivo!” com a maior convicção possível, o que fez o Sr. Glover tomar a liberdade de colocar a mão em meu braço para me confortar.

No dia seguinte, o Sr. Reichmann foi até a prisão fazer-me duas perguntas. Primeiro, queria saber se eu ajudara a empurrar o Sr. Hardie do barco; e se a resposta fosse afirmativa, queria saber em que momento eu havia tomado essa decisão.

— Acho que ajudei, sim, a empurrá-lo — respondi, hesitante.

Perguntei se ele lera o diário que eu lhe entregara uma semana antes, e ele garantiu que sim. De todo modo, pediu que eu repetisse mais uma vez os fatos que resultaram na morte do Sr. Hardie, porque estava confuso e não sabia se eu tinha ido para os fundos do barco com a intenção de ajudar Hannah ou com a intenção de ajudar o Sr. Hardie.

— Talvez a senhora tenha se levantado pensando em ir ajudar o homem que admirava e a quem creditava o ato de ter salvado sua vida. Talvez o Sr. Hardie não tenha entendido a intenção e por isso começou a lutar com a senhora, e só então a senhora decidiu passar a apoiar Hannah.

— O senhor tem razão ao supor que eu não tinha certeza do que pretendia fazer quando me levantei e atravessei o barco.

— Então fez isso quase automaticamente, como se seguisse instruções?

— Não acho que tenha sido automático. Eu não parava de pensar, de me perguntar o que seria correto fazer.

— Nesse caso, queria fazer o que fosse correto.

— Claro que sim! Queria ajudar a pessoa que...

Não terminei a frase, primeiro porque temia parecer calculista demais se dissesse que queria ajudar a pessoa que detinha o maior poder a bordo, mas também porque percebera que o Sr. Reichmann me olhava de modo estranho, com um misto de diversão e fascínio. Compreendi que na verdade ele já havia me fornecido a resposta a sua pergunta e se espantava por eu demorar tanto a perceber. Quando interrompi de repente o que dizia, seu rosto nublou-se com uma sombra de irritação. Mas eu não saberia dizer se a irritação era por minha demora em reconhecer a essência de minha defesa, ou por ter me calado um segundo antes de alguma verdade escapar de meus lábios. Ou talvez fosse apenas irritação porque começava a ficar tarde, já que naquele exato momento ele tirou o relógio do bolso, conferiu a hora e avisou que estava atrasado para uma reunião com outro cliente.

— Precisamos aproveitar melhor o tempo em nossos encontros — afirmou.

O comentário me lembrou do Dr. Cole, e foi então a minha vez de ficar irritada, pois eu não gostava do Dr. Cole, ao passo que começava a sentir grande admiração pelo Sr. Reichmann.

— Pense nisso esta noite — prosseguiu ele. — Em minha opinião, existe uma possibilidade muito real de a senhora não ter tido a intenção de participar da morte do Sr. Hardie, que tenha apenas decidido ajudar Hannah no último momento. Se for esse o caso, seria bom eu saber antes da audiência de amanhã, que é quando precisamos dar entrada em nossa contestação. As outras acusadas planejam alegar autodefesa, o que significa que admitem o assassinato, mas que afirmam terem matado o Sr. Hardie porque ele representava uma ameaça para suas vidas e a dos outros. Cabe

à senhora decidir se prefere considerar-se não culpada por razões de autodefesa ou totalmente inocente. Falaremos sobre isso amanhã de manhã antes de irmos para o tribunal.

Passei uma noite inquieta, sem conseguir parar de pensar no incidente e buscando algum detalhe que eu pudesse ter esquecido, ou novas maneiras de interpretar os acontecimentos daquele dia. Não havia dúvida de que Hannah e a Sra. Grant pretendiam matar o Sr. Hardie. Quanto à alegação de que ele colocara todos os passageiros em perigo, eu podia apenas dizer que era o único argumento possível para elas. Mas era verdade? Corríamos grande perigo, sim, mas os atos do Sr. Hardie contribuíram para esse perigo? Acho que quando as duas mulheres se declararam abertamente contra ele, criou-se uma situação de perigo no barco, mas a culpa teria sido mesmo de Hardie ou das duas, por insistirem em um ponto de vista contrário? E se a culpa fosse das duas mulheres, isso significava que a única possibilidade aceitável para elas seria sentar passivamente no barco e fazer o que lhes mandassem, sem opinar sobre o melhor modo de conseguirmos ser resgatados? Mas, afinal, não era isso que eu precisava decidir. Eu só precisava decidir o que o Sr. Reichmann alegaria em meu nome diante do juiz.

No tribunal, na manhã seguinte, era eu quem estava preocupada com a hora. A audiência estava marcada para as dez, mas quinze minutos antes o Sr. Reichmann ainda não havia chegado. Hannah e a Sra. Grant tinham ido às salas de conferências encontrar com seus advogados, e fiquei sozinha em um longo corredor, sentada em um banco com uma carcereira, ora certa de que o Sr. Reichmann não colocaria em risco meu caso, ora tomada por receios e dúvidas. "Onde está meu advogado?", eu não parava de perguntar à carcereira; e diversas vezes ela respondeu com muita gentileza, em seu sotaque irlandês: "Daqui a pouco ele chega. Conheço o Sr. Reichmann, e garanto que é pessoa confiável." Quando afinal ele apareceu, engoli minha raiva acumulada e perguntei:

— Está tudo bem? Fiquei preocupada, achando que o senhor podia ter sofrido algum acidente!

Ele era todo sorrisos, sem qualquer vestígio das incertezas demonstradas no dia anterior.

— Fique tranquila, a audiência foi remarçada para o meio-dia — explicou ele, largando a pasta no chão, a seus pés.

Achei que deveriam ter me informado da mudança de horário, mas estava tão aliviada que logo esqueci a angústia que seu atraso me causara. A carcereira deixou-nos sozinhos, e o Sr. Reichmann sentou-se a meu lado.

— Pensou sobre o que lhe falei? — perguntou ele.

De novo senti que havia uma resposta certa para a pergunta, e por um momento fiquei confusa por não saber o que ele esperava de mim. Acabei contando a verdade, na fervente esperança de que coincidissem com o que ele queria ouvir. Olhei dentro de seus olhos, que haviam deixado de refletir divertimento e agora pareciam poços escuros de preocupação.

— Quando fui na direção do Sr. Hardie e de Hannah, eu não sabia direito o que pretendia. Creio que buscava algo que fizesse a atmosfera no barco salva-vidas voltar ao que era antes de a Sra. Grant tentar provar que o Sr. Hardie era culpado de alguma coisa. Claro que foi tolice minha, pois o que eu, que não tinha condições de me comparar a eles, poderia fazer para acabar com a discórdia que se estabelecera e que ameaçava todos os passageiros?

— Então aleguemos inocência! — exclamou o Sr. Reichmann, espalmado a mão na coxa.

Vê-lo tão satisfeito deixou-me estranhamente feliz, mas minha felicidade foi encoberta por uma sensação esquisita de estar de novo no barco salva-vidas, de voltar a fazer uma escolha sem de fato saber as consequências de minha decisão. Mas essa sensação logo passou, e entrei na sala de audiências com passo tranquilo, satisfeita por ter cumprido minha parte, satisfeita por agora poder relaxar e deixar o Sr. Reichmann fazer seu trabalho.

Durante todo o outono e o inverno, o Sr. Glover continuou a me contrabandear artigos sobre o naufrágio do *Empress Alexandra*. Um dia ele me levou o que se acreditava ser a lista completa dos sobreviventes; não constava o nome de Hardie, mas, pensando bem, não havia como incluir o nome de alguém que não quisesse ser encontrado. Em outra ocasião ele me levou um artigo que abordava especificamente a tripulação do navio naufragado. Quase todo o texto se referia ao comandante Sutter, que passara a maior parte de seus quarenta e dois anos no mar e deixara esposa e duas filhas. Meu coração se apertava de compaixão pelas duas meninas quando me saltou aos olhos o nome Brian Blake, que estava à espera algumas frases adiante. Pedi ao Sr. Glover que me deixasse ficar com o jornal e prometi não denunciá-lo caso a carcereira descobrisse o exemplar no meio das minhas coisas. Depois que ele saiu, e enquanto aguardava a hora do jantar, permaneci sentada com os olhos fixos no trecho que aqui transcrevo:

O comandante Sutter era também um pai para os membros da tripulação. "Se você fosse leal com o comandante, ele seria leal com você na mesma medida", conta William Smith, oficial do *Empress Alexandra* que foi um dos poucos membros da tripulação a sobreviver. "Claro que, sendo assim, deduz-se também que ninguém iria querer contrariá-lo."

Smith menciona o caso de outro oficial, de nome Brian Blake, que tinha sido preso em Londres alguns anos antes, acusado de receptação. "O comandante encarregou-se de limpar o nome de Blake e provar que os indícios apontavam para outro suspeito. E veja que tipo de pessoa era o comandante, pois quando o outro sujeito saiu da prisão, o comandante Sutter conseguiu um emprego para ele."

Nem por um instante cheguei a pensar que o anônimo em questão pudesse ser outro que não John Hardie, e naquela noite não preguei o olho tentando chegar a uma explicação que justificasse a história de William Smith e também o que eu já sabia sobre Hardie e Blake. Havia animosidade entre esses dois homens por causa de algum incidente em que Hardie levara a culpa por um

ato de Blake, ou eles eram parceiros em algum negócio clandestino do qual Blake tivera a sorte de escapar e Hardie não? E se tivessem sido cúmplices em algum momento no passado, não poderiam sê-lo também na hora de tirar uma arca de ouro da sala do cofre do *Empress Alexandra*? Eu sabia de fonte segura que Blake tinha uma chave da sala, mas ele jamais teria conseguido carregar sozinho uma arca pesada. Se os dois estivessem ocupados com essa tarefa, não poderiam estar perto da sala de rádio e por isso não saberiam que o sistema de comunicação sem fio estava com defeito e que não houvera pedido de socorro. Isso explicaria sua relutância em deixar a área do naufrágio. Por fim, perguntei a mim mesma se eles estariam resgatando o ouro por iniciativa própria ou por ordens de outra pessoa, e concluí que eu não poderia culpá-los por tentar roubar o ouro se de fato tivesse sido assim.

Logo que amanheceu, dobrei o recorte de jornal em um quadradinho e enfiei-o sob um dos cantos do colchão. Percebi tarde demais que Florence estava acordada, me olhando através do lusco-fusco.

— O que é isso? — perguntou ela, em um sussurro agressivo. — Se não me contar, chamo a carcereira.

— Do que está falando, Florence? — retruquei, aparentando a maior calma possível.

Eu não queria abrir mão do artigo. Talvez o visse como a chave do enigma ou talvez apenas tivesse por aquele recorte a mesma ligação que todos os prisioneiros têm por seus ínfimos pertences. Em todo caso, tentar entender o que acontecia manteve-me ocupada.

— Você colocou alguma coisa embaixo do colchão — insistiu Florence, enfiando o rosto estreito entre duas barras. — Eu vi. Com esses olhos que a terra há de comer.

— Então você está tendo visões de novo — respondi, com uma pitada de preocupação na voz. Eu sabia que Florence queria desesperadamente que alguém acreditasse nela, por isso acrescentei: — A carcereira virá fazer uma vistoria e não encontrará

nada, porque não há nada, e então ela terá mais uma razão para pensar que você é maluca.

Florence dirigiu-me seu olhar ferido, mas calou-se, e foi bem na hora, pois não mais que dois minutos depois a carcereira apareceu tocando sua sineta.

De tempos em tempos gosto de tirar o artigo de seu esconderijo e tentar decifrá-lo, do mesmo modo como se decifra um enigma. Isso me ajuda a passar o tempo, mas ainda não consegui concluir com segurança se Hardie e Blake eram conspiradores ou inimigos. Acredito que deviam ser um pouco de ambos.

TESTEMUNHAS

Foram semanas de coleta de provas e preparação do processo. Durante esse tempo, eu só via Hannah e a Sra. Grant quando éramos chamadas para alguma audiência, porque elas ficavam confinadas em outra ala da prisão; desde o início do julgamento, no entanto, vejo-as todos os dias na caminhonete da prisão, que nos leva e traz do tribunal. Conversamos muito pouco, mas várias vezes no caminho e, mais tarde, no tribunal surpreendi a Sra. Grant me olhando de um jeito avaliador. Outras vezes ela parece cochichar com Hannah a meu respeito, mas há longos momentos em que apenas contempla o chão ou olha para o vazio; e eu fico me perguntando se ainda estará pensando nas ideias grandiosas e poderosas que eu teria incutido em sua cabeça no barco?

Todas as manhãs fazemos o mesmo caminho: atravessamos uma ponte de pedra, passamos diante de uma igreja com um campanário alto e em seguida pegamos uma rua estreita com prédios em tijolo, que refletem um tom vermelho como sangue quando banhados pela luz do sol nascente. De tarde fazemos o inverso, mas nessa hora as casas parecem desbotadas e prestes a desabar sobre suas fundações, mais do que sustentadas por elas. Vemos pessoas paradas às portas, apáticas, esperando pelo destino. Em que pensam? Foi amor ou outra motivação que levou um rapaz atrevido a parar de repente sob um pórtico e beijar na boca a jovem que caminhava a seu lado?

Salvo raras ocasiões, não dirijo a palavra a Hannah ou à Sra. Grant. Meus advogados recomendaram que eu pense por mim mesma, e na maior parte do tempo é o que faço. Uma exceção foi quando estávamos sendo levadas de volta para a prisão após o primeiro dia de julgamento. As duas carcereiras que nos acompanhavam conversavam entre si, e Hannah aproveitou a oportunidade para me perguntar, em um tom que poderia ser considerado sarcástico:

— O que acha dos membros do júri, Grace? São de seu agrado?

É claro que eu tinha curiosidade em ver o rosto das pessoas que nos julgariam, mas além de considerá-las gente do tipo mais comum possível, não percebera nada de especial nelas. Respondi que pareciam ótimos e que esperava que ouvissem os fatos com mentes abertas e corações piedosos.

— Em que sentido eles lhe parecem ótimos? Acha-os particularmente atraentes? É isso?

— Por “ótimos” quero dizer atenciosos e inteligentes — expliquei.

— Bem o tipo de gente que se poderia esperar.

Contei então a Hannah que o Sr. Reichmann dissera que tínhamos sorte por dois dos jurados terem perdido parentes na tragédia do *Titanic*.

— Ah, sim! Uma sorte e tanto! — exclamou Hannah.

Não entendi o que ela quis dizer com isso, mas tive a certeza de que não era eu a fonte de sua raiva: eu apenas representava um alvo conveniente. Toda vez que olhava para Hannah, eu tinha dificuldade em reconhecê-la: a Hannah que parecia tão independente e intrépida no barco agora se transformara em uma criatura taciturna e questionadora. Talvez as qualidades que me encantaram nela tivessem sido suprimidas pelas circunstâncias, ou quem sabe não passassem de fruto de minha imaginação. Minha opinião sobre o assunto mudava de um dia para o outro, mas eu tinha assuntos muito mais prementes com os quais me preocupar, de forma que Hannah deixara de me parecer tão importante quanto no passado.

— Não dê atenção a Hannah — interveio a Sra. Grant. — Ela só está irritada porque não há mulheres no júri.

Tolamente, exclamei:

— E como poderia haver? É preciso ter direito ao voto para compor um júri, e as mulheres não têm!

Levei um instante para perceber que tocara exatamente no ponto que Hannah queria. Assustada, preferi calar-me, e durante algum tempo seguimos em silêncio. Estávamos quase chegando ao pórtico sob o qual eu vira o casal se beijar quando Hannah me disse baixinho:

— Um júri formado só por homens é perfeito para você, não?

Limitei-me a olhar pela janela e deixei-a ficar com a última palavra. Não era comigo que ela estava zangada, e se o mundo precisava mudar para satisfazê-la, só me restava desejar-lhe boa sorte.

Foi durante outra dessas viagens de volta que Hannah inclinou-se para perto de mim, a fim de que eu conseguisse ouvi-la apesar da trepidação da caminhonete, e sussurrou no meu ouvido:

— Você não é tão fraca quanto parece.

Antes do naufrágio, eu nunca dera grande importância à força física, pelo menos em relação a mim; entretanto, minha resistência surpreendeu-me e foi uma grande bênção. É claro que aqueles que ficaram destruídos, mental ou fisicamente, não foram processados. Hannah e a Sra. Grant argumentaram que, de certa forma, estávamos sendo punidas por sermos fortes, mas não vejo por esse prisma. Quando tive oportunidade de tomar a palavra durante outra audiência, agradei ao Senhor por me proteger até então, e disse que contava com Ele e com o júri para pesar as provas e tomar a decisão certa. Nossos advogados afirmaram que nenhuma das três representava uma ameaça à sociedade: não precisávamos ser reabilitadas nem temidas, pois qual seria a probabilidade de voltarmos a nos encontrar em situação semelhante?

Ao longo daqueles vinte e um dias à deriva, estive rodeada de pessoas que enlouqueceram ou faleceram durante a noite, mas isso

não aconteceu comigo. Não sei por quê. Em seu pronunciamento inicial, o advogado de acusação perguntou:

— E por que as três sobreviveram? Por que não sucumbiram às forças da natureza? Por que não ficaram debilitadas, por que não adoeceram como tantos outros? Alguém verdadeiramente forte não escolheria o caminho mais nobre e saltaria do barco para salvar outros passageiros?

— Quem é verdadeiramente nobre? — foi a resposta da Sra. Grant, na forma de uma pergunta. — O senhor é?

Mas pelo visto ela não tinha direito a retrucar naquele momento, pois o juiz bateu seu martelo e informou ao júri que aquela resposta deveria ser desconsiderada. No final do dia, quando deixamos o tribunal, um grupo de repórteres estava à nossa espera. “Como as senhoras sobreviveram?”, gritavam eles. “Podem nos dizer de onde vem essa força?”

Mais tarde, Hannah bateu os pés com força no chão da caminhonete da prisão e perguntou, exaltada:

— O que é isto afinal? Uma caça às bruxas? O único modo de provar nossa inocência seria nos afogando?

Respondi que talvez houvesse uma questão mais profunda acerca da inocência, que talvez fosse impossível uma pessoa ao mesmo tempo estar viva e ser inocente, mas Hannah lançou-me um olhar frio e voltou sua atenção à Sra. Grant. Imagino que estivesse aborrecida por ter sido eu a responder às perguntas dos repórteres sobre o motivo de termos nos salvado. A única explicação que consegui dar, mesmo que havia muito tivesse abandonado qualquer vestígio de fé tradicional, foi “A graça de Deus”. No dia seguinte, um jornal estampou uma manchete em letras garrafais: A GRAÇA DE GRACE, e o breve texto da reportagem conferia uma espécie de significado místico a meu nome.

Desde o início a imprensa e um grande número de pessoas pareciam mais favoráveis a mim do que à Sra. Grant ou a Hannah, que logo percebeu a preferência e alfinetou:

— Sejam honestas, Grace. Você banca a inocente na medida exata para escapar impune.

Quando alguém ouve esse tipo de observação, precisa se defender, por isso respondi que ela e a Sra. Grant é que posavam para a plateia, ao insistirem em ir na contramão das expectativas do público. Mas acabei por perceber que cabia a cada uma decidir quando combater as convenções e quando aceitá-las, e nesse ponto não éramos muito diferentes.

As principais testemunhas contra nós eram o Sr. Preston e o coronel Marsh. O coronel usava um uniforme decorado com fitas em cores vivas e insígnias que indicavam sua patente. Após jurar sobre a Bíblia que diria apenas a verdade, ele passou a relatar uma série de mentiras deslavadas. Afirmou que tentara proteger o Sr. Hardie, mas que, como estávamos em muito maior número, teve medo de as mulheres se voltarem contra ele caso continuasse a fazer-lhes oposição. Levantei-me de um salto, por acreditar que o juiz precisava saber que o coronel Marsh discutira mais de uma vez com o Sr. Hardie a respeito de nossa aproximação dos outros barcos salva-vidas e que o criticara por ocasião do julgamento organizado pela Sra. Grant. O Sr. Glover, no entanto, puxou-me de volta para meu banco, onde permaneci em silêncio absoluto enquanto ouvia o coronel declarar que, depois de empurrar o Sr. Hardie para fora do barco, fizéramos o mesmo com o Sr. Hoffman.

— O Sr. Hardie constituía uma ameaça, concordo, embora não para a segurança das mulheres, mas para suas ambições. Desde o início, ficou claro que Ursula Grant queria controlar o barco, e que o Sr. Hardie e seu fiel aliado, o Sr. Hoffman, estavam em seu caminho.

Eu esperava que o Sr. Preston restabelecesse a verdade quanto à natureza exata de nossos atos e ao papel desempenhado pelo coronel, mas quando por fim foi chamado à tribuna e colocou os óculos, suas mãos tremiam e ele não parecia muito seguro de si. Em todo caso, ele não fez declarações sobre o assunto, e suspeito que o promotor público o tenha advertido que deixasse de fora tudo

que não correspondesse à versão do coronel. Pouco depois ele pareceu se recompor, e dava a impressão de ter voltado quase ao normal quando ajudou o promotor a estabelecer a cronologia dos fatos. Forneceu rapidamente datas e quantidades, mas, sem uma estrutura coerente para conectá-las, seu depoimento não fez muito sentido para mim, e percebi que um dos jurados sacudia a cabeça, confuso, na tentativa de manter todos os fatos e números em ordem.

A exposição dos argumentos da acusação demorou poucos dias, e depois foi a vez da defesa. A única sobrevivente italiana voltara para seu país. Ninguém sabia se tinha sido ela ou uma de suas duas compatriotas falecidas quem tentara enfiar a asa de pássaro nos olhos do Sr. Hardie, mas nem a acusação nem a defesa demonstrou interesse em descobrir. Com isso restavam, além de nós três, quatorze sobreviventes mulheres, das quais doze tinham aceitado testemunhar pessoalmente a nosso favor ou redigir depoimentos sob juramento. Todas, mesmo as que admitiram não ter condições de fazer relatos confiáveis dos acontecimentos daquele dia de agosto em função da severa exaustão mental e física, afirmaram que, não fosse por Hannah e a Sra. Grant, estariam mortas. Os depoimentos foram visivelmente ensaiados, pois todas usaram as mesmas palavras e expressões, como "O Sr. Hardie era sem dúvida louco e representava um perigo para todos nós" e "A Sra. Grant era uma ilha no meio do oceano" ou "um porto seguro", e Hannah era "o farol que nos guiava em sua direção". Todas foram unânimes ao afirmar que "ninguém encostou a mão no Sr. Hoffman, que pulou do barco por vontade própria".

Ouvi-las era como estar ao lado de membros de uma seita religiosa que entoassem louvores a um líder adorado; assim, devido a sua demonstração de apoio incondicional, os jornais as chamaram de "doze apóstolas". Ao longo de todos aqueles repetitivos depoimentos, a Sra. Grant observava-as com sua solicitude característica, enquanto Hannah lhes dirigia seu sorriso sereno de grande sacerdotisa. Até o juiz ficou impressionado, pois observei

que olhava fixamente para duas delas, deslumbrado, e talvez um pouco subjugado a seu encanto. Não pude deixar de pensar que toda aquela exibição era um exemplo do tipo de poder que a Sra. Grant tinha sobre as pessoas, e só podia confirmar a afirmação de meu advogado de que esse era também o tipo de poder que ela exercia sobre mim.

No início o promotor bombardeou as mulheres com perguntas, na tentativa de quebrar a ladainha de “não lembro” e “um porto seguro, um farol”, mas depois que a terceira se debulhou em lágrimas ele parou, imagino que por ter percebido que não sairia dali com a simpatia do público se continuasse a provocar dor em pessoas que já haviam sofrido tanto. Àquela altura, já era evidente para todos que as doze mulheres tinham se unido e combinado os depoimentos porque acreditavam que precisávamos de sua proteção, e por que precisaríamos de proteção se não tivéssemos feito nada errado? Esse era um aspecto óbvio, e mais de uma vez os jurados deram a impressão de se perguntar a mesma coisa. Igualmente prejudiciais foram as mentiras convincentes do coronel Marsh. Com todas as suas insígnias militares no peito, ele tinha dado um depoimento de grande efeito, e se eu não conhecesse a história por mim mesma, também teria acreditado.

A única vez em que uma das doze mulheres se desviou do roteiro foi quando o Sr. Reichmann chamou Greta de volta para a tribuna e perguntou sobre meu relacionamento com Hannah e a Sra. Grant.

— Todas vocês falam sobre Hannah West e Ursula Grant quase como se fossem uma só pessoa — disse ele.

— Elas tinham ideias iguais sobre vários assuntos e juntas se esforçavam pelo bem-estar das outras mulheres — justificou Greta.

— E com relação aos homens? Não tomavam conta deles também?

— Acredito que imaginassem que os homens eram capazes de se virar sozinhos.

— Mas há três acusadas aqui. A senhora diria que Grace Winter trabalhava lado a lado com as outras duas?

— Muito pelo contrário. Grace estava sempre a distância. Parecia dar mais atenção ao Sr. Hardie do que à Sra. Grant. Pensávamos que a ideia de ter uma mulher no comando a deixava pouco à vontade. Ela era casada com um banqueiro poderoso, o senhor sabe, então talvez seja esta a explicação. Também imaginei que ela talvez se sentisse culpada pelas nossas dificuldades, já que embarcara depois que o barco já estava lotado. Se ela era próxima de alguém, era de Mary Ann.

Em seguida o Sr. Reichmann mostrou para Greta a carta que ela me mandara e na qual havia escrito: “Os advogados dizem que não devo escrever para você sob hipótese alguma, pois pode parecer que estamos conspirando. De todo modo, diga à Sra. Grant que não se preocupe. Sabemos exatamente o que fazer!” E perguntou:

— A senhora combinou seu depoimento com as outras sobreviventes?

— Claro que não — afirmou Greta.

A genialidade do Sr. Reichmann era tamanha que a resposta a sua pergunta não fazia diferença alguma, e a negativa de Greta permitiu que ele se dirigisse aos jurados e indagasse:

— Os senhores percebem o poder que Ursula Grant e Hannah West exerciam sobre estas mulheres? Por que Grace não estaria sujeita à mesma influência?

Quem poderia imaginar que no último dia da réplica da promotoria, Anya Robeson apareceria e daria o mais impiedoso de todos os depoimentos? Ela não participara de nada. Não levantara um dedo para tirar a água do barco nem para cuidar dos doentes, mas, quando contou isso aos jurados, sua passividade não soava condenável já que ela tinha o pequeno Charles como desculpa.

O promotor providenciara uma réplica do barco salva-vidas, na qual haviam feito quarenta furos destinados a receber trinta e nove peças de madeira que representavam os passageiros. As peças tinham etiquetas com o nome dos sobreviventes. Ele entregou várias delas a Anya e pediu-lhe que as colocasse nos assentos que haviam ocupado na ocasião do julgamento do Sr. Hardie. O Sr.

Reichmann se opôs à ideia, alegando que os quarenta furos sugeriam que a embarcação fora concebida para quarenta ocupantes, embora ele tivesse demonstrado anteriormente que os barcos salva-vidas haviam sido construídos em uma escala menor do que previa o projeto. Rejeitada a objeção, Anya colocou lado a lado as figuras que continham o nome de Mary Ann e o meu. Depois encontrou os lugares de Hannah, da Sra. Grant e do Sr. Hardie e em seguida colocou-se atrás de Mary Ann, nos fundos do barco.

— Todos pensavam que eu não percebia o que se passava, que me interessava apenas por meu filho, mas eu vi tudo — revelou ela.

E prosseguiu em seu intuito de nos incriminar. Descreveu como, sob as ordens da Sra. Grant, Hannah e eu lutáramos com o Sr. Hardie, chutando seus joelhos e pernas até ele cair sobre nós. Contou que Mary Ann não podia nos ajudar por ter desfalecido, mas que nós duas conseguíamos enfrentar com folga o Sr. Hardie, que apresentava um grave ferimento no braço. Em um ponto ela tinha razão: não dávamos atenção a ela no barco, mas, pensando bem, ela tinha conseguido salvar o filho, que era seu único propósito afinal.

O Sr. Reichmann conseguiu que ela declarasse que eu não tinha votado pela condenação do Sr. Hardie, ao contrário da maioria das mulheres. Interrogada mais adiante, Anya disse que eu voltara para meu assento ao lado de Mary Ann após a morte do Sr. Hardie e que desde então me mantivera distante de Hannah e da Sra. Grant. Afirmou que conseguia nos enxergar bem e também ouvir parte do que Mary Ann e eu dizíamos uma à outra.

— E o que elas diziam?

— Tiveram uma discussão, eu acho, porque Mary Ann parecia muito aborrecida. Mas devem ter se reconciliado logo, já que nos últimos dias andavam sempre grudadas, a não ser nos momentos em que Grace ajudava o Sr. Nilsson com o timão. Na verdade, Mary Ann estava com a cabeça apoiada nos joelhos de Grace quando morreu. Ela deve ter pedido a Grace que guardasse seu anel de noivado e o enviasse como lembrança a Robert, o noivo de Mary

Ann, pois Grace enfiou-o disfarçadamente no próprio dedo antes de se livrarem do corpo.

Escutei essa parte do depoimento com grande interesse, pois me lembrava muito pouco daqueles dias entre a morte do Sr. Hardie e o resgate, que se deu quase uma semana depois, e às vezes me perguntava o que exatamente teria acontecido com Mary Ann. Lembro-me vagamente de ter pensado que Robert gostaria de receber o anel de Mary Ann, mas, se o tirei de seu dedo, devo tê-lo perdido, pois com certeza não está comigo agora. No final do dia, quando a audiência foi suspensa, senti o peso dos últimos acontecimentos e disse ao Sr. Reichmann:

— Estamos perdidas. Não existe a menor possibilidade de sermos absolvidas depois disso!

Ele me puxou para um lado no corredor, uma alegria absurda brilhando em seus olhos.

— O que está dizendo? O depoimento sobre a votação foi um golpe de sorte incrível! E tanto a Sra. Robeson quanto Greta foram fantásticas em estabelecer uma diferença entre a senhora e as outras duas acusadas. Mas por que não me contou sobre Mary Ann?

— Não contei o quê?

— Que ela estava com a cabeça em seu colo quando morreu!

— Talvez estivesse. Não tenho qualquer lembrança daquele dia. O senhor está com meu diário. Escrevi tudo que consigo lembrar. Se me lembrasse de mais alguma coisa, teria escrito, mas esqueci quase tudo que aconteceu naqueles últimos dias.

— Já é hora de a senhora parar com essa encenação de passividade — afirmou o Sr. Reichmann, fechando o casaco e preparando-se para ir aonde quer que fosse quando o dia acabava.

Levantei-me, altiva, de um modo que havia muito não fazia, e quando ele acabou de abotoar o casaco, encarei-o de igual para igual.

— Acha que estou fazendo teatro, Sr. Reichmann?

Seu primeiro olhar foi penetrante, mas logo ele piscou para mim.

— Não, não, o dia não poderia ter sido melhor.

Ele não respondera a minha pergunta, mas suas palavras haviam me enchido de uma esperança irracional, por isso dei-lhe um boa-noite caloroso. Para então lembrar que, mesmo havendo motivo para otimismo, eu ainda não estava livre.

— Imagino que agora o senhor vá para casa, onde uma esposa encantadora o aguarda com um bom jantar — falei, esforçando-me para não deixar minha voz demonstrar nenhum resquício de amargura ao pensar em tudo que Henry e eu havíamos perdido.

— Oh, céus, não! — exclamou ele. — Uma esposa apenas atrapalharia meu caminho.

— Então é porque ainda não encontrou a pessoa certa. Todo mundo sabe que por trás de um grande homem há sempre uma grande mulher. Esse é um dos motivos pelos quais Henry casou-se comigo.

— Não se preocupe comigo, pense apenas em si mesma. É hora de tomar algumas decisões importantes com relação a seu futuro.

Apesar da gravidade das acusações que pesavam contra mim, tive que rir. O Sr. Reichmann era brilhante e muito competente no que fazia, mas ainda assim era homem, e os homens raramente sabem a respeito das decisões tomadas por uma mulher.

DECISÕES

Não me importei de ser taxada de indecisa durante todo o julgamento. É verdade que não tomei uma posição firme contra ou a favor do plano de matar Hardie, e por isso tenho sido criticada pelos dois lados; mas se esse foi o preço pago por aqueles dias no barco salva-vidas ou se não faz parte de minha natureza envolver-me a fundo nesse tipo de coisa, eu não saberia dizer. Nem o casamento com Henry, que me deixava extremamente feliz por inúmeras razões, provocava em mim o constante entusiasmo que Mary Ann demonstrava sempre que falava de Robert. Vez ou outra eu sentia algo parecido, mas não se tratava de um sentimento agradável... Eu o comparava a uma espécie de histeria, que imaginava precisar suprimir ou controlar. Além disso, vejam o que aconteceu com quem expressou emoções fortes: o diácono jogou-se do barco; Hardie e Mary Ann morreram; e a Sra. Grant e Hannah estão na prisão. Eu também estou, claro, mas não me incluo no grupo delas agora, assim como nunca me incluí.

Além disso, quando me pareceu que a Sra. Grant conseguiria o que queria, resolvi sem nenhum problema unir minha aposta à dela e à do restante das mulheres, e no final apenas o Sr. Hoffman manteve-se firme em seu apoio incondicional a Hardie. Depois que me decidi, não fiquei indo e voltando, nem me arrependi da decisão tomada. Não fui forçada a nada e, apesar da insistência de meu advogado, eu não poderia declarar sob juramento que fui obrigada

a me unir às mulheres sob ameaça explícita ou implícita de violência física. O Sr. Reichmann teve que se contentar em declarar:

— Coloquem-se na triste posição de Grace, confinada com essas mulheres intimidadoras em um barco de sete metros de comprimento, rodeada apenas pela imensidão do oceano. Você acaba de ver um homem ser condenado à morte por essas mesmas mulheres. Você, por temer por sua vida, não teria também feito qualquer coisa que lhe pedissem?

Eu não diria no depoimento que foi isso que passou por minha cabeça quando empurrei o Sr. Hardie para fora do barco. Até contradisse o Sr. Reichmann quando chegou minha vez de depor, mas ele virou-se para os jurados e afirmou:

— É claro que até hoje Grace tem medo delas.

Essa linha de condução de raciocínio foi utilizada diversas vezes durante o julgamento. O promotor me perguntou em determinado momento se alguma das mulheres foi ameaçada diretamente pelo Sr. Hardie, e precisei dar uma resposta negativa. Meu advogado então inverteu a pergunta e quis saber se alguma vez eu havia sido ameaçada por Hannah ou pela Sra. Grant, subentendendo claramente que se eu tivesse me recusado a segui-las, poderia ter tido o mesmo destino do Sr. Hardie.

— Diretamente não — respondi.

— Em algum momento a senhora temeu por sua vida?

— Sim — admiti, pois é claro que eu sentia medo desde o momento da explosão a bordo do *Empress Alexandra*.

Mesmo depois de eu responder, o Sr. Reichmann continuou a fazer perguntas correlatas, em um tom cada vez mais hostil.

— Sra. Winter, acredito que esteja mentindo. A senhora se sentia ameaçada? — perguntava ele insistentemente, assustando-me com sua veemência.

— Sim! — gritei por fim. — Eu me sentia ameaçada todos os dias!

Apenas mais tarde percebi que a genialidade da técnica do Sr. Reichmann estava em induzir o júri a supor erradamente, a partir

da justaposição das respostas, que eu tinha medo de Hannah e da Sra. Grant.

Durante o recesso seguinte, o Sr. Reichmann puxou-me de lado e disse:

— A senhora sobreviveu àquele barco, agora precisa sobreviver a isto aqui. E não cometa o erro de pensar que a situação atual é diferente.

— O que quer dizer com isso?

Ele dirigiu-me um olhar de cumplicidade, do tipo que os advogados trocam durante depoimentos questionáveis ou do tipo que Hannah e a Sra. Grant trocavam o tempo inteiro, tanto no tribunal quanto antes, no barco.

— Se precisar sacrificar alguém para se salvar, garanto que desta vez não será condenada por isso.

Na preparação para meu depoimento, o Sr. Reichmann passara vários dias me bombardeando com uma série de perguntas que o Sr. Ligget e o Sr. Glover haviam elaborado. Os dois advogados assistentes se mantinham na retaguarda; então ocasionalmente um ou outro desempenhava o papel de promotor e fazia uma pergunta diferente, mais agressiva. Durante esse procedimento, até o pálido Sr. Ligget se transformava: suas feições se contorciam e seus lábios vermelhos se deformavam em um terrível riso de escárnio. Olhei com ar de ofendida na direção do Sr. Glover, que sempre se mostrara gentil e pronto a me tranquilizar, mas ele simplesmente me ignorou, como se não tivesse me visto. Na sua vez de fazer o papel de promotor e me interrogar, detectei nele uma satisfação apenas velada por estar agora de certo modo no comando, como se nossas posições tivessem sofrido uma inversão e ele me punisse por alguma desfeita que eu não fazia ideia de ter cometido. Não pude deixar de pensar que sua personalidade não era tão tranquila quanto eu imaginara, e senti-me aliviada quando o Sr. Reichmann retomou a palavra, pois ele era invariavelmente respeitoso e gentil em todas as circunstâncias, sempre autêntico, sempre firme em defender meu nome nos confrontos com a acusação e representado

com muita habilidade por seus colaboradores. Em diversas ocasiões elogiou-me por meu "diário", que, segundo ele, fora muito útil na preparação de nossa defesa, mas a opinião geral era de que meu relato não deveria fazer parte das provas.

Por causa desses ensaios, eu sabia que os promotores formulariam perguntas difíceis, que tentariam me conduzir de tal forma que eu me incriminasse ao deixar escapar algum detalhe de atos meus que eu ainda não tivesse admitido. É claro que não havia nada a admitir, e, embora eu achasse o processo desgastante, creio que me saí bastante bem. Eu só não estava preparada para a reação do Sr. Reichmann, que, embora se mostrasse muito objetivo e até sereno durante os ensaios, virou-se contra mim com uma veemência que me deixou abalada. Sua voz estrondosa fazia vibrar as luminárias, e em determinado momento ele bateu com um livro na mesa com tanta força que o juiz precisou usar seu martelo para lembrá-lo de que eu não era uma testemunha hostil e que ele deveria se acalmar.

No fim do dia, estando eu morta de cansaço, o Sr. Reichmann sorriu para mim com ar exultante e desculpou-se discretamente. Eu não sabia o que pensar.

Fui a primeira acusada a prestar depoimento, e senti um alívio enorme quando o interrogatório acabou. Pela expressão dos jurados, era impossível dizer se eu lhes causara uma boa impressão. Exausta e perigosamente à beira das lágrimas, baixei os olhos. Minhas mãos tremiam, e percebi que minhas forças, tão depauperadas pelas semanas passadas no barco, não haviam voltado por completo e que, em comparação com as outras acusadas, eu devia parecer infeliz e fraca.

Quando penso no julgamento, vejo que desde o início o Sr. Reichmann procurou me diferenciar das outras duas acusadas, e é verdade que a Sra. Grant tem um aspecto intimidador. Está sempre vestida de preto. Seu cabelo, que no barco era mantido puxado para trás em um coque apertado, está agora cortado rente, e embora as dificuldades enfrentadas no mar a tenham deixado dez

quilos mais magra, ela continua robusta, e é fácil perceber por que as outras se agarravam a ela como se fosse um pedaço de terra firme. Nunca se falou em algum Sr. Grant nem em pequenos Grants... Ela se bastava. Foi a única que não chorou pelo que estava perdido. Também não chorou durante o julgamento, mas isso, claro, contou pontos contra ela. Já Hannah é alta, pálida e tem um olhar severo, perigoso. Ela me contou que seus advogados tentaram convencê-la a suavizar a aparência para o julgamento e a usar o mesmo tipo de vestido que uso no tribunal, mas ela não lhes deu ouvidos e continua a se apresentar diante de todos de calça comprida. Só posso ficar contente por ter dado ouvidos aos conselhos que recebi a esse respeito: alterno entre um tailleur cinza-claro e um vestido azul-escuro com decote alto e punhos de renda, ambos comprados por meus advogados — com que dinheiro, não sei. Hannah contou-me que possui diversos vestidos cinza e verdes que seu marido lhe trouxe de Chicago, mas que não os usaria. Para mim foi um choque descobrir que ela era casada, pois em nenhum momento fizera menção a isso. Corria o boato de que ela não queria encontrar o marido e que pretendia divorciar-se dele, mas comigo jamais tocou no assunto. Ela tampouco tentou disfarçar a cicatriz que desce por seu rosto em uma linha vermelha. Em lugar de inspirar compaixão, a cicatriz a faz parecer um pirata. Mas quando fiz esse comentário, ela retrucou:

— Pirata, eu? Então minha aparência externa reflete bem o que sinto na alma.

Antes de entrar naquele barco salva-vidas, eu nunca pensara muito no mar, nem mesmo enquanto o cruzava a bordo do *Empress Alexandra*. Naqueles dias, o oceano não passava de um cenário pitoresco para minha vida com Henry, no máximo uma grande extensão em tons variáveis de azul ou uma inconveniência desagradável, motivo de náusea, talvez, não de uma doença real; e às vezes acredito que tive o azar — ou o privilégio — de aguentar vinte e um dias em um barco salva-vidas para nunca mais voltar a pensar em natureza como um jardim para a humanidade e para

nunca mais pensar em poder como aquilo que Henry possuía quando embolsou as chaves do cofre ou na autoridade exercida pelo juiz Potter, o magistrado responsável por nosso caso.

À medida que o fato recua no tempo e hipóteses, histórias, boatos e depoimentos proliferam, o acontecimento em si cada vez perde mais clareza, tornando-se menos uma questão de realidade objetiva — oceano, céu, fome ou frio — e mais um caldeirão de discussões teóricas de jornalistas e moralistas. Não há ninguém que não tenha algo a dizer sobre o assunto, o que leva Hannah a se perguntar por que essas observações irrelevantes de outras pessoas têm algum peso. Não sei. Posso apenas imaginar o que Henry teria pensado. Henry era muito seguro de si. Poderia ter sido muito útil no barco, e com frequência penso no rumo que as coisas teriam tomado se eu o tivesse a meu lado. É claro que se meu marido estivesse comigo não teriam me acusado de nada, pelo menos não de ser “anti-homem”, como escreveram os jornais.

Sinto saudade de Henry. Com ele, eu sentia que caráter não era uma exigência prioritária em mim, já que o seu era tão bem definido e sólido. Acima de tudo, com Henry eu me sentia segura, o que é uma ironia, pois, se não tivéssemos nos conhecido, eu jamais teria embarcado no *Empress Alexandra*. Sem ele eu me sinto vulnerável, inteiramente sujeita ao julgamento dos outros. É provável que muito já tenha sido escrito sobre o assunto — não faço ideia, pois não é o meu tipo de leitura —, mas não posso deixar de pensar que os seres humanos foram feitos para viver aos pares, para enfrentar o mundo juntos, casados. Os benefícios disso podem ser vistos até no exemplo de Hannah e da Sra. Grant, na força que encontraram uma na outra — embora não fossem casadas, claro, e nem poderiam ser. De todos nós, eram elas que tinham a ligação mais forte, e foram elas que se saíram menos afetadas pela experiência. Tudo bem, as duas estão na prisão, o que vale por qualquer sofrimento que tenham deixado de sentir no mar, mas o que quero dizer é que, quanto ao período em que estivemos no barco, elas parecem ser as que menos sofreram com

tudo aquilo. Às vezes me pergunto se teriam ido para a prisão se a Sra. Grant fosse homem.

Uma noite, enquanto eu contemplava a água escura sob a cobertura infinita de estrelas e admirava as minúsculas luminescências de vida marinha, minúsculas demais para que fosse possível descrevê-las com precisão a não ser pelo efeito conjunto que produziam, meu medo desapareceu. Eu sempre imaginara Deus pairando em algum lugar acima de nós, sorridente ou carrancudo dependendo de seu humor e de como se sentisse em relação a nós, satisfeito ou não, habitando o sol talvez, inflando as bochechas e soprando tempestades para nos tirar do torpor ou nos impedir de tomar o caminho errado. Agora, no entanto, eu sabia que Deus estava no oceano, que se movia furtivamente, de mãos dadas com Hardie, erguendo-se nas ondas imensas e salpicando pedaços aleatórios de Si mesmo em nosso barco.

Pensei em não falar sobre isso no julgamento, pois havia presenciado o suficiente para saber que revelações pessoais são consideradas ora heresia ora loucura, mas acabei comentando a questão com o Sr. Reichmann durante uma de nossas conversas. Ele achou que recorrer à fé em Deus era uma boa estratégia e que se eu quisesse deveria ir em frente e me utilizar disso, contanto que deixasse de fora alguns detalhes, uma vez que de fé os jurados entendiam.

— Até parece — comecei, mas preferi segurar a língua.

Sem o diácono para me indicar o caminho espiritual — ainda que de maneira um tanto sombria para meu gosto —, fui obrigada a tentar encontrá-lo sozinha. Procurei lembrar-me de passagens da Bíblia ou de sermões que me tivessem impressionado, mas não me ocorreu praticamente nenhum, já que eu não era uma ouvinte atenta e me considerava mais uma pessoa visual ou, na verdade, alguém que tende à ação mais do que apenas viver em contemplação infindavelmente. Lembrei-me da luz que fluía através dos vitrais, do brilho dos cabelos recém-lavados das meninas do coro, das crianças irrequietas nos bancos até serem finalmente

liberadas para a escola dominical, do silêncio súbito que se instalava após sua partida e da vontade de ter ido com elas, mesmo depois de mais velha. Lembrei-me da roupa violeta e branca que o ministro vestia e dos chapéus estranhos usados pelas senhoras da paróquia, e de tudo isso eu me lembrava mais do que aquilo que era dito.

Depois de três semanas no barco salva-vidas e mais duas em um tribunal onde minha vida é julgada, presto mais atenção ao que escuto. Ouvi, por exemplo, quando a Sra. Grant pediu que Hannah fosse até o tonel e procurasse lá dentro uma caixa de madeira, embora eu fingisse não ter ouvido. Escutei também quando o juiz recusou-se a aceitar o depoimento de Hannah sobre o que Mary Ann lhe contara a respeito de algumas joias que ela acreditava estarem, nas mãos do Sr. Hardie, alegando não passar de uma intriga sem prova concreta. Ouvi o Dr. Cole me acusar de fraca e influenciável, assim como entendi bem o Sr. Reichmann afirmar que nem todas as esposas eram iguais. E quando o júri me inocentou, o veredito ecoou com tanta clareza em meus ouvidos quanto a sirene de nevoeiro que ouvíamos no sétimo dia.

Hannah e a Sra. Grant foram consideradas culpadas de assassinato premeditado, e somente quando elas deixaram a sala sob escolta de uma carcereira senti o último elo da corrente que nos unia se distender até a tensão extrema forçá-lo a se romper. Segui-as com o olhar, mas apenas Hannah virou-se. Havia em seus olhos um pouco da chama antiga, e fiquei triste ao pensar que talvez a estivesse vendo pela última vez.

— Sra. Winter, está liberada — anunciou o juiz.

Permaneci plantada ao lado da mesa da defesa, observando o estenógrafo do tribunal arrumar suas coisas enquanto os bancos se esvaziavam ao redor. Isso levou algum tempo, pois o tribunal estava lotado de gente que viera ouvir o veredito. Depois só restaram meus advogados, eu e o eco da sala cavernosa. O Sr. Glover parecia ansioso por me convidar para um almoço comemorativo. Fiz menção de virar-me na direção do Sr.

Reichmann, pensando que ele poderia nos acompanhar, mas sua sólida presença não estava mais a meu lado — foi nesse momento que tive uma estranha e perturbadora intuição do que minha recém-adquirida liberdade poderia de fato significar.

Parte de minhas emoções deve ter se revelado em meu rosto, pois o Sr. Glover estendeu os braços para me amparar — e eu o teria aceitado se não tivesse visto, justo naquele momento, o Sr. Reichmann materializar-se em um canto mal iluminado da sala, conversando com uma mulher elegante que se levantava de seu lugar. De todas as muitas vezes que eu tentara visualizar seu rosto, eu jamais a imaginara sorrindo, mas agora ela sorria.

— Obrigada, Sr. Glover — agradei, retirando o braço e recompensando com um sorriso seu olhar preocupado. — Estou bem agora.

Endireitei o corpo e fiz o possível para ignorar as fortes batidas de meu coração. Embora eu sempre tivesse imaginado que minha entrada na alta sociedade se daria de maneira diferente, não podia esquecer que eu era a Sra. Henry Winter e que aquela não era a hora nem o lugar de decepcionar meu marido.

O RESGATE

O dia seguinte àquele em que Hardie foi morto amanheceu claro e luminoso. A Sra. Grant tirou um pente da bolsa e pediu que Hannah nos fizesse tranças ou coques para que não ficássemos com o cabelo caindo no rosto. O sol brilhou durante os dois dias seguintes e nos permitiu secar os cobertores, embora ao mesmo tempo tenha rapidamente sugado a umidade de nosso corpo através da pele.

Éramos agora vinte e oito pessoas no barco. A Sra. Grant escolheu novos lugares para cada um de nós, com o objetivo de distribuir melhor o peso; depois pediu que os homens içassem a vela, e em pouco tempo rumávamos para a Inglaterra ou talvez para a França. Com o vento oeste soprando forte, o barco logo ganhou velocidade. Fui mandada para a popa, onde deveria substituir o Sr. Nilsson no leme, tarefa para a qual provei não ter a menor qualificação. Foi a primeira vez que tive a oportunidade de observar o Sr. Nilsson de perto, e percebi que se tratava de um homem jovem que apenas parecia mais velho devido ao aspecto sisudo e autoritário que ele agora perdera por completo. Quando pedi que me ensinasse a manejar o leme, ele olhou-me com ar de coelho assustado e limitou-se a responder:

— Basta mantê-lo na direção oposta à qual deseja ir.

Ele ilustrou o que dizia empurrando com força o leme até deixar atrás de nós um rastro de espuma. Quando comentei que havia sangue em seu rosto e me ofereci para limpá-lo, ele esquivou-se, de novo com o olhar de coelho assustado.

Gastei a maior parte de minha energia apenas tentando segurar o leme, mas não posso dizer que de fato conduzi o barco. Em determinado momento, talvez devido a algum movimento que fiz, o leme soltou-se dos parafusos de fixação e quase o perdemos no mar. Em várias ocasiões tive tanta vertigem que teria caído no mar se não fosse pelo Sr. Nilsson, que me agarrou pelos ombros e me puxou para trás. Controlar o leme exigia praticamente toda a minha capacidade física e mental de tal forma que quase perdi a noção do que os outros passageiros faziam. Depois de algum tempo Greta assumiu meu lugar, e posteriormente trocamos de novo.

Para nossa surpresa, entrava pouca água na embarcação. Conseguimos manter o buraco no casco vedado e, claro, o peso era muito menor agora que havia menos gente a bordo e todos eram meras sombras do que haviam sido. Quando o vento cessou, paramos de avançar e nos prostramos no barco, sem força ou vontade de reagir. Somente a Sra. Grant permaneceu firme, sentada no banco com os olhos fixos no horizonte à procura de navios ou espiando pela amurada na esperança de ver algum peixe na água agora calma e transparente.

Um dia avistamos uma baleia a distância.

— Ah! — exclamou Hannah, com um sorriso esquelético. — Uma baleia resolveria nosso problema por um bom tempo.

Ela fechou os olhos, estendeu os braços sobre a água e começou a murmurar uma espécie de encantamento para a caça à baleia, mas é claro que um animal daquele tamanho teria jogado muitos de nós no mar de uma só vez. O coronel Marsh chamou-a de Leviatã e em seguida contou uma história sem pé nem cabeça sobre um livro com esse mesmo nome de um tal de Thomas Hobbes, segundo o qual as pessoas são movidas acima de tudo por sede de poder e medo dos outros.

— Hobbes acreditava que tudo que acontece pode ser previsto por leis científicas exatas e que essas leis governam a natureza humana e forçam as pessoas a agir com egoísmo para se preservar — explicou o coronel.

— Não vejo como isso possa nos ajudar — retrucou a Sra. McCain.

E, com isso, ela e todos os outros voltaram para os silenciosos espaços compartimentados onde passávamos a maior parte do tempo. Não acredito que alguém ainda pensasse em algo de fora dos limites do barco salva-vidas. Finalmente acabáramos aceitando-o. Era ali nossa moradia.

Ora eu me sentava perto do Sr. Nilsson, quando ficava agarrada à barra do leme, ora voltava a meu lugar habitual, ao lado de Mary Ann. Ainda há lapsos em minha memória, mas tentei preenchê-los enquanto esperava que o júri voltasse com o veredito. Acho que dois ou três dias após a morte de Hardie Mary Ann adoeceu. Devo ter adoecido também, pois lembro-me de tremer junto com ela, apoiada em seu ombro ossudo, desabando nela exatamente como ela desabava em mim. De vez em quando alguém era declarado morto, e aqueles que conseguiam reunir forças ajudavam a erguer o corpo e lançá-lo no mar. Não sei mais ao certo quem percebeu que Mary Ann não se mexia havia algum tempo, e naquela mesma manhã ela uniu-se aos outros que foram confiados ao oceano.

Em determinado momento o Sr. Nilsson sugeriu que os corpos dos mortos fossem aproveitados como comida, mas logo a Sra. Grant impediu que a discussão prosseguisse e nunca mais se voltou ao assunto. Lembrei-me do que o Sr. Preston dissera sobre sobrevivência e vontade de viver, e perguntei a mim mesma se algum de nós ainda a possuía. Falávamos muito pouco, e agora, ao recordar, suspeito que todas as palavras que me lembro de ter pronunciado não passassem de alucinações. Por causa da desidratação, minha saliva, já espessa e fétida, deixou de existir, de modo que minha língua inchada mantinha-se imóvel na boca como um animal morto, não mais flexível e ágil, mas ressecada e partida, tal um rato seco e pelado. Meus olhos também estavam secos e pegajosos, e quando eu me levantava para ir à frente do barco me estender sobre as cobertas ou fazia o sentido inverso para assumir o leme, tinha a impressão de ter perdido a capacidade de dizer o

que estava em cima e o que estava embaixo. Explosões luminosas e manchas escuras como tinta me cegavam, como se eu flutuasse no meio de um céu noturno estrelado. A todo momento eu sentia que estava à beira do desmaio, e uma vez caí sobre a Sra. McCain, derrubando-a. Permanecemos no chão em um estranho abraço, esgotadas demais para nos levantar, e ali teríamos continuado se a Sra. Grant não tivesse gritado para voltarmos à razão.

A fronteira entre o sono e a consciência se tornara indistinta, e eu nunca estava inteiramente segura do que era sonho e o que era realidade. O exemplo mais terrível disso foi quando tive certeza de que Henry estivera conosco no barco salva-vidas o tempo inteiro, mas sob outra identidade. Com pavor crescente, dei-me conta de que ele vestira um uniforme de marinheiro e adotado o nome de Sr. Hardie para entrar no barco comigo. Isso significava que a pessoa que eu ajudara a matar era Henry! Apoiei-me na amurada e arrastei-me até chegar a Hannah, ao lado de quem me sentei. Eu tremia, e, quando falei, estava tomada por um pânico que até então desconhecia:

— Acredito que o Sr. Hardie não era um membro da tripulação.

— Quem era ele, então?

— Henry! — sussurrei, tentando articular as palavras com uma língua que insistia em não colaborar. — Acho que matamos Henry!

Eu teria chorado se em meu corpo ainda houvesse água suficiente para lágrimas.

— Não, não — murmurou ela, tocando meu rosto com sua mão áspera. — Não matamos Henry. Ele não estava em nosso barco.

Foi então que despertei (se estava adormecida) ou recobrei a razão (se já estivesse acordada). Percebi estar sentada ao lado de Hannah, que continuava com os olhos fechados e se apoiava em meu ombro do mesmo modo como eu me apoiava no dela. Passei o resto do dia perambulando por meu Palácio de Inverno, mais como fantasma do que como arquiteta.

Mais tarde naquela noite, ou talvez na seguinte, o céu se abriu e uma tromba d'água desabou sobre nós. Levamos alguns minutos

para perceber o que estava acontecendo e quase meia hora para conseguir baixar a vela o suficiente para capturar a água que caía e canalizá-la para os tonéis vazios, como Hardie nos ensinara a fazer. Nosso estado de extrema fraqueza tornava o trabalho quase impossível, mas no final da chuvarada tínhamos bebido tanta água que quase nos sentimos mal e acumulado uma reserva suficiente para enfrentar o que nos restasse de futuro.

Durante aqueles últimos dias no barco salva-vidas, a estrutura rígida de nossa existência se desintegrou por completo. A Sra. Grant não dera continuidade à divisão de tarefas instaurada pelo Sr. Hardie, e se alguma coisa precisasse ser feita, ela ou Hannah se encarregava de fazer, pois mesmo que ela pedisse a algum de nós, estávamos quase todos muito debilitados e sem ânimo para obedecer. Não fizemos mais nenhuma tentativa de erguer a vela — era quase como se a determinação da Sra. Grant dependesse inteiramente de sua oposição a Hardie para se manter.

Naquele mesmo dia, ou no seguinte, ou talvez depois, um barco pesqueiro islandês apareceu no horizonte e nos recolheu. Esse ponto foi debatido com insistência durante o julgamento: fomos resgatados quanto tempo depois de Hardie ter sido jogado do barco? Por quantos dias ficamos sem água? Não sei ao certo, mas o exercício de redação deste diário me dá a convicção de que o barco pesqueiro apareceu uma semana após a morte de Hardie. Hannah garantiu que sabia:

— Nove dias — declarou sob juramento.

Em suas conclusões, a acusação ressaltou que era significativo o fato de não haver concordância entre nós e afirmou que o período era menor, de apenas um ou dois dias, talvez, o que tornava a morte de Hardie “inútil, frívola e inegavelmente um ato criminoso”.

Só quando os pescadores islandeses tentaram colocar as italianas de pé foi que reparamos que duas delas estavam mortas. A terceira agarrava-se às companheiras como se fossem todas apenas uma, mas a Sra. Grant disse-lhe alguma coisa e ela finalmente permitiu que os pescadores jogassem os cadáveres

putrefatos pela lateral do barco. Lembro-me das mãos fortes que me puxaram, e também de minha má vontade em largar o leme que fora deixado sob minha responsabilidade. Lembro-me do cheiro sufocante de peixe que vinha do porão do barco pesqueiro e também da cortesia do comandante e seus tripulantes, que, embora rudes e barbados, pareciam representar o máximo de cavalheirismo e civilidade.

Preocupados com nossa saúde, os pescadores nos serviram o que tinham de melhor em termos de comida. Passamos dois dias no pesqueiro à procura de outros barcos salva-vidas enquanto esperávamos um pacote que nos levaria para Boston. O Sr. Nilsson decidiu permanecer no barco dos pescadores, alegando que preferia ir até a Islândia com eles e de lá seguir para Estocolmo. Ficamos ainda cinco dias no segundo barco, de modo que quando chegamos a Boston havíamos recuperado parte de nossas forças.

Imagino que isso tenha nos prejudicado, porque a primeira impressão que passamos às autoridades não foi a de pessoas quase mortas de fome. Quando o julgamento começou, os pescadores já estavam de novo na Islândia, e só tínhamos o depoimento escrito do comandante, que jamais imaginara que seríamos presas e acusadas.

Quando o Dr. Cole pediu que eu falasse sobre o resgate, tive dificuldade em encontrar palavras para descrever o que senti ao ver o barco pesqueiro surgir da bruma como em um sonho. Falei que guardaria essa lembrança como um tesouro em um pequeno cofre para os momentos em que a vida parecesse muito triste, pois fui invadida por uma mistura de alegria e espanto que nunca sentira antes e com certeza jamais voltaria a sentir.

— A senhora espera que um barco pesqueiro islandês apareça no horizonte agora que vai enfrentar um julgamento? — perguntou ele.

Respondi que sim, e que um já tinha aparecido. Ele não se imaginava o comandante?

Isabelle, sempre muito séria e devota, insistia em que não tocássemos na refeição antes de dar graças, por isso deixávamos a

comida esfriando nos pratos enquanto passávamos longos minutos com a cabeça curvada, ouvindo-a enumerar as muitas coisas pelas quais precisávamos ser gratos. Ela agradecia ao mar, que nos mantivera à tona e nos sustentara, embora também nos ameaçasse, depois aos peixes e pássaros, que tinham se oferecido como nosso sustento, e por fim às pessoas que haviam morrido para que pudéssemos viver, e ao mesmo tempo eu orava baixinho por um milagre que me trouxesse Henry de volta. Outros interrompiam a prece de Isabelle para fazer as próprias orações, e compreendi que também eles, supersticiosamente, faziam barganhas desesperadas em favor de seus entes queridos, embora não quisessem dar a impressão de desprezar o que já haviam recebido.

Quanto tempo duraria essa nova devoção?, eu me perguntava. Então me lembrei de uma reflexão que o Sr. Sinclair fizera em determinada ocasião.

— Todos aqueles que criam uma divindade precisam um dia destruí-la — disse-me ele, antes de argumentar que a relação do homem com Deus reproduz o ciclo da vida. — Quando somos crianças — prosseguiu —, precisamos de uma figura com autoridade que nos oriente e cuide de nós. Não questionamos essa autoridade, e imaginamos que o pequeno círculo de nossa vida familiar seja o limite do universo e que o que vemos diante de nós é o que existe em toda parte e que é bom que seja assim. Depois, à medida que crescemos, nossos horizontes se expandem e começamos a questionar nossas certezas. E prosseguimos até o momento de aniquilar para sempre nossos criadores, isto é, nossos pais, a fim de assumir o lugar deles como a força criativa em nossas vidas ou substituí-los por outros, porque o medo e a responsabilidade são grandes demais. As pessoas tomam um caminho ou o outro, e essa tem sido a causa de todos os grandes conflitos pessoais e políticos ao longo da história.

Eu admirava o radicalismo dessa teoria, a forma como incluía todas as pessoas em todas as épocas e não admitia as

inconvenientes nuances ou exceções. Após o resgate, vi como tínhamos sido reduzidos a crianças indefesas pela trágica situação que enfrentáramos, mas na ocasião de minha conversa com o Sr. Sinclair tive a impressão de que suas palavras eram mais pertinentes a Miranda e a mim em nossa família de origem do que a qualquer coisa maior e mais abrangente. Miranda procurou substituir nossos pais por uma autoridade exterior, enquanto eu me sentia feliz por estar livre deles. Quando contei isso ao Sr. Sinclair, ele comentou:

— A senhora tem uma força que não é usual.

Tivesse ou não, ouvi-lo sugerir isso bastou para que eu me sentisse mais forte do que de fato era, o que dá uma boa dimensão do poder das palavras.

Um dia depois, o Sr. Sinclair retomou o assunto como se a conversa não houvesse nunca se encerrado, embora muita coisa tivesse acontecido nesse intervalo, inclusive todo o drama do resgate de Rebecca Frost.

— Mas, Grace, se você é tão mais independente do que sua irmã, como explica Henry? — perguntou ele.

Eu sempre tivera grande consideração pelo Sr. Sinclair, que até então via como amigo e mentor, pois suas palavras indicavam que ele só nutria sentimentos calorosos com relação a mim. Agora ele parecia questionar alguma coisa, embora eu ignorasse o quê.

— Eu amo Henry — respondi. — Tenho certeza de que nos dois lados de nossa personalidade há espaço para amor e companheirismo.

Eu tentava enfatizar esse ponto, mas nem sempre sou rápida com as palavras, por isso levei um minuto para acrescentar:

— Não acredito que o único modo de alguém demonstrar coragem seja enfrentando o mundo sozinho.

— Eu também não. Mas é preciso admitir que apenas em circunstâncias desafiadoras, de isolamento, nossa verdadeira natureza se revela.

— E em sua opinião não estamos sendo suficientemente desafiados? — perguntei, um tanto incisiva.

Ele respondeu que sim. Baixei a cabeça para não demonstrar que estava confusa, e quando voltei a erguê-la, fui surpreendida ao me descobrir sob o olhar fixo de Hannah. Uma onda de calor percorreu minha pele, seguida por uma de frio, e quase esqueci o Sr. Sinclair, que também me encarava — não de modo indelicado, eu creio —, embora tenha sido o olhar de Hannah que me hipnotizou. Balbuciei uma resposta a respeito de não ser tão boa com as palavras quanto ele, mas que agradecia suas tentativas de trazer um pouco de rigor a meu pensamento.

— Estamos todos sendo testados, Sr. Sinclair, e espero que minha natureza subjacente, que a esta altura com certeza já está cem por cento revelada, encontre sua aprovação.

No entanto, não era a aprovação dele o que eu buscava naquele dia.

Hannah não tirou os olhos de mim durante o restante da tarde, e uma única vez pronunciou "Grace". Nada além desta palavra, o meu nome, sem nenhuma mensagem especial, simplesmente "Grace".

No pacote, entretanto, juntei-me aos outros para agradecer a Deus, creditando a Ele a capacidade de salvar Henry do mesmo modo como me salvara. Pouco a pouco ganhamos força, e em nossa última noite antes da chegada a Boston, Isabelle, em lugar de sua prece habitual, insistiu em que nos lembrássemos do diácono e do Sr. Sinclair, que haviam se sacrificado por nós. Em memória do diácono, ela nos fez recitar "Cântico do mar", que ele nos ensinara havia uma eternidade — ou pelo menos era o que parecia — para que pudéssemos repeti-lo quando fôssemos resgatados. O único trecho do qual me lembro agora é: *Pelo forte sopro de tuas narinas as águas se amontoaram. As águas turbulentas firmaram-se como muralha; as águas profundas congelaram no coração do mar.* Parece uma descrição justa do que vivemos, e fiquei contente por Isabelle ter pensado nesse texto, pois é certo que os outros sobreviventes, inclusive eu, o teriam

esquecido. O navio que nos resgatou levava outros dez passageiros, que se reuniram ao nosso redor enquanto recitávamos o que devem ter considerado uma fábula sangrenta e revolucionária na qual Deus salva Moisés e as tribos de Israel e depois afoga todos os outros. Mas é da natureza do homem, suponho, sentir-se especial, e nesse sentido não éramos diferentes dos integrantes das tribos de Israel.

A terra emergiu do mar quase que por magia, e enquanto meus companheiros se aglomeravam na amurada do barco, fiquei um pouco atrás, imaginando se haveria alguém à minha espera. O comandante do paquete mantivera comunicação constante com as autoridades, portanto àquela altura já tínhamos uma boa ideia de quem escapara do naufrágio. A mãe de Mary Ann tinha sido resgatada duas semanas antes, mas não havia menção a Henry Winter nem a Brian Blake. Embora eu soubesse que o nome de Henry não constava da lista de sobreviventes, parte de minha mente insistia obsessivamente na ideia de vê-lo esperando por mim na hora do desembarque.

A terra tinha um tom verde-azulado, uma vez que estava encoberta por uma bruma tênue. Mas pouco a pouco o verde-azulado dissolveu-se em cores variadas que incluíam o vermelho de um farol e o brilho dos cascos dos barcos ancorados. Por toda parte eu ouvia exclamações. "Deus seja louvado!", gritou alguém, e a Sra. McCain, que esbarrara em mim na pressa de se aproximar da amurada, gritou também: "Enfim, a civilização!" Mas o que eu via diante de mim não eram construções resultantes de uma sociedade ou de uma determinada cultura. Via algo mais natural e inexplicável; não o oposto do mar, como o volume cheio é o contrário de um volume vazio, ou como a vida é o contrário da morte, mas seu prolongamento. Talvez fosse uma premonição do que estava por vir, ou talvez fossem apenas minhas percepções que estivessem tingidas pela preocupação quanto ao que me esperava no mundo lá fora: eu seria aceita pela família de Henry ou simplesmente rejeitada? Se fosse rejeitada, onde iria morar? Imaginei que pudesse voltar para a casa em que vivera com minha

mãe, e, embora não conseguisse pensar nessa hipótese sem ser invadida por uma profunda tristeza, eu me armava de coragem ao pensar que pelo menos estava viva, e que com a vida vem a esperança. Esperança, no entanto, sempre me parecerá uma emoção fraca, uma espécie de passividade declarada ou negação arraigada; e enquanto a costa arborizada se aproximava e se ampliava à nossa frente como a terra prometida de Moisés, decidi não me tornar uma vítima dela. Tinham nos avisado que havia quartos reservados para nós em um hotel, além de médicos disponíveis para nos examinar, de modo que eu sabia que disporia de um ou dois dias para planejar aonde ir e o que fazer, sem jamais imaginar o rumo que tomariam os acontecimentos.

Fui a última dos sobreviventes a cruzar a passarela até o cais do porto de Boston. Dar o primeiro passo naquelas tábuas acinzentadas e gastas pelo tempo foi como pisar em um barco balançando, tão desacostumados estávamos a caminhar em superfície firme. Era cômico ver meus companheiros de infortúnio tentando manter o equilíbrio, e nossas risadas eram tanto a expressão de nossa alegria por estar em terra quanto a percepção de como havíamos desaprendido a andar sobre terrenos não vacilantes. Parei uma vez, na metade do longo declive, e virei-me para olhar a água cintilante do porto. Do alto, junto da amurada, o comandante do paquete também observava ao redor antes de voltar sua atenção para a tripulação e os preparativos necessários para seu destino seguinte. Tinha as mãos na cintura e os olhos apertados para o forte sol da manhã que atravessava as nuvens em feixes dourados, nos observando... Observando a mim, como preferi pensar. Fitamo-nos por um longo momento, e vi nele o Sr. Hardie, ainda que os dois nada tivessem em comum. Enquanto Hardie era sombrio e seco, o comandante do paquete era alto e tinha um ar requintado e uma distinção que faltavam em nosso ex-companheiro de naufrágio. Nossos olhos se cruzaram. Ergui de leve a mão, e ele, em resposta, fez uma espécie de saudação. Foi exatamente o gesto que o Sr. Hardie fez para Henry no dia do naufrágio do *Empress*

Alexandra, quando meu marido se aproximou dele no convés e os dois trocaram algumas palavras que não entendi, embora eu tivesse certeza de que alguma transação havia sido feita, pois Henry tinha o mesmo olhar fixo e concentrado que adotara nas lojas de Londres onde comprara para mim vestidos e joias, hoje perdidos. Depois Henry se afastou e ergueu a mão como eu fazia agora, e o Sr. Hardie o saudou também com uma das mãos, enquanto escondia a outra dentro do casaco. Os botões dourados de seu uniforme brilhavam ao sol. Seu chapéu de marinheiro estava ajustado com firmeza em sua cabeça. Suas faces, bem barbeadas naquela ocasião, já se mostravam fundas, e os olhos encovados eram escuros e insondáveis.

Inclinei a cabeça. O comandante do paquete fez o mesmo, e foi a última vez que o vi. Desviamos o olhar ambos no mesmo momento, e assim voltei a descer a rampa, com o mesmo passo instável de meus companheiros. Quando atravessei o cais e coloquei os pés em terra firme, meus passos já não vacilavam mais, e mesmo quando tive a certeza de que não havia ninguém à minha espera, foi com segurança que avancei na direção do futuro e do que ele me reservava.

EPÍLOGO

Minha absolvição não resolveu tudo, embora eu imagine que a situação seja pior para a Sra. Grant e Hannah, cujas sentenças foram comutadas por prisão perpétua. O Dr. Cole me sugeriu ampliar as anotações que fiz para minha defesa, já que, segundo ele, o que eu preciso agora é de absolvição psicológica.

— Quantas vezes preciso repetir que não me considero culpada?!
— exclamei, irritada com o bom doutor.

É óbvio que há coisas que desejo esquecer, mas às vezes me pergunto se é prudente lutar contra essas lembranças, deixando que me mortifiquem. Se pelo menos eu pudesse esquecer, por exemplo, o rugido ensurdecedor do vento e das ondas, o marulho de nosso pequeno barco de madeira contra a infinita majestade do oceano, aqueles remos que mais pareciam gravetos e que não nos levavam a lugar algum, a imensidão verde-escura que a todo instante ameaçava nos engolir... Esquecer o cabelo de Rebecca espalhado na água antes de seu corpo afundar e o alívio que senti quando ela não reapareceu. Esquecer, acima de tudo, minha vontade de interferir no destino quando apoiei no colo o peso morto dos corpos doentes da Sra. Fleming e, mais tarde, de Mary Ann. Pelo menos Hannah e a Sra. Grant souberam elaborar um plano e levá-lo adiante, enquanto eu fui incapaz de tomar e manter decisões. Mais de uma vez desejei que Anya Robeson me escondesse sob seu casaco junto com o pequeno Charles.

Enquanto escrevo estas linhas, chega a notícia de que um transatlântico a vapor de nome *Lusitânia* foi afundado por submarinos alemães que deslizavam em segredo sob as águas do mar da Irlanda. A notícia faz com que eu me questione se o *Empress Alexandra* não terá sido uma vítima precoce da guerra. As autoridades, no entanto, apressaram-se a responder que não, pois tanto a hora quanto o local não coincidiam; e, ainda que fosse verdade, que diferença faria? Sorrio comigo mesma ao pensar que o Sr. Sinclair teria respondido com um sonoro “Não!”, mas não sei se concordo com ele. As autoridades nem sempre têm razão, e de certa forma sinto-me reconfortada por uma sensação de autoimportância quando penso que minha vida foi destruída pelo fogo cruzado entre nações poderosas, mais do que por razões de negligência ou ganância.

Depois da luta para empurrar Hardie do barco, foi minha vez de, exausta, deitar e repousar a cabeça sobre os joelhos de Mary Ann. Tive um sono entrecortado e acordei com um sobressalto, certa de que ela falava comigo.

— O meu desmaio foi só fingimento — pensei ouvi-la dizer. — Eu nunca mataria alguém. Mas é claro que a Sra. Grant jamais duvidou de você.

Mais tarde ela acrescentou:

— Se conseguirmos nos salvar, vou contar quem o matou. Direi que foi você, e falarei também sobre as joias que compraram um lugar no barco para você.

— Não havia joia alguma, Mary Ann — respondi, ou talvez não tenha respondido, pois meus pensamentos estavam tão erráticos que era possível que tudo aquilo na verdade não passasse de um pesadelo.

Faz quase um ano que o Dr. Cole insiste nos fatos ocorridos no barco salva-vidas. Seu discurso começa a soar exatamente como o do promotor. Já lhe disse que não falarei mais sobre as histórias do barco. Claro que tudo aquilo me afetou, mas não do modo como ele imagina! Isso ele se recusa a aceitar. Não entendo como reviver

cada um desses dias em detalhes revelará a origem de minha angústia, que está bem mais ligada ao processo na Justiça e à preocupação quanto a meu futuro do que a qualquer coisa que tenha acontecido na embarcação. Não foi o oceano que se mostrou cruel, foram as pessoas. Por que alguém se surpreenderia com isso? Por que os jurados ficam de queixo caído e olhos arregalados? Por que os repórteres nos seguem como cães famintos? Criançice, pensei. Eu jamais voltaria a ser criança.

Perdi a paciência com a ideia de um ser humano insignificante, seja ele padre, juiz ou doutor, colocar-se acima de nós e aos gritos nos fazer sermões sobre isto ou aquilo. Assim que alguém começa a pontificar nesse sentido, tenho vontade de interromper seu discurso e sair da sala ou, se for impossível fazer isso impunemente, dou um jeito de esboçar aquele doce sorriso malicioso que me foi muito útil ao longo do julgamento mas que tanto enfurece o Dr. Cole. Afinal de contas, já medi o tamanho de minha insignificância, e sobrevivi.

Quando falei sobre isso, o Dr. Cole começou a me fazer uma preleção sobre culpa e a dizer que as pessoas não são responsáveis pela sorte ou pelo azar que lhes cabe. Insisto com ele que não me pergunto "Por que eu?" mais do que me pergunto sobre o acaso de meu nascimento. O que sinto é que sou ao mesmo tempo afortunada e azarada por ter passado por isso, e sufocada por uma estranha felicidade pelo mundo inteiramente novo que a experiência me revelou, um mundo livre da dependência de outras pessoas, livre até do medo da morte e da crença em Deus. Talvez seja exatamente isso que desconcerta o Dr. Cole, e suspeito que ele esteja tão interessado em me curar quanto em curar a si mesmo.

Hoje comuniquei ao Dr. Cole que iria embora, mesmo sem saber exatamente para onde.

— Mas nosso tratamento ainda não acabou! — exclamou ele.

Expliquei que estava prestes a embarcar em uma grande e nova aventura agora que a do naufrágio estava encerrada.

— Vai se casar de novo! — sugeriu ele.

— Que falta de imaginação! As possibilidades são infinitas. Como posso saber o que farei?

Senti-me livre e aliviada com o que disse, mas receio que o mundo seja tão pouco imaginativo quanto o Dr. Cole e que precisarei aceitar a proposta de casamento do Sr. Reichmann por falta de solução melhor. A mãe de Henry tem me convidado para ir a Nova York, e um dia irei visitá-la, claro, mas ainda não sei quando. Será estranho que o que parecia um componente crucial de meu futuro pareça não ter mais lugar em minha vida?

— Você jamais encontrará a paz interior se não resolver sua ambivalência com relação ao barco salva-vidas... E com relação a mim — o Dr. Cole começou a dizer, mas retruquei que já encontrara a paz interior.

A vida naquele momento voltava a parecer um jogo para mim, um jogo que eu podia até vencer, acima de tudo porque havia sido absolvida e ainda não tomara nenhuma decisão irrevogável. Sem dúvida logo tomaria. Não se pode viver por muito tempo sobre o fio de uma navalha sem cair para um lado ou o outro, como minha experiência a bordo do barco salva-vidas mostrou com tanta clareza. Eu me sentia euforicamente feliz na presença de William? Não, mas ele dizia ser feliz por nós dois, e isso me satisfazia.

Voltei a ter notícias de Greta, que escreveu contando que as mulheres do barco salva-vidas estavam recolhendo dinheiro para as apelações de Hannah e da Sra. Grant e perguntando se eu gostaria de contribuir. Também queriam que eu usasse minha influência para persuadir o Sr. Reichmann não apenas a aceitar as duas causas, mas também a cobrar honorários reduzidos. Passei um dia inteiro debruçada sobre meu bloco de papéis de cartas rascunhando uma resposta... Várias, na verdade. Em uma eu oferecia toda a assistência que me fosse possível; em outra, perguntava como pessoas que tinham não apenas me envolvido em seu crime, mas que mais tarde se viraram contra mim, podiam pedir minha ajuda. Em uma terceira ainda, eu adotava termos polidos e um ar distante

para apenas mandar-lhes saudações, sem nada prometer. Contei ao Dr. Cole sobre as três versões e pedi sua opinião sobre qual enviar.

— Qual você quer mandar? — perguntou ele, como eu já imaginava que faria.

— Bem, não tenho dinheiro para dar a elas.

Eu lhes desejava boa sorte, do fundo do coração, mas não queria que William passasse o primeiro ano de nosso casamento imerso nos acontecimentos de um período que eu havia deixado para trás.

Ao contrário da sala úmida da prisão onde nos conhecêramos, o consultório do Dr. Cole era amplo e arejado, graças a uma fileira de janelas que davam para o porto. Passei os últimos minutos da consulta observando a água e o vaivém das ondas de crista espumosa. Ao longe, uma flotilha de pequenas embarcações a vela, graciosas como pássaros, eram empurradas pelo vento.

— Você está sorrindo — reparou o Dr. Cole.

— Sim — admiti. — Acho que sim.

O vestido novo de seda que eu usava fez um delicioso farfalhar quando me levantei para ir embora antes de meu horário acabar.

— Não posso mais ajudá-lo a encontrar as respostas que busca. O senhor terá que fazê-lo sozinho.

O Dr. Cole apertou com tanta força a caneta que segurava que uma enorme mancha de tinta borrou o bloquinho que ele cobria de compulsivas anotações. Se eu não tivesse sentido tanta pena dele naquele momento, teria rido muito daquela sua vontade de definir tudo, de sua ingenuidade, de seu desejo infantil de ter as questões respondidas.

AGRADECIMENTOS

Todo o meu amor e reconhecimento à minha família: a meus pais, que me fizeram gostar de barcos e oceanos; a meus irmãos, que contribuíram para alegrar as viagens; e a meu marido e meus filhos por me incentivarem enquanto eu acrescentava páginas e mais páginas à minha coleção de caixas de manuscritos, mesmo que nem sempre soubessem o que eu estava fazendo.

Sem Sara Mosle, esses manuscritos teriam continuado nas caixas. Sara teve a gentileza de ler meu trabalho e de me apresentar a seu fantástico agente, David McCormick. David, você é um herói por ter me dado orientação, apoio e, agora, um público.

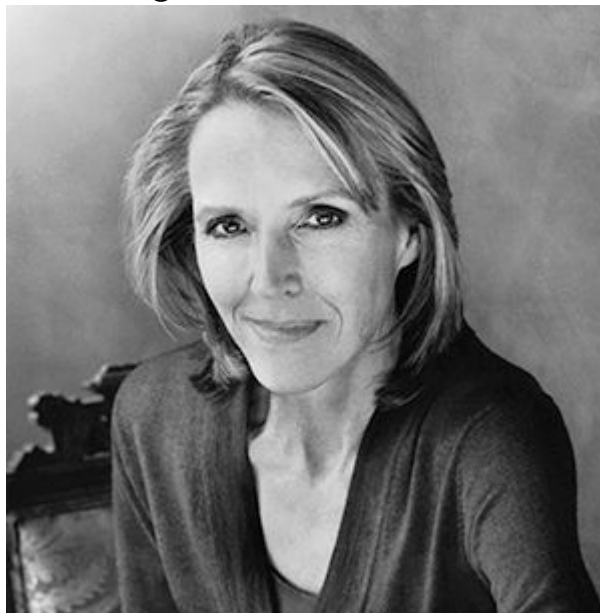
Com a Little, Brown foi amor à primeira vista. Minhas editoras Andrea Walker, Ursula Doyle e Reagan Arthur mostraram-se não apenas inteligentes e criteriosas, mas também divertidas — trabalhar com elas é um imenso prazer. Agradeço também às inúmeras outras pessoas cujos entusiasmo e conhecimento permitiram o lançamento de *No coração do mar*: Marlena Bittner, Heather Fain, Zoe Hood e Amanda Tobier, que não me deixaram dispersar; Mario Pulice, que generosamente dividiu comigo seu conhecimento em matéria de transatlânticos; Emma Graves, por seu espetacular design de capa; Victoria Pepe e Deborah Jacobs, copidesques sobre-humanas; e Susan Hobson, Sarah Murphy, Bridget McCarthy e Pilar Queen, pela maestria com que dominam os fios metafóricos.

Serei eternamente grata a meus primeiros mentores literários: Andrew Kaufman, Leonard Kriegel, Harold Brodkey e Marshall Terry. Suas palavras e sabedoria me orientam até hoje. Para minha amiga Angela Himsel: obrigada pelos vinte e quatro anos de apoio. E para todos os escritores com cujos exemplos aprendi, ao longo dos anos, a escrever: desejo-lhes o mesmo tipo de inspiração que me ofereceram.

Por fim, um agradecimento do fundo do coração para Reagan Arthur e Michael Pietsch, pela oportunidade que me deram.

SOBRE A AUTORA

© MARION ETTLINGER



CHARLOTTE ROGAN formou-se na Universidade de Princeton em 1975. Trabalhou com arquitetura e engenharia antes de decidir ficar em casa para cuidar dos filhos trigêmeos e escrever. Um antigo texto sobre código penal e suas experiências em uma família de navegadores serviram de inspiração para *No coração do mar*, seu primeiro romance. Após muitos anos em Dallas e um em Joanesburgo, Charlotte e o marido vivem atualmente em Westport, Connecticut.